# MEMÓRIA DISTANTE

JOAN GRANT

Tradução: Amadeu Antônio

# MEMÓRIA DISTANTE

# (FAR MEMORY)

JOAN GRANT, 1956

## Índice

**PARTE I** Viajando Incógnito Darby e JOAN Palavras e Música Refeitório dos Sargentos Mil Novecentos e Catorze Novos Mundos Videntes Inferno na Terra Serviço de Noite

**PARTE II** Indícios de Mortalidade: *Planchette* Incompetência de Bruxas A Mente sobre a Matéria Cena Através de um Microscópio Anel de Noivado Fim da Jornada Encontro de Amantes O Amanhã Nunca Chega Regresso a Casa

**PARTE III** Casamento Secreto: A Rapariga e os Gémeos Terra Plana Serpentes e Encantadores Fazenda de Café Acenda a sua Própria Vela Aqui e Ali Entra Gillian Arquivador

**PARTE IV** Preparativos para uma Viagem A Quantas Milhas de Babilónia? Fantasia e Facto Égua e Pesadelo A Chuva Chegou A Rainha e a Cobra Capítulo de Acidentes

**PARTE V** Terras Altas O Escaravelho Sekeeta Memória Distante Acorde e Discórdia Faraó Alado Pôr do Sol

---

## PRIMEIRA PARTE

## CAPÍTULO UM

## VIAJANDO INCÓGNITO

Fui concebida na Gruta Azul em Capri, em junho de 1906. Dois meses antes deste evento, tão extremamente banal exceto pelo local onde ocorreu, Jack e Blanche Marshall tinham embarcado numa viagem de automóvel pelo estrangeiro; no outono anterior, tinham levado Margery e Iris, as filhas do primeiro casamento de Blanche, de Cherbourg até Boulogne. Nenhuma das crianças, instaladas na parte de trás do carro — que era aberto como um *dog-cart* — juntamente com Kate Saunders, a criada de quarto, e toda a bagagem, tinha desfrutado da viagem. Iris, que tinha então sete anos, recorda-se de rezar por furos nos pneus para poder apanhar as maçãs que caíam das macieiras à beira da estrada, que eram a única parte de França

que conseguia ver do seu assento preso à porta. Margery, de treze anos, discutia com Kate, que enjoava no carro.

Por isso, todos ficaram aliviados quando se decidiu que elas não viriam no novo Renault de 24 cv, indo antes para alojamentos à beira-mar em Aberdovey. Esta viagem, destinada a estender-se muito para além das convenientes rotas de fuga dos portos do Canal, foi planeada com o cuidado digno de um safari na África mais profunda. Combustível em latas, peças sobresselentes e pneus tiveram de ser enviados antecipadamente para estabelecer postos de abastecimento ao longo da rota e, conhecendo a ideia de Blanche sobre a quantidade de bagagem necessária mesmo para um fim de semana, deve ter havido momentos em que Jack lamentou a falta de uma fila de carregadores.

A lei que exigia que uma carruagem sem cavalos fosse precedida por um homem com uma bandeira vermelha tinha sido revogada recentemente, mas as crianças e o gado ainda não tinham aprendido sequer os rudimentos de instinto de sobrevivência perante os motores; por isso Blanche, envolta num guarda-pó e véus, armou-se com uma corneta na qual dava toques para avisar da sua aproximação.

A previsão mais cuidadosa nem sempre conseguia superar as fragilidades mecânicas do Renault e, muitas vezes, viam-se retidos ao cair da noite em aldeias remotas onde as pulgas abundavam e o saneamento primitivo horrorizava a sensibilidade de Blanche. Ela polvilhava *Keatings'* com mão generosa e, com o otimismo de uma Hércules feminina perante as Cavalariças de Áugias, decidiu que era seu dever fazer pelo menos um pequeno avanço na indiferença à higiene demonstrada pelas raças latinas. Ninguém exceto Blanche — e ela afirma ter esquecido — sabe por que razão decidiu que a sua primeira tarefa era educar o povo a assoar o nariz. Para este fim, comprou quantidades de lenços de algodão baratos e atirava-os graciosamente à população, que provavelmente pensava que as suas fanfarras anunciavam a chegada de um circo.

Dececionada por a maioria destes tributos a Higia cair negligenciada no pó ou ser levada pelo vento, passou a embrulhar cada um cuidadosamente num seixo para conseguir pontaria mais precisa. Era um tempo em que os ingleses eram ainda uma fonte frutífera de generosidade, e os vivas entusiasmados da sua audiência depressa se transformaram em murmúrios coléricos quando, em vez de receberem doces ou moedas, se imaginavam vítimas de uma obscura partida de mau gosto. Mas Blanche não desiste facilmente de uma ideia e, apesar dos protestos angustiados do

marido, continuou a repor o seu *stock*, até que, pelo menos numa ocasião, Jack apenas conseguiu manter o carro um pouco à frente de um grupo de estrangeiros, enfurecidos e armados com forquilhas.

O ritmo tornou-se mais suave em Itália, embora houvesse crises menores, como quando Jack se recusou a parar para apanhar o chapéu de senhora favorito de Blanche, que voara quando seguiam a boa velocidade após uma série frustrante de furos.

Em Florença, tinham combinado encontrar-se com Sybil Westmoreland, que viajava num Delauney-Belleville com a sua criada e motorista; e prosseguiram em coluna com ela até chegarem a Sorrento. Aqui, os três ficaram muito favoravelmente impressionados pelo excelente serviço do hotel. Antes de estarem nos quartos há uma hora, chegou uma abundância de flores com os cumprimentos da gerência. A comida era soberba e o pessoal quase embaraçosamente obsequioso. Nenhum deles ficou particularmente surpreendido com esta solicitude e, se tivessem ficado, é pouco provável que pensassem em questionar o motorista de Sybil.

Este excelente homem, bem ciente de que o seu estatuto na sala de refeições do pessoal dependia da categoria do seu patrão — e duvidando que a sua convicção pessoal de que uma condessa inglesa superava até o mais grandioso título estrangeiro fosse aceite no estrangeiro — tinha assegurado o seu conforto através de uma troca de palavras tática com o porteiro. Quando questionado sobre que categoria era indicada pela coroa na porta do Delauney-Belleville, ele respondera, com um piscar de olhos conspiratório: "Lamento, amigo, não posso dizer-lhe. Estamos a viajar incógnitos."

Na manhã seguinte, Sybil — que a seu tempo viria a ser minha madrinha — decidiu passar um dia preguiçoso a recuperar das fadigas da viagem. Talvez Blanche gostasse de ter feito o mesmo, mas o seu marido era um incansável visitante de monumentos. Juntos, apanharam o barco para Capri. Ela é uma péssima marinheira, mas felizmente era um dia azul e calmo; caso contrário, duvido que ele a tivesse conseguido convencer a embarcar no pequeno vapor.

Ao desembarcarem, encontraram o cais ladeado por milícias em farda de gala, com banda completa. Jack, não querendo perder uma atração que fora omitida do *Baedeker*, aproximou-se do oficial encarregado daquelas fileiras reluzentes com o pretexto de pedir lume para o seu charuto. O oficial foi não só prestável como efusivo, pelo que Jack perguntou, num

italiano rígido que deve ter indicado involuntariamente irritação: "Qual é a razão desta exibição?"

Instantaneamente, a confiança do capitão, que até então fora tão brilhante como as penas de galo no seu chapéu, começou a murchar. Uma maré volúvel de italiano trouxe no seu fluxo uma deriva de palavras que Jack conseguiu compreender. Por improvável que parecesse, não havia dúvida de que o homem implorava o seu perdão por um excesso de zelo que causara um flagrante desrespeito pelo seu desejo de permanecerem incógnitos.

Era uma situação diabolicamente complicada. Deveria ele manter a farsa? Mas se o fizesse, e as augustas personagens por quem tinham sido confundidos chegassem no barco seguinte?

Os olhos límpidos do italiano pareciam prestes a transbordar num jorro de lágrimas. Para um inglês, qualquer coisa, até o risco de ser encarcerado numa prisão estrangeira sob a acusação de falsas pretensões, era melhor do que ver-se envolvido numa exibição pública de emoção lacrimosa.

— O incidente será esquecido — disse Jack apressadamente e, como isto não pareceu suficiente para restaurar a calma, acrescentou: — Esquecido, exceto como mais um exemplo da cortesia que nos é mostrada pelo leal povo de Itália.

Como benefício adicional, ofereceu um charuto, que o agora radiante capitão guardou cuidadosamente num bolso do seu esplêndido uniforme, dizendo que seria uma relíquia guardada pelos seus filhos e pelos filhos dos seus filhos.

Já não havia como pará-lo. O que poderia ele fazer para mostrar a sua gratidão? Havia mulas à espera para os levar a uma vila de Tibério, mas prefeririam cavalos — o seu próprio cavalo de guerra, por exemplo, um animal de brio?

Jack sabia que Blanche se recusaria a montar até o mais plácido burro. Ele tencionava deixá-la para uma sesta num hotel e ir sozinho às vilas romanas, mas não se atreveu a arriscar que ela os denunciasse inadvertidamente. Tinha de a manter debaixo de olho até poderem escapar da ilha. Mas como e para onde? Pensou rapidamente e chegou a uma conclusão tática e, para mim, momentosa.

— Desejamos ir à Gruta Azul — sozinhos. Compreenderá que por vezes nos cansamos de ser observados. — Ele tornou a voz um pouco perentória. — Os vulgares... err... turistas podem visitar a Gruta noutro dia.

Ao estalar de dedos do capitão, dois sargentos saltaram das fileiras, agarraram no cesto de piquenique, nas almofadas, na manta, e marcharam rapidamente com eles em direção aos degraus de embarque.

— Eu próprio serei o vosso guia! — exclamou o oficial, deleitado. — Colocarei sentinelas para garantir que não são perturbados — a nata da vossa guarda de honra.

Blanche, que não percebera uma palavra da conversa, estivera prestes a sugerir que o homem fosse convidado a comer com eles. Um olhar atento dos seus magníficos olhos castanhos assegurara-lhe que as unhas dele estavam limpas. Poderia divertir o Jack e havia comida em abundância.

Jack percebeu a intenção dela mesmo a tempo de evitar que criasse novas oportunidades para emaranhar este novelo já confuso. Tentando parecer pesaroso por os pássaros dourados terem de manter a sua gaiola dourada, disse firmemente:

— Receio que possa causar um interesse indevido se vier connosco, por isso deixe que o barqueiro habitual nos reme até à Gruta. Deve ser providenciado um segundo barco para o levar embora enquanto fazemos o piquenique em privacidade. Posso até decidir tomar banho. Ele voltará apenas a tempo de embarcarmos no vapor da tarde.

Tristemente, o capitão aceitou o comando real.

— Será como desejar — disse com um sorriso saudoso. — Não posso ir convosco, por isso envio convosco as minhas preces para que levem de volta para Inglaterra apenas memórias felizes da nossa bela Capri.

Mas quando regressaram nessa noite a Sorrento, os meus pais levaram mais do que memórias com eles: levaram-me a mim.

## CAPÍTULO DOIS

## DARBY E JOAN

Nasci a 12 de abril de 1907, no dia anterior ao nono aniversário de Iris. Tinham-lhe prometido um irmão ou irmã como prenda de aniversário e, tendo-lhe sido dito que os bebés se encontram debaixo das groselheiras,

ela tinha cavado muitos buracos na horta antes de eu chegar. Não gostei de ser bebé, apesar de todos os cuidados que me dedicaram. Todos os outros eram demasiado grandes e eu era demasiado pequena. Quanto mais alto eu gritava, menos eles compreendiam o que eu tentava dizer; e se chorava por causa de um sonho assustador, pensavam que eram gases.

O meu avô morrera em fevereiro, após um acidente de caça, por isso, quando eu tinha seis semanas de vida, fomos viver com a minha avó, Jennie Marshall, no n.º 2 de Primrose Hill Road, uma casa à distância de um rugido de leão do Zoo de Londres. A vida tornou-se mais interessante assim que tive idade para me sentar no carrinho, que era muitas vezes deixado à porta de uma taberna em Kentish Town enquanto a minha ama se sentava lá dentro a bebericar uísque.

"Ela era uma mulher tão simpática", disse-me a Iris mais tarde, "que eu costumava comprar-lhe rebuçados de menta, e cebolinhas de carrinhos de rua com o meu dinheiro de bolso, para que a minha Mãe não lhe sentisse o cheiro a uísque no hálito. Foi despedida antes de teres idade para te lembrares dela, porque também bebia em casa e escondia as garrafas vazias na chaminé de um quarto de hóspedes. Foram encontradas quando se acendeu o lume e este deitou fumo."

Consigo lembrar-me da ama seguinte com clareza porque ela estava apaixonada por um dos tratadores da Casa dos Macacos no Zoo. Em vez de passeios de carrinho aborrecidos no Regent's Park, passava as manhãs com os chimpanzés, bebendo o meu copo de leite com dois companheiros inteiramente congéneres que por vezes me permitiam uma dentada nas suas bananas ou me punham na boca uma uva com restos de serradura.

A minha pessoa favorita era a Jennie, embora só me levassem a vê-la durante uma hora depois do chá. Depois, a hora com a Avó tornou-se cada vez mais curta, até que só me era permitido mandar-lhe um beijo com a mão pela porta entreaberta. Tinha dezoito meses quando, sem qualquer aviso — ou talvez me tivessem avisado quando eu não estava a ouvir —, a carruagem nos levou, a mim e à ama, a uma estação de comboios, e um comboio levou-nos para Hayling Island, onde o meu Pai tinha comprado uma casinha para mim.

Passados alguns dias, a ama voltou para Londres porque queria estar mais perto do Zoo, e a Ama Walpole veio cuidar de mim. Foi a Ama Walpole quem me disse que a minha avó tinha morrido.

O ressentimento que eu sentia por me ver presa no corpo de um bebé voltou a inflamar-se pouco depois. Talvez a praia longa e plana, as dunas de areia com as suas ervas ásperas e descoloridas, o som inquieto do mar, despertassem memórias latentes em mim. Eu nem sempre era a Joan, mas por vezes um rapaz grego, treinando para ser corredor numa costa mais quente e brilhante.

Conhecia a sensação dos seus músculos e a dor neles quando corria demais; o seixo oval e liso apertado em cada mão enquanto ele se agachava com os dedos dos pés numa marca no início de uma corrida. Quando a agilidade adorável do corpo de um jovem atleta era particularmente forte, eu costumava gritar: "Vejam-me! Consigo correr depressa — mais depressa do que qualquer um!" E depois chorava porque só conseguia conduzir o corpo de menina da Joan de forma ridiculamente lenta pelas areias de Hayling.

Ficava mais feliz quando o resto da família vinha viver para Hayling. A minha casinha só tinha dois quartos, por isso eles alugaram uma casa mobilada perto dela enquanto o meu Pai construía uma casa suficientemente grande para todos nós. Ao princípio, eram apenas valas no campo de seis acres adjacente à casinha. Depois houve paredes suficientemente baixas para se caminhar sobre elas, que depressa se tornaram mais altas e só podiam ser subidas por escadotes, o que não me era permitido fazer. Quando o telhado foi colocado, houve uma festa para todos os operários, com uma enorme quantidade de comida em mesas de cavaletes e barris de cerveja.

A casa começou por ter um tamanho bastante normal, com uma sala de jantar, uma sala de visitas e uma sala de estar viradas para o mar; e quartos, vestiários e quartos de crianças por cima deles para a Mãe e o Pai, a Ama Walpole e eu. Estendendo-se por trás, ficavam mais quartos e casas de banho para a Margery e a Iris e para visitas, sobre a parte da casa destinada aos criados. No fundo do que viria a ser o jardim, o meu Pai construíra um campo de ténis real e uma sala de bilhar. Uma manhã, eu estava no campo de ténis com o Pai a ver as paredes serem cobertas com um tipo especial de cimento. Trinta homens trabalhavam em cima de escadotes e o homem que inventara o cimento, que se chamava Sr. Bickley, também lá estava. De repente, a Mãe entrou a correr e gritou:

— Saiam, todos! O telhado vai cair!

Todos olharam fixamente para ela e depois olharam para cima, para o telhado — um telhado de vidro com vigas de ferro que tinha sido colocado por uma empresa que cobria estações de comboios.

Parecia perfeitamente sólido, mas a Mãe ficou tão zangada por não ser obedecida que o Pai ordenou aos homens que parassem o trabalho; por isso, eles desceram dos escadotes e saíram do edifício em fila. Durante cerca de cinco minutos, ficaram por ali, tentando não mostrar que achavam que a Mãe estava a ser ridícula. O Sr. Bickley dizia ao Pai que, se as paredes rachassem por o trabalho ter sido interrompido, ele não poderia ser responsabilizado.

A Mãe segurava-me pelo braço para o caso de eu tentar correr de volta para o campo, coisa que eu não tinha intenção de fazer. De repente, ouviu-se um ruído de algo a moer e um estrondo enorme. Nuvens de pó saíram pelas aberturas onde ficariam as janelas da galeria lateral. "Meu Deus, caiu!", disse o Pai. O Sr. Bickley parecia estar prestes a sentir-se mal. Alguns dos operários praguejaram entre dentes, e vi três deles tirarem os bonés e benzerem-se. A única pessoa totalmente impassível era a Mãe, que disse calmamente: "O que é que eu te disse, Jack? Tens de admitir que há vantagens em estar casado com uma bruxa."

Quando o campo foi reparado, houve uma festa para o jogo de abertura e um comboio especial para trazer os espetadores de Londres. Pouco depois, o Pai apanhou uma constipação enquanto atravessava o jardim de volta para casa, a caminho do banho, depois de jogar ténis. Assim, decidiu construir muito mais casa para unir as duas partes de Seacourt. Não foi nem de perto tão fácil como parece, e exigiu muito planeamento com modelos à escala feitos de caixas de charutos sobre a mesa de bilhar.

— Não podes deitar abaixo o refeitório dos criados — disse a Mãe firmemente. — Bem, teremos de mudar a caldeira — disse o Pai. — Tolice, Jack! Não ficarei sem banhos ou aquecimento adequado enquanto tu baralhas o sistema de canalização. — Mas não há outra maneira de unir a casa ao campo. — Ele fez uma pausa para refletir. — Não tinha intenção de construir mais do que um simples acrescento ao rés do chão, mas se eu acrescentasse uma cave de carvão extra, uma despensa ou duas, poderia usá-las para sustentar uma passagem no andar de cima...

Quando ele começou, a passagem do andar superior terminava na escada de serviço, com um lanço que descia para a zona da cozinha e outro que subia para os sótãos e os quartos dos criados. Quando terminou, havia

mais cinco quartos de hóspedes e cerca de mais cinquenta metros de passagem, com quatro curvas em ângulo reto. Isto levava a uma porta para uma galeria, com escadas que desciam para uma sala de música — que tinha um nicho com vista para o jardim de rosas, grande o suficiente para conter o piano de cauda de concerto da Jennie. Da sala de música, uma porta levava à galeria lateral do campo de ténis. Todos os outros ficaram muito satisfeitos com a nova sala, pois eu fui a única que reparou que estava assombrada.

Enquanto a casa ainda estava a ser construída, o campo transformava-se num jardim. Havia cinco jardineiros e o Patrick, o ajudante de jardineiro irlandês, que me deu o meu primeiro cachorro. Quando vi o cachorro pela primeira vez, pensei que era um cão adulto, pois já era muito maior do que os *Blenheim spaniels* da Mãe ou o *fox terrier* da Iris.

— Tem apenas três meses, menina Joan — disse o Patrick orgulhosamente. — Não se tornará ele num grande e maravilhoso cão, se lhe derem oportunidade? Aceitava-o agora como presente?

O cachorro estava a lamber-me a cara e eu desejava-o mais do que alguma vez desejara qualquer outra coisa. — Mas é o teu cachorro, Patrick. Não me o podes dar. — E se a menina não o ficar com ele, será morto com certeza, isso será. Não teria ele sido afogado num saco antes de abrir os olhos se eu não o tivesse comprado por cinco xelins? A minha mãe ficou zangada só de o ver, e agora virou-se contra o pobre cão, embora ele não faça mais mal do que trazer um pouco de terra para a cozinha e agitar as galinhas dela.

Tive de persistir muito na persuasão antes de me ser permitido tê-lo, mas a Ama Walpole, que outrora cuidara de uma criança que fora gravemente mordida por um Pequinês, convenceu a Mãe de que, quanto maior fosse o cão, mais fiável seria com as crianças. O Pai deu-lhe o nome de Darby, porque eu me chamava Joan.

Ele cresceu e cresceu, o que não era de admirar, já que a mãe era um Mastim e o pai um Grande Dano — até que, por fim, era demasiado grande para dormir no quarto das crianças, pelo que lhe foi construído um canil perto das estufas. Ele nunca ia para o canil, exceto à noite, até que a Ama Walpole teve de se ausentar durante dois meses porque a irmã estava doente. Veio uma "temporária" horrível, chamada Enfermeira Vincent, que detestava cães quase tanto quanto detestava crianças.

A única pessoa que se dava bem com ela era Lambal, o jardineiro-chefe, a quem eu detestava porque estava sempre a queixar-se à Mãe de que as pegadas enormes do Darby arruinavam os seus canteiros de sementeira. A Enfermeira Vincent era tão mandona que eu a evitava o mais possível, e a maneira mais fácil de o fazer era esconder-me com o Darby no seu canil e recusar-me a sair. Um dia ela perdeu a paciência e disse ao Lambal para me tirar de lá à força. Ele beliscou-me o armo e eu gritei. Então o Darby, que estava a ser um leão a defender a sua cria, mordeu-lhe o braço.

Não foi, de todo, uma dentada má. O Darby abanou a cauda para me mostrar que era apenas um aviso, mas rasgou a camisa do Lambal e ele ficou furioso. A mulher de rosto vermelho e zangada arrastou-me de volta para casa e fechou-me no meu quarto pelo resto do dia — ser fechada no quarto sem livros de imagens ou brinquedos era o único castigo oficialmente permitido.

Eu sabia que o Patrick se lembraria de levar o jantar ao Darby, por isso não estava realmente preocupada, apenas aborrecida por desperdiçar uma tarde dentro de casa; até que a Mãe me trouxe a ceia e se sentou aconchegadamente na cama. Isto era invulgar quando eu estava de castigo, e comecei a ficar desconfiada quando, após generalidades vagas sobre a importância de as meninas aprenderem a não ser egoístas, ela me disse que o Darby tinha ido cuidar de uma pobre criança que o amava ainda mais do que eu. A criança era uma aleijada que não tinha pernas. O Darby ia puxá-la num pequeno carrinho de rodas vermelhas para que ela pudesse ir à praia. "Algumas meninas não têm a sorte de ter um carrinho de cabra como o teu", acrescentou ela de forma persuasiva.

— Ela pode ficar com o carrinho de cabra e com a cabra — disse eu rapidamente, mergulhando debaixo das cobertas.

A Mãe suspirou e deixou-me. Fiquei encolhida na caverna escura dos cobertores a tentar pensar numa maneira de o Darby ser resgatado. Ele teria de estar fechado em algum lado antes de ser enviado para fora. Eu e o Patrick iríamos encontrá-lo, provavelmente acorrentado sem comida nem água em algum barracão horrível. Chamaríamos e chamaríamos até que ele nos ouvisse e ladrasse. Arrombaríamos a porta e o Patrick cortaria a corrente com uma serra de metais.

O Darby estaria com fome, por isso eu teria de me lembrar de roubar uma peça de carne da despensa ao sair. Haveria de certeza uma torneira em algum lado e ele era hábil a beber das minhas mãos em concha.

Encontraríamos um lugar a salvo dos adultos e, se algum deles nos viesse procurar, diríamos ao Darby para os morder até que fugissem... Eu explicaria a ele que eles precisavam de ser mordidos, e com força.

Escapei de casa antes do pequeno-almoço, com uma peça de lombo de vaca que mal conseguia carregar e os bolsos cheios de provisões para a jornada. Tinha decidido que iríamos para a Irlanda, onde o Patrick dizia que as pessoas eram muito bondosas com os cães, quanto maiores melhor. Encontrei-o na caldeira a limpar uma pá, um Patrick de olhos vermelhos que me contou a terrível verdade. O Darby fora morto a tiro e o Patrick tinha-o enterrado.

Quase tão terrível como o Darby estar morto era pensar que o Pai tinha dado a ordem para o seu assassínio. O único conforto que tive naquele dia horrível e sem fim foi a descoberta de que o Pai apenas caíra na armadilha de acreditar num adulto. Lambal vira uma oportunidade de vingança contra o Darby e contra mim, e aproveitara-a. Dissera que o meu cão se tornara subitamente selvagem e ter-me-ia atacado se ele não tivesse vindo em meu socorro. Assim que contei ao Pai o que realmente acontecera, ele quase chorou de tanto arrependimento, e deixou-me ouvir enquanto despedia o Lambal.

Eu costumava visitar a sepultura do Darby no matagal e falar com ele, não porque achasse que o verdadeiro ele ainda estivesse ali, mas porque deveria haver algo como um telefone a ligar os corpos mortos às pessoas que costumavam viver neles. Isto deveria ser verdade, pois, caso contrário, porque é que a minha criada favorita ia visitar a campa da irmã no seu dia de folga? Levava flores e costumava dizer: "Pobre querida, ela gostava tanto de peónias" — ou ervilhas-de-cheiro, ou quaisquer que fossem as flores.

O Darby nunca gostara de flores, mas para que não se sentisse de modo algum negligenciado, eu punha algumas na sua campa todos os dias. Para ter a certeza de que ele me ouvia, deitava-me de bruços e falava diretamente para o chão. A minha boca ficava por vezes tão cheia de terra que eu tinha de a enxaguar no depósito de água.

Depois, ouvi as pessoas a falar sobre algo que estava prestes a acontecer, algo relacionado com voar. "Vem mesmo por cima da casa", diziam. Como se fosse importante. Eu estava apenas levemente interessada até ouvir alguém dizer: "É o *Derby* Voador". Então soube por que estavam excitados — mas ninguém estava nem de perto tão excitado quanto eu! O Darby vinha buscar-me: um Darby maior e mais belo do que nunca, um

Darby com asas, no qual eu poderia cavalgar até ao país verdadeiro ao qual ambos pertencíamos. Os cavalos às vezes ganhavam asas, pois eu vira um chamado Pégaso num livro, e os cães eram muito mais sábios do que os cavalos.

Os dias passavam tão devagar que cada hora deles poderia ter sido a hora longa e lenta do "descanso da tarde". Mas, finalmente, o Dia do Darby chegou. A tremer de excitação, juntei-me a muitas outras pessoas no telhado plano de Seacourt. "Ali está ele!", gritou alguém. Tinha-me lembrado de tudo? Sim, o meu rato de porcelana mágico estava no meu bolso e eu despedira-me dos meus coelhos.

Havia um ponto preto a brilhar no olho do sol. O sol fazia-me os olhos lacrimejar... Ou saberia eu já que não era o Darby? Senti lágrimas a correr-me pela cara — as pessoas veriam. Tinha de correr, correr até encontrar um sítio para me esconder, antes que eles parassem de olhar para a máquina voadora. Enquanto eu tropeçava pelas íngremes escadas de madeira que levavam aos sótãos, ouvi alguém dizer: "Que criança difícil — excitação a mais. Deve estar exausta."

## CAPÍTULO TRÊS

## PALAVRAS e MÚSICA

O facto de alguém tão bondoso e inteligente como o Pai poder ser enganado pelo Lambal convenceu-me de que eu nunca deveria acreditar em nada até o ter provado por mim própria. A Enfermeira Vincent era um excelente material para praticar a desobediência, mas infelizmente ela dava-me por vezes ordens que teria sido muito mais confortável obedecer. A menos que ela me tivesse proibido de ir ao jardim à noite, nunca me teria ocorrido fazê-lo, pois tinha medo do escuro. Havia Coisas lá, como ela dizia, Coisas que se espreitavam no matagal à espera de castigar as meninas que irritavam as suas amas? Poderiam as Coisas entrar pelas janelas e atacar-me quando eu estivesse demasiado adormecida para fugir? Enfiar-se-iam elas entre as barras de latão ao fundo da minha cama ou deslizariam por cima delas? Pensei tanto nas Coisas que tive de me obrigar a sair à noite e ver se elas estavam realmente lá. Assim, saí pela janela da sala de música e obriguei-me a caminhar pelos trilhos mais escuros e densos; mas os arbustos apenas sussurravam e nunca se transformavam em mãos que me agarravam — o que era um grande conforto e uma recompensa por ser desobediente.

Uma criada irlandesa disse: "As fadas apanham-te se a lua brilhar na tua cara enquanto dormes." Era uma ideia aconchegante até ela se alongar sobre os hábitos dos *cluricauns* e dos *pookas* — eu sabia que odiaria viver debaixo da terra, e os *pookas* pareciam demasiado grandes e disformes para serem confortáveis. Assim, apenas um forte sentido de dever para com a desobediência me levou a manter-me acordada na lua cheia e depois abrir as cortinas e deitar-me, envolta num edredão, num pedaço de chão iluminado pelo luar, tentando adormecer antes que o raio de luar avançasse, e imaginando em que estranha companhia poderia acordar.

"As meninas que dizem mentiras são atingidas por raios", disse a Enfermeira Vincent, que estivera a ouvir às escondidas quando eu contava ao Patrick que costumava ser uma Índia Americana. Esta era uma oportunidade esplêndida para provar a minha verdade, por isso, quando a tempestade seguinte estoirou, escapei nua para a chuva e fiquei com os braços erguidos para o céu vívido, livre e exultante. Ela ficou encharcada quando teve de me ir buscar, e a tonta da mulher tinha pavor de trovoadas.

Se eu dizia "*Damn*" como o Pai fazia frequentemente, ela dizia-me que "as crianças que usavam palavrões perversos irritavam frequentemente tanto a Deus que Ele as matava fulminadas". *Blast*, *Dash* e *Damn* constituíam o meu reportório, mas o Patrick, quando pressionado, forneceu *Bloody*, com o aviso de que não era apenas "uma palavra má", mas blasfémia. O Deus do Patrick parecia ser muito pouco razoável, pois porque haveria Ele de se importar que alguém dissesse *Bloody*, que o Patrick dizia significar "por Nossa Senhora" (*by Our Lady*), quando a Senhora era a Sua mãe e muito bondosa? Ele tentou explicar quando lhe perguntei, mas continuei sem compreender e ele disse preocupado: "É apenas assim, menina Joan, mas eu teria de ser padre e a menina católica antes de sabermos porquê."

Seria muito desconfortável acreditar num Deus que era tão picuínhas com o praguejar, mas poderia ser arriscado provar que Ele não existia. Se o Deus do Patrick existisse e me matasse fulminada, como o faria? Não por um raio, pois isso estava reservado para os mentirosos, mas, para jogar pelo seguro, era melhor escolher uma noite de estrelas amigáveis e tempo limpo. Usaria Ele um golpe rápido na nuca com o lado da Sua mão, como o Patrick usava para matar um coelho doente? "Uma morte limpa e rápida, é o que é", dissera ele.

Choveu durante vários dias e fiquei aliviada porque não estava propriamente ansiosa por ter de me certificar de que Deus não se importava

com o praguejar. Teria de ser uma noite sem nuvens para que Ele me pudesse ver. Depois veio uma, por isso não pude adiar mais. É surpreendentemente fácil sair de uma casa adormecida, mesmo quando não nos damos ao trabalho de ser especialmente silenciosos. Usei o meu roupão e chinelos até chegar à praia. Depois tirei-os, pois senti que seria indelicado fazer perguntas a Deus enquanto estivesse escondida em roupas. O mar estava a descobrir as areias, retirando suavemente lençóis lisos de água escura.

— *Maldição!* — sussurrei. — *Bloody!* — Não houve resposta exceto o suave suspiro do mar. Estava frio e os meus dentes começavam a bater, mas consegui dizer *Bloody* de forma bastante clara e alta. Continuou a não acontecer nada. Olhei para o céu. As estrelas estavam tão brilhantes que Deus podia certamente ver-me.

— *Bloody!* — gritei. — *Bloody, and Blast and Damn!* Subitamente, senti-me maravilhosamente feliz. Soube que não precisava de acreditar no que as outras pessoas me diziam sobre Deus.

A Ama Walpole regressou passados alguns dias, o que foi uma sorte, pois teria sido muito pior se a Enfermeira Vincent ainda estivesse comigo quando parti a perna. Aconteceu quando eu ia a caminho da festa do sétimo aniversário de Diana Beddard, portanto, a 23 de setembro de 1911. O portão das traseiras, que usávamos sempre porque os outros três eram mantidos trancados, tinha uma fechadura que podia ser aberta com uma chave de qualquer um dos lados e era de carvalho com dez centímetros de espessura, cravejado de ferro.

Correndo à frente com a chave, vi que uma prancha estava encostada à porta e cobria a fechadura. Por isso, puxei-a, e a porta caiu sobre mim.

A coisa seguinte que ouvi foi a voz do Patrick a gritar por pessoas para o ajudarem a levantá-la de cima de mim; e ele a amaldiçoar os operários que tinham estado a reparar a porta e a tinham deixado escorada apenas por uma prancha enquanto iam buscar dobradiças novas. Eu estava deitada de bruços, apenas com a cabeça livre do peso que me esmagava contra o cascalho. A porta era tão pesada que foram precisos quatro homens para a levantar. A Ama Walpole tremia tanto que pensei que ela ia cair quando me pegou ao colo.

— Mãe de Deus, olhe para a perna dela! — exclamou o Patrick. A Ama Walpole, tentando provar a si mesma que eu não estava realmente ferida, pôs-me de pé para ver se as pernas estavam partidas. Uma delas

estava. Houve uma sensação enjoativa como a de descer depressa demais num elevador, e um ruído de algo a estalar. Depois, desmaiei.

A Iris, que estava no *dedans*, que estava cheio de pessoas a ver o Pai jogar um jogo importante, recorda-se de uma criada entrar a correr e a gritar: "A menina Joan morreu! Tem as costas partidas: ela morreu!". As minhas costas não estavam partidas, embora uma vértebra entre os ombros tivesse ficado seriamente danificada. Enquanto pensavam que eu estava inconsciente, ouvi as pessoas dizerem que eu poderia ficar paralisada.

Se eu chorava quando a minha perna partida tinha cãibras, isso deixava o Pai infeliz, por isso tentei lembrar-me de ser alguém que era hábil a esconder as lágrimas. Isto não foi muito bem-sucedido até que, num sonho, conheci uma mulher de quem eu costumara gostar há muito tempo. Ela era romana e vivia numa casa branca com uma fonte e ciprestes no jardim. A dor dela era muito pior do que a minha e, quando não conseguia evitar chorar, recolhia as suas lágrimas num frasco de forma muito bela, de vidro azul fino salpicado de ouro, e enviava-as para o templo como uma oferenda a uma deusa. Eu recolhi as minhas lágrimas num pequeno frasco redondo de remédio, mas quando ficou cheio não soube para onde o enviar, por isso guardei-o na prateleira da lareira.

O gesso estava demasiado apertado e, quando o Dr. May o tirou, viu que a minha perna estava torta; por isso, um cirurgião veio de Londres para a pôr direita outra vez. Trouxe com ele uma máquina de raios X, que crepitava e lançava faíscas azuis através da sala em total escuridão. O Pai segurou a minha mão enquanto a perna era colocada na posição correta, por isso senti-me bastante corajosa, embora doesse muito mais do que quando o portão a partiu.

Havia um homem simpático hospedado na casa chamado Sr. Pizey. Ele tinha uma máquina voadora, que parecia uma cadeira de rodas de banho com asas de lona atadas com arames e, assim que estive suficientemente bem para que a minha cama fosse empurrada para a varanda, ele costumava voar por ali, sobre as areias na maré baixa, para me entreter. A Iris lia em voz alta e contava-me contos de fadas, mas eu comecei a preocupar-me com a possibilidade de ter de passar anos e anos na minha cama aborrecida.

Depois, parei de me preocupar, pois a Jennie veio ver-me e prometeu que eu ficaria boa depressa. Reconheci-a no momento em que se pôs ao lado da minha cama, embora não a visse desde que ela morrera. Perguntei-lhe se deveria dizer ao Pai que ela estava ali, mas ela disse que seria melhor

se as suas visitas fossem o nosso segredo privado. Ela nunca vinha exceto quando eu estava sozinha, por isso eu tinha de fingir que não conseguia sossegar para dormir enquanto houvesse mais alguém no quarto. Por vezes, ela tocava piano para mim. Eu conhecia a sua música, embora apenas tivesse ouvido ecos metálicos dela a partir dos cilindros de cera que ela gravara para um tipo de gramofone antes de eu nascer.

Parecia perfeitamente natural que eu não conseguisse ver o piano embora conseguisse ver as mãos dela, que eram muito parecidas com as do Jack e as minhas, tecendo a música a partir de teclas invisíveis. Eu pensava sempre no Pai como Jack e na Mãe como Blanche enquanto a Jennie estava comigo — suponho que porque o parentesco com ela já não era importante.

A Ama Walpole foi cuidar do novo bebé de alguém assim que eu deixei de ter de usar ferros — os ferros eram porque a minha perna boa ficou torta de pôr demasiado peso nela enquanto andava de muletas. Senti muito a falta dela: mas ainda tinha a Jennie.

## CAPÍTULO QUATRO

## REFEITÓRIO DOS SARGENTOS

Depois de a Ama Walpole se ir embora, tive uma série de governantas de infantário, de nenhuma das quais gostei. A Mãe também não deve ter gostado delas, pois nenhuma ficava mais do que algumas semanas. Devem ter-se sentido sozinhas em Seacourt, pois eu agora almoçava e lanchava com os meus pais, por isso elas faziam todas as refeições sozinhas, exceto o pequeno-almoço, e habitavam uma terra de ninguém inquieta entre a sala de jantar e o refeitório dos criados. Suponho que eu devesse ter sido melhor companhia para elas, mas eu preferia infinitamente as pastagens mais férteis para além da porta de baeta verde.

Até à guerra de 1914, a cozinha era governada por um *chef*. O primeiro destes foi um alsaciano que sofria de uma doença que o fazia ver grandes botos azuis a olhar fixamente para ele a partir da parede da cozinha. Ninguém na família soube disto até que, a meio de um jantar, ele entrou na sala em perseguição desenfreada do seu ajudante de cozinha, a quem tentava matar com um cutelo. Os convidados abrigaram-se debaixo da mesa até que, à terceira volta, a Mãe falou de forma tão ríspida com ele

que ele fugiu, para se fechar na despensa, de onde foi retirado por três homens da ambulância e levado para o hospital.

Foi sucedido pelo René, um parisiense, ao qual me tornei rapidamente dedicada. Estava abaixo da dignidade do seu *Haut Bonnet* cozinhar para o infantário ou para o refeitório dos criados, mas por volta dos seis anos eu já tinha aprendido a regozijar-me com a subtileza de um molho e a tremer de indignação quando um *soufflé* passava o pico da perfeição devido a algum atraso na sala de jantar. Uma noite, ele deixou-me aproximar do seu coração quando, nas minhas deambulações noturnas, o encontrei a chorar em frente a uma das suas obras-primas. Era uma escultura em açúcar, um bolo enorme com a semelhança de um campo de ténis, completo com a rede e as linhas de jogo, o *tambour* e a *grille*.

— Ela é tão bonita — sussurrava ele repetidamente. — Ela é minha filha, e amanhã vão cravar uma faca no coração dela e ela será apenas bolo.

Era um pensamento solene e comecei a tremer. Aqueles eram os seus brinquedos, mais queridos para ele do que qualquer urso de peluche, pois fora ele quem os fizera. O salmão gigante, com a espinha transformada num jardim de flores de pimento e estragão, que eu vira a dormir no seu icebergue privado na despensa; os capões, vestidos com um suave molho de cetim branco; as gelatinas tipo vitral; estas também morreriam. O que poderia eu fazer? Não consegui pensar em nada útil e comecei a chorar, limpando as lágrimas furtivamente na manga do meu roupão de flanela vermelha. Foi ele quem me consolou.

— Temos de ter coragem, minha pequena. Temos de nos lembrar que a beleza vive para sempre nas memórias queridas do estômago.

Não apenas as matérias-primas do seu ofício, mas também as pessoas respondiam ao seu génio gaulês. A Mãe, por muito que apreciasse a sua comida, zangava-se muitas vezes com ele... Eu achava-a totalmente irracional na altura, embora agora compreenda que era cansativo para ela ter de continuar a encontrar novos recrutas para preencher as falhas nas fileiras dos seus subordinados, a quem ele desprezava e tiranizava até que eles se despedissem. Quando ela descia sobre ele em fúria, ele corria para fora de casa, não derrotado, mas para lhe colher um buquê de flores como oferta de paz.

Isso punha-a à prova, pois eram sempre flores exemplares, de preferência aquelas que estavam a ser zelosamente guardadas para uma exposição floral. Se Worsfold, o bondoso jardineiro-chefe que substituiu o

detestável Lambal, tentava protestar, René entrava num acesso de fúria gritando: "Apenas o melhor é suficientemente bom para a Madame. Não te atrevas a negá-lo!". Se ela rejeitava as flores, ele caía de joelhos e recitava-lhe um poema, o que a deixava nervosa pois, sendo pouco mais linguista do que eu, ela conseguia perceber apenas uma palavra em cada dez e, por isso, sentia-se em severa desvantagem.

Um dia, eu estava a ajudá-lo a preparar uma *julienne* de legumes — homem tão bondoso era ele que nunca me deixou adivinhar o quanto eu o atrapalhava. Estendi a mão longe demais sobre a tábua de cortar, depressa demais para que ele pudesse travar a faca reluzente. A falange superior do meu dedo ficou pendurada por um tendão. Eu gritei e o *Chef* desmaiou. Felizmente, o Dr. Beddard estava hospedado na casa e fez uma reparação tão excelente que tenho apenas uma fina cicatriz branca no meu quarto dedo.

O René levou o acidente muito mais a peito do que eu, que desfrutei plenamente de ser subitamente o centro das atenções. Todas as noites, quando a minha governanta tinha descido para a sua ceia solitária, ele trazia-me oferendas: coelhos de chocolate recheados com creme, pássaros de maçapão pousados em ninhos de fios de ovos, *pâtés* de caranguejo, pedaços ricos de *mousse* de pato, banquetes em miniatura com os quais eu prosperava.

Algum choque de temperamento acabou por o mandar embora, um choque demasiado alto para ser silenciado por poesia ou flores. Lembro-me apenas da dor da sua ausência e da Mãe a dizer que "o René saiu em desonra". Mas ele voltou para nos visitar durante a guerra do Kaiser: "o único homem do seu regimento a ficar vivo", tendo perdido uma perna e ganho uma *Croix de Guerre*.

Como ninguém acreditava em mim quando lhes falava das pessoas interessantes que eu fora antes de ser a Joan, considerei perfeitamente permissível dizer mentiras quando eram necessárias para proteger a minha liberdade; até que a minha consciência se tornou irritantemente ativa após uma conversa com Worsfold. Era estritamente proibido andar com o meu triciclo à frente das estufas de pepinos, mas um dia fi-lo e, curvando depressa demais, caí através da maior delas. Eu não me magoei, nem o triciclo; por isso, enterrei apressadamente o vidro partido e as folhas mais obviamente danificadas no monte do lixo, e felicitei-me por ter apagado as minhas pegadas de forma eficiente... sem saber que, na terra macia, tinha deixado passar uma pegada inequívoca.

Confrontada pelo Worsfold, menti com firmeza. A verdade era um luxo demasiado caro quando o custo seria tirarem-me o triciclo. Ele levou-me até à estufa e, em silêncio, levantou uma folha, obrigando-me a tirar o sapato e a encaixá-lo na evidência incriminatória. Depois levou-me para o barracão de jardinagem e descreveu solenemente a podridão que se espalharia por toda a casa porque a menina Joan dizia mentiras. O Patrick diria que tinha alimentado as caldeiras quando não o tinha feito, e todos os melões ficariam queimados pelo gelo.

O Tizzard apenas fingiria regar as alfaces e elas também morreriam. O Carpenter acharia mais fácil mentir do que dar açúcar às abelhas... Por que não, se a menina Joan o fazia? E as abelhas morreriam de fome em vez de fazerem mel. Fiquei tão comovida que até me ofereci para confessar à Mãe, mas, para meu alívio, ele disse que isso não era necessário, pois eu já lhe tinha confessado a ele.

Duncan Duncan Wilson, o nosso profissional de ténis, entrou na minha vida quando eu tinha quatro anos. Tinha sido batizado Duncan Duncan porque tinha um tio paterno e outro materno com o mesmo nome, e os seus pais queriam ter a certeza de que nenhum deles ficava ofendido. Muito antes de ele me começar a ensinar a jogar o jogo, o que não aconteceu até eu ter sete anos, eu costumava observá-lo a encordoar raquetes ou a cobrir bolas de ténis, nove dúzias em cada cesto, no seu quarto ao fundo do campo, enquanto ele falava sobre ténis. Dizia-me que havia pessoas grosseiramente ignorantes que o confundiam com o ténis de campo (*lawn tennis*), um jogo muito inferior jogado ao ar livre ao qual os bem instruídos se deveriam referir como *pat-ball* ou *lawners*. O nosso ténis era, escusado será dizer, o Jogo dos Reis.

Henrique V poderia não ter derrotado os franceses tão cabalmente em Agincourt, depois de o Delfim ter começado a guerra enviando-lhe um cesto de bolas de ténis como insulto, se não estivesse determinado a provar que conseguia vencer tão facilmente no campo de batalha como conseguia no campo de ténis. Ana Bolena poderia ter mantido a cabeça se se tivesse dado ao trabalho de apreciar o jogo.

— Ela provavelmente irritou o rei ao aplaudir quando ele perdeu um *chase*, ou ao esquecer-se de aplaudir quando ele fez uma boa jogada para a galeria vencedora — disse o Wilson. — Talvez ela tenha falado no momento errado e o tenha desconcentrado da jogada — disse eu com convicção, pois muito antes de saber ler eu já tinha aprendido que os avisos

no *dedans* significavam: "Pede-se Silêncio quando a Bola está em Jogo". — Ela não assistia a partir do *dedans*.

Havia muitas apostas e linguagem grosseira entre os espetadores naqueles dias, por isso não era considerado adequado para as senhoras. O rei mandou fazer uma janela nos aposentos dela para que ela o visse. Fica no alto da parede de fundo, por cima da *grille*, no campo que ele construiu no Palácio de Hampton Court. — O campo de ténis dele ainda lá está? — Está, menina Joan, e tem sido jogado todos os anos desde que Henrique VIII foi Campeão de Inglaterra.

A sequência de mais de quatrocentos anos permanece ininterrupta, pois durante a guerra, embora o campo estivesse fechado, o Pai e o Wilson jogaram um jogo lá todos os anos.

Sempre que me sentia com disposição para uma cavaqueira, bastava-me ir à lavandaria, onde a Sra. Pink habitava uma caverna ecoante de engomagem e vapor. Era imensamente gorda e o seu sorriso de boas-vindas exibia gengivas tão lisas e rosadas como o melhor Fiambre de York, até que um dia — embora ensinada que era indelicado as crianças fazerem observações pessoais — exclamei: "Tem dentes, Sra. Pink!". Ela corou e, tirando a dentadura da boca num ápice, escondeu-a no bolso do seu avental engomado. "Diga-me, menina Joan, agi mal ao tirá-los?". E antes que eu pudesse pensar em algo para dizer, ela apressou-se com o seu relato, enquanto eu me empoleirava na borda da mesa de engomar.

— Foi desta maneira, querida, se me entende. No meu tempo livre eu faço amortalhamentos... que é lavar e arranjar um cadáver para fazer a pobre criatura parecer bem para encontrar o seu Criador... o mesmo tipo de coisa, mas diferente, que a menina Saunders faz para pôr a sua mãe bonita para uma grande festa.

A Kate nem sequer tocava num rato morto, por isso duvidei que ela tivesse muita utilidade com uma pessoa morta, mas eu estava interessada demais para discutir o ponto.

— Eu estava a fazer isto ontem para uma senhora — continuou a Sra. Pink seriamente — parecia mesmo linda, e de repente, quando cheguei à parte de lhe atar o maxilar... tem de se lhes atar os maxilares enquanto ainda estão quentes e pôr moedas nos olhos... o pensamento saltou-me logo para a cabeça: "Ela não vai querer aqueles dentes para onde vai, e um bocado de algodão para lhe arredondar as bochechas fará o mesmo efeito no caixão".

Ficou a olhar para as suas mãos entrelaçadas em silêncio por um minuto, mãos grandes e bondosas, a pele macia e enrugada por longos anos de sabonária, os nós dos dedos deformados pelo peso do linho molhado. Depois olhou-me nos olhos.

— Tirei-lhos da boca e meti-os na minha — e serviram na perfeição. Será um sinal de que não lhe fiz mal, menina Joan, terem servido tão bem?

Como poderia eu tranquilizá-la? Olhei para o teto como se procurasse inspiração, e estava mesmo.

— Ela está muito contente, a senhora que lhe deu os dentes — disse eu com firmeza. — Mas tem a certeza, menina Joan, de que não foi roubo? O furto é pecado, e um peso duplo de pecado se alguém se atreve a roubar aos mortos.

Havia lágrimas nos olhos dela. Era essencial falar com autoridade.

— A senhora que lhe deu os dentes acabou de falar com Deus. "Deus", disse ela, muito amigável, "aqui estou eu segura no Céu, a trincar maçãs tão ruidosamente como um cavalo. E nunca mais de uma maçã eu poderia fazer mais do que morder se a minha querida Sra. Pink não me tivesse aliviado dos meus dentes e deixado os meus maxilares livres para que os Teus novos crescessem".

Depois havia o Sargento-Ajudante Spencer, que me dava lições de boxe. Tinha sido Instrutor de Educação Física na Brigada de Guardas e, trajado com uma camisola interior branca que exibia o seu torso ainda magnífico, rugia para mim como se eu fosse um recruta de verdade. Achei a ginástica aborrecida, embora nunca o admitisse; mas depois vinha o momento glorioso em que ele marcava um "ringue" com um pedaço de giz no chão da sala de música e, com perfeita solenidade, manobrava de joelhos para que eu tivesse a oportunidade de acertar um direto de esquerda no seu queixo.

Representava tão bem como boxava, e quase acreditei nele quando, no final dos nossos seis assaltos, falava pelo canto da boca, dizendo que a patroa dele teria de lhe dar carne picada outra vez para a ceia, pois eu lhe tinha abalado os dentes todos. Enrolava as pontas afiadas como agulhas do seu bigode encerado e dizia pontificalmente:

— Menina Joan, nunca lute sujo: nada de pôr uma moeda entre os nós dos dedos para partir a cana do nariz ao outro sujeito, nada de bater abaixo da cintura, ouça bem, nada de golpes na nuca. — Depois, com um piscar de

olhos largo, acrescentava: — Nunca lute sujo — a menos que seja por dever para dar uma lição a alguém.

Enquanto partilhávamos o *elevenses* — era bastante fácil imaginar que o meu copo de leite era uma segunda caneca de bera — ele relatava aventuras magníficas. Por vezes, descrevia golpe a golpe triunfos no ringue e, melhor do que tudo, encenava a derrota de uma vintena de holandeses que fizera prisioneiros na Guerra dos Bôeres, quando estes o atacaram após perceberem que ele não tinha munições. "É admirável o que se pode fazer com uma garrafa partida se a isso formos compelidos", dizia ele com deleite e, depois, estando algo inclinado a tirar uma moral da história, acrescentava: "sempre desde que tenhas prestado a devida atenção às tuas massas indianas enquanto catraia".

Eu achava que balançar massas indianas era um trabalho bastante árduo, mas, para lhe agradar, balançava-as cada vez mais alto e com mais amplitude enquanto ele me bradava ordens até as pontas do seu bigode estremecerem e eu tremer com o esforço; e, perante os seus elogios, eu resplandecia de orgulho.

Eu era estritamente proibida de lutar com crianças de visita, a menos que ambas as partes usassem luvas de boxe, mas o escárnio "És apenas uma menina!" por vezes espicaçava-me à ação. Nem o meu vizinho próximo e contemporâneo exato, John Mallet, estava isento de um combate ocasional; aos seis anos estávamos noivos, e eu sentia que era apenas justo convencê-lo de que não teria necessidade de se envergonhar de qualquer fraqueza feminina na sua futura noiva. Estávamos a esgrimir amigavelmente quando lhe arranquei um dos dentes da frente. No horror de o ver ali deitado na relva, esqueci inteiramente que as crianças perdem o seu primeiro conjunto de dentes e ganham um novo lote. Tinha feito algo de aterrador ao meu querido John! O John teria de usar dentes postiços.

Eu não poderia possivelmente casar com alguém com dentes postiços! O meu terror de dentaduras estava entranhado, pois uma ama malevolente, que veio enquanto a Ama Walpole estava de férias, costumava colocar as suas "peças de cima e de baixo" num copo ao lado da minha cama, dispunha uma lamparina de modo a que elas parecessem ter uma fosforescência infernal própria, e dizia em tons sepulcrais: "Se agitares que seja um dedo da mão ou do pé enquanto eu estiver lá em baixo na ceia, elas vão dar-te um enxerto de modo — vais ver se não dão!".

O medo recordado e a culpa presente levaram-me a esconder-me, em lágrimas, no barracão de jardinagem. Ali o John descobriu-me, não, como

eu esperava e teria considerado justo, para se regozijar com os castigos que eu poderia esperar, mas para me confortar. "Já estava abanar de qualquer maneira", disse ele, oferecendo um lenço ligeiramente manchado de sangue. "O Pai disse-me para o atar ao puxador da porta e depois bater a porta com força, mas eu mexia-me sempre mais depressa do que a porta e por isso não funcionou."

Ele exibiu o troféu, atado num canto do lenço no qual eu acabara de assoar o nariz. "Vou pô-lo debaixo da minha almofada logo à noite e a Mãe diz que uma fada o transformará num xelim pela manhã. É tudo tanga, isso da fada, claro." Ele observou-me, mas eu estava demasiado submissa para discutir o ponto, o que o fez sentir-se suficientemente veterano para oferecer conselhos.

"Quando os teus dentes caírem podes conseguir até meia coroa: eles sabem que tu acreditas em fadas." Ele deu-me o seu xelim do dente na manhã seguinte, e eu aceitei-o agradecida, pois precisava dele para subornar um dos jardineiros a não contar à Mãe que me tinha apanhado a trepar a uma árvore.

Mas a gratidão corroía-me: teria um rapaz aceitado o dinheiro ou teria saído e ganho-o por si próprio? Os primeiros pensamentos sugeriam que, como as raparigas tinham muitas vezes de sofrer com calçolas engomadas e anáguas de folhos, o mínimo que os rapazes podiam fazer era oferecer os recursos dos seus mealheiros. Creio que teria deixado as coisas assim se a atual governanta de infantário não tivesse o curioso tique de ler para si própria a Bíblia em voz alta durante o pequeno-almoço.

Eu achava que ela era um pouco pancada, mas um julgamento mais maduro sugere que ela o fazia na esperança de que fragmentos das escrituras fossem digeridos com as minhas papas de aveia e assim a redimissem por trabalhar num lar pagão onde fora estritamente proibida de dar à sua aluna qualquer instrução religiosa.

Naquela manhã específica, "olho por olho e dente por dente" rompeu subitamente através da bruma de gordura fria de bacon para a qual eu olhava fixamente. Isto pareceu tão oportuno que me sobressaltou. Seria uma dica de Deus de que eu devia um dente ao John, ou poderia eu pagá-lo assim que possível com um xelim? A leitora em voz alta deve ter-se sentido encorajada porque eu subitamente prestei atenção, pois ela repetiu de forma ainda mais sombria: "«dente por dente» — Compreendes, Joan?".

Deus tinha-me dado mais do que uma dica: era uma ordem. Cutuquei os meus dentes da frente com uma língua hesitante e um abanou um pouco. Foi uma sensação inesperadamente enjoativa, mas felizmente bastante definida.

O trabalho paciente de língua durante o dia melhorou a situação. Tentei a técnica do cordel e do puxador da porta, mas foi totalmente ineficaz; pois, tal como o John, eu conseguia mover-me mais depressa do que a porta. Bati no dente, não com muita força, com o cabo de uma escova de cabelo. Olhei fixamente para mim própria num espelho e imaginei, tão bem que me fez ficar vermelha de indignação, que um bando de rapazes hostis cantarolava "Cobardolas, cobardolas de meia-tigela!" para mim.

Mas nem isto acendeu uma faísca suficientemente quente para disparar um barril de pólvora de coragem negligenciado. A Mãe, sem dúvida levada ao desespero por dois almoços sucessivos nos quais eu mastiguei lenta mas determinadamente apenas com os dentes da frente, ofereceu-se para mo arrancar. Recusei, embora com relutância, pois por muito que desejasse despachar o assunto, não me sentia suficientemente confiante para enfrentar uma performance prolongada na casa de banho dela, enquanto linho esterilizado era mergulhado em antissético e se preparava o elixir bucal, o que eu tinha de suportar quando ela tratava de fleimões.

Para o caso de a oferta dela ser repetida, procurei auxílio junto do Patrick, que realizou a operação com um par de alicates na caldeira.

Na caixa de joalheiro que tinha guardado o meu alfinete de peito de Natal, embrulhado em papel de seda e atado com a minha melhor fita de cabelo, apresentei o meu dente ao John. Vinte anos mais tarde encontrámo-nos num *cocktail*. Ele era então adido na Embaixada Britânica em Roma e eu acabara de escrever *Winged Pharaoh*. Ele mostrou-me um pequeno objeto preso à corrente do seu relógio: era o meu dente, montado em ouro.

## CAPÍTULO CINCO

## MIL NOVECENTOS E CATORZE

Através do verão dourado de 1914 soprou o calafrio do entardecer de uma era, mas no pequeno círculo que a minha memória ilumina lembro-me de apenas uma ansiedade. Poderia Deus ser distraído como um adulto ou, pior, seria Ele surdo? Eu queria um pónei, mas apenas Deus me poderia arranjar um.

A Mãe, que fora sempre uma mártir do "que poderia acontecer", adiava-me com um: "Um dia, talvez, querida; quando fores maior". O Pai era ainda menos recetivo. Anos mais tarde, disse-me que sempre detestara cavalos, mas que montara para agradar ao seu pai, e estava determinado a que eu nunca devesse ser autorizada a fazer um sacrifício semelhante de piedade filial. Eu descobrira que era indelicado importunar os adultos.

Uma semente firmemente plantada nas suas mentes, e ocasionalmente regada com um sorriso saudoso, produzia frutos muito melhores. Mas, aparentemente, era necessário importunar Deus, ou porque razão a minha atual governanta me fazia dizer as mesmas orações todas as noites — palavras que se tinham tornado tão lisas pela repetição que o padrão nelas contido se tinha desgastado.

"Pai Nosso Que estais no Céu", tagarelava eu, e depois, quando estava em privado, passava ao assunto sério de pedir um pónei. "Por favor, Deus, eu quero um pónei para o meu sétimo aniversário, que é no dia doze de abril", dizia eu alto e bom som. "Um pónei castanho com crina e cauda pretas; suficientemente pequeno para eu montar sem ninguém ajudar, e suficientemente grande para eu ainda ser capaz de o montar quando for mais alta. Quero um pónei de montar e não um de puxar um carrinho, e chamar-lhe-ei Ruby se ele já não tiver nome; mas se tiver um nome, não importa nada." Que pedido poderia ser mais claro e conciso?

Dei-lhe seis semanas inteiras para fazer os Seus preparativos; certamente era tempo suficiente para Ele informar os meus pais do que precisava de ser feito. Uma manhã, vi tijolos e uma carretada de argamassa junto à fila de anexos onde se guardavam ferramentas, fertilizantes e fruta. Um deles estava a ser transformado numa estrebaria para a Ruby! Estava tão certa disto que sabia exatamente como seriam a manjedoura e o suporte para o feno dela; e evitei cuidadosamente aproximar-me do local para não estragar o momento glorioso em que a veria lá pela primeira vez.

Continuei a rezar, para o caso de Deus não se aperceber de que os adultos têm uma tendência terrível para se esquecerem ou mudarem de ideias; embora isto não parecesse realmente necessário depois de a Mãe me ter dito que eu ia ter uma prenda maravilhosa, e muito cara, para o meu aniversário, que era demasiado grande para ser posta com as outras na fronha da almofada ao fundo da minha cama. Mal parando para rasgar o papel das minhas outras encomendas, corri escadas abaixo.

O Pai estava no átrio. "Onde está?". Disse eu, abraçando-o. Estava tão excitada que quase disse: "Onde está a Ruby?", o que poderia ter estragado o prazer dele em pensar que era uma surpresa.

— Está na sala de jantar — disse ele. — Vamos levá-lo para a praia logo a seguir ao pequeno-almoço. — Um pónei autorizado a entrar em casa? Oh, que amoroso da parte do Pai! E as areias seriam perfeitas para eu aprender a montar.

Mas não era um pónei. Era um modelo à escala de um transatlântico da Cunard, que custara 50 libras e funcionava a vapor real. Os adultos divertiram-se a brincar com ele quando o mar estava suficientemente quente para tomarem banho; mas eu nunca gostei dele.

Pouco depois disto, o Pai foi a Paris jogar no campeonato de ténis amador de França... os franceses chamavam ao jogo *jeu de paume*. Levou a Mãe, claro, e a Margery e a Iris, o Wilson e a Kate; o que tornou tudo ainda mais dececionante por não me levar a mim. "Só vamos estar fora uns dez dias, e tu és um bocado nova demais para Paris", disse ele de forma consoladora, e deu-me a obra completa de Júlio Verne como prenda de despedida, quatro volumes encadernados em pele castanha.

Sempre detestei que me dissessem que eu era nova demais para algo que eu achava que gostaria de fazer, por isso a observação bondosa do Pai magoou um pouco. Teria a rapariga francesa com quem eu por vezes sonhava alguma vez estado em Paris e, se sim, que idade teria ela? Tinha-a visto com um hábito de montaria de veludo verde quando devia ser um pouco mais velha do que a Iris; mas não estava numa cidade então, estava num cavalo preto a galopar através de uma floresta.

Havia vários outros cavaleiros com ela, e alguns cães de caça que perseguiam um veado. Normalmente, quando a via, ela era mais nova do que isto, com cerca de dez ou onze anos. Vivia numa casa com um telhado cinzento íngreme e portadas verdes desbotadas na qual a maioria das divisões estava fechada. Fora construída em três lados de um pátio que

tinha erva a crescer entre os paralelepípedos. Não havia outras crianças, mas ela era bastante feliz e tinha uma carruagenzinha puxada por um par de póneis malhados que não eram muito maiores do que o seu cão enorme.

Ela tinha autorização para os conduzir sozinha desde que não se aproximasse da aldeia. Havia certas pessoas que tinham chegado recentemente à aldeia que nunca deveriam descobrir que ela ainda vivia no *château*.

Na noite antes de a minha família regressar a casa, tive um sonho longo e complicado sobre ela, do qual me lembrei do suficiente para saber que ela tinha estado em Paris, quando tinha dezanove anos. Esteve lá apenas algumas semanas, e passou-as numa masmorra onde estava tão sozinha que domesticou um rato para lhe fazer companhia. Mesmo a meio do dia havia apenas um crepúsculo esverdeado, e a única vez que viu o sol novamente foi a caminho de lhe cortarem a cabeça na guilhotina.

Poderia ter sido um sonho aterrador, mas, curiosamente, foi bastante confortante; porque agora eu sabia que ser decapitada não dói nada. Houve apenas um baque forte e uma sensação de cair de pernas para o ar. No minuto seguinte, ela estava a saltar sobre um riacho para se juntar a dois homens que esperavam por ela no outro lado... dois homens que ela amava muito.

O Pai perdeu o campeonato francês por uma jogada — literalmente, pois se tivesse acertado na bola que estava a perder um *hazard chase* teria ganho o ponto e o encontro. Foi uma grande pena, pois caso contrário ele teria sido campeão de ambos os países; pois dois meses depois ganhou a Raquete de Ouro em Lord’s. Logo após terem chegado a casa, Billy Grenfell veio ficar em Seacourt, com dois amigos que também tinham sido "rustituidos" de Oxford.

*Rusticated* não era tão mau como ser expulso (*sent down*), que era o mesmo que ser corrido, pois era apenas ser mandado embora pelo resto do período de aulas. Tinham ido a um baile de máscaras como Antigos Bretões, com peles de leopardo e pintura azul de *woad*, o que, por alguma razão incompreensível, foi considerado indecente.

Eu já conhecia o Billy e ele tinha prometido casar comigo, o que era muito gentil da parte dele porque parecia um deus grego, com cabelo louro encaracolado. Amava-o devotadamente e punha flores na sua almofada, que eram mensagens secretas que eu procurava no livro da Margery

chamado *A Linguagem das Flores*, que dava jeito quando eu tinha de lhe lembrar que ele se tinha esquecido de vir dar-me as boas-noites.

Os outros dois eram Willy Williams e Cyril Asquith. Tinham um tutor chamado Sr. Lindsay, um jovem hesitante que mais tarde se tornou o Reitor de Balliol. O Billy costumava fazer apostas com o Willy, dando-lhe probabilidades tão longas, dez libras contra um xelim, que eram sempre aceites. A primeira de que me lembro é quando me levaram a comprar doces e eu vi um enorme cacho de bananas à porta da loja do Sr. Jones.

Poderia o Willy Williams comê-las todas em vinte e quatro horas? Eram duzentas e cinquenta e, embora a Mãe insistisse que o estômago dele ficaria tão dilatado que pressionaria o coração e o mataria, ele conseguiu engolir a última faltando dez minutos para o tempo acabar — no *dedans*, depois de jogar três *sets* com o Wilson para acamar o seu pequeno-almoço de bananas.

Depois do jantar, o Pai por vezes tocava banjo, enquanto Herbert Rubens, que com o seu irmão Paul escrevia comédias musicais, *Miss Hook of Holland* e *The Country Girl*, o acompanhava ao piano e os outros cantavam. O Pai tocava banjo maravilhosamente, e teve uma banda de quarenta banjos quando estava em King's, e levou-os a tocar em Oxford, e até numa sala de concertos em Londres. Por vezes era-me permitido descer para ouvir, mas quando não era, conseguia ouvir muito confortavelmente deitada no chão da galeria da sala de música.

A aposta seguinte foi o Willy Williams correr quatro vezes até ao Ferry e voltar em duas horas. A distância total era de dezasseis milhas, mas ele era bom em corridas de maratona e estava bastante seguro de que conseguiria fazê-lo. Segui com o Pai no carro novo, um Phoenix aberto de dois lugares com faróis de latão muito brilhantes, que se empoleirava tão alto nas rodas que eu tinha uma vista esplêndida das cabeças dos outros espetadores.

A Mãe montou um posto de primeiros socorros no portão de Seacourt, que era simultaneamente o ponto de partida e de chegada, com rolos de fita adesiva e compressas de ácido bórico para as bolhas, e frascos de linimento para esfregar nas pernas dele.

A Iris veio connosco no carro, agarrada a um termo de caldo de carne. A única vez que conseguiu que ele tomasse algum, estava tão quente que ele o cuspiu na estrada, o que achei muito robusto da parte dele, e um frasco de gelatina de frango que derreteu e transbordou para o assento de

pele vermelha até que o Pai, que tinha horror a qualquer coisa pegajosa, reparou e a obrigou a atirá-lo para uma sebe.

O Billy, que queria sempre perder as suas apostas porque o Willy Williams estava teso e era a única maneira de o fazer aceitar dinheiro, correu com ele parte do caminho, e Asquith e Lindsay davam-lhe instruções através de megafones de cima de bicicletas. À terceira volta havia muita gente a assistir, não apenas pessoas que tinham ouvido falar através de nós, mas visitantes de férias que tinham subido da praia.

O Willy Williams começava a parecer bastante pálido e suado, mas ainda ia forte até chegar à reta final, quando subitamente teve cãibras nas pernas e caiu em frente aos Correios. O Pai saltou do carro e deu-lhe conhaque de um frasco de prata, afastando a oferta de sopa restauradora da Iris.

Ele segurou o seu cronómetro à frente dos olhos do Willy Williams e continuava a dizer-lhe que só lhe faltava mais um quarto de milha e que ainda tinha sete minutos. — Levanta-te, rapaz. Levanta-te! Consegues fazê-lo facilmente! — exortava o Billy. — Avante, avante! — gritava o Sr. Lindsay. — Oh, por favor levanta-te — por favor — suplicava a Iris, agora quase em lágrimas.

Ela tinha olhos azul-turquesa e chorava facilmente sem que eles ficassem vermelhos. O Willy Williams levantou-se cambaleante, ergueu uma mão galante para agradecer à multidão que o vitoriva, tropeçou alguns metros e caiu de bruços no chão.

Alguém gritou: "Vergonha!". Outras vozes repetiram o grito. "Vergonha! Deixem o pobre diabo em paz, não podem? Vergonha! Deixem-no em paz!".

Percebi subitamente que estavam realmente zangados, a raiva que nos torna subitamente duas vezes mais altos e muito mais fortes. O Billy ignorou-os, mas eu estava assustada, pois conhecia o formigueiro que lhes descia pelos braços até aos punhos e a sensação de calor nas espinhas deles. Senti-me bastante vacilante de alívio quando o Billy disse por fim: "Que pena, meu caro", e ajudou o Pai a levantar o homem que gemia para dentro do carro.

Eles iam ficar connosco até ao fim das Férias Grandes, mas a quatro de agosto os jornais tinham cabeçalhos enormes a berrar GUERRA! Toda a gente dizia que estaria acabada pelo Natal, e falavam como se matar alemães fosse ser mais divertido do que um dia de caça.

O Billy veio ver-me quando eu estava na cama, naquela noite antes de ele se ir embora. Ficou a olhar pela janela para as rosas — naquele verão havia tantas rosas no jardim — e disse, sem olhar para mim: «Isto é mesmo um adeus, Joan.» Depois beijou-me. Ele sabia que ia ser morto, e eu também. A sua morte foi ainda mais rápida do que pela guilhotina: foi feito em pedaços. A mãe dele enviou-me alguns versos de um poema que o seu irmão Julian escreveu na noite antes de ele também ser morto:

*O melro canta para ele, «Irmão, irmão, Se esta for a última canção que hás de cantar, Canta bem, pois poderás não cantar outra; Irmão, canta.»*

## CAPÍTULO SEIS

## NOVOS MUNDOS

Enquanto o Pai estava em Paris, tinha combinado ir à América em setembro para jogar ténis com Jay Gould. A guerra seria ganha pelo nosso Exército e pela nossa Marinha, por isso ele não viu razão para mudar os seus planos e embarcámos em Liverpool no *Lusitania*. Desfrutei muito da viagem pois, tal como o Pai, eu era uma boa marinheira. A Mãe, a Margery e a Iris ficaram nos seus camarotes, e a Kate manteve-se ocupada a cuidar delas.

No segundo dia apanhámos uma tempestade e um rapaz chamado George ajudou-me a inventar um jogo esplêndido. O tapete tinha sido enrolado no salão principal, para o caso de alguém querer dançar. Ninguém quis, pois o mar estava demasiado agitado, por isso deslizávamos para trás e para a frente em capachos à medida que o navio balançava, indo ainda mais depressa quando tive a brilhante ideia de polvilhar o pó de talco da Margery no chão polido.

O Pai levou-me até ao convés dos barcos para nos ver a entrar no porto de Nova Iorque. Era muito bonito, com arranha-céus a brilhar na luz rosada do pôr do sol e a névoa a subir do Rio Hudson, como se nos estivéssemos a aproximar de uma cidade construída sobre nuvens. Estivemos muito tempo no armazém da Alfândega e, quando chegámos ao nosso hotel, eu estava demasiado cansada para notar muita coisa, exceto que os carregadores e os paquete eram quase todos negros. Assim que os vi, soube que gostaria da América.

Emilie Grigsby, que vinha frequentemente a Seacourt e é ainda hoje uma das minhas pessoas favoritas, tinha uma criada chamada Mary Dabney, que fora a sua ama negra quando a Emilie era criança no Kentucky. Eu adorava a Mary, pois ela compreendia as assombrações e os pesadelos, e costumava cantar para mim com a sua voz suave de veludo negro enquanto me embalava no seu colo, quando eu já era velha demais para ser mimada por quem quer que fosse.

Acordei cedo e, como nem a Margery nem a Iris saíam da cama e apenas resmungavam quando eu as cutucava, decidi sair e explorar Nova Iorque. O Pai tinha-me dado uma moeda de ouro de cinco dólares, por isso deambulei por várias lojas e comprei presentes para a família e um *ice-cream soda* para mim. Havia gelados à venda até nas farmácias, com nomes como *Knickerbocker Glory* e *Sunrise Banana Split*.

Caminhei uma longa distância entre gelados — tomei catorze, incluindo os batidos, antes do fim do dia — e, quando as luzes se acenderam, percebi que me tinha esquecido de como voltar para o hotel e não me restava dinheiro nenhum. Havia agora gente a mais nos passeios e comecei a ficar assustada. Acho que poderia ter entrado em pânico se uma pequena mão negra não tivesse deslizado na minha e uma voz quente e suave não tivesse dito: «A menina vem para casa agora?»

George Washington Jones era um paquete do nosso hotel e tinha-me estado a seguir o dia todo para o caso de eu me perder. Ninguém sabia que ele estava comigo, por isso a pobre Mãe estivera preocupada... Senti-me muito culpada por não ter deixado um bilhete a dizer que ia apenas fazer uma exploração privada. Ela e o Pai tinham estado a telefonar para polícias e a oferecer recompensas, que se tornavam maiores à medida que ficavam mais certos de que eu tinha sido raptada.

Sempre tivera um medo secreto de ser levada por ciganos, mas nunca pensei neles naquele dia, pois não vi caravanas em Nova Iorque. Foi um dia feliz e acabou felizmente também, pois todos ficaram tão aliviados por me verem que quase não houve discussão, e George Washington Jones recebeu a recompensa, já suficientemente grande nesta altura para ele voltar para a sua família no Alabama e não ter de ser mais paquete.

Os americanos conversavam com estranhos, até com estrangeiros e crianças, sem esperar por apresentações; e quase todos os quartos do nosso apartamento no hotel, que ficava na Quinta Avenida com vista para o Central Park, tinham uma porta para o corredor exterior, por isso era fácil encontrar muita gente com quem falar.

Os americanos moviam-se depressa, como crianças; até as avós eram vivazes. O pudim de arroz levava gelado por cima. Quando a Kate me encontrava a ler na cama e desenroscava a lâmpada do candeeiro de mesa, eu conseguia ver perfeitamente bem pela luz de algum enorme letreiro iluminado de um gatinho a desenrolar incessantemente um novelo de lã.

O Central Park tinha rochas para trepar e a Margery deixava-me falar com as outras crianças e tentava fazer com que a Mãe me deixasse ter patins como elas; mas a Mãe dizia que eu de certeza que voltaria a partir a perna. Nunca tinha andado num ómnibus ou no metropolitano até que, um dia, estava a chover tanto que a Mãe teve de entrar num elétrico, pois não havia táxi à vista.

Ela esperou que alguém a ajudasse a subir os degraus, mas o condutor do elétrico apenas sorriu e disse: «Mexa-se, minha senhora!» E ela teve de saltar rapidamente para dentro antes que ele o fizesse balançar e retinir rua fora. Tive muito tempo com o Pai só para mim: refeições e museus e o aquário, e deslizar no gelo numa pista de patinagem ao ar livre. Também me levou a partidas de bilhar — agradável porque não havia outras crianças, mas um pouco longo demais sem poder sequer sussurrar.

O dia em que me levou ao topo da Estátua da Liberdade foi importante. Subimos uma escadaria de ferro rendilhado que subia em espiral à volta de um pilar que era a coluna vertebral da senhora. De repente, uma mulher três lugares à nossa frente começou a gritar e a agarrar-se ao corrimão. Achava que ia cair e ser esborrachada no chão, que estava demasiado longe abaixo de nós. Eu teria gostado de voltar para trás, mas tal era impossível porque fazíamos parte de uma longa serpente de pessoas. «Sentes-te bem?», perguntou o Pai ansiosamente. Sabia que ele também se sentia tonto, por isso disse que não tinha o mínimo medo. Um homem amarrou um lenço sobre os olhos da mulher histérica, agarrou-a pelos cotovelos e obrigou-a a continuar a subir as escadas. Quando chegámos ao topo, ela estava deitada no chão com uma enfermeira a cuidar dela. Subimos até à Tocha e havia uma vista maravilhosa, mas não a aproveitei tanto quanto poderia ter aproveitado porque não parava de pensar que teria de descer as escadas novamente.

Almoçámos num restaurante e depois o Pai, que sabia que eu não tinha gostado muito da manhã, disse que eu podia escolher o que faríamos no resto da tarde. «Qualquer coisa?» Queria ter a certeza absoluta de que esta não era uma escolha apenas entre coisas consideradas adequadas-para-crianças. «Qualquer coisa», disse ele firmemente. «Mereceste-o esta

manhã. Parecias tão pálida, meu Coelho de Gengibre, que pensei que fosses vomitar.» «Vamos andar no Comboio Elevado... farei gargarejos assim que chegar a casa, se quiseres, e apanharei quaisquer pulgas que me saltem para cima antes que mordam a Margery.»

Ele concordou imediatamente, e passámos duas horas muito interessantes a matraquear acima das ruas e a ver para dentro das janelas das outras pessoas quando estas acendiam as luzes sem fechar as cortinas. Parecia uma pena não aproveitar a oportunidade para andar também no metropolitano, o que seria uma aventura importante para colocar na minha carta à Diana, por isso disse: «Agora vamos voltar pelo *subway*.» «Tens a certeza de que não preferes fazer isso noutro dia? Estará muito cheio agora que os escritórios e as lojas estão a fechar», sugeriu ele esperançosamente. Mas eu fui firme, e ele riu-se e disse que eu era uma glutona por castigos.

Quase assim que passámos as catracas, comecei a ter dúvidas, e o rugido de demasiada gente apressada soava tanto como um rio subterrâneo que estivesse a levar a minha canoa para um redemoinho que tentei tornar-me um Bravo Índio que não teria medo mesmo numa situação tão perigosa. Isto não funcionou bem, porque só comecei depois de a Joan ficar tão envolta nos seus sentimentos que estava pesada demais para se mexer.

Estava a fingir, um pouco debilmente, que liderava as minhas canoas de guerra contra uma tribo inimiga que tinha invadido os nossos campos de caça quando alguém gritou: «Atrás, fiquem atrás!» Mas fomos arrastados em direção à voz como se fôssemos troncos numa barragem de castores a quebrar sob blocos de gelo — até que chocámos contra outra barragem, homens com os braços entrelaçados para conter a vaga de humanos. Fui esmagada contra um dos homens, mas por baixo do seu braço vi uma pequena poça na plataforma. Alguém tinha entornado um pote de tinta vermelha nela, e fiquei surpreendida por as pessoas fazerem tanto alvoroço com a ideia de sujar os sapatos com tinta.

O Pai tentou pegar-me ao colo, mas não havia espaço para ele se baixar, por isso equilibrei-me agarrando-me às pernas dele. «Não olhes!», disse ele urgentemente. Tentei manter os olhos fechados, mas as minhas pálpebras recusaram-se a obedecer. Foi pior do que não ser capaz de as manter abertas contra um pesadelo. Não era tinta vermelha e um impermeável velho na plataforma. Era sangue, e havia um corpo morto sob o impermeável.

Estava morto, ou não lhe teriam coberto o rosto. Alguém soluçou: «Ele saltou mesmo para a frente do comboio. Eu vi-o!» Depois vi as botas,

grandes botas pretas com atacadores de couro e presilhas espetadas atrás. As botas estavam postas ordenadamente lado a lado junto ao resto do corpo do homem, como se ele as tivesse descalçado antes de se meter na cama. Mas o comboio tinha-as descalçado por ele.

Não me consigo lembrar exatamente do que aconteceu a seguir, exceto que o Pai disse: «Ajudem-me a tirar esta criança daqui, malditos sejam!» E fui erguida por cima de centenas de cabeças, o que pareceu como voar num sonho, daqueles em que se é pesado demais para o fazer com segurança. Depois o Pai e eu estávamos na rua e o meu regalo de castor estava húmido e cheirava a azedo, por isso soube que me tinha vomitado em cima e alguém o tinha limpado enquanto eu não reparava. «Sentes-te bem, velha amiga?», perguntou ele.

Quando disse que sim, ele deu-me uma palmadinha e disse: «Bem, eu não.» E entrámos num hotel e ele tomou um brandy e eu tomei uma ginger ale. «Acho que não vamos contar à tua mãe», disse ele timidamente. «Ou preferias que contássemos?» «Ela só ia fazer fita», concordei rapidamente. «Vou procurar a senhora da casa de banho e pedir-lhe que me lave o casaco, senão a Mãe vai pensar que foram gelados a mais.» «És uma criança muito competente», disse o Pai, e deu-me um dólar para a senhora da casa de banho, que disse que os ingleses eram bebés resistentes quando lhe contei sobre as botas. Ajudou contar a alguém.

O Pai deve ter adivinhado que eu não estava ansiosa por ir dormir, pois telefonou à Mãe e disse que me ia levar a jantar e a uma comédia musical; e depois desligou o auscultador depressa, antes que ela pudesse dizer que eu já tinha tido um dia longo demais. Fui despachada para a cama assim que voltámos para o nosso hotel, e adormeci tão depressa que esperava ter um sonho disparatado sobre as coisas em que tinha estado a pensar deliberadamente... o jantar com o Pai e as coristas a dançar em filas com homens de cartolas muito brilhantes. Mas vi-me sozinha na plataforma, sozinha exceto pelas botas e o homem cujos pés ainda estavam dentro delas. Estava deitado de lado, com as mãos a agarrar os tocos das pernas. Depois viu-me, e ao mesmo tempo vi-me a mim própria.

Em vez de ser apenas uma criança, eu era adulta, com cerca de dezoito anos, diria eu. «Agnes», implorou ele, «Agnes, ajuda-me.» Ele amava Agnes, que fora sua filha, mais do que a qualquer outra pessoa, e é por isso que eu me parecia com ela para ele. Fiquei muito quieta, absorvendo para dentro de mim o amor entre eles para que pudesse usá-lo para o ajudar.

Como Agnes, ajoelhei-me e pus a mão na testa dele. «Fecha os olhos, Pai», disse suavemente, «e eu já te vou arranjar.

Andaste outra vez no uísque e estás a ver coisas.» Ele fechou os olhos obedientemente, mas ainda estava muito assustado. O medo dele tornava difícil para mim manter o afeto pela Agnes e, ao mesmo tempo, agir como a parte real de mim sem ficar anuviada pelo terror da pequena Joan. Os meus dedos tatearam os atacadores das botas, pois o sangue nelas estava preto e duro. Mas, por fim, despi o couro rígido e sentei-me de pernas cruzadas com os pés decepados no meu colo. Os dedos dos pés estavam deformados, com unhas partidas e sujas. Então comecei a endireitá-los muito gentilmente entre os meus dedos, soprando na pele gasta dos peitos dos pés como se estivesse a limpar a terra de uma maçã caída.

Quando ele estava pronto, virei-o de costas. Parecia estar a dormir e, depois de ter feito desaparecer as suas roupas, lavei-o todo com muito cuidado, com água de um jarro que alguém tinha colocado ao seu lado para eu usar. A sua carne era velha e cansada, mesmo quando estava limpa de novo. Mas quando encaixei os ossos dos seus pés decepados nos tocos das suas pernas, eles começaram a unir-se; e a nova vida nos seus pés começou a fluir para dentro dele, e a pele e os músculos do seu corpo tornaram-se gradualmente jovens de novo.

Tinha sido um jovem de boa aparência, barbeado em vez de ter uma barba grisalha por fazer, e com um cabelo louro e forte em vez de alguns fios ensopados e esfarrapados. Vesti-lhe uma camisa azul e calças de flanela, pois ele ainda não estava habituado a estar nu. A plataforma tinha mudado enquanto ele mudava, e agora ele estava deitado em erva primaveril debaixo de um salgueiro. Entre as longas folhas conseguia ver edifícios altos para além de um lago, edifícios que pareciam incongruentes até os reconhecer de um contexto diferente.

Estávamos no Central Park, e pensei que não tinha sido suficientemente amorosa para o levar em segurança para o Céu. Depois ele bocejou e abriu os olhos, esticando os braços luxuosamente na luz quente e límpida. Uma rapariga de vestido cor-de-rosa veio a correr pelo caminho junto à água brilhante. Ele levantou-se apressadamente, rindo de alegria, e correu para ela gritando: «Agnes! Agnes, estou aqui! Estou aqui!» E eu era a Joan outra vez, uma criança que não tinha autorização para andar de patins no Central Park.

## CAPÍTULO SETE

## ADIVINHOS

Passámos o Natal numa casa em Riverside Drive com muita gente muito idosa e, pouco depois, comecei a ansiar por voltar para Inglaterra, pois nenhum dos amigos americanos da Mãe parecia ter filhos. Quando as pessoas vinham para o chá, eu costumava enroscar-me discretamente numa poltrona para poder ler em vez de demonstrar «interesse inteligente». Um dos nossos visitantes de quem gostei foi Hereward Carrington.

Ele escrevia livros sobre fantasmas, mas parecia apenas ver pedaços deles envoltos em ectoplasma; o que o Pai me disse em privado ser provavelmente gaze contrabandeada para a sessão pela médium. Por isso, estava preparada para gostar de outro visitante que se dizia ser «psíquico»; mas no momento em que vi Aleister Crowley, pensei nele como uma espécie de sapo humano. Apenas a Mãe e a Margery estavam em casa quando ele veio. O Pai estava a jogar ténis no Racquet Club e a Iris tinha saído para fazer compras com a Kate. O Sapo sentou-se num sofá ao lado da Margery e teceu-lhe elogios excessivos enquanto ela se ia afastando. Disse que ela lhe lembrava uma bela gazela dourada — o que deve ter sido uma mudança em relação a ouvir dizer que era como as mulheres nos quadros de Dante Gabriel Rossetti.

Os seus pretendentes costumavam dar-lhe reproduções de Rossetti, que ela pendurava no quarto até não haver mais espaço nas paredes para mais nenhuma. Depois de o chá ter sido levantado, a Mãe deu várias pistas ao Sapo de que estava na hora de ele se ir embora, mas ele foi ficando e ficando até que, por fim, ela deu uma pista ainda mais clara dizendo que tinha de ir escrever algumas cartas urgentes. No momento em que ela saiu da sala, o Sapo tirou o seu alfinete de gravata de pérola negra da sua gravata de cetim roxo e espetou-o no braço da Margery. Fingiu que foi um acidente e limpou a gota de sangue com o seu lenço — um lenço de seda branca com um rebordo roxo.

A Margery estava demasiado aterrorizada para gritar, mas quando ele lhe arrancou uma madeixa de cabelo, ela soltou um guincho: «Mãe!» Estava tão assustada que parecia um rato. Eu estava prestes a fazer alguma coisa, e a tentar tornar-me o tipo de pessoa que saberia como fazê-lo, quando vi a Mãe parada à porta. O Sapo ainda não tinha reparado nela. Estava a olhar triunfante para a Margery e a dizer: «Agora estás no meu poder, pois tenho o teu sangue e o teu cabelo. Também preciso de uma

unha cortada, mas sou um tão grande mago que consigo passar sem ela.» Então a Mãe foi realmente esplêndida.

Parecia ter pelo menos o dobro da altura habitual e os seus olhos pareciam fogosos e enormes. «A minha magia branca é mais forte do que a tua magia negra», proclamou ela. «De joelhos, seu feiticeirozinho porco!» A voz dela atravessou-o como uma espada e eu quase esperava que ele se dissolvesse sobre as almofadas. Tentou sustentar-lhe o olhar e depois meio tombou, meio escorregou do sofá e saiu da sala a passo arrastado.

Ele tacteou o manípulo da porta e, depois, ouvi-o afastar-se aos tropeções pelo corredor. Quando a Mãe teve a certeza de que ele se tinha ido embora, sentou-se abruptamente numa cadeira e eu soube que as pernas dela estavam a tremer, como sempre acontece quando voltamos a nós próprios demasiado depressa. «Que homem tão desagradável», disse ela, como se ele tivesse sido uma pessoa comum que estivesse um pouco embriagada. Olhou fixamente para a Margery.

«Estás com um ar pálido, criança. Vai tomar um pouco de amoníaco.» Depois viu-me e, por um momento, pareceu preocupada. Mas percebeu o orgulho que eu estava a sentir por ela e soube que ela estava muito perto das lágrimas. Limpou o nariz e disse com vivacidade: «Lembra-te sempre de que sou um tigre eficiente quando se trata de defender as minhas crias.»

Os bilhetes do camarote e as etiquetas *Not Wanted on Voyage* estavam sobre a lareira da sala de estar, embora não fôssemos embarcar antes de passarem mais três semanas, quando a Mãe subitamente olhou fixamente para eles e disse: «O *Lusitania* vai afundar-se nessa viagem. Jack, muda as reservas!» Depois reparou que eu estava na sala e mandou-me correr para a cama.

O Pai começou a discutir com ela antes mesmo de eu ter fechado a porta, o que era bastante surpreendente, pois ele devia recordar-se de ela nos ter tirado do campo de ténis antes de o telhado desabar e, depois disso, houve a sua previsão do *Titanic*. Isso tinha acontecido dois dias antes do meu quinto aniversário, portanto a 10 de abril de 1912. Estávamos todos no telhado de Seacourt a ver o *Titanic* descer o Solent, passando pela Ilha de Wight na sua viagem inaugural.

A Mãe, que até então estivera tão alegre como todos os outros, agarrou-se ao braço do Pai como se estivesse com vertigens e gritou: «Aquele navio vai afundar-se antes de chegar à América!» Ele tentou acalmá-la, mas ela apenas ficou mais agitada. Por esta altura já todos

ouviam. A ajudante de cozinha explodiu em risinhos nervosos e os outros criados pareceram embaraçados e retiraram-se apressadamente para a outra extremidade do telhado.

As pessoas juntaram-se em volta da Mãe e tentaram convencê-la de que o *Titanic* tinha sido construído de uma forma nova que tornava impossível que algo o afundasse. Tudo o que isto conseguiu foi deixá-la zangada. «Não fiquem aí a olhar para mim! Façam alguma coisa! Seus tolos, eu consigo ver centenas de pessoas a debaterem-se na água gelada! Estão todos tão cegos que vão deixá-los afogar-se!»

Sussurrei à Iris: «O navio vai mesmo afundar-se?» Mas ela não respondeu até nos termos afastado e estarmos fora do alcance dos ouvidos. «Suponho que não», disse ela de forma consoladora. «A Mãe sempre teve medo de naufrágios porque a sua melhor amiga e a filha dessa amiga estavam num navio chamado *Waratah*, que desapareceu sem deixar rasto.» Durante os cinco dias seguintes, todos tiveram o cuidado de não mencionar o *Titanic*, mas a Mãe andava nervosa e o Pai parecia atormentado. Deve ter sido quase um alívio para ela quando todos souberam que o *Titanic* tinha colidido com um icebergue; não era, de longe, tão solitário como esperar que acontecesse.

Lembrei-me de tudo isto tão claramente enquanto tomava banho que, quando eles subiram do jantar, saí sorrateiramente da cama e escutei à porta da sala de estar. «Bem, é o melhor que consigo fazer», dizia o Pai resignadamente. «Falei com quase toda a gente no escritório da Cunard, mas o único alojamento alternativo que puderam oferecer foi para uma partida depois de amanhã... no mesmo navio.» «Oh, não faz mal», disse a Mãe calmamente, «o *Lusitania* não se vai afundar antes da viagem em que íamos. Suponho que será torpedeado, pois está calor demais para haver icebergues. Pobres criaturas, tenho tanta pena deles! No entanto, não há nada que possamos fazer em tempo de guerra, por isso é melhor ir dizer à Kate para começar a fazer as malas.»

A Mãe ficou tão aliviada com a mudança de planos que nem sequer se incomodou quando ele lhe disse sombriamente que teríamos todos de viajar em cabines muito inferiores. A Margery resmungou um pouco por ter de partilhar o quarto com a Iris, a Kate e eu, mas eu achei muito mais divertido subir um pouco para um beliche do que dormir num camarote numa cama comum. Os pais tinham uma cabine de dois beliches ao lado.

Havia tanta bagagem lá dentro que o Pai tinha de saltar por cima de um baú-guarda-roupa para chegar ao seu beliche — o que deve ter sido

cansativo para ele, pois tinha de estar sempre a saltar para fora para dar pílulas de *nux vomica* à Mãe, tiradas de um estojo de medicamentos em marroquim azul com dezenas de frasquinhos. A Mãe tinha-se tornado recentemente uma homeopata muito fervorosa.

Não foi nem de perto tão agradável como a viagem de ida. O navio fez muitos ziguezagues quando fomos perseguidos por submarinos; e o Pai disse à Mãe — o que foi bastante indelicado da parte dele — que tinha ouvido um dos oficiais do navio dizer a outro que provavelmente se afundariam. Júlio Verne — felizmente eu tinha comprado o volume que continha *Vinte Mil Léguas Submarinas* — foi um grande consolo quando os outros estavam demasiado ocupados a estar enjoados para eu conseguir dormir confortavelmente. Quando não conseguia evitar pensar em submarinos, imaginava-me a jantar com o Capitão Nemo no *Nautilus*; com o Pai sentado do outro lado dele, a fumar um charuto de algas.

Não havia outras crianças a bordo e, como o Pai passava a maior parte do tempo com outros homens em conversas de adultos sobre a guerra, fiz amizade com o Hal, o moço do elevador. Ele desenhava muito bem, especialmente caricaturas, e deixava-me conduzir o elevador para que pudesse continuar os seus desenhos. Estava a fazer um particularmente engraçado de um velho que dormia de boca aberta num sofá em frente ao elevador, quando o velho acordou e o apanhou em flagrante. Em vez de ficar zangado, achou piada e disse que era um editor de Nova Iorque e que daria ao Hal um emprego muito bom no seu jornal.

O Hal aceitou entusiasticamente — sempre quisera ser artista — mas disse que tinha mais duas viagens a fazer para terminar o seu contrato. O editor elogiou-o por ser tão consciencioso e comprou a caricatura por vinte dólares. Fiz tudo o que pude para que o Hal prometesse ficar na América assim que lá voltasse. Mas não serviu de nada. Ele disse que pareceria que tinha medo de ser torpedeado e que me enviaria um postal para provar que eu estava apenas a fazer fita.

Nunca recebi o postal. Um pouco mais tarde, a Mãe encontrou uma senhora idosa a subir penosamente as escadas num hotel e perguntou-lhe porque não usava o elevador. «Nunca ando em elevadores», disse a senhora. «Estava no *Lusitania* quando foi torpedeado. A explosão fez encravar as portas do elevador e todas as pessoas lá dentro morreram afogadas como ratos numa armadilha.» O Hal deve ter sido um dos pobres ratos queridos que não quiseram deixar o navio que se ia afundar.

## CAPÍTULO OITO

## O INFERNO NA TERRA

Pelo verão de 1915, o Pai estava a trabalhar para o Departamento de Invenções de Munições do Ministério da Guerra e só vinha a Seacourt aos fins de semana. Por isso, pensei que poderia ser divertido ir para um colégio interno, tendo lido recentemente várias histórias escolares de Angela Brazil. Estas tinham sido uma mudança agradável após uma dieta mais sólida de H.G. Wells e Conan Doyle, e de ter desbravado dez volumes do Capitão Marryat, o que tinha sido bastante difícil — exceto por *Mr. Midshipman Easy*.

Só perseverei com Marryat porque o Pai achava que eu ia gostar deles, e depois ele passou-me para W.W. Jacobs, histórias de mar sobre «velhos lobos do mar» que estavam sempre a mascar tabaco. Experimentei com o interior de quatro cigarros turcos, mas o tabaco neles devia ser do tipo errado para mascar, pois fiquei muito enjoada e tive uma dor de cabeça tão forte que fiquei de cama uma semana.

O Dr. May pensou que era um golpe de calor até perceber que era apenas envenenamento por nicotina; mas a teoria do golpe de calor ficou na mente da Mãe e, depois disso, ela estava sempre a insistir no uso de chapéus. A escola para onde fui no período de outono ficava perto de Great Missenden, em Berkshire. Quando soube que ia para lá, fiquei feliz e entusiasmada, pois agora que o John tinha ido para a escola preparatória não havia ninguém perto da minha idade com quem brincar, exceto durante as férias.

Se eu tivesse tido clarividência, como a Mãe sobre o *Lusitania*, teria sabido que estava deliberadamente a permitir que me enviassem para o inferno.

Os demónios estavam disfarçados de raparigas comuns, em blusas de flanela branca e túnicas de ginástica a condizer com as suas cuecas de sarja azul-marinho. Tinham sociedades secretas e piadas privadas e o seu próprio

código incompreensível, e reconheceram instantaneamente que eu tinha sido educada de uma forma diferente e que não me deveria ser dada oportunidade de me juntar ao rebanho. No início, as professoras eram simpáticas para mim porque eu era boa nas aulas, mas logo elas também azedaram.

Havia dezenas de regrinhas parvas. Supunha-se que todos se denunciassem a si próprios e colocassem uma marca preta ao lado dos seus nomes no «Livro de Confissões» se tivessem falado após o Apagar das Luzes ou tocado no papel de parede novo ao subir ou descer as escadas. Se houvesse mais de dez marcas pretas, isso significava cem linhas de castigo no fim da semana. Escrevi tantas linhas que a minha caligrafia tem sido difícil desde então.

Fui escrupulosamente cuidadosa ao dar a mim própria marcas pretas, pois achava que era como ser posta sob palavra de honra, por isso a minha consciência estava limpa quando a diretora se dirigiu a toda a escola após as orações da manhã. Anunciou de forma bastante descarada que Deus estava muito desapontado porque alguns dos seus alunos não estavam a confessar os seus pecados, e que Ele tinha enviado um passarinho para lhe segredar ao ouvido e dizer-lhe os nomes dos malvados.

Havia um pesado candelabro pendurado no teto acima da cabeça dela, mas eu já tinha aprendido por esta altura que era improvável que Deus o fizesse desabar para a castigar, e a pomba que Ele usava era um pássaro demasiado pacífico para lhe arrancar a orelha à dentada, embora ela a tivesse acusado publicamente de ser uma fofoqueira. Ela estava deliberadamente a ensinar as crianças a odiar Deus: por isso, devia estar a trabalhar para o Diabo! Algo tinha de ser feito, e depressa.

Rezei para que Deus escolhesse algum outro campeão para lutar por Ele, mas não houve um vislumbre de indignação nas filas de rostos inexpressivos, nem um pio de protesto. A tremer de terror, consegui pôr-me de pé. «A senhora é uma velha malvada!», gritei. «Deus nunca enviou a Sua pomba para a denunciar — por uma mentira tão negra. Ele devia matá-la fulminada!»

Depois disso, os meus únicos amigos eram seis minhocas — tinham sido três minhocas antes de uma criança particularmente horrível as ter cortado ao meio —, que eu guardava numa lata debaixo de uma pedra no jardim de rochas; e dois bichos-pau que me tinham sido dados pela professora de Botânica. Os bichos-pau faziam pequenas bolinhas pretas na sua caixa que eu pensei serem ovos, por isso fiz um ninho de algodão para

elas e colei-o ao peito com adesivo, esperando que o calor as ajudasse a eclodir. Após cerca de uma semana, uma das prefeitas encontrou-o e deu gargalhadas: as pequenas bolinhas pretas eram apenas dejetos de bicho-pau.

Os dias eram de uma miséria fria e cinzenta, mas as noites eram ainda mais solitárias, pois tinha de dormir num dormitório com outras seis raparigas, por isso a Jennie nunca me vinha visitar. Antes do meio do período, decidi fugir. Isto precisava de um planeamento cuidadoso, pois não podia fugir para a cidade e apanhar um táxi porque as notas de três libras que o Pai me tinha dado tinham sido «guardadas em segurança» mal cheguei, e eu não podia viajar para longe com seis dinheiros de semanada.

Descobri através de um motorista de carrinha simpático que o último comboio para Londres partia às três minutos depois da meia-noite. Se eu me escondesse nele, não haveria comboio até de manhã para que uma professora me seguisse. Não deveria ser muito difícil, pois os rapazes nos livros eram muitas vezes passageiros clandestinos em navios, e nos comboios deveria ser ainda mais fácil.

Ninguém me ouviu descer da varanda. Felizmente havia um gradeamento de ferro trabalhado ao qual atei uma escada de corda feita de cordas de saltar roubadas do ginásio. Corri silenciosamente pela berma de relva da avenida — esta era a pior parte, pois supunha-se que era assombrada — e cheguei a tempo à estação. Não havia ninguém por perto e as luzes da plataforma eram muito fracas, por isso escondi-me até o comboio chegar e enfiei-me na carruagem de bagagens, agachada atrás de uns bidões de leite.

A carruagem nem sequer foi aberta nas duas estações seguintes. Eu estava com frio, mas tremendamente entusiasmada com o pensamento de como o Pai ficaria feliz por me ver quando eu chegasse a tempo de tomar o pequeno-almoço com ele no *Royal Automobile Club*. Não tinha ansiedades sobre como lá chegar, pois em Paddington apanharia um táxi e diria ao porteiro para o pagar.

Depois ouvi vozes. As portas da carruagem correram e um homem entrou com uma lanterna. Eu estava bem escondida, mas ele encontrou-me. Na plataforma estava um polícia. Eu não tinha contado com a terrível ingenuidade das professoras. Tinham encontrado a corda e adivinhado que eu me dirigia para Londres; enquanto as estradas perto da escola estavam a ser revistadas em carros, elas tinham também avisado as esquadras de polícia ao longo da linha.

«Covarde, covarde! O pobrezinho do bebé não aguenta estar longe da mamã!», entoavam os demónios. Pelo menos não podiam acrescentar o insulto de «chorona», pois o meu nariz sangrava frequentemente, por isso eu guardava um lenço manchado com tinta vermelha no bolso para o poder aplicar na cara e sair apressadamente da sala quando sentia aquele aperto horrível no peito que significa que se está tão cheia de lágrimas que nada pode impedir que transbordem. Numa tentativa de provar que não era covarde, desafiei a maior valentona disponível para seis assaltos sem luvas — de qualquer forma não havia luvas de boxe no ginásio. Para minha surpresa, ela aceitou prontamente e concordou em lutar comigo no dormitório à meia-noite. Quando disse que iria buscar os meus doces ao armário na sala de jantar para fornecer refrescos aos espectadores em volta do ringue, um bom número de raparigas disse que arriscaria vir assistir.

Era Estritamente Proibido levar os próprios doces, ou os de qualquer outra pessoa e, por muito generosa que fosse a caixa, apenas três doces eram distribuídos após o almoço de cada dia por uma professora, e o resto era deixado a ficar rançoso. Consegui as minhas três caixas de chocolates, e um bolo de ameixa numa lata que a Mãe enviara no dia anterior, sem qualquer dificuldade porque tinha muita experiência em mover-me silenciosamente por uma casa às escuras.

Cerca de trinta raparigas, a sussurrar e a rir, estavam no dormitório quando voltei, e ajudaram-me a mover a mobília e a marcar um ringue no linóleo com pasta de dentes. A minha oponente estava a regozijar-se, sendo quatro anos mais velha do que eu e treze quilos mais pesada, mas eu tinha atrás de mim o peso incalculável do Sargento-Mor Spencer. Disse-lhe as regras do Marquês de Queensberry, ou o que me conseguia lembrar delas, e ela concordou em respeitá-las. Se a conhecesse melhor, teria começado com uma moeda no punho, pois ela fez batota abominavelmente, arranhou, pontapeou, mordeu e até me puxou o cabelo.

Eventualmente perdi a paciência e esfoluei os nós dos dedos na cana do nariz dela. O seu nariz parvo nem sequer ficou partido, embora jorrasse sangue. Em vez de sorrir quando tentei apertar-lhe a mão, ela deu um guincho, e uma das pequenas feras correu a chamar a diretora. A diretora arrastou-me pelo cabelo para uma casa de banho e disse que eu passaria a noite lá, fechada à chave, e de joelhos a implorar a Deus que me perdoasse pelos meus pecados. Felizmente havia um armário com toalhas de banho limpas; por isso fiz para mim uma cama confortável na banheira e desfrutei da primeira noite privada e pacífica desde que chegara à escola. Sentia-me

tão virtuosa que soube que Deus estaria satisfeito, mas não tinha a certeza se devia agradecer a Ele ou ao Sargento-Mor Spencer pela minha vitória, por isso agradeci a ambos.

O rumor de que eu tinha atacado a prefeita sem provocação e enquanto ela dormia espalhou-se rapidamente pela escola, e eu fiquei mais impopular do que nunca. Escrevi cartas angustiadas para casa, implorando que me tirassem de lá, mas, embora a possibilidade nunca me tivesse ocorrido, as cartas foram destruídas pela professora que as censurava antes de serem seladas. A Mãe enviou-me um livro chamado *Misunderstood*, sobre um rapaz para quem todos eram horríveis até ele morrer, altura em que todos se sentiram terrivelmente arrependidos. Como nem o Pai nem a Mãe sequer mencionavam a minha miséria nas suas cartas, eu teria de lhes dar uma lição severa, e poderia fazê-lo morrendo.

Claramente, no meu olho mental, via-me deitada num caixão, enquanto os meus pais de coração duro se ajoelhavam a soluçar junto ao meu féretro, que estava envolto em luxuosas flores brancas. Depois de os seus corações estarem devidamente derretidos, eu aparecer-lhes-ia, um fantasma angélico e belo, e sorriria o meu perdão antes de flutuar graciosamente para algum reino mais feliz onde eu seria plenamente apreciada. Estava a considerar métodos de pôr este plano em prática — não gostava nada da vista de sangue para abrir uma veia na banheira como um romano, e tinha demasiado medo de alturas para apreciar atirar-me da varanda — quando uma professora forneceu a solução ao dizer que, se eu andasse por aí sem um roupão, apanharia uma pneumonia mortal.

Esperei até as outras raparigas estarem a dormir e depois fui para a varanda em camisa de noite e despejei um jarro de água sobre mim própria.

Estava um frio de rachar e obriguei-me a ficar lá fora até que a camisa de noite congelasse o suficiente para crepitar. Estava determinada a fazer um trabalho realmente bem feito para apanhar pneumonia e não ficar apenas ainda mais miserável com uma constipação de nariz a pingar.

Exceto pelo facto de que ter uma pneumonia bastante grave é desconfortável, o plano funcionou admiravelmente. A Mãe foi buscar-me numa ambulância e, embora eu estivesse ligeiramente delirante, soube que ela estava a dar à diretora e à matrona uma boa e generosa fatia do inferno que eu tinha sofrido no seu colégio interno.

## CAPÍTULO NOVE

## SERVIÇO NOTURNO

Durante a maior parte do resto dos anos da guerra, estive ou em Seacourt, onde frequentei a escola de dia das Irmãs Baker, «Um Seminário para as Filhas de Cavalheiros», como era descrito numa placa de latão na porta; ou num estabelecimento igualmente inócuo em Brighton, onde tivemos brevemente uma casa mobilada para que o Pai pudesse vir de Londres todas as noites. Eu era uma aluna modelo até ao ponto da presunção, ganhando prémios de bom comportamento por pontualidade e asseio.

Em Hayling até participei no *net-ball*, que eu considerava um jogo tão ridículo que estava sempre a pensar noutra coisa qualquer quando era suposto estar a correr atrás da bola. Governatas inglesas eram impossíveis de obter, pelo menos para nós, pois todas preferiam de longe o trabalho de guerra, por isso tive *Mademoiselles* que eram refugiadas.

Uma delas era cleptomaníaca e outra tinha lombrigas... «*Tout le monde* tem lombrigas», gritou ela indignada quando confrontada pela Mãe. «As compridas, as curtas e as redondinhas — eu tenho-as todas.» Foi enviada para uma casa de saúde para se livrar delas, e a sua sucessora quase conseguiu convencer a Mãe a banir Vodka, o meu *bull terrier*, do meu quarto.

Naturalmente, o Vodka ganhou-lhe aversão, tal como o Joey e o Freddy, os saguis da Mãe, que costumavam sentar-se alegremente a mastigar larvas na calha dos quadros até ela passar pela porta, dando então um salto em voo para cima da cabeça dela. Se ela ficasse quieta, eu conseguia desembaraçá-los com facilidade do seu penteado elaborado, mas se ela gritasse, eles assustavam-se e faziam sujidade, o que punha fim às lições de francês pelo resto da noite, pois ela demorava uma eternidade a lavar o cabelo.

A escola e as *Mademoiselles* eram apenas a casca exterior da minha vida neste período; o que estava a acontecer a outra parte de mim própria era muito mais difícil de enfrentar. De uma forma comum, a guerra fazia pouca diferença para mim, pois não tinha parentes próximos na frente de batalha. Sempre houvera muitos visitantes: agora usavam farda, pois mais de uma dezena de oficiais estavam aquartelados em Seacourt depois de uma escola de pontaria ter sido estabelecida na ilha.

A Mãe gostava de cuidar de doentes, por isso não havia nada de invulgar em ter inválidos e enfermeiras hospitalares em casa, embora agora

os pacientes estivessem feridos. Mas comecei a ter sonhos de guerra, que se tornavam cada vez mais detalhados e vívidos, por muito que eu tentasse impedi-los.

Costumava ver-me num campo de batalha, adulta e geralmente com o uniforme de enfermeira da Cruz Vermelha, embora ocasionalmente fosse maqueira. Sabia que me tinha apresentado ao serviço e recebido ordens específicas; ou para explicar a um homem que acabara de ser morto que ele estava em segurança por estar morto, ou para o encorajar a regressar a um corpo que ainda não devia morrer, embora estivesse gravemente ferido.

No início, a recordação dos sonhos não era mais agradável do que fora recordar a ida até ao homem cujos pés tinham sido decepados por um comboio do metropolitano, e tentei lembrar-me deles mais claramente. Muito em breve rezei para não me lembrar de todo, mas era tarde demais. Tinha de me aproximar tanto da pessoa que tentava ajudar que me tornava parte dela; sentindo, vendo, temendo como ela, até conseguir, tão lentamente, instilar nela a minha própria fé e assim libertar-nos a ambas do pântano de dor e terror.

Lembro-me de rastejar por um mar de lama com sangue a escorrer-me da boca e dos ouvidos. Lembro-me de estar deitada num buraco de obus em cima de um cadáver em putrefação com o meu braço arrancado pelo cotovelo. Lembro-me de estar pendurada em arame farpado enferrujado e tentar enfiar as viscosas serpentes roxas das minhas entranhas num buraco na minha barriga.

Se eu tentasse contar a alguém os meus sonhos, isso preocupava-os ou até os assustava. Eu era uma «criança imaginativa». A guerra não devia ser mencionada na minha presença. Fui proibida de ler jornais... Como se eu quisesse ler sobre a guerra! A Iris tentava confortar-me dizendo que os soldados mortos em combate iam diretos para o céu, e eu tentava partilhar a sua teoria reconfortante de que as listas de baixas eram compostas por pessoas que tinham levado um tiro limpo na testa ou que tinham sido feitas em pedaços como o Billy.

Talvez eu tivesse sido capaz de me convencer de que a Joan comum não estava a exagerar os horrores que via se não tivesse visto as fotografias tiradas por Glory Hancock. Ela era casada com o primo direito do Pai, Mortimer, e era outra das minhas pessoas favoritas. Desde o início da guerra que era enfermeira da Cruz Vermelha, trabalhando tão perto da linha da frente que ganhara condecorações por bravura que habitualmente só eram atribuídas a homens*.

No início de agosto de 1916, ela veio a Seacourt por um par de noites para deixar Westray, o seu filho, connosco para as férias de verão. Ele era dois anos mais velho do que eu e fora um aliado firme desde que, aos seis anos, atirara uma das suas botas de futebol a uma ama que me estava deliberadamente a puxar o cabelo. Acertou-lhe na cabeça e deixou-a inconsciente.

«A Glory vai para a América de licença», disse o Westray. «Oficialmente vai visitar o Avô Battle na Carolina do Norte, mas a verdadeira razão por que vai é para espicaçar os americanos a ajudarem-nos a acabar com a guerra.» «Como é que ela os vai espicaçar?» «Com fotografias — fotografias que ela tirou em postos de triagem e hospitais. Ela não sabe que eu as vi, mas vi, e são verdadeiramente pavorosas.» «Posso vê-las?» «Não, dariam-te pesadelos.» «Pesadelos!», disse eu desdenhosamente. «O que é que tu sabes sobre pesadelos?» «Isto não são pesadelos. São soldados feridos reais, soldados que a Glory ajudou a operar e de quem cuidou, e alguns teve de os coser em cobertores para serem enterrados quando, apesar dela, morriam.» «Não acredito que fotografias possam ser nem de perto tão horríveis como sonhos. Desafio-te a mostrar-mas.»

E ele mostrou. Estavam fechadas na mala da Glory, mas ele sabia onde ela guardava a chave. Quando eu era o meu eu real nos sonhos, por vezes tinha muito medo, mas conseguia encarar o medo e lutar contra ele. Quando acordava, era apenas a Joan, uma criança de nem onze anos, indefesa contra a memória de visões, e medos, e cheiros. Os cheiros eram por vezes tão persistentes que eu tinha de correr para a casa de banho para vomitar.

Para me manter acordada, costumava baixar as calças do pijama e sentar-me na tira fria de *parquet* entre o tapete do quarto e o do corredor, mudando para outra zona fria quando a primeira aquecia. Arrancava cabelos do couro cabeludo. Enfiava fósforos debaixo das unhas. Mantinha as pálpebras abertas até a pele ficar tão esticada que, aos dez anos, estavam tão enrugadas como as de uma velha. Demorei muito tempo a aprender que, mesmo quando o sono parece ser um inimigo, é inútil tentar escapar-lhe.

Tentando cortar com a minha vida de sonhos, comportava-me como uma colegial presunçosa; pois ansiava por estar segura e ser comum, uma unidade numa fila, um número numa turma, um nome gravado com um canivete numa secretária manchada de tinta. Mas o anseio não me impedia

de sonhar. Certa manhã, desci tarde para o pequeno-almoço. Estava um jovem ainda à mesa e mais ninguém na sala.

Era apenas mais um homem de cáqui, mas a solidão de manter os meus sonhos em segredo era tão aguda que eu disse: «De alguma forma, sei que não te vais rir de mim. Ontem à noite estive com um homem chamado McAndrew quando ele foi morto. Consigo descrever o emblema do regimento, embora não consiga lembrar-me do nome do regimento, exceto que não era um inglês. E posso dizer-te o nome coloquial da trincheira dele.»

O jovem não se riu. Em vez disso, identificou o regimento pela minha descrição. Era canadiano. Pouco depois, escreveu ao Pai: «Pelo amor de Deus, não se ria da criança. Não posso tentar uma explicação, mas verifiquei o que ela disse. Um batalhão desse regimento avançou num ataque noturno algumas horas antes de ela me ter contado ao pequeno-almoço. Um soldado chamado McAndrew estava entre os mortos. Ela estava correta até no nome local da trincheira da linha da frente.»

O Pai não me falou da carta até anos mais tarde. Duvido que tivesse ajudado muito se o tivesse feito. Tornou-se mais fácil não recordar os meus sonhos de forma tão vívida depois de a Diana vir morar connosco por causa dos ataques de Zeppelins a Londres. Ela era a minha melhor amiga desde antes de eu partir a perna a caminho da festa de aniversário dela. As férias de verão, quando os Beddard alugavam uma casa mobilada em Hayling e eu via a Diana e o seu irmão Michael todos os dias, eram a melhor parte dos anos; mas era ainda melhor tê-la hospedada em Seacourt. Quando era mais nova, usava bibe de folhos, que nunca se rasgava nem sujava, embora subisse às árvores melhor do que eu. A Florence, a sua ama, escovava-lhe o cabelo comprido à volta de um pau de buxo em canudos brilhantes como açúcar de cevada. Agora usava uma fita de veludo como a *Alice no País das Maravilhas*, mas os seus olhos azuis tinham a mesma expressão cândida que sempre dera tanto jeito para nos defender dos adultos.

Após o seu primeiro dia na escola das Irmãs Baker, ela decidiu que seria uma perda de tempo continuar a ir às aulas. «Mas como é que nos livramos disso?», disse eu duvidosamente. «Acabei de me livrar da última *Mademoiselle*, e ela era horrível. A Mãe está a deixar a tua Florence cuidar de mim, mas se ela arranjar uma governanta...» «Deixa comigo», disse a Diana com vivacidade. «Dentro de quarenta e oito horas serei expulsa. Depois podemos ter uma governanta diária como eu tenho em Londres. Elas saem logo a seguir às lições e praticamente não dão trabalho.»

Duvidei que ela o conseguisse, pois eu nunca tinha alcançado uma solução tão simples, apesar de todos os meus esforços no colégio interno. Subestimei a Diana. Na manhã seguinte, após as Orações, ela deitou-se ordenadamente sobre um tapete no átrio de entrada da escola e começou a gritar. Gritava quando as professoras se reuniam para perguntar o que se passava. Gritava quando as crianças vinham das salas de aula para olhar. Gritava quando os pais de uma futura aluna chegavam à porta principal e se iam embora apressadamente sem sequer esperar para entrevistar qualquer das Irmãs Baker. A única altura em que parava de gritar era durante a hora de almoço. No momento em que o gongo soava, ela descia calmamente as escadas, lavava o rosto e as mãos, e comia cada pedaço no seu prato; de modo que as professoras não se podiam consolar pensando que ela tinha uma dor de barriga.

No segundo dia, seguiu a mesma rotina. A Menina Baker deu-me um bilhete para a Mãe. Implorava que ela retirasse a «criança difícil que está com a querida pequena Joan, pois receamos que não esteja a ter uma boa influência sobre as outras raparigas». A Mãe ficou tão ofendida com este insulto gratuito à filha angelical da querida Maud que nunca mais nenhuma de nós passou pelos portais do Seminário para as Filhas de Cavalheiros.

A nossa governanta diária vinha de Portsmouth todos os dias no cacilheiro e era uma boa alma, por isso éramos muito simpáticas para ela. Foi um golpe quando os ataques pararam — ou então as pessoas habituaram-se tanto a eles que passaram a ser ignorados — e a Diana voltou para Londres.

O Pai tinha estado em Birmingham a ajudar o «Skipper» Wilson a inventar os Tanques, mas agora estava de volta a Londres, por isso, em setembro de 1918, fomos todos para um *maisonette* mobilado em Baker Street. Não havia espaço para uma governanta residente e a Mãe decidiu enviar-me como aluna externa para um convento em Cavendish Square.

Eu fora batizada duas vezes: uma como católica romana por uma fervorosa senhora que por acaso estava hospedada em casa quando eu era bebé, e que me levou à pressa à igreja dela para salvar a minha alma quando descobriu que o Pai não tinha intenção de me batizar; e uma segunda vez pela Igreja de Inglaterra, pois ele achava que as duas cerimónias, que ele considerava bárbaras, se anulariam uma à outra.

A única freira que eu conhecia era a Irmã Arsène, que era a enfermeira-chefe do bloco operatório no Hospital Francês em Londres. Um dos médicos consultores de lá, o Dr. Septimus Sunderland, que fora o

médico da Mãe quando eu nasci, costumava enviá-la para nossa casa quando ela precisava de descanso. A primeira vez que ela veio não deve ter sido muito repousante, pois foi para cuidar de mim durante o primeiro mês depois de eu partir a perna. Eu adorava-a, pois ela era muito compreensiva quanto aos pesadelos e deu-me uma imagem de um anjo que, segundo ela, me protegeria enquanto eu dormia, ficando à cabeceira da minha cama, e uma medalha da Irmã Teresa de Lisieux, que era chamada A Florzinha porque enviava rosas do céu que se transformavam em milagres. Por isso, esperava ser feliz num convento.

Mas não fui feliz. Estava aterrorizada. As freiras com os seus rosários pretos a chocalhar nas dobras dos seus hábitos pretos, o túnel subterrâneo ressoante que ligava as duas casas em Cavendish Square, as batas pretas disformes que tínhamos de usar, formavam o cenário de um terror que era tanto mais terrível quanto ilógico. Porque tinha eu tanto medo? As freiras eram gentis. As outras raparigas não me maltratavam. As lições eram fáceis.

Porque sentia eu que algo de horrível me ia acontecer ali? Não descobri que o que eu temia pertencia não ao futuro, mas ao século dezasseis, até estar a escrever *Life as Carola* quase vinte anos mais tarde. Tudo o que podia fazer na altura era rezar freneticamente para escapar ao purgatório diário da caminhada pela Wigmore Street, ao horror das portas a fecharem-se atrás de mim. Ao décimo primeiro dia as minhas preces foram ouvidas, ao apanhar a Gripe Espanhola.

Todos a apanhámos, exceto a Mãe, que cuidou de todos nós, pois tantas pessoas em Londres a tinham que não conseguíamos arranjar uma enfermeira. A criada morreu e o seu corpo ficou negro antes de o agente funerário poder vir buscá-lo. A Iris quase morreu também, de pneumonia dupla. Pelo início de novembro estávamos todos mais ou menos recuperados e, no dia onze desse mês, eu caminhava pela Baker Street com a Margery quando, de repente, ouvi os foguetes a rebentar. Senti lágrimas a escorrer-me pela cara. «A guerra acabou!», disse a Margery, e vi que ela também estava a chorar.

Por ruas que estavam cheias de gente a vitoriar, fomos todos nessa noite ao Restaurante Criterion e tivemos uma mesa à janela com vista para Piccadilly Circus. Connosco estava Dickie Pettle, por quem a Margery estava apaixonada desde que ele viera para Seacourt para ser cuidado depois de ter sido muito gravemente ferido. Ele não a tinha pedido em casamento, e eu sabia que isso a tinha deixado infeliz. Subitamente, a meio

do jantar, ele ergueu o seu copo de champanhe e disse à frente de toda a gente: «Margery, por favor, queres casar comigo?

Não podia pedir-te enquanto a guerra durasse, pois tinha medo de ser ferido outra vez e deixar-te com um aleijado nas mãos.» Ela disse: «Oh, sim, Dickie!» E o resto de nós saiu com taot para a varanda e deixou-os sozinhos. Parecia que toda a gente em Londres estava em Piccadilly Circus naquela noite, beijando-se, cantando, vitoriando, dançando, subindo a candeeiros, agarrando-se ao Eros. Mas algumas das pessoas que dançavam corajosamente estavam a chorar: para elas, o fim da guerra deve ter chegado tarde demais.

---

**Chevalier Ordre Couronne com o título Comtesse Hellancourt, Croix Civique, Croix de Guerre Belge, Croix de Guerre Française avec Palme, Ordre d'Elizabeth.*

## SEGUNDA PARTE

## CAPÍTULO UM

## INDÍCIOS DE MORTALIDADE

A Iris estivera noiva não oficialmente de Ronald Kershaw desde os seus dezoito anos, mas, como ele estava na R.A.F., a Mãe não o considerava um «bom partido», e por isso ela teve de esperar até aos vinte e um anos para casar com ele. Gostei de ser sua madrinha de casamento — a boda foi na casa de Emilie Grigsby em Brook Street — mas, agora que ela se tinha ido embora, eu sentir-me-ia mais sozinha do que o costume se a família Workman não tivesse vindo morar para Hayling.

Gostava muito de todos eles, embora a Kirsteen, que era três anos mais velha do que eu, e o Tommy, que era meu contemporâneo, fossem os meus aliados especiais. A Kirsteen andava num colégio interno na Escócia

e parecia gostar de estar lá, mas eu não tinha qualquer intenção de voltar para um, por isso aceitei de imediato a sugestão de ter aulas com o Sr. Lewis. Ele era um explicador e, até a Mãe o pressionar para me aceitar, os seus alunos eram todos rapazes. Ela fê-lo, creio eu, para se dar a si própria um fôlego das *Mademoiselles* e governantas.

Havia oito rapazes de treze ou catorze anos, a serem alimentados à força com informação depois de terem falhado a entrada nas Escolas Públicas pela porta da frente, e quatro mais velhos que tentavam entrar em Sandhurst. No início, os mais novos maltratavam-me e os mais velhos ignoravam-me, por isso, após cerca de quinze dias, decidi fazer algo a esse respeito. Compassos fixados ao antebraço com dois elásticos fortes, deixando as pontas sobressair pouco mais de um centímetro além da ponta do cotovelo, foram um golpe de génio.

As pontas estavam escondidas pela minha camisola, mas um encosto brusco arrancava um ganido sobressaltado de um vizinho prevaricador. Não teria sido justo deixá-los sofrer mais do que um olhar frio ou um sarcasmo mordaz da parte do Sr. Lewis, por isso, quando o perigo vinha desse lado, eu olhava de olhos muito abertos para a minha vítima e dizia: «Acho que o pobre Derek — ou Cecil, ou Valentine — foi picado por uma vespa», e exibia como prova uma vespa morta que eu trazia guardada sob o elástico da perna das minhas cuecas.

Experimentei táticas diferentes com os rapazes mais velhos, e consegui fazer dois deles acreditar que eu tinha sido cruelmente maltratada pelo outro, e assim incitei-os a travar um duelo; pelo menos era um duelo na minha imaginação, embora tenha sido apenas uma luta de punhos atrás do matagal, que terminou com um deles com um olho negro e o outro com o nariz a sangrar. Durante dois dias felizes, os meus campeões rivais competiram entre si para fazer os meus trabalhos de casa, mas na terceira manhã descobri que tinham sido suficientemente reles para comparar notas e estavam decididos a vingar-se.

«Vamos apanhar-te a caminho de casa e dar-te uma sova, sua pequena besta», sibilavam-me eles durante o intervalo. Provavelmente tencionavam apenas dar-me o susto que eu merecia, mas eu acreditei que estava em perigo de algo próximo do assassínio. Podia até ser assassínio! Se assim fosse, como decidi tristemente durante aquelas intermináveis lições da tarde, seria pouco consolo saber que eles seriam enforcados — mesmo que eu estivesse à espera no fundo do cadafalso.

Consegui uma vantagem de cinquenta metros saltando pela janela do vestiário e por cima do muro do jardim, mas eles estavam à espreita junto ao portão e viram-me antes de eu dobrar a esquina. O terror deu-me velocidade, mas eu sabia que nunca a manteria até chegar ao refúgio do portão das traseiras de Seacourt.

Por isso, esquivei-me para um horto e escondi-me numa estufa de pepinos. Felizmente havia muitas folhas nas plantas e o vidro estava caiado, por isso nunca me encontraram; embora os ouvisse a rondar e a murmurar ameaças terríveis, como o Sr. McGregor atrás do coelho Peter Rabbit. Durante a semana seguinte, tive de fingir que tinha uma entorse no tornozelo para que o Wilson me pudesse levar e trazer da escola de carro. Depois, os outros dois rapazes grandes tiveram pena de mim e forneceram-me uma escolta de bicicleta.

O Sr. Lewis, que durante muito tempo fora incapacitado pela artrite, deixou de aceitar alunos no final do ano. Assim, mais uma vez, tive uma série de governantas — velhas mulheres cansadas que se tinham esquecido de como ensinar, mas «que não davam trabalho na casa e cuidavam da roupa branca». Depois, em janeiro de 1921, o Pai foi para Pau para jogar ténis e levou a Mãe e a mim com ele. Ele tencionava ficar apenas quinze dias, mas contraiu um tipo virulento de gripe local e, por fim, ficámos lá quase três meses.

A *Mademoiselle* contratada para me levar a passear era triste e cheia de borbulhas, mas os dias eram animados jogando *Jeu de Paume* com um jovem profissional basco por quem eu secretamente nutria uma paixão, e sendo lisonjeada por franceses idosos que, nunca tendo visto uma mulher jogar aquele jogo, costumavam fazer ruídos de congratulação do *dedans* e dar-me ramos de cravos.

A Mãe lembrou-se subitamente de que quando, quatro anos antes, a Iris quase morrera de septicemia depois de espetar o polegar num roseiral, ela recuperara — após três operações — quando a Irmã Arsène lhe enviou uma garrafa de água benta da Gruta de Lourdes. Parecia agora claro para a Mãe que a doença do Pai se devia ao facto de ela e a Iris terem falhado em fazer uma peregrinação de gratidão a Lourdes; para ela, não parecia nada ilógico que Deus descarregasse o Seu aborrecimento com elas no Pai. Assim, mandou-se vir a Iris, que veio relutantemente porque teve de deixar o pobre Ronald sozinho em Calshot.

Eu estava ansiosa por ir a Lourdes, pois acreditava então, como acredito hoje ainda mais fortemente, em milagres e esperava ver um

acontecer. Mas Lourdes foi uma deceção amarga. Chovia a potes e os sapatos da Iris estavam tão molhados que a Mãe insistiu em parar no caminho para a igreja para lhe comprar um par seco, que era um número abaixo do dela e de um verniz muito feio. O Pai, que ficava sempre agudamente embaraçado em qualquer edifício religioso, olhava dedicadamente para as ofertas votivas nas paredes e tentava fingir que estava apenas num museu.

A própria Gruta era ainda mais deprimente. Duas velhas muito porcas lavavam as suas feridas ulceradas no poço e, de lá, outra enchia um frasco de remédio. As muletas penduradas batiam ao vento desolador — tão poucas muletas para todos os milhares e milhares de fiéis que ali tinham estado. «Espero que as pessoas tenham o bom senso de ferver a água antes de a beberem», murmurou o Pai irritado, «ou será realmente um milagre se não apanharem as doenças umas das outras.» «Alguns foram curados aqui», sussurrei-lhe eu, «senão não haveria muletas.» «Deus, se é que existe, o que eu duvido muito — como deve qualquer homem sensato que considere a crueldade e a miséria atrozes que existem no mundo — deve ser ubíquo», disse o Pai. «Ele é. Mas as pessoas não acreditam nisso. Precisam de rótulos para tudo antes que lhes pareça real... Querem que tudo o que é real seja sólido, e nunca o é.» A minha voz sumiu-se no silêncio, interrompido apenas por um grupo de monges de rostos tristes e encovados, fazendo tilintar as contas dos seus rosários. Foi um dia muito solitário.

No caminho de volta para Inglaterra passámos quinze dias em Paris, onde a Mãe teve laringite e o Pai quase me fez cair de cansaço a percorrer museus. As noites eram muito mais alegres, pois ele sentia que, depois do pão com manteiga da cultura, eu tinha merecido o bolo do *Folies Bergères* ou do *Moulin Rouge* em vez de terminar o dia na Ópera ou na *Comédie Française*. Tentando parecer menos uma colegial, comprei um batom e usei-o generosamente; o que o Pai me deixou fazer desde que eu o limpasse antes de voltarmos para o hotel. O batom revelou-se um erro, pois usei-o quando a Mãe relutantemente me deixou ir sozinha ver as vitrinas das lojas na Rue St. Honoré e na Rue de Rivoli enquanto o Pai estava ocupado. «Os franceses têm naturezas tão simpáticas», disse eu alegremente ao almoço. «Ficam genuinamente satisfeitos quando veem outra pessoa feliz.» «Como é que sabes?», inquiriu a Mãe desconfiada. «Porque quando sorrio para eles, eles retribuem o sorriso, e seis vezes esta manhã chamaram-me *une jolie petite fille de joie*. "Uma filha da alegria", não é uma forma simpática de dizer "tão contente por estares feliz!"?» A Mãe comprimiu os lábios e franziu a testa para o Pai, que ficou vermelho com o riso contido. «Não tem

graça nenhuma, Jack», disse ela severamente. «Qual é a piada?», perguntei ansiosamente. Mas eles não me contaram, e passou muito tempo até eu deixar de me ressentir da decisão parental de que não voltaria a sair sozinha em Paris.

O Pai tinha-me tratado como um igual mesmo quando eu era uma criança pequena, mas agora fazia-me a honra de me manter com ele quando as mulheres iam para a sala de estar depois do jantar. Se não houvesse visitas, jogávamos xadrez, para ser elogiada se conseguisse ganhar um jogo em cinco, ou para ser chamada de "Mocho Cozido" se falhasse uma jogada óbvia. Ficava encantado quando eu conseguia visualizar o jogo suficientemente bem para jogar sem olhar para o tabuleiro.

Muita da conversa que eu ouvia enquanto os homens bebiam o seu porto passava-me por cima da cabeça, mas como eu tinha uma memória fotográfica para diálogos, fragmentos de muitos assuntos foram-se encaixando gradualmente e formaram um padrão vasto, se bem que algo caótico. A raiz quadrada de menos um, as perspetivas de divisão do átomo, sociologia, desenvolvimentos na física, na técnica médica, a tudo isto eu ouvia absorta pois, como eram do interesse do Pai, tinham uma importância enorme para mim, uma fonte de conhecimento que, se eu conseguisse apenas adquirir, o deixaria tão orgulhoso de mim como se eu tivesse sido seu filho.

Sir Richard Gregory, F.R.S., editor da *Nature*, um amigo de longa data de H.G. Wells; Sir Theodore Cook, editor do *The Field*, com um olho cego e um rico manancial de boas histórias; C.G. Lamb, Professor de Engenharia em Cambridge, a quem eu amava mais do que a todos os outros; Tommy Horder, que viria a ser Lord Horder, o Médico Real, que me disse: «Nunca acredites cegamente em médicos, Joan, mas usa a tua faculdade crítica. Eu sou o maior diagnosticador de Inglaterra, e centenas dos meus diagnósticos estão errados.» A todos eles, e a muitos outros entre os amigos do meu pai, estarei sempre grata por terem conversado e me deixarem ouvir, e por nunca parecerem importar-se com a minha presença.

O único com quem eu não tinha de fingir ser um rapaz ou um embrião de cientista era o Sr. Lamb. Ele nunca tinha visto um fantasma, mas a Investigação Psíquica era um passatempo quase tão querido para ele como colecionar escaravelhos raros. Tinha sido amigo da Jennie e contou-me que, se o meu avô a tivesse deixado tornar-se uma pianista de concertos, ela teria sido mundialmente famosa. «A Jennie dá-me lições de música», disse eu, subitamente sem timidez para falar sobre o assunto. «O Pai sabe que eu

nunca seria uma pianista de primeira classe, por isso não faz sentido eu ter lições, mas a Jennie sabe que eu preciso de música e ensina-me. Às vezes ela toca piano comigo — música que é completamente diferente das melodias comuns que aprendi.»

Enquanto falava, soube que a Jennie estava na sala connosco, por isso fui para o piano dela. Música, música forte e apaixonada, fluiu das minhas mãos. Com o último acorde estrondoso, ela deixou-me. O Sr. Lamb parecia pálido e limpou a testa. «Extraordinário», disse ele. «Completamente extraordinário, mas inteiramente probatório. Sabes... Não, claro que não sabes, como poderias? Que isto que acabaste de tocar me era tocado frequentemente pela tua avó... Não o ouvia desde que ela morreu.» «Talvez eu o tenha ouvido num dos concertos da Sra. Workman. Ela tem frequentemente pianistas hospedados em Gothic Lodge.» «Isso com toda a certeza não aconteceu. Só existiu uma única cópia dessa música. Foi dada em manuscrito ao Czar da Rússia, que a enviou à tua avó.

Tenho um ouvido muito preciso, embora toque piano não como músico, mas como um matemático a operar uma pianola.» «Então devo ter ouvido a Jennie tocá-lo quando eu era bebé e lembrei-me. Os bebés lembram-se de muito mais do que os adultos acreditam.» Ele tirou a bolsa de tabaco e enrolou cuidadosamente um cigarro antes de responder. As suas mãos tremiam e ele entornou fios de tabaco no seu casaco de alpaca preto.

«A memória infantil seria a explicação lógica, se neste caso fosse possível refugiarmo-nos na lógica. No entanto, acontece que eu sei que o manuscrito dessa música, juntamente com vários outros manuscritos de valor semelhante, foi queimado dois anos antes de tu nasceres. Fiz o meu melhor para dissuadir a tua avó de tomar uma medida tão drástica, mas ela disse: "Meu caro Sr. Lamb, mais ninguém tocará a minha música agora que sei que nunca mais serei capaz de tocar piano".»

Havia lágrimas nos seus olhos e ele assoou-se ruidosamente para esconder a emoção. «Até depois de tu nasceres, eu era a única pessoa, além do médico dela, que sabia que ela sofria de um cancro inoperável... já se tinha espalhado do peito para o braço direito. Jennie Marshall não era apenas uma grande música, era uma mulher muito heroica. Obrigado por me convenceres de que ela ainda está viva.»

## CAPÍTULO DOIS

## PLANCHETTE

«A Joan será a primeira mulher universitária a obter um *First* no *Mechanical Science Tripos*», decidiram o Pai e o Sr. Lamb. E eu estava tão ansiosa por deixá-los orgulhosos de mim que aceitei a tarefa, tal como teria feito se eles tivessem querido que eu tentasse tornar-me uma trapezista ou andar de bicicleta no arame. «Mas tenho de ter uma governanta que pelo menos saiba o suficiente para me fazer passar no *Little Go*», lembrei-lhes eu.

Pois eles já visualizavam alegremente a sua entrada a vencer nas Apostas Escolásticas, porque o Sr. Lamb, que tanto preparava como avaliava o curso, teria treinado a sua poldra dando-lhe explicações à noite, prejudicando assim todos os outros concorrentes. Eu estava preparada para aguentar uma *blue-stocking* severa e antipática, provavelmente com óculos de aros de aço e um bigode forte. Mas, em vez disso, veio a Menina Griffiths. Ela era bela de uma forma celta, de cabelos pretos, e tão pequena que me dava apenas pelo ombro. Transbordava vitalidade e eu adorei-a; pois ela fazia a liga baça dos manuais brilhar como aço.

Durante quase um mês mantivemos rigorosamente os nossos papéis de Governanta e Aluna. Depois, uma noite, encontrei-a a correr desorientada pelo corredor vinda da sala de música; e soube que ela tinha mais medo da assombração do que eu própria. «Então também a sentes, Griffy!», exclamei. Nunca me tinha atrevido a tratá-la por nada menos formal do que Menina Griffiths antes. Ela arregaçou a manga direita. Eu tinha reparado que ela usava sempre mangas compridas, mesmo à noite, mas pensara que era apenas por não estar habituada a viver numa casa com aquecimento excessivo.

Uma mancha de nascença peluda, tão grande e tão preta como um morcego, envolvia-lhe o cotovelo direito. «Nasci numa aldeia galesa, com o sangue dos Príncipes de Cymry nas veias», disse ela com a sua voz ritmada e musical. «A parteira disse à minha mãe que esta marca em mim é o sinal de uma bruxa. Quase a primeira coisa de que me lembro é de ser ensinada a escondê-la até das outras crianças... É, claro, apenas superstição — mas é solitário ser temida como bruxa, por isso tornei-me matemática.» «Oh, querida Griffy», disse eu, abraçando-a. «Devemos ser melhores bruxas porque sabemos fazer trigonometria; e nenhuma de nós precisa de ter vergonha agora que somos duas a ter de ser muito mais espertas do que queremos.»

Tentámos enfrentar a assombração de uma forma científica. A Griffy, que tinha lido muitos livros sobre investigação psíquica, comprou uma *planchette*, uma pequena tábua triangular com uma roda em dois dos seus ângulos e um lápis espetado num orifício no terceiro. Revezávamo-nos a apoiar os dedos nela muito levemente e a esperar que ela fizesse «escrita automática». Comigo nunca se mexeu.

Com ela escrevia com veemência crescente, a princípio em letras tão grandes e espalhadas que se precipitava para fora da margem do papel almaço e derrapava na mesa polida, ou enterrava o lápis no pano. Depois passámos a dar-lhe folhas duplas de papel de forrar gavetas, até que ela aprendeu a escrever ordenadamente em três tipos de caligrafia completamente diferentes. A terceira destas ia da direita para a esquerda e, quando começou, pensámos que devia ser de alguém que tinha sido chinês, até descobrirmos que era apenas latim escrito ao contrário.

O mais interessante dos três escritores, e aquele que vinha mais frequentemente, era uma rapariga que tinha sido afogada por bruxaria no final do século dezassete, quando tinha vinte e três anos. Olhando para trás, acho que deve ter sido uma versão anterior da própria Griffy, mas curiosamente tal não ocorreu a nenhuma de nós na altura. Ela também tinha uma mancha de nascença, que fazia com que as pessoas a procurassem em busca da antiga sabedoria. Fazia poções de amor, que funcionavam porque ninguém se teria atrevido a consultar uma bruxa naqueles dias a menos que quisessem amor o suficiente para o fazer tornar-se realidade. Raramente lançava feitiços, e então apenas dos acinzentados, como pôr verrugas numa mulher que fosse cruel com gatos.

Foi depois da parte das verrugas que nos ocorreu que, se as verrugas podiam ser postas por bruxas, podiam ser tiradas pelos mesmos meios. Isto era relevante pois a Iris tinha quatro na planta do pé que tinham sido queimadas ou cortadas, e continuavam tão dolorosas como sempre passados um ano. Havia um velho vaqueiro na ilha de Hayling — tinha mais de setenta anos e nunca tinha ido ao continente — de quem se dizia ter magia para verrugas. Por isso, convenci a Mãe a deixá-lo tentar curar a Iris. Tudo o que ele fez foi esfregar-lhe o pé gentilmente com algumas folhas verdes e sussurrar um encantamento. Recusou-se a aceitar qualquer dinheiro e pareceu ofendido por lhe ser oferecido. Em três dias as verrugas caíram e ela nunca mais teve problemas com elas.

A eficácia da magia das verrugas encorajou-nos a tentar desassombrar a sala de música. A *planchette* era algo vaga quanto ao procedimento e

tinha tendência a divagar em latim, o que era cansativo pois algumas das palavras que usava não constavam no nosso dicionário. Decidimos fazer a nossa tentativa na véspera de São João, quando houvesse lua cheia e os pais estivessem em Londres. Fizemos um pentáculo com fita branca fixa ao chão por pionés de latão novos.

Em cada ponta do pentáculo tinha de haver ervas protetoras, mas como não conseguimos obter todas as que o escritor em latim queria, tivemos de nos contentar com o equivalente botânico mais próximo, e usar cebolinho em vez de alho. Os sete castiçais de prata foram fáceis, pois eu sabia onde a Mãe guardava a chave da arca da prata.

No início, não conseguíamos compreender por que razão eram necessários sete, quando um pentáculo tem apenas cinco pontas, mas a *planchette* assinalou, de forma algo ranzinza, que os outros dois deveriam ser segurados por nós, «dentro da proteção». As velas deveriam ter sido de «cera pura», o que a Griffy disse significar cera de abelha, por oposição às velas de sebo que, sendo de gordura animal, eram impuras. Fazer velas de cera de abelha revelou-se difícil demais. Levou uma eternidade até para fazer umas fininhas, e os pavios não ardiam como deve ser, por isso tivemos de usar as «*Price's self-fitting: sixes*».

Limpámos a fundo a sala de música e pusemos lá muitas flores. Felizmente, tínhamos escolhido o dia da festa local, por isso deixámos todas as criadas ir e dissemos-lhes que podiam ficar até tarde no baile que haveria depois. Limpámos os castiçais, primeiro com o pó de prata Goddard e depois, seguindo as instruções, dei-lhes um polimento final «nas coxas brancas de uma virgem». Depois lavámos o cabelo, cortámos as unhas rentes e tomámos banhos quentes especialmente longos com muito perfume na água: «O diabo detesta cheiros doces».

Até dei um banho à Vodka, só para jogar pelo seguro. Ela detestava a sala de música, por isso fechei-a no meu quarto para o caso de ela ficar preocupada comigo e vir arranhar a porta, interrompendo-nos num momento crucial. Se eu fosse mais experiente, tê-la-ia mantido comigo, pois os cães são rápidos a detetar avisos de perigo, como os canários nos submarinos.

A ceia foi apenas de vegetais verdes, pois estávamos em jejum. A Griffy disse que o jejum seria uma proteção adicional. Às onze e meia, eu ansiava que as criadas voltassem para que pudéssemos usá-las como desculpa para não prosseguir. A lua brilhava sobre o jardim das rosas quando corremos as pesadas cortinas vermelhas nas sete janelas. «Tens a

certeza de que não podíamos deixar nem uma janela aberta?», disse eu. Mas a Griffy foi irredutível. «Todos os livros dizem que os fantasmas se materializam muito mais facilmente num quarto fechado.»

Fiquei grata por o rito exigir velas, pois teria sido insuportável ter ficado ali às escuras. Durante quase uma hora, as velas arderam com clareza, e eu começara a sentir-me confiante de que nada ia acontecer. Depois, subitamente, o meu coração começou a latejar e senti o suor frio a escorrer-me pelo corpo. A Griffy estava a tremer, por isso soube que ela também o sentia.

Com uma voz trémula, ela começou a recitar o Pai Nosso. O terror era como uma parede negra à nossa volta, fechando-nos numa prisão — não, pior, numa sepultura. As velas oscilaram numa corrente de ar gélida e apagaram-se. Ouvi-me gritar: «Corre, Griffy! Corre!» Cegamente, na escuridão espessa, corremos, derrubando um castiçal, tropeçando nas escadas para a galeria, tateando a porta do corredor até que, por fim, encontrámos o manípulo.

Ambas passámos o resto da noite no meu quarto, com a Vodka na cama entre nós e todas as luzes acesas. E pela primeira vez ouvimos o fantasma a resmungar e a odiar ao longo do corredor, caminhando lenta e pesadamente até à porta do meu quarto. Uma hora depois do amanhecer, reunimos coragem suficiente para ir arrumar a sala de música. À luz fria do dia, o pentáculo parecia apenas algo parvo.

Quando soube que Sir Oliver Lodge e a sua esposa vinham hospedar-se, a Griffy e eu ficámos muito aliviadas. Embora para o Pai ele fosse o famoso físico, nós tínhamos lido o seu livro *Raymond*, sobre como ele estava frequentemente em contacto com o filho que fora morto na guerra, e pensámos que ele seria capaz de curar a assombração. Quase não me atrevi a mencionar-lhe o assunto durante vários dias, pois ele parecia não notar nada de estranho na sala; mas acabei por o fazer, depois de lhe fazer prometer que não diria nada aos meus pais. Contei-lhe uma versão expurgada, pois tinha medo que ele pensasse que a Griffy era uma governanta inadequada se soubesse que ela me tinha incentivado a enfrentar espectros.

«Vês alguma coisa ali?», perguntou ele com o seu sorriso bondoso. «Não o vejo com frequência, graças a Deus — apenas algumas vezes. É um monge com olhos azuis gélidos. Parecem brilhar na sombra do seu capuz, que está sempre puxado para a frente sobre a testa. Mas sinto-o

frequentemente — e outras pessoas também — e ouço passos. Os passos são por vezes piores do que tudo o resto.

Sei que parece parvo, ter um monge numa casa tão moderna.» «De modo nenhum», disse ele de forma consoladora. «O espírito inquieto não tem conhecimento de qualquer edifício posterior ao seu próprio tempo. Poderia citar dezenas de exemplos.» Ele citou-os, e achei muito reconfortante um grande cientista falar com tanta naturalidade sobre coisas que eu aprendera a manter em privado, exceto com a Griffy. «Mas promete não contar aos meus pais? Preocupa-os quando vejo coisas que as outras pessoas não veem; e a vida será muito mais fácil quando eles pensarem que eu já não tenho idade para isso.» «Certamente, eu prometo.

Acho que a melhor coisa que posso fazer é sugerir à sua Mãe que faça algumas sessões com uma médium que estive a investigar recentemente, uma Sra. Johnstone. Ela quase certamente entrará em contacto com o seu fantasma e, uma vez que ele consiga contar a sua história, deixará, sem dúvida, de vos incomodar a todos.»

A Sra. Johnstone veio e ficou quinze dias. Mas apesar de todos os seus adereços... uma trombeta que era posta debaixo de água corrente da torneira da banheira para «refrescar a voz do guia espiritual», uma lamparina com abajur vermelho, hinos no gramofone, a única «manifestação» que produziu foi a sua própria voz, variada por uma ventriloquia bastante hábil. Havia habitualmente cerca de uma dúzia de «assistentes». Todos eles, exceto a Griffy e eu — que sentíamos que não havia nada menos sólido do que a Sra. Johnstone e a sua trombeta por trás dos «fenómenos» — e o Pai, cuja faculdade crítica era demasiado aguçada para ser embotada por charlatanice, assinaram com toda a sinceridade papéis para serem enviados à Sociedade de Investigação Psíquica, atestando que a médium era genuína porque tinham ouvido a voz dela e a do seu guia espiritual a falar simultaneamente. Um ano depois, após uma zanga com Sir Oliver, a Sra. Johnstone gabou-se perante ele do facto de ser uma fraude que se tinha divertido imenso com a credulidade dele e dos seus colegas investigadores.

Outros médiuns, amadores e profissionais, vieram a Seacourt nos meses seguintes. O espiritismo estava na moda na altura e, nos lares mais comuns, as «mesas girantes» eram um jogo de pós-jantar, em alternativa ao *bridge* ou ao *Mah Jong*. Mas aqueles que não eram impostores tinham apenas um pequeno talento que se desintegrava rapidamente sob a necessidade de tentar cumprir horários com os desencarnados, como se a

intuição genuína estivesse tão imediatamente disponível como um coelho a roer calmamente alface no chapéu de um mágico.

Depois, o Sr. Meade, um estivador do estaleiro de Portsmouth, foi trazido a Seacourt por alguém que estava convencido, com toda a precisão, dos seus poderes sobrenaturais. Pobre homenzinho, ele tornava-se tão facilmente possuído pelos mortos inquietos que era doloroso ver o seu corpo sacudir-se e contorcer-se enquanto eles usavam a sua língua para verter um fluxo de árabe, ou hindustani, ou grego antigo, com uma fluência que convencia os céticos mais empedernidos e eruditos.

Para todos, exceto para a Griffy e para mim, aquilo era a prova da imortalidade que tanto ansiavam. Para nós, que conseguíamos sentir a qualidade da fonte, era uma demonstração por demónios. Rezámos desesperadamente para que nos fosse dado o poder de proteger o corpo dele e sustentar a sua alma contra os invasores; mas não fomos fortes o suficiente. Tudo o que pude fazer durante a sua última sessão, realizada em plena luz do dia com trinta pessoas presentes na sala de música, foi pôr-me de pé e fazer o sinal da cruz, o que o tirou do transe, arquejante e com espasmos. Implorei-lhe que me ouvisse, que prometesse nunca mais deixar o seu corpo ser possuído. «As portas estão agora trancadas contra os demónios, a menos que tu, de livre vontade, as reabras ao inimigo», declarei apaixonadamente.

Levei uma reprimenda severa da Mãe por falar de assuntos de que nada sabia, e o Pai disse-me para não fazer figura de parva em público. Mas, durante três meses, o Sr. Meade não deu mais sessões. Depois, suponho que não conseguiu resistir ao sentido de importância que elas traziam à sua vidinha monótona, ou às três guinéus que cobrava pelo aluguer do seu corpo aos ímpios, pois escreveu à Mãe dizendo que tinha retomado as suas marcações para «sessões de transe».

No mesmo dia em que escreveu a carta, entrou em transe enquanto caminhava sobre uma viga no estaleiro. Caiu doze metros, não para morrer, mas para vegetar durante anos num corpo irremediavelmente incapacitado, com a mente louca devido a uma fratura no crânio.

Depois do Sr. Meade, o fantasma tornou-se mais tangível até para os descrentes convictos. As criadas não entravam na sala de música para fechar as cortinas a menos que fossem duas e com as luzes todas acesas. Um robusto internacional de râguebi, que aceitou alegremente a minha aposta de 5 libras de que não dormiria lá a noite toda, fugiu da sala às duas da manhã, embora lhe tivesse sido levada uma cama própria para que não

pudesse fingir que tivera cãibras por dormir no sofá. Um coleopterista de visita saiu apressadamente depois daquilo que jurou dever ter sido um peso de uma tonelada a despenhar-se no chão a menos de um metro dele — «E nada caiu, embora eu tenha ouvido!», murmurou para mim enquanto com mãos trémulas guardava os seus preciosos escaravelhos num estojo de espécimes.

A Griffy tinha tanto medo que só se atrevia a dormir com uma grande cruz de ébano apertada contra o peito. Queimámos a *planchette* e tudo o que ela tinha escrito no lume da sala de estudos. E eu decidi tentar tornar-me uma materialista científica, segura e competente.

## CAPÍTULO TRÊS

## INCOMPETÊNCIA DE BRUXAS

A Mãe, que se cansava facilmente das pessoas, ganhou agora aversão à Griffy; por isso, trabalhei ainda mais para que não houvesse desculpa para ela ser despedida. Enquanto o Sr. Lamb continuasse a escrever cartas elogiosas ao Pai sobre os resultados dos exames que me punha de dois em dois ou de três em três meses, a Griffy estaria segura. Mesmo depois de eu ter feito o *Little Go*, aos dezasseis anos, ela ainda teria de ficar por mais um ano até eu ter idade suficiente para ir para Girton; pois eu deveria trabalhar num programa organizado pelo Sr. Lamb que me daria doze meses de avanço sobre os outros universitários do primeiro ano que fizessem o mesmo *Tripos*.

Era janeiro, e eu ainda tinha apenas quinze anos, quando a Iris voltou sozinha de Malta, onde o Ronald estivera colocado durante dois anos, para ter o seu primeiro bebé em Seacourt. Durante alguns dias, ela resistiu a ser tratada como uma inválida tontinha. Depois, submeteu-se a futilidades, bancos de pés e a ter a sua barriga disfarçada com lenços de *chiffon*. Mulheres que até então pareciam seres humanos perfeitamente comuns, revelaram-se agora como bruxas ghouls. Sintomas que tinham sofrido, quanto mais sórdidos melhor, pareciam conferir-lhes o direito de assustar a pobre Iris; e fiz o meu melhor para a defender, ficando por perto sempre que vinham fazer visitas e tentando calá-las fazendo perguntas pessoais diretas e íntimas. Com uma senhora piedosa, que disse à Iris que era «A Vontade do Nosso Querido Senhor» que ela sofresse tormentos, perdi a paciência, o que me valeu uma valente discussão com a Mãe.

A Iris sabia muito pouco mais do que eu sobre o que realmente acontece quando um bebé nasce. Até o médico apenas dizia, com falsa alegria: «Deixe tudo comigo — saberá tudo sobre o assunto muito em breve». «Não pensemos nisso», disse a Iris pateticamente. «Mas gostava tanto que o Ronald estivesse aqui para que me pudesse fazer acreditar que ter um bebé é perfeitamente natural.»

A Griffy revelou-se um apoio nulo, pois, sendo solteira e tendo quarenta e dois anos, bebés eram um assunto que ela afastava firmemente da mente. Fragmentos de informação deixados cair casualmente pela Mãe eram igualmente insatisfatórios. O bebé deveria emergir primeiro pela cabeça, mas até isso era incerto, pois havia algo terrível chamado «pélvico» que poderia ocorrer muito facilmente se a futura mãe não tivesse cuidado ou se corresse depressa demais escadas acima.

Era inútil consultar o Pai, pois sobre o parto ele não era conhecedor nem estava sequer interessado; por isso pesquisei na biblioteca até encontrar um manual de ginecologia. Após duas longas sessões com ele, voltei a colocá-lo na estante e decidi que a Iris estaria muito melhor sem qualquer da informação que eu tinha colhido das suas histórias clínicas aterrorizantes e quase incompreensíveis.

Comecei a lamentar a ausência da *planchette*, até me lembrar que a pobre bruxinha tinha morrido virgem — ela mencionava frequentemente este facto como se fosse muito meritório — e os outros dois escritores tinham sido homens idosos. Tentei lembrar-me se eu tivera um bebé numa vida anterior, mas o corredor grego e a jovem que fora guilhotinada, a rapariga pele-vermelha e a romana que me ensinara a recolher as minhas lágrimas num frasco de remédio, eram tão estéreis da informação necessária como a própria Joan.

A Iris rezou, e a Griffy e eu também, para que o Ronald estivesse em casa antes de o bebé nascer. Mas a Mãe queria o campo todo para si, sem um genro a reivindicar sequer um canto; e as preces dela foram as mais eficazes. No dia em que ele deveria partir de Malta, correu a palavra pela casa de que as Dores tinham começado. A Griffy e eu fomos banidas para a nossa sala de estar. O médico chegou. O Pai fechou-se no seu escritório. As criadas amontoaram-se na escada das traseiras a ouvir, exceto quando ouviam a Mãe a vir pelo corredor.

Passaram-se horas. Tomei conta do comissariado, enviando tabuleiros a intervalos para a enfermeira e para o médico, e levando outros para deixar discretamente à porta do escritório do Pai. Mais horas passaram. A Griffy

tentou mandar-me para a cama, mas ficou contente com a companhia quando lhe disse para não ser tonta. Eu estava à espreita na ponta mais distante do corredor quando ouvi a voz do médico a falar bruscamente com a Mãe. Ela saiu do quarto e passou apressada por mim com lágrimas nos olhos. Tinha acontecido algo terrível?

Estaria a Iris ou o bebé morto? Não, se tivessem morrido ela teria ido ter com o Pai em vez de se fechar no seu quarto de vestir. Talvez houvesse algo que eu pudesse fazer para ajudar... De qualquer modo, se o médico me mandasse embora, seria melhor do que estar à espreita nas portas em suspenso. O médico pareceu bastante satisfeito por me ver. Estava ocupado e a enfermeira também, a pingar clorofórmio de um frasco num chumaço de gaze que segurava sobre o rosto da Iris.

A Iris roncava e gemia ao mesmo tempo. Depois o médico ergueu o bebé pelos calcanhares e este começou a chorar. Ele mexeu-lhe no meio e depois embrulhou-o numa toalha e entregou-mo. «Leva-o à tua mãe e diz-lhe que tem uma neta. E diz-lhe que a avisarei quando puder voltar aqui para dentro.» Levei o bebé para o quarto das crianças ao lado, pousei-o no meio da cama da enfermeira, pois tinha medo de o deixar cair, e mandei uma criada chamar a Mãe. A Mãe ficou muito satisfeita com o bebé, especialmente por ser uma rapariga, o que ela tinha previsto. A Iris e o Ronald queriam ambos um rapaz. Depois lembrei-me da Griffy e encontrei-a encolhida miseravelmente junto ao lume.

Quando lhe disse que era uma rapariga, ela desatou a chorar. «Oh, pobre Sra. Kershaw, ela queria tanto um rapaz! Porque é que o médico não foi rápido o suficiente, ou será que ele se recusou deliberadamente a fazê-lo porque a sua mãe queria uma rapariga?» «Fazer o quê?» Ela corou e depois assoou o nariz resolutamente. «Recusar virá-lo do avesso.» «Virar o quê do avesso?» «Querida criança, porque tens de insistir sempre em ser tão explícita? Suponho que não te devesse dizer realmente, mas como já viste tanto...» «Griffy, querida.

Por favor, não andes com rodeios!» Ela pôs a sua voz de «transmitir informação». «Bebés rapazes e raparigas, tal como homens e mulheres, têm órgãos reprodutores diferentes: mas são a mesma coisa ao contrário, do avesso no caso dos rapazes, do direito no caso das raparigas. Se um médico for competente, pode virá-los para dentro ou para fora — desde que o faça imediatamente após o bebé nascer — antes que o órgão tenha tempo de solidificar, o que faz, como gelatina, logo após entrar em contacto com o ar.»

Senti-me culpada por não ter lido o livro de ginecologia com mais atenção. Se não tivesse tido medo de estudar o texto que acompanhava as imagens, teria sido capaz de ver que tudo era feito devidamente: por esta altura, eu teria convertido uma sobrinha num sobrinho. «Griffy, tens a certeza absoluta? E as pessoas que tentam continuamente ter herdeiros para condados? Elas teriam médicos espertos...» «Algumas pessoas são supersticiosas demais para permitir que esta operação simples seja realizada. Católicos romanos, e maçons também, creio eu, são irredutíveis contra isso. Mas nunca me ocorreu que a tua mãe fosse tão preconceituosa. Pensei que ela se orgulhava dos seus conhecimentos médicos, caso contrário teria avisado a tua pobre e querida irmã para se certificar de que o médico dela era esclarecido e competente.» Ela abraçou-me.

«Estiveste esplêndida, querida, e estou muito orgulhoso de ti. Não há nada tão importante na formação do caráter como uma base sólida no método científico.» «As bruxas parecem saber ainda menos do que os cientistas sobre ter bebés», disse eu desoladamente. «Oh, maldição! De que serve recordar pedaços de quem se foi antes se não nos lembramos de nada realmente útil?» Se eu soubesse que miséria adicional e desnecessária iria sofrer, menos de quatro anos mais tarde, por ignorância dos processos naturais, ter-me-ia sentido ainda mais desolada.

Quinze dias depois, a guerra entre a Mãe e a Griffy explodiu numa discussão tão acesa que incinerou a minha educação num único dia. A Mãe despediu-a e eu fui ter com o Pai e anunciei que, se ela se fosse embora, eu nunca mais voltaria a ter lições de espécie alguma. Ele ficou horrorizado. «Tu vais para Cambridge. Tens de ir para Cambridge. Está tudo combinado.» «Então diz à Mãe que a Menina Griffiths deve ficar, pelo menos até eu passar no *Little Go*.» «Há outras governantas», protestou ele. «Tiveste dezenas delas antes de te afeiçoares a esta mulher galesa.»

Nunca me tinha sentido tão zangada nem tão determinada antes. «Pai, podes escolher entre a minha educação ou ceder à Mãe. Não podes ter ambas.» «Minha querida criança, não podes, não deves, forçar-me a tal escolha. É assunto da tua mãe, não meu, quem ela considera adequada como tua governanta. Ela nunca se deu bem com a Menina Griffiths...» «Mas eu dei!», interrompi. «Por ela, e por ti, trabalhei até à exaustão. Fiz o trabalho de três anos em quinze meses...» «O teu trabalho tem sido excelente. O Lamb acha que podes ser um génio da matemática.» «Então deixa a Menina Griffiths ficar. Se ela for embora, dou-te a minha palavra de honra de que nunca mais abrirei outro manual, nunca irei para

Cambridge, nunca farei sequer um exame.» «E, valha-me Deus, tu falas a sério!», disse ele desesperado, e caminhou para o quarto da Mãe. Discutiram durante horas; e a Mãe venceu. A Griffy partiu em lágrimas na manhã seguinte, quinze dias antes do meu décimo sexto aniversário. E esse foi o fim da minha educação escolar.

## CAPÍTULO QUATRO

## A MENTE SOBRE A MATÉRIA

Deixei bem claro que a contratação de outra governanta pela Mãe seria um desperdício da taxa de reserva e da viagem de regresso, por isso, como a minha recusa em ir para Cambridge tinha reavivado nela a esperança de me enviar, tal como à Margery, para uma escola de aperfeiçoamento em Paris, ela arranjou-me uma criada francesa. A princípio, recordando as minhas batalhas contra as *Mademoiselles*, fiquei um pouco de pé atrás com a Marie; mas apesar do seu orgulho nas toucas e aventais mais folheados e dos seus esforços constantes para me fazer ter cuidado com a minha roupa, depressa nos demos muito bem e conversávamos alegremente, cada uma na sua língua.

Ela levava o seu trabalho a sério, insistia sempre em preparar-me o banho e depois lavar-me as costas antes de estender a toalha de banho com que me secava a palmadinhas. As outras criadas, que ela desprezava pela falta de *chic*, eram um pouco cruéis com ela e por isso, para a animar, deixava que ela me fizesse a manicura e pintasse as unhas dos pés, e como era «uma excelente costureira», fazia camisas de noite bordadas para a Mãe e ensinou-me a costurar.

Ficou comigo durante dois anos e depois foi para a Glory Hancock. O regimento do Mortimer estava destacado em Aldershot, de onde ela me escreveu uma descrição vívida do seu *grand succès* num baile na Messe de Sargentos. «Certamente, minha queridíssima Menina, encontrarei um marido que seja um militar.» Mas os seus planos para o futuro foram drasticamente revistos por uma apendicite, cujo início foi tão fulminante que ela teve de ser levada para o Hospital Militar a meio da noite.

As esposas dos soldados eram admitidas em casos de emergência mas, quando a Glory foi à enfermaria das mulheres na manhã seguinte, a Marie não estava lá. Nem estava em nenhuma das enfermarias privadas. A Glory, agora seriamente alarmada, estava prestes a investigar a morgue quando uma enfermeira a reconheceu. «Se procura a emergência que trouxe ontem

à noite, Sra. Hancock, ele está na Enfermaria C. Pus biombos à volta dele, mas a Matrona acha que seria melhor pô-lo num quarto privado.» «Ele! De que é que está a falar?» O cirurgião foi chamado e explicou que, durante a operação, uma espécie de dobra se tinha desfeito, o que demonstrava sem sombra de dúvida que a Marie era um homem.

Marie, agora Marius, ficou com a Glory até se habituar a usar os fatos e camisas, as meias e gravatas, com que ela o equipou para o seu novo papel. Ela ajudou-o a escrever uma carta dando a notícia aos seus pais idosos. Felizmente, eles ficaram encantados ao saber que Deus, que apesar das suas preces por um herdeiro lhes tinha dado oito filhas, tinha subitamente cedido e fornecido um filho adulto. Depois de regressar a França, o Marius enviou-me fotografias do seu casamento.

Era um noivo muito atraente e, um ano depois, a sua mulher presenteou-o com gémeos. Não mostrei as fotografias à Mãe, embora elas divertissem imenso o Pai, porque ela ainda era um pouco suscetível quando qualquer um dos seus amigos mencionava o «valete francês da Joan».

A Marie ainda era Marie quando o Pai decidiu subitamente que, como ia levar uma equipa de ténis para jogar contra Cambridge durante a *May Week*, eu deveria ir com eles. «Mas não aos bailes», disse a Mãe firmemente. «Ela ainda não foi apresentada à sociedade. Dezasseis anos é demasiado jovem.» Foi a vez de ele se impor e fê-lo com um sucesso invulgar. «Não é culpa minha que ela tenha decidido interromper a sua educação escolar. Portanto, é melhor que ela apanhe o cabelo e deixe de fingir que é uma colegial.»

Como ele só tinha avisado a Mãe com três dias de antecedência, ela ficou descontente e, por isso, em vez de me levar a Londres para comprar roupa, o meu vestido para o Baile da Trindade foi feito à pressa pela Menina Seely, a costureira da família. A Menina Seely era minha amiga e lia-me as histórias mais extraordinárias do *News of the World*, que transformavam até uma viagem acompanhada a Londres numa aventura imaginária. Atrás de cada banca de jornais, debaixo de cada assento de carruagem ferroviária, espreitavam Mercadores de Escravas Brancas decididos a levar raparigas simpáticas como eu para Buenos Aires.

Os Mercadores de Escravas Brancas disfarçavam-se por vezes de enfermeiras de hospital que nos atraíam para uma ambulância, na qual éramos clorofórmadas a caminho das docas; ou de queridas velhinhas que ofereciam sacos de rebuçados de limão tão fortemente dopados que nunca

acordávamos até chegarmos aos horrores inomináveis reservados na América do Sul.

Ela não era explícita quanto aos horrores, mas estremecia ao pensar neles até que a sua peruca cor de laranja tremia como um ninho de gralha num vendaval. «Não me peça para me alongar, Menina Joan, querida, mas prometa-me, se tal alguma vez acontecer, que se atirará da janela e morrerá corajosamente, empalada nas grades do fosso, em vez de sofrer um destino muito pior do que a morte.» Querida Menina Seely — tinha pelo menos setenta anos. E se as suas histórias tinham algum conhecimento direto por trás, certamente ela nunca estivera num estabelecimento onde as raparigas fossem ensinadas a costurar. A tesoura dela atravessava os retalhos que a Mãe nunca resistia a comprar nos saldos. Os retalhos eram a única economia da Mãe, e uma mais falsa raramente terá existido.

Comprimentos estranhos, materiais improváveis, cores berrantes, tudo ia aumentar o volume das prateleiras de um enorme armário na sala de costura. O reportório da Menina Seely era limitado — a manga *Magyar* para o dia e, para a noite, o vestido de época: dois tubos, um pequeno para o corpete, o outro para a saia, tão grande quanto o material permitisse e alinhavado à cintura. O meu primeiro vestido de baile era de um cor-de-rosa berrante de doces baratos, guarnecido com um *berthe* de renda antiga, «Demasiado boa para cortar, por isso tem de ser franzida.» Nele sentia-me menos como um ser humano do que como um toucador estofado.

Consolei-me com a esperança de que, embora estivesse destinada a ser um fracasso pavoroso nos bailes, pudesse pelo menos destacar-me no campo de ténis de Cambridge. Mas até este consolo me foi tirado, pois o Pai mudou de ideias e disse que o universitário que me defrontasse ficaria desgostoso por ser batido por uma rapariga... E, claro, o Pai teria ficado ainda mais desgostoso se a sua filha tivesse sido derrotada por um universitário.

Para piorar as coisas, o meu nariz sangrou ferozmente nos momentos mais inconvenientes durante aquela pavorosa *May Week*, por isso, no Baile da Trindade, o toque final de horror foi acrescentado à minha aparência por uma enorme mala de mão contendo seis dos maiores lenços do Pai, uma quantidade de algodão e um frasco de adrenalina. A Kirsteen, num vestido Lanvin, foi um sucesso tremendo e interessou-se passageiramente por um jovem chamado Leslie Grant, que estava no *Trinity* e jogou na terceira equipa contra Seacourt. O irmão dela, o Tommy, era o meu par oficial. Eu gostava do Tommy, mas dançar fazia-lhe doer os pés. A mim também me

doíam, pois os meus sapatos estavam encharcados de caminhar na erva húmida dos *Backs* e, por isso, não deslizavam suficientemente depressa no chão da tenda para eu os tirar do caminho antes de ele os pisar. Só tive duas danças com o Leslie e passei-as a caminhar pelo *Great Court*, dizendo-lhe — para o caso de ele perceber que me tinha interessado tanto como à Kirsteen — que eu era uma intelectual que nunca casaria pois estaria demasiado ocupada a ser uma arquiteta famosa.

Fiquei grata por voltar a Hayling e, no dia seguinte, Neville Lytton, que tinha um campo de ténis em Crabett Park onde a sua mulher, Judith Wentworth, criava cavalos árabes, chegou para uma das suas visitas prolongadas. Os seus filhos, Anthony, Anne e Winnie — especialmente a Winnie, que tinha a minha idade — vinham frequentemente ficar connosco, e já não achavam surpreendente ter carne para comer sem terem de a roubar das tigelas dos *spaniels* Blenheim, como faziam em casa porque a Lady Wentworth era uma vegetariana militante.

Mas desta vez o Neville veio sozinho e, para meu alívio, não esperava que eu fosse modelo para ele — o que significava ficar parada durante horas e sofrer um tédio agudo, pois ele nunca falava enquanto pintava. Em vez disso, estava a aprender a tocar flauta e gostava de o fazer no *dedans* à noite, porque os ecos do campo o agradavam.

A assombração no campo de ténis era demasiado forte para eu gostar de lá ir sozinha depois de escurecer... A sala de bilhar estava bem, mas a galeria lateral era mais segura se percorrida a correr com todas as luzes acesas, e por vezes era melhor voltar para casa pelo jardim. Tarde numa noite, enquanto o Neville tocava flauta, o campo estava apenas agradavelmente sinistro e eu dançava sozinha do lado oposto da rede. Mesmo que ele soubesse que eu estava lá, estava escuro demais para me ver, por isso eu estava nua, fingindo ser uma ninfa grega a dançar ao som da flauta de Pan num bosque assombrado. Saltei mais alto do que é praticável, exceto num sonho, e aterrei com o pé arqueado como se estivesse a usar sapatilhas de ballet. Ouviu-se um som como o estalido de um chicote. «Valha-me Deus, o que foi isto!», disse o Neville. «Receio que tenha sido eu», respondi. Foi mesmo. Tinha partido o tendão que sustentava o peito do meu pé esquerdo.

Ele levou-me para o meu quarto. Ajudou-me a vestir o pijama para que a Mãe não soubesse que eu estivera a dançar sem roupa e depois foi acordá-la e ao Pai. Uma hora depois ouvi o Doutor May a dizer-lhes à porta

do meu quarto: «Não devemos de modo nenhum deixá-la saber, pobre criança, mas receio que a Joan nunca mais volte a dançar.»

Ao princípio consegui distrair-me tocando acompanhamentos de piano para o Maurice Allom, que estava a aprender fagote. Depois as minhas mãos ficaram hirtas e eu nem conseguia segurar um lápis. O Doutor May disse que isto era apenas paralisia das muletas, causada por me baloiçar demasiado nelas. Por isso foram-me tiradas e tive de ficar todo o dia deitada num sofá ou ser levada pelo jardim numa cadeira de rodas. Ficaria melhor em poucas semanas, diziam eles. Mas ficaria? Já se falava em tentar enxertar tendão de canguru no meu pé se ele não sarasse devidamente. Era uma operação sobre a qual um médico australiano escrevera um pequeno artigo no *British Medical Journal* — um artigo não muito encorajador. Teria o Pai de comprar um canguru ao Jardim Zoológico?

Durante as primeiras duas ou três semanas todos fizeram o seu melhor para entreter a inválida, mas por essa altura já se dava como certo que eu estava perfeitamente contente numa rede, ou numa poltrona com um banco de pés no *dedans*, a ver as outras pessoas a jogar. Comia muito. Não havia muito mais para fazer mas, em vez de engordar como a Mãe esperava, perdi quase seis quilos. E quarenta e quatro quilos quando se mede um metro e setenta e dois, suponho que é inevitável que as pessoas façam alvoroço; a menos que percebam que ser miserável porque o teu corpo é um tédio tende a fazer com que a pobre criatura tente tornar-se inconspícua. Foi quase a gota de água quando o Doutor May decidiu que, mesmo que o meu pé se tivesse curado enquanto estivera no gesso, eu não deveria jogar ténis durante pelo menos um ano depois de o tirar. «Podes jogar golfe em vez disso, querida», disse a Mãe alegremente. «Muito melhor para ti bater numa bolinha ao ar livre do que ficares tão exausta a jogar um jogo de homens, demasiado pesado, e mau para os teus órgãos internos.» «Eu odeio golfe!», disse eu amargamente. Ela suspirou e voltou para a sala pelas portas de sacada. Da varanda eu conseguia ouvir o eco de uma bola a bater no telhado inclinado enquanto alguém servia no campo de ténis. E do jardim vinha a voz de uma rapariga: «Trinta-zero!»

Ela tinha a sorte de ter dois pés e dois braços adequados, e podia pelo menos jogar ténis de campo. Peguei num jarro de rosas que a Mãe me trouxera e atirei-o contra a parede. Agora teria de me arrastar para fora deste sofá asqueroso e apanhar os pedaços de porcelana partida, e escondê-los debaixo do colchão antes que ela os visse e pensasse que eu era uma ingrata. Ela nunca compreenderia que eu só partira o jarro porque estar

zangada era um pouco menos humilhante do que desatar a chorar. A Nanny Walpole teria compreendido, mas ela teria dito, com uma voz firme e limpa como o seu avental: «Agora recompõe-te, querida, e para de ter pena de ti própria.»

Oh Deus, eu estava a ter pena de mim própria. Maldição! Está bem, se eu só pudesse jogar golfe — e ainda era um grande SE se eu voltaria a caminhar bem —, então porque não jogar o jogo detestável? Odiava-o mesmo, ou apenas odiava ser má nele? «W.B. Smith», recordei-me, «disse que era uma perda do tempo dele e do dinheiro do Pai dar-me mais lições.» Só tive meia dúzia porque achei que qualquer tonto podia jogar um jogo tão parvo sem sequer tentar. O Jack, o irmão novo do W.B., disse que eu tinha «um *swing* natural». Pois claro que tenho. Mas não posso praticá-lo. Os amadores nunca praticam. Ou têm um génio natural para serem bons nos jogos ou não os jogam de todo. Talvez eu não seja suficientemente boa nos jogos e é por isso que me transformei numa aleijada macambúzia numa cadeira de rodas quando tenho apenas dezasseis anos. «A culpa é toda tua», disse eu amargamente ao meu corpo. «Eu queria ser bailarina e tu partes as tuas pernas parvas.

Queria ser alegre e bonita, apesar das minhas roupas horríveis, e o teu nariz asqueroso sangra. Sempre que quero fazer algo emocionante, ou tens uma dor de barriga ou apanhas uma constipação terrível. Como posso pensar devidamente quando tens o nariz entupido nessa tua cabeça horrível? Mas se pensas que podes obrigar-me a ser um nada, lisonjeias-te! A partir de agora vais aprender quem é que manda, e quem manda vou ser eu!»

Durante os dois meses seguintes, ensinei o meu corpo a jogar golfe sem me aproximar de um campo mais do que de uma cama ou de um sofá... Já há muito que tinha descartado a cadeira de rodas por ser demasiado degradante. Era justo praticar, desde que o fizesse por meios pouco ortodoxos. Com a paciência do dono de focas amestradas que ensina uma delas a equilibrar uma bola de borracha no nariz, fiz cada músculo aprender o seu papel no ato. Como os meus ossos eram leves, tinha de fazer a cabeça do taco bater na bola com a maior velocidade possível, porque não conseguia aplicar o esforço de força bruta de um homem. Aqui, a minha formação em ciência mecânica deu jeito.

Portanto, o meu *swing* deveria ser o arco mais amplo possível. Por fim, na minha imaginação, eu conseguia jogar uma volta no campo de Hayling como se estivesse de facto a caminhar apressadamente pelos

*fairways* ou a subir as dunas, com a areia macia como pó a deslizar para dentro dos meus sapatos.

Felizmente, o Campeonato do Condado de Hampshire foi jogado em Hayling nesse ano. Havia cinco provas principais: a melhor pontuação *scratch*, a melhor pontuação com *handicap*, a melhor volta contra o *Bogey* (*scratch* ou *handicap*) e a melhor pontuação *eclectic* de seis voltas durante o encontro de três dias. Fiz com que a Kirsteen inscrevesse o meu nome em todas, e ela jurou não contar à Mãe que eu tencionava fazer mais do que ir até ao pavilhão do Clube e observar, de uma cadeira na varanda, as robustas mulheres a darem a primeira tacada. O gesso foi tirado quatro dias antes do encontro. Eu conseguia estar de pé! Conseguia caminhar!

O meu corpo, embora ainda fosse um guerreiro muito ineficiente, tentando atrasar a falange queixando-se de que os pés lhe doíam, podia ser forçado à obediência. Parecia uma pena não vestir o papel oposto, por isso usei um vestido de algodão de quadrados castanhos e brancos, adequado para uma criança de treze anos, e fiz o cabelo em tranças com laços nas pontas, atadas uma à outra para que não se emaranhassem no meu longo movimento de balanço atrás.

Senti, enquanto esperava a minha vez no primeiro *tee*, que o meu pé e os músculos dos meus pulsos e braços magros não poderiam ser solicitados a durar mais do que uma partida: «Dezoito buracos, apenas dezoito buracos, não mais de seis milhas e meia se fores obediente e mantiveres a bola fora do *rough*. Pelo amor de Deus, mantém-nos no *fairway*, pois o Pé nunca aguentará se os Pulsos nos enviarem para a areia.» Eu estava tão assustada quando chegou a minha vez, deliberadamente indefesa no meu vestido de *gingham* e tranças entre aquelas mulheres grandes e fortes, de *tweeds* e sapatos sensatos, que pensei que ia bolsar. «Apenas uma partida», prometi ao meu pobre e trémulo corpo. «Não pedirei nem mais um metro de caminhada ao Pé assim que voltarmos ao Clube, se ao menos, se ao menos não fizeres de mim um asno em público.»

Cumpri a minha promessa e eles cumpriram a deles. Durante anos, o meu Pai carregou na sua carteira um recorte de jornal da primeira página do *Daily Chronicle*: «RAPARIGA PRODÍGIO DO GOLFE! Jogadora de dezasseis anos conquista cinco prémios no Campeonato do Condado de Hants.»

## CAPÍTULO CINCO

## A CENA ATRAVÉS DE UM MICROSCÓPIO

A cruzada do Pai contra os mosquitos tinha crescido de uma escaramuça de fronteira — uma mera pulverização de parafina em barris de água e tanques ornamentais — para uma guerra de grande escala. No início, ele sentia-se apenas incomodado por ser picado sempre que saía de casa, mesmo à luz do dia; mas, como o ténis era jogado em recinto fechado, podia ignorar os desafortunados que, ao assistirem aos jogos no relvado, tinham de o fazer com as pernas envoltas em fronhas de almofada. Depois, um picou-o na testa e causou-lhe um desconforto agudo. Foi um desafio que teve de ser aceite: ou os mosquitos se retiravam da Ilha de Hayling ou ele próprio teria de o fazer.

Era essencial para ele alcançar o ramo mais alto de qualquer árvore que decidisse trepar. Em Cambridge, realizou três *Tripos*: Ciências Mecânicas, Partes Um e Dois, e Direito. E ficou no topo de cada lista. Assim, tratou agora de se tornar o maior especialista mundial em mosquitos britânicos. Isto custou-lhe quinze anos de esforço incessante e quase toda a sua considerável fortuna. Foi recompensado com um C.B.E. e a honra de escrever a obra de referência sobre o assunto para o Museu de História Natural.

Há muito que os nichos na sala de bilhar tinham sido equipados com bancas de laboratório e bicos de Bunsen, acrescentando novos perigos ao uso do taco longo. Quarto após quarto foi sendo invadido até que, por fim, a Mãe protestou, dizendo que os visitantes seriam reduzidos a dormir nos abrigos dos iates de areia. Então, ele construiu o *The British Mosquito Control Institute*, uma casa de onze divisões no jardim, no lado oposto ao campo de ténis.

O seu assistente principal era J. Staley, um entomologista tão dedicado como o próprio Pai, e eu era uma esforçada ajudante de laboratório. Hora após hora, eu perscrutava através de um microscópio, contando os pelos nos segmentos anais das larvas para identificar a sua espécie. Dia após dia, analisava amostras de água de pântanos, valas ou esgotos, para testar a sua salinidade ou concentração de iões de hidrogénio.

O trabalho de campo era mais interessante, especialmente quando me foi finalmente confiado um teodolito e pude tirar níveis para as valas de drenagem dos pântanos de água salgada que rodeavam a ilha, e que formavam um terreno ideal de reprodução para o *Aedes Detritus*, o mais viajado e voraz de todos os mosquitos britânicos. A única vez que cometi

um pequeno erro com o teodolito, o mar precipitou-se na maré alta e inundou três campos, mas este erro foi rapidamente branqueado.

Das duas até às seis de cada tarde — exceto quando conseguia esquivar-me para jogar golfe por Hayling ou Hampshire — eu guiava os visitantes pelo museu. Alguns deles estavam genuinamente interessados, mas a maioria — e eu guiei pessoalmente vários milhares — era atraída pela oportunidade de ver algo de graça, e voltavam uma segunda vez quando descobriam que havia uma casa de banho bem equipada, também gratuita.

O meu discurso tornou-se bastante sério, mas era animado por apostas que fazia comigo mesma quanto à percentagem de visitantes que, em resposta à minha afirmação: «Só o mosquito fêmea pica», responderiam de forma faceira: «Então a fêmea da espécie é mais mortal do que o macho!»

Eu poderia ainda estar a perscrutar microscópios, porque quase me tinha convencido de que era esse o meu verdadeiro *métier*, se a Providência não me tivesse resgatado disfarçada de H.G. Wells. Ele era o único autor por quem o Pai tinha um profundo respeito, e todos os vitelos gordos teriam sido preparados para a sua receção se ele não tivesse chegado três semanas antes do esperado. A Mãe e o Pai estavam fora, mas quando assegurei a H.G. que telefonaria imediatamente para os chamar, ele proibiu-me de o fazer, dizendo com um brilho nos olhos que seria uma grande falta de educação demonstrar que eu não tinha desejo de entreter um convidado idoso.

Uma das muitas facetas do seu génio era conseguir fazer com que até a audiência mais tímida se sentisse inteiramente à vontade. Eu ensinei-lhe como marcar pontos no ténis e ele ensinou-me a hipnotizar gatos.... Não tínhamos gatos em casa, pois eram proibidos para o caso de comerem o papagaio do Pai, por isso contrabandeei um gatinho para ele, vindo da gata caçadora do jardineiro.

Ele foi a primeira, e durante muito tempo a única pessoa a quem confiei as realidades do mundo multidimensional em que eu vivia a parte secreta da minha vida. Ele ouviu com o entusiasmo de uma criança que ouve um conto de fadas que sabe ser muito mais verdadeiro do que os factos. «Guarda isto para ti, Joan, até seres forte o suficiente para suportar ser alvo de riso dos tolos — mas nunca te deixes esquecer disso. E quando estiveres pronta, escreve sobre o que sabes.... É importante que te tornes uma escritora.»

«Mas eu não sei escrever corretamente», disse eu desoladamente. «E até as minhas redações escolares tinham a nota mínima. Só consigo fazer coisas maçadoras como matemática.»

Ele pareceu bastante severo. «Passo muito tempo a dizer a autores, e por vezes autores de sucesso, para não perderem o seu tempo, e o tempo dos seus leitores, escrevendo nem mais uma linha. Eu digo-te para escreveres e tu escreverás; por isso, não tentes argumentar comigo. Mas deves viver antes de escreveres sobre a vida. Não comeces, pelo amor de Deus, prematuramente. O primeiro passo é impedir o teu pai de tentar transformar-te numa *blue-stocking* — uma espécie nauseabunda que frequentemente me aflige com as suas atenções e com a qual tu em nada te pareces.»

Ganhei mais prestígio junto do Pai por ser considerada interessante por H.G. do que por ganhar taças de golfe. Antes de ele partir, eu sabia que, daqui em diante, me seria permitido aceitar convites, mesmo que isso significasse negligenciar o meu trabalho de laboratório por vários dias. A partida de H.G. foi típica da sua exuberância. Um carro novo foi trazido para a casa.

«Nunca conduzi um carro antes», disse H.G., «mas li um livro sobre o assunto, por isso vou agora conduzir até Southampton.»

O Pai ficou horrorizado por um génio se expor a tal perigo, mas H.G. recusou-se sequer a praticar no caminho de acesso antes de partir sozinho na sua jornada. A única assistência que permitiu foi que a Mãe amarrasse um laço de lã vermelha no pedal do acelerador e um verde no travão para o lembrar de qual era qual. O Pai percorreu o escritório em ansiedade aguda até H.G. telefonar a anunciar alegremente que não só tinha chegado ao seu destino intacto, como tinha feito uma média de 28,4 m.p.h.

«Mas amanhã irei muito mais depressa», chilreou ele. «Sou um excelente *chauffeur*.»

A minha primeira festa numa casa de campo quase me fez perder os nervos, pois Teddy Tiarks, cujo pai era o Governador do Banco de Inglaterra, levou-me para ficar com o seu tio perto de Axminster para assistir a dois Bailes de Caça. O meu conhecimento de caça era inexistente, e os jovens brilhantes eram tão brilhantes que me assustaram quase ao ponto de perder o juízo. As jovens lustrosas eram ainda mais aterradoras em roupas de noite do que montadas em cavalos lustrosos.

Ambos os meus vestidos de noite eram cor-de-rosa, e apenas quem foi a um Baile de Caça nos anos vinte num vestido cor-de-rosa pode compreender a profundidade da minha vergonha. O meu único consolo, e quase o meu único par, foi um primo do anfitrião, Mark Lubbock. Ele sentia-se, naturalmente, deprimido porque tinha perdido recentemente dois dedos num triturador de aveia, e a família tentava usar essa deficiência como desculpa para o obrigar a fazer algo «útil», em vez de o deixarem estudar música. Ele veio para Seacourt e refugiou-se lá até que eles cederam e o deixaram ir para Munique, que foi a primeira etapa de uma carreira que o tornou Diretor Musical da B.B.C.

Era-me agora permitido ficar frequentemente com Kirsteen na sua casa de Londres, em 3 Seamore Place. O Pai abriu-me uma conta no Berkeley para que eu pudesse retribuir a hospitalidade às pessoas que me convidavam para refeições. Para alguém que fora criado entre profissionais de ténis, parecia lógico procurar instrução junto de um restaurador profissional; por isso fui ter com Ferraro e pedi-lhe que me ensinasse como e o que pedir.

Eu estava quase a fazer dezassete anos e ele era compassivo com os jovens e *gauche*. Durante quinze dias, fui ter com ele todas as manhãs às 10:30 e ele deu-me uma hora do seu valioso tempo. «Nunca peça champanhe. É uma bebida para mulheres velhas e coristas. É um desperdício de dinheiro se for a anfitriã. Se for convidada, o seu acompanhante, se não for muito rico, ficará contente por ter escolhido um vinho mais barato. E se não for muito estúpido, apreciará o facto de ler uma carta de vinhos com discernimento.» Ele até fechou as cortinas e acendeu as luzes numa manhã para que eu pudesse certificar-me de que o vestido que comprara por oito guineus na Shaftesbury Avenue não chocava com as paredes.

A única vez que ficou um pouco irritado foi quando pedi emprestado Sheba, a chita da Glory, e a levei para um almoço lá. Sheba comportou-se lindamente e comeu os seus dois quilos de bife picado sentada numa cadeira com um guardanapo atado sob o queixo; mas Ferraro viu que a presença dela deixava os outros clientes nervosos e fazia-os apressar a refeição.

Dei algumas boas festas até que a conta do primeiro trimestre foi para o Pai. Aparentemente, eu fora muito mais hospitaleira do que ele pretendera, por isso ele fechou a conta.

Ocultei cuidadosamente, mesmo de Kirsteen e Diana, que a verdadeira razão pela qual passava tanto tempo a assistir a jogos era para poder fingir que vivia numa era mais romântica, quando os cavaleiros combatiam em torneios pelo favor das suas damas. Era essencial, claro, que pelo menos um dos jogadores estivesse a tentar ganhar o ténis, ou a partida de raquetes, a conquistar *wickets* ou a fazer *runs*, porque sabia que eu o estava a observar. Talvez os jovens também tivessem nostalgia do romance, pois enquanto alguns dos meus conhecidos se gabavam de lutas em táxis, os meus pretendentes pediam-me em casamento formalmente de joelhos, num canto isolado do jardim, a menos que preferissem algum local mais imaginativo, como fez Richard Hill, que escolheu o campo de raquetes no Lord's.

Foi no Lord's que conheci Douglas Jardine, então capitão do XI de Oxford. Ele convidou-me para ir com ele no dia seguinte a um baile e a um jogo de críquete de aldeia em casa de Colin McIver, que costumava realizar-se na quinta-feira entre o *Varsity Match* e o *Gentlemen v. Players*. Douglas estava a rebater as bolas do carteiro quando caiu e ficou estendido no chão a contorcer-se.

Rapidamente desviei o olhar e fingi não notar. O Pai avisara-me frequentemente de que essa era a coisa correta a fazer em tais circunstâncias. Douglas foi auxiliado a sair do campo, mas ainda assim não corri para o confortar; de tal modo estava certa de que ele sofria de uma lesão que era das poucas que, nesta encarnação, nunca me poderia acontecer. Depois de ele estar ligado e na cama, fui confortá-lo. Foi difícil explicar que a minha aparente falta de interesse se devera ao facto de eu só então me ter apercebido de que a bola de críquete lhe tinha partido a clavícula. Quase lhe partiu o coração também, pois ele pensou que nunca mais seria convidado a jogar pelos *Gentlemen*.

A clarividência, se eu a possuísse, teria sido um consolo para ele na altura, pois poderia ter-lhe dito que perder um jogo era de importância menor para alguém que iria trazer as *Ashes* da Austrália. Não podendo oferecer este conforto fantasmagórico, levei-o para Hayling, onde ele ficou até recuperar. No ano seguinte, ele prestou-me o grande elogio de me levar com ele para inspecionar o *wicket* no Lord's. Nunca desfrutei tanto de um passeio como aquele através daquele relvado sagrado sob os olhares furiosos dos velhos senhores no Pavilhão. Eu estava secretamente tão cansada de ver até o Douglas jogar críquete que a minha felicidade foi

plena quando ele decidiu que o *wicket* não estava em condições para o jogo e, assim, ficou livre para me levar ao cinema.

## CAPÍTULO SEIS

## ANEL DE NOIVADO

No início de 1926, estava novamente com Kirsteen em Londres quando acordei uma manhã coberta de erupções cutâneas.

«Acho que é sarampo», disse ela energicamente, enfiando-me um termómetro na boca. «Graças a Deus que só tens 37,4 °C, por isso podes ir para casa de comboio antes que a mamã note e me ponha de quarentena.»

As piadas amargas que a alergia pode pregar às suas vítimas eram então virtualmente desconhecidas, pelo que a erupção, que persistiu durante várias semanas, foi diagnosticada como sarampo incipiente, tifo, febre escarlatina e uma variedade de doenças de pele raras e improváveis, até que finalmente se admitiu, a contragosto, não ser mais do que o resultado de uma lagosta estragada no Kit Kat. Fui mantida na cama, a murchar e a coçar-me, e o único raio de luz naquela escuridão estígia foi Graham Esplen, que até então fora apenas um dos jovens com quem eu dançava nas festas dos Workman, viajar até Hayling duas ou três vezes por semana para ficar no hotel na vaga esperança de que eu quisesse vê-lo.

Eu sentia-me demasiado horrível para ver alguém, especialmente alguém que nutria uma imagem minha digna de tributos de flores e uvas de estufa. Mas ele continuou a trazê-las para casa e escrevia-me todos os dias, e impressionou a Mãe com a sua adequação como genro. Ela permitiu que o desejo toldasse a sua previsão e anunciou que eu bem podia deixar o Graham ver-me em desvantagem, pois iria casar com ele no espaço de um ano.

Aceitei a sua previsão como sendo tão inevitável, embora mais benéfica, como o seu veredicto sobre o destino do Titanic e do telhado do campo de ténis. Ela deve ter encorajado o Graham também, pois em vez de ficar surpreendido quando aceitei a sua proposta, ele tirou um estojo de marroquim azul do bolso no qual oito belas safiras estavam incrustadas em cera, com desenhos sugeridos para as montagens pintados ao redor, para serem reproduzidos em diamantes assim que eu tivesse selecionado o penhor da minha escolha.

Durante algum tempo, regozijei-me com a aprovação materna, com o acolhimento dos meus futuros sogros e no abrigo do meu mundo secreto proporcionado por um homem amável, fiável e sem imaginação, que nunca se zangava comigo, mesmo quando eu sabia que estava a ser ilógica e cansativa.

Foi uma infelicidade ele não ser um bom jogador de desporto, mas como eu tinha desenvolvido um caroço do tamanho de uma bola de golfe no meu pulso direito — em consequência de jogar no Campeonato de Golfe para Raparigas depois de ter dado à manivela num Bentley emprestado que deu um coice e o deslocou — eu não conseguia segurar nem um taco nem uma raquete, por isso isso não importava realmente. Ele não era tão frívolo como os meus outros jovens tinham sido; mas por que haveria de o ser, quando eles ainda eram estudantes universitários enquanto ele tinha passado quatro anos na Marinha, combatendo numa guerra enquanto eles estavam em Eton ou Winchester.

Vários *Wykamists*, incluindo o Douglas, o Richard e o Leslie, repreenderam-me por ficar noiva de um *Harrovian*; mas eu disse-lhes, de forma um tanto fria, para não serem tão tacanhos. No grande Minerva de dois lugares — tinha uma carroçaria especial com ferragens em metal de canhão e estofos em pele de porco — que ele me deu, percorri os condados vizinhos em busca de uma casa adequada.

Talvez eu soubesse subconscientemente que nunca viveríamos nela, pois cada uma das dezenas que vi tinha algum obstáculo intransponível. Ele até, abençoado seja, deu-me o seu *Clumber Spaniel*, Derry, para me consolar após a morte do meu Labrador preto. Derry, que era tão obediente que chegava a ser um cão um pouco aborrecido, felizmente transferiu a sua devoção de *spaniel* exclusivamente para o Pai.

Atuar como anfitriã para os amigos de negócios do Graham — ele estava «nos transportes marítimos», o que para mim era tão incompreensível como estar «na Bolsa de Valores» — foi divertido ao início e depois tornou-se bastante monótono. Qual era o objetivo de levar pessoas a jantar quando o que ambas as partes realmente queriam fazer era falar sobre dinheiro num escritório? Perguntei-lhe isso, e ele pareceu pensar que eu estava a tentar ser engraçada com pouco bom gosto. Mas eu continuava a achar estranho, e ainda acho, que pessoas que já têm muito dinheiro se preocupem até terem úlceras para conseguir mais, em vez de o aproveitarem e se divertirem.

Em Setembro, após duas semanas a percorrer as charnecas de galos-lira nas *Lowlands*, onde descobri que, embora o Graham não tivesse grande utilidade num campo de ténis, era um excelente atirador, ele levou-me a Oban para me juntar à sua família no seu iate. Era uma escuna de três mastros sem motor auxiliar e, nela, navegámos de forma algo errática pelas Ilhas Ocidentais e depois, ainda com ventos ligeiros, descemos para sul até Holyhead. Aqui, o Graham teve de regressar a Londres de comboio, pois o seu pai disse que ele já estivera demasiado tempo longe do escritório.

Sir John era um disciplinador, mas cruzámos espadas com mútuo prazer e respeito, para espanto da sua mulher e de Ray, a sua filha, que nunca discutiam com ele. Ele conseguia o que queria ainda mais facilmente agora, pois sofria de *angina pectoris*, que em breve o mataria, e tinha uma enfermeira de hospital a bordo. Havia avisos de temporal e o céu sobre o Mar da Irlanda estava negro com nuvens de trovoada. O capitão, um escocês ruivo e austero, foi suficientemente pouco diplomático para dizer ao jantar que estava contente por estarmos no porto, pois seria uma noite "suja", demasiado agitada para um inválido. Então, Sir John ordenou-lhe imediatamente que se fizesse ao mar.

À meia-noite, vinte e um dos vinte e três tripulantes assalariados tinham tido enjoo marítimo e todos os passageiros, exceto o proprietário, estavam prostrados nos seus beliches. Havia um palmo de água a chapinhar de um lado para o outro no chão da cabine que eu partilhava com a Ray. De cada vez que eu cambaleava até às casas de banho, ficava ainda mais gelada e molhada, mas ainda assim conseguia manter, com um resto de lápis no painel pintado de branco sobre o meu beliche, uma contagem do número de vezes que vomitava. Ia na décima sexta quando a porta se escancarou e Sir John, calçando botas de cano alto, entrou a chapinhar, com um enorme charuto numa mão e uma garrafa de champanhe na outra. «Graças a Deus que a maldita enfermeira está demasiado cheia de pena de si mesma para me dizer que a bebida e o fumo me vão matar», berrou ele, soprando uma nuvem de fumo de charuto para cima de mim.

Foi a gota de água. Na fúria fria e húmida de quem não está familiarizado com a degradação do enjoo marítimo, rugi: «Mande esse maldito charuto fora ou apago-o na sua nuca!» A Ray abriu um olho turvo para ver o que ia acontecer a alguém que tinha desafiado tão temerariamente a ira de um pai que, para ela, era muito mais imediata do que a ira de Deus. Ele era um homem pequeno, mas produziu agora uma gargalhada gargantuesca, digna da tempestade. Serviu champanhe num

copo de lavar os dentes, obrigou-me a bebê-lo de um trago por duas vezes, atirou-me um conjunto de oleados e disse-me para subir para o poço e partilhar a diversão.

O resto da noite teve a qualidade da abertura de *O Holandês Voador*. Com seis tábuas submersas, deslizámos velozes sob velas recolhidas, com os demónios do vento a guincharem no cordame, o iate como uma carruagem a galopar loucamente entre uma hoste de cavalos brancos selvagens. Por fim, vimos uma luz à proa por bombordo. «É a luz de Land's End», disse o navegador, que a esta altura só conseguia navegar de gatas. Estava indevidamente otimista, pois quando o amanhecer chegou descobrimos que tínhamos contornado as Ilhas Scilly.

Um dia depois, entrámos em Falmouth sob um gibe em farrapos, enquanto os navios tocavam as suas sirenes e os marinheiros vitoriavam à nossa passagem; pois pensava-se que tínhamos naufragado, como aconteceu a várias outras embarcações naquela noite. A Ray e eu fomos a terra comprar natas de Devonshire (*Devonshire cream*). Vi um comboio Pullman com a indicação "Londres". Houve uma grande tentação de embarcar, mas consegui conter-me. A partir de então, foi-me permitido assumir o leme sempre que me sentisse inclinada — o que aconteceu até eu estar demasiado cansada para me manter de pé; pois há poucos prazeres mais intensos do que conduzir um grande iate de velas enfunadas, especialmente quando se tem uma tripulação bem treinada e alerta para saltar às suas ordens.

Antes do fim do cruzeiro, Sir John anunciou que seria melhor eu continuar as minhas lições de marinharia durante o inverno. Em Fevereiro, ele enviaria o iate para o Mediterrâneo para que eu pudesse passar a minha lua-de-mel a navegar entre as Ilhas Gregas.

Em Outubro, o Graham disse-me que eu tinha sido convidada para ficar com a sua tia materna perto de Barnard Castle, em Durham. Na noite anterior a sairmos de Londres, tive um sonho tão vívido com um fantasma que ia encontrar na casa que, embora tivéssemos concordado tacitamente em não discutir assombrações, não resisti a contar-lhe. Ele ficou desconcertado e implorou-me que, em circunstância alguma, mencionasse o assunto aos seus familiares. «Isso apenas os deixaria embaraçados, querida. Por favor, acredita em mim. Odeio quando as pessoas pensam que és estranha ou excêntrica. Fantasmas e todo esse tipo de coisas não são apenas perigosos, são doentios.»

Tentei não mostrar que estava magoada. Seria muito injusto culpar o Graham quando eu o tinha escolhido deliberadamente porque o seu pragmatismo me ajudaria a viver eficientemente no mundo, com os pés firmemente plantados em solo sólido. Eu poderia nunca mais ter mencionado o sonho, a menos que ele tivesse tentado dissuadir-me, dizendo-me que a casa ficava cinquenta milhas mais longe do que realmente ficava e conduzindo a passar os portões a sessenta milhas por hora. No momento em que vi os pilares de pedra no feixe dos faróis, eram-me tão familiares que lhe disse para deixar de ser asno e voltar para trás, o que ele fez, algo envergonhado.

A casa em si foi uma deceção, pois em vez de ser de pedra cinzenta com um telhado de telha de canudo vermelha, as paredes estavam tão densamente cobertas de hera que pareciam verde-escuras; e em vez de estar situada num campo inclinado de erva brava, havia jardins em socalcos arrumados. A escadaria estava também no lugar errado, e o quarto que me deram só estava correto na sua forma e na posição da janela. Os móveis e o papel de parede eram completamente diferentes.

Achei a prima do Graham, Norah, que tinha a minha idade, muito simpática; mas durante dois dias fui discreta e pratiquei dedicadamente o lançamento com o par de canas de truta Hardy que ele me tinha dado para me encorajar a pescar. Na terceira noite, ela veio ao meu quarto para coscuvilhar depois de todos os outros se terem deitado. Eu sabia, embora não conseguisse recordar os detalhes da conversa, que tinha passado a maior parte da noite anterior a conversar com o fantasma. Não resisti a falar-lhe dela.

«Ela entrou pela janela», disse eu. «Era bastante jovem, mais ou menos da nossa idade, e usava um vestido de cambraia branca com raminhos de alfazema — o tipo de vestido que uma criada de servir poderia ter usado no século dezoito. Quem me dera lembrar-me do nome dela ou do porquê de ela estar aqui. Tinha cerca de trinta anos quando morreu, mas só viveu aqui quando era jovem. Ela disse-me: "Às vezes volto para olhar para o velho lugar. Já ninguém me pode impedir de voltar."»

A história parecia muito inconsistente e senti-me tímida por me ter aventurado nela. «Tive muitos sonhos que foram muito mais precisos do que este», disse eu defensivamente. «Tenho tentado não sonhar ultimamente porque é algo que não posso partilhar com o Graham. Ele está encantado por eu ter errado tantos detalhes... Eu esperava que a casa fosse

cinzenta em vez de verde, e a escadaria está no lugar errado e os jardins não estavam aqui.»

«Onde era a escadaria?», perguntou a Norah rapidamente.

«No canto da galeria. Era uma escada em caracol na espessura da parede. Havia um horror nela que me assustou tanto que fugi de casa e desci o caminho de acesso. Acordei quando cheguei ao portão. É por isso que me lembrava tão claramente de como é.»

Norah sorriu. «Tenho algo no meu quarto que talvez gostasses de mostrar ao Graham.» Ela trouxe-me uma aguarela da casa tal como era quando o avô dela a comprou por volta de 1850. A casa era então exatamente como eu a tinha visto. «A escadaria era onde a descreveste também», disse ela calorosamente. «Não sei o que era o "horror", mas lembro-me do meu pai me dizer que antes de o avô viver na casa, ele mandou emparedar a velha escadaria. Disse que era insegura.»

«Alguma vez viste o meu fantasma?»

«Nenhum de nós viu. Acho que não somos uma família que veja muitos fantasmas. Mas várias outras pessoas viram. Pensávamos que era apenas porque sabiam que a casa supostamente era assombrada. Ela era a única filha do homem que construiu a casa, e saltou por aquela janela e fugiu para Gretna Green para casar. O pai nunca lhe perdoou, mesmo quando ela ficou viúva. Quando soube que estava a morrer, escreveu a implorar-lhe que a deixasse voltar para casa, mas ele nunca respondeu à carta.» Ela sorriu. «Estou tão contente por teres conseguido falar com ela, para que ela saiba que será sempre bem-vinda aqui.»

## CAPÍTULO SETE

## FIM DA JORNADA

Foi quase como se a rapariga que tinha escapado por aquela janela da casa de pedra cinzenta tivesse aberto uma janela para mim, que eu tentara fechar com ferro contra o meu mundo real. Finalmente soube que não estava apaixonada pelo Graham, porque estava apaixonada por alguém com quem, há mais de um ano, me encontrava nos meus sonhos. Agora tentava recordar-me dele, mas quanto mais tentava, mais esquivos os meus sonhos se tornavam. Seriam sonhos verdadeiros, ou apenas fantasias românticas? Pior, seriam apenas memórias fragmentadas de alguém que eu amara muito antes de a Joan nascer?

«És incuravelmente romântica», disse a Mãe energicamente. «Tens-te apaixonado e desapaixonado desde que adoravas o Billy Grenfell quando tinhas seis anos. E antes disso houve o John Mallet e sabe Deus quantos outros. Estou apenas grata por finalmente te teres recomposto e estares a fazer um casamento sensato... Estarás segura com o Graham.»

«Eu não quero estar segura!», lamentei-me. «E não me vou casar com o Graham. Não me vou casar com ninguém, nunca. Porque se o fizesse e me apaixonasse por alguém depois, fugiria com ele imediatamente — e isso seria horrível porque teria de quebrar a minha promessa.»

«Cala-te, criança — estás a ser histérica!»

Enquanto ela dizia isto, senti-me como se fosse uma criança outra vez, a bater com o pé em fúria impotente e a ser frustrada pela carpete espessa que transformava a batida apenas numa vibração no meu joelho, em vez de um som retumbante que pudesse projetar os meus pensamentos para dentro da testa dela.

«Não me vou casar com o Graham!», gritei. «Não consegues compreender? Seria muito mais perverso para ele do que para mim. Ele tem tanto para dar a uma pessoa que não é o meu tipo de pessoa. Se eu o deixar continuar a dar-me os seus brinquedos, apenas os transformarei em serradura... Não conseguiria evitar fazê-lo sentir-se envergonhado dos seus brinquedos, envergonhado por não ser capaz de me dar o que ninguém lhe pode dar. Estou sozinha, não compreendes? Sozinha! Sozinha!»

Fugi para o meu quarto e pus os dedos nos ouvidos quando ela bateu na porta trancada. A Mãe ligou para o Graham às sete horas da manhã para dar a notícia de que eu decidira não casar com ele. Ele telefonou-me uma hora mais tarde, embaraçado, confuso.

«Podias ao menos ter-me dito tu mesma, em vez de me deixares ouvir da tua mãe, antes do pequeno-almoço.»

«Não foi culpa minha, a sério que não foi. Vou apanhar o das 10:05. Encontra-te comigo em Waterloo.»

Demos voltas e voltas ao Hyde Park num táxi enquanto eu tentava explicar que, ao abandoná-lo, estava a fazer-lhe um favor. Estava a salvá-lo de ficar preso a uma mulher que ninguém conseguia compreender, porque, por mais que tentasse, ela não se compreendia a si própria. Ele continuava a tentar convencer-me de que não se importava que eu fosse difícil, e eu comecei a contar as vezes que passámos pela estátua de Aquiles — treze, catorze, quinze. Aquiles tornou-se um palhaço a mimar uma tragédia, a tragédia de duas pessoas a tentarem construir uma ponte que nenhuma poderia cruzar, um palhaço que ameaçava inundar-me com a gargalhada terrível e escancarada que ecoa a pungência de um funeral.

«Mas o que é que eu fiz?», perguntou o Graham mais uma vez.

«Não é culpa tua. É minha, não compreendes? Tudo é culpa minha porque não sei quem sou.»

«Querida, querida Joan. Por favor, tenta ser sensata.»

«Sensata! Meu Deus, eu tentei! Consigo bater em bolas de golfe para mais longe do que mulheres enormes e resistentes que gostam de bater em bolas de golfe. Consigo bater em bolas de ténis contra a grelha tão bem como um homem, mesmo quando as minhas entranhas parecem estar a cair. Consigo fazer Ciências Mecânicas para agradar ao Pai, embora deteste matemática. Mas não me posso casar contigo, nem com ninguém. Estarei sempre sozinha, mas pelo menos tentarei ser solitária por mim mesma em vez de estragar a vida de outra pessoa.»

Nunca estive tão sozinha como durante aquele Natal sombrio. Empacotei presentes de casamento para devolver com uma carta de desculpas. O mais difícil de empacotar foi um serviço de jantar antigo de Coalport de cento e oitenta e sete peças, incluindo quatro terrinas; e enquanto pregava as tampas das caixas de embalagem, desejei que alguém tivesse a decência de me pregar num caixão.

O peru e o pudim de ameixa foram engolidos em silêncio. Os pesados ramos de verdura com que os jardineiros, por hábito, decoravam a casa poderiam ter sido plumas negras para o funeral de uma marioneta. Eu estava em profundo desfavor e não me era permitido esquecê-lo por um momento. Até o Pai estava zangado comigo, pois embora estivesse contente por eu ir ficar com ele em vez de me casar, sentia falta de Derry, o *spaniel*, que tinha voltado para o Graham.

O resgate imprevisto veio da Kirsteen, que estava a esquiar na Suíça. Quando recebeu a minha carta dizendo que estava a decorrer uma discussão horrorosa, pediu à sua acompanhante que enviasse um telegrama com um convite para me juntar ao grupo deles. Tinha muito pouca esperança de que me fosse permitido aceitar, pois os Desportos de Inverno eram, no modo de pensar da Mãe, ainda mais geradores de ansiedade do que cavalos ou navegação. No entanto, as refeições quase silenciosas que eu partilhava com os meus pais deviam estar a afetar os nervos deles ainda mais do que os meus, pois o Pai inesperadamente anulou as objeções da Mãe, dizendo que eu ficaria perfeitamente bem, já que o marido da minha futura acompanhante era um bom jogador de ténis. Assim, fiz uma mala e apanhei o comboio seguinte para Londres antes que eles pudessem mudar de ideias.

O pessimismo financeiro, que ocorria regularmente duas vezes por ano quando o Pai se retirava para o seu escritório para fazer contas, estava pior do que o habitual porque ele estava irritado por ter comprado dezoito dúzias de champanhe em antecipação ao meu casamento. Agora, por causa do meu comportamento impensado, teria de o beber ele próprio em vez de clarete ou borgonha, que ele preferia infinitamente. Assim, estando como de costume sem dinheiro e não ousando pedir nenhum para o caso de a "Extravagância Desnecessária" ser usada como desculpa para me manter em casa, fui à Thomas Cook e pedi o bilhete mais barato possível para Andermatt.

Como raramente me tinha sido permitido viajar de comboio mesmo para Londres sem uma criada a acompanhar — a menos que me vissem partir em Havant e me fossem buscar a Waterloo — e nunca tinha sequer entrado numa carruagem de terceira classe, tornou a viagem muito mais uma aventura o facto de estar a viajar Sozinha, no Estrangeiro e em Terceira. Consolou-me o facto de a Mãe ter finalmente reconhecido a minha competência em cuidar de mim própria, pois só mais tarde descobri que ela pensava que eu viajava de Londres, bem acompanhada, com a Kirsteen.

Em Calais, a liberdade de viajar em condições duras começou a esmorecer quando descobri que o meu lugar reservado era numa carruagem com sete mulheres idosas, equipadas com mantas e sanduíches e a cheirar a água-de-colónia rançosa com que, sem dúvida, tinham tentado refrescar-se após a travessia agitada. Percorri o comboio até encontrar uma carruagem de primeira classe vazia, na qual me sentei a tocar o meu *ukulele* até o *chef de train* aparecer.

Antes que ele pudesse introduzir a nota sórdida de olhar para o meu bilhete ou perguntar se eu desejava pagar o excesso de tarifa, sugeri no meu francês um tanto curioso que ele parecia cansado e que, sem dúvida, se sentiria melhor se pusesse os pés para cima e descansasse enquanto me ouvia cantar «Oh Suzannah». Ele pareceu um pouco sobressaltado, mas a sua cortesia francesa forçou-o a aceitar o meu convite.

«Oh, Suzannah, don't you cry for me, for I'm travelling on to Oregon with my banjo on my knee», cantei repetidamente, pois só conhecia o refrão.

Ele não devia ter ouvido para a música, pois pediu um *encore*, e eu disse-lhe que, por muito que gostasse de partilhar o resto do meu repertório com ele, tal poderia não ser possível, já que a minha carruagem estava cheia de velhas senhoras inglesas maçadoras que de certeza desaprovariam se eu beliscasse sequer uma única corda, mesmo sem uma audiência masculina.

«Além disso», acrescentei pateticamente, «estarei com demasiada fome para cantar mais, pois de momento sou demasiado pobre para pedir um jantar decente na carruagem-restaurante, e não fui educada a mastigar pãezinhos de sacos de papel.»

Este problema, assegurou-me ele, era algo que estava ao seu alcance resolver em menos de um piscar de olhos. Felizmente o comboio não estava completamente cheio, por isso eu devia, como sua convidada, ocupar aquela carruagem, na qual comeria o excelente jantar que um dos seus subordinados teria o privilégio de me trazer. Assim que terminasse os seus deveres para com os bárbaros ricos de quem, infelizmente, tinha de cuidar, ele voltaria para junto de mim para outra sessão de *le sing-song*; após a qual eu passaria uma noite repousante numa carruagem-cama de primeira classe. O que fiz, após um jantar excelente, com meia garrafa de borgonha que guardei para o sustentar quando ele voltasse para ouvir as minhas outras três canções desafinadas.

Havia neve, neve profunda, bela e limpa, e árvores de Natal orgulhosas da sua neve a cintilar fora da janela do comboio quando acordei. Percebi subitamente que, na pressa da minha fuga para a aventura, me esquecera de telegrafar à Kirsteen a dizer em que comboio, ou mesmo em que dia, chegaria. Mas que importava isso? O que importava o que quer que fosse? Um trenó com guizos a cantar nos arreios do cavalo levou-me ao hotel.

«Os seus amigos saíram», disse o porteiro. «Está toda a gente lá fora com a neve, pois está um dia belíssimo. Mas, com certeza, temos um quarto para si.»

No quarto havia uma cama, uma cadeira, uma mesa e uma fila de ganchos na parede. Era limpo e livre como a neve lá fora. Finalmente, estava num quarto que me pertencia verdadeiramente, um quarto tão impessoal e desprovido de exigências como a cela de um noviço. Desfiz a mala. Foi tão fácil desfazer a mala quando tinha apenas uma e nem me dera ao trabalho de notar o que lá tinha posto.

Depois deambulei pelas escadas abaixo, através de salas despojadas e descomplicadas, até encontrar uma que não tinha nada exceto um piano. Estava a tocar suavemente para mim a música da Jennie quando a porta se abriu. Um homem com um par de esquis ao ombro parou na soleira. Olhou para mim durante muito tempo sem falar. Depois disse: «É mesmo você. Tenho sonhado consigo há quase dois anos. Também me reconhece?»

«Claro que sim», disse eu, sabendo finalmente que a verdade é muito simples.

Ele estendeu os braços, eu fui para eles e ele beijou-me.

## CAPÍTULO OITO

## ENCONTRO DE AMANTES

Estar com o Esmond era como estar num sonho brilhante, um sonho em que tudo era mais real do que alguma vez o é na vida comum. Mas deste sonho eu não acordava para me encontrar sozinha. «Nunca mais estarei sozinha», disse em voz alta ao acordar para cada novo e esplêndido dia. Nem sequer importava que eu não tivesse talento para esquiar, pois quando eu caía ele levantava-me e ríamos juntos; e com o braço dele à minha volta, eu alcançava um equilíbrio precário em encostas rápidas, e ele elevava-me do chão e girava comigo quando tínhamos de curvar.

Por vezes, quase tinha medo de que tudo fosse bom demais para ser verdade.... Como podia a minha vida ter mudado tão completamente em menos de vinte e quatro horas?

«Esta é a Joan e vou casar com ela», dissera o Esmond, apresentando-me à sua mãe. E ela, em vez de parecer aborrecida ou mesmo

sobressaltada, aceitara-me como se ela própria me tivesse escolhido para nora.

Era bela, amável e gentil, e parecia suficientemente jovem para ser a irmã mais velha dos seus filhos, embora não tivesse tido uma vida fácil, criando quatro rapazes e enviando-os para Eton com não muito dinheiro, depois de o seu marido ter sido morto na Guarda Irlandesa (*Irish Guards*) no último ano da guerra.

O Esmond, que tinha vinte e dois anos, estivera dois anos em Cambridge e depois, em vez de se licenciar, dera a volta ao mundo porque achava que seria mais divertido e também mais útil para a sua futura carreira de jornalista. O seu padrinho, que era também o seu tutor, ia dar-lhe um começo no *Continental Daily Mail*, o que implicaria que vivesse em Paris durante pelo menos um ano.

«A Joan vai gostar de Paris», disse ele com confiança à mãe. «Será melhor passarmos lá uns dias antes de os rapazes voltarem para a escola, para que nos possas ajudar a encontrar um apartamento.»

Relutantemente, ela deixou que o primeiro sopro frio da realidade entrasse no nosso sonho. «Querido, temo que o teu padrinho se oponha a que te cases antes de teres trabalhado pelo menos seis meses — seis meses é o período experimental que ele exige antes de decidir definitivamente dar-te o emprego.»

«Trabalharei o dobro se a Joan estiver comigo», disse ele rebelde.

«Na tua lua-de-mel? Claro que não trabalhavas. Enquanto estiverem juntos, nenhum de vocês perde um momento a pensar em nada que não seja o outro.» Ela implorou-nos. «Meus queridos, não olhem para mim como se eu fosse uma górgone. Alguém tem de ser minimamente prático em relação ao futuro. Eu sei que o dinheiro é um assunto maçador, mas não ter nenhum é ainda mais maçador.»

Ele pôs o braço sobre os meus ombros e deu-lhe um abraço rápido. «Desculpa, querida. Claro que preciso de um emprego, e vou consegui-lo. Teremos de esperar até Julho. Nem o meu severo padrinho poderia esperar que eu esperasse mais do que isso.»

«E quanto aos teus pais?», perguntou-me ela. «Já lhes deste a notícia do vosso noivado?»

«Sim», disse eu relutantemente. «Acabou por escapar de forma pouco diplomática quando estava a escrever à Mãe a dizer que tinha chegado bem.»

«E ela está contente?»

«Não muito. Como te disse, tivemos uma discussão antes de eu sair de casa porque rompi um noivado. Ela diz que é positivamente indecente sequer pensar tão cedo em casar com outra pessoa. Suponho que não se possa esperar que ela veja como isto é totalmente diferente até conhecer o Esmond; mas no momento em que o fizer, tudo ficará bem.»

Ela sorriu com carinho para o filho. «Suponho que sim, mas seria apenas cortês que o Esmond fizesse um pedido formal pela tua mão. Penso que farão bem, ambos, se conseguirem que os pais da Joan concordem com um noivado oficial na Páscoa e um casamento — se ele conseguir a confirmação do emprego, claro — em Agosto ou Setembro.»

Ela ajudou-nos escrevendo uma carta muito diplomática à Mãe, dizendo como a tornava feliz ver o seu filho mais velho tão profundamente apaixonado e o quanto ansiava por me ter como nora. A Kirsteen e a nossa acompanhante também escreveram calorosamente sobre o Esmond. A Kirsteen, instruída por mim, salientou o facto de eu ter finalmente alguém que não só cuidaria de mim, como me manteria na ordem. Sabia que a ideia de me ver disciplinada agradaria à Mãe; e deve ter agradado, pois as suas respostas, embora cautelosas, foram cordiais.

O Esmond, numa mota, chegou a Seacourt no dia seguinte ao meu regresso da Suíça. No início, tentaram tratá-lo como se fosse apenas mais um pretendente que não precisava de ser levado a sério, mas depressa se renderam.

«Um jovem extraordinário», disse o Pai, «e parece ter tido aventuras extraordinárias, que descreve muitíssimo bem. Pelo menos nunca te aborrecerás com ele, embora espere que a ideia dele de te manter entretida não inclua partilhar um naufrágio no Mar Vermelho. Não aprovo os dhows árabes como meio de transporte, e tu não és de longe uma nadadora suficientemente boa para sobreviveres, como ele sobreviveu, durante várias horas entre tubarões. Nem aprovaria que te envolvesses numa briga de bar nos bairros menos salubres de Singapura, ou em qualquer outra parte do mundo, quanto a isso.»

«Impedi-lo-ei de fazer qualquer coisa realmente perigosa depois de casarmos», disse eu com carinho. «Diz-se que os homens que tiveram

muitas aventuras e que viveram a sua fase rebelde tornam-se os maridos mais pacatos e fiáveis.»

«Duvido que ele venha a ser dócil sob o domínio de qualquer mulher. Mas se esperas mudá-lo, podias começar por tentar curá-lo do hábito deprimente de trazer um revólver para uma casa civilizada.» Ele pareceu severo. «Notei um em cima do toucador quando passei pelo quarto dele a caminho de ir jogar ténis esta manhã. A porta, tal como as janelas, estava escancarada, deixando uma corrente de ar pavorosa no corredor.»

«Vou dizer-lhe para manter a porta fechada», disse eu apressadamente, pois janelas abertas para o Pai significavam correntes de ar e um desperdício terrível de dinheiro gasto em aquecimento central. A porta do meu quarto tinha MANTENHA FECHADA pintado pela Mãe em letras de trinta centímetros, como protesto contra a minha paixão egoísta por ar fresco.

«Preferia morrer de pneumonia a levar um tiro», disse o Pai secamente, e eu podia ter-me batido por não ter avisado o Esmond da fobia dele contra armas de fogo.

«A pistola não está carregada. Ele é um excelente atirador de pistola e ganhou imensas taças e medalhas e coisas dessas. Para ele é apenas um tipo de taco de golfe ou raquete de ténis....»

«Diz-lhe para não a disparar aqui ou ficarei extremamente aborrecido.» Ele piscou os olhos para mim através dos óculos. «Realmente, Joan, estás a tornar-te assustadoramente desconsiderada. Não permitirei que a minha casa, ou o meu jardim, ou a praia, sejam transformados numa galeria de tiro por nenhum dos teus futuros maridos! Valha-me Deus, ainda se põe a disparar no campo de ténis!»

«Ele não o fará, querido. Juro que não. Farei com que ele atire a coisa horrorosa ao mar se isso te fizer sentir mais feliz.»

«Uma sugestão muito sensata... e certifica-te de que o faz na maré baixa, para que nenhuma criança desgraçada a encontre na areia e a use para rebentar os miolos da sua infeliz mãe.»

Fiquei envergonhada por, tal como o Pai, secretamente achar sempre que uma arma era potencialmente perigosa mesmo quando se supunha não estar carregada. Por isso, não mencionei a pistola ao Esmond. Tive medo de que ele achasse que eu estava a ser picuinhas.

Na sua última noite em Seacourt, o trigésimo segundo dia desde que nos reencontrámos em Andermatt, falámos sobre o futuro, para podermos fingir que vamos partilhar o amanhã e o amanhã e o amanhã. No sofá da sala de música, quase conseguimos esquecer que ele partiria para Paris de manhã, mas nenhum de nós o conseguia esquecer totalmente.

«Temos de nos lembrar que estarei fora apenas seis meses.... E de certeza que conseguirei fins-de-semana livres para te vir ver», disse ele confortavelmente.

«Não vamos estragar o Agora pensando nos próximos seis meses. Vão ser absolutamente horríveis, mas não deixes que eles se aproximem ao pensar neles.»

Ele estalou os dedos. «Pronto! Fiz uma magia. Os seis meses acabaram e estamos no fim de Julho. Vamos casar amanhã. Queres casar aqui ou preferes fugir?»

Hesitei. «Eu sei que devíamos dar a todos a alegria de um grande casamento, mas não me parece que vá acontecer.»

«Porquê, querida?»

«Sei que parece disparatado, mas quando tento olhar em frente e ver-nos a casar numa igreja, comigo numa crinolina de tule branco com uma grinalda de flores de laranjeira, e a Diana e a Kirsteen como damas de honor, não parece propriamente real.»

«Muito melhor não perder tempo com um casamento», disse o Esmond alegremente. «No momento em que receber o "Caminho Livre" do jornal, envio-te um telegrama, e tu saltas para o próximo avião e casamos em Paris. Onde passaremos a lua-de-mel?»

«Em qualquer lado e em todo o lado... anos e anos de lua-de-mel.»

«Já sei o que vamos fazer! É uma ideia brilhante e não imagino como não pensei nisto antes. Serei tão incrivelmente eficiente no meu trabalho que o *Daily Mail* aceitará que eu me torne um repórter itinerante, e então poderemos passar um ano a dar a volta ao mundo à custa deles, na primeira etapa da nossa lua-de-mel. Levar-te-ei a todos os lugares especialmente belos em que sonhei contigo — Samoa, e o Japão, e uma montanha particularmente favorita em Ceilão. Tudo será mil vezes melhor do que quando o vi sozinho, pois em vez de desapareceres quando eu acordar, estarás lá à espera para desfrutares do teu marido mais apreciativo.»

Antes que eu pudesse dizer-lhe que ele me encontraria também muito apreciativa, a Mãe abriu a porta da galeria e chamou: «É depois da meia-noite, crianças. Vou para a cama agora, por isso dou-vos as boas-noites. Prometam que não ficam acordados mais do que outra meia hora.»

«Boa noite, Sra. Marshall: prometemos», disse o Esmond, o que foi uma infelicidade, pois ele cumpria sempre as suas promessas.

O relógio de pé no patamar deu a uma quando ele me deu o beijo de boa noite à porta do meu quarto. Vi-o afastar-se de mim pelo longo corredor e depois dobrar a esquina, fora da minha vista. Ouvi a porta do quarto dele fechar-se atrás dele.

Estava a meter-me na cama, desolada, quando ouvi uma voz — creio que era a da Jennie — dizer suavemente mas com toda a clareza: «Depois de o Esmond sair daqui amanhã, nunca mais o voltarás a ver.»

Por isso, corri para o quarto dele e passei o resto dessa doce e curta noite com ele.

## CAPÍTULO NOVE

## O AMANHÃ NUNCA CHEGA

O Esmond estava em Paris e eu estava em Inglaterra. Este facto incontornável era de longe mais importante do que qualquer outra coisa, e eu teria preferido ser deixada sozinha a pensar nele sem interrupções, enquanto os dias vazios — vazios exceto pela chegada do carteiro — se arrastavam tão discretamente quanto possível.

No entanto, a torre de marfim estava fora de alcance. O Esmond, que não tinha paciência para gente deprimida, lembrava-me frequentemente nas suas cartas que um cavaleiro andante espera que a sua amada apresente uma quota razoável de rivais para ele vencer nos torneios. Por isso, porque é que eu não ia a bailes? Teria eu medo de que, se visse o Douglas ou o Leslie ou qualquer um dos outros, descobrisse que o meu amor por ele não sobrevivia ao teste da competição?

Como ambos os meus pais eram excessivamente possessivos, este ponto de vista era refrescante e, ao mesmo tempo, muito estranho. Cheguei a perguntar à Mãe o que pensava sobre isso.

«Um jovem muito sensato», disse ela calorosamente. «Ele sabe que quando dois homens estão apaixonados por ti, quatro homens estão

apaixonados por ti; mas se apenas um homem te ama, nenhum homem te ama realmente.» Assim, tendo-lhes dito que estava apaixonada pelo Esmond e que casaria com ele assim que tivesse oportunidade, fui a bailes com outros acompanhantes e quase consegui divertir-me — o que tornou muito mais fácil escrever cartas alegres e divertidas para Paris.

Tentei convencer-me, e quase consegui, de que apenas imaginara a voz que me dissera que nunca mais o voltaria a ver; imaginara-a para que ela pudesse calar a voz da "consciência" que tentara falar mais alto do que o meu coração. Mas embora tentasse ser racional, andava inquieta e dormia mal, e por isso perdi peso, como sempre acontecia quando estava infeliz. A remoção das amígdalas era a cura milagrosa da moda naquele ano, por isso a Mãe decidiu que o procedimento devia ser realizado em mim.

Consegui adiar até ter sido uma das oito damas de honor no casamento da Diana — com o seu primo Stan — em Março. Depois, eles partiram em lua-de-mel para a Índia, onde o pai dele e tio dela, Sir Stanley Jackson, era Governador de Bengala; e eu fui internada numa casa de saúde.

Creio que a Mãe deve tê-la escolhido por ser a única das várias que inspecionou que não tinha "horas de visita". Ela não tinha qualquer intenção de ser impedida de estar à cabeceira da sua filha por regras sem sentido apoiadas por uma matrona oficiosa. Ela não fazia ideia, claro, de que era quase certamente a casa de saúde imortalizada em *Vile Bodies* de Evelyn Waugh, onde o paciente morre sem que ninguém note durante um *cocktail* no seu quarto.

O cirurgião deve ter sido afetado por aquela atmosfera negligente, pois a meio da operação descobriu que se esquecera de trazer uma peça essencial do equipamento, e teve de enviar um táxi aos seus consultórios em Harley Street para a ir buscar. Eram as amígdalas mais volumosas e saudáveis que ele alguma vez removera e, para o provar, foram colocadas num frasco de vidro junto à minha cama. O dálmata da matrona olhava-as com desejo e, ocasionalmente, chegava a esquecer a discrição e sentava-se a pedir, reconhecendo-as sem dúvida como parte das suas regalias.

Três dias depois, exausta por um fluxo de visitantes, estava sentada na cama a fazer uma lavagem a seco ao cabelo, enquanto uma manicure — também parte do serviço da casa de saúde — me arranjava as unhas, quando uma fonte de sangue jorrou da minha boca. Seis horas e quatro médicos depois, a hemorragia parou. Por essa altura, eu estava cheia de morfina e tinha sido envolta em gelo. O gelo, embrulhado apenas em toalhas de rosto, derreteu e deixou-me inconsciente num lago gelado. De

forma algo ingénua, todos ficaram espantados quando a minha temperatura disparou e desenvolvi uma pneumonia.

Pneumonia, quando de cada vez que se tosse a garganta ameaça sangrar de novo, tem muito pouca graça. Mas assim que superei a crise, o Douglas vinha visitar-me todos os dias durante a sua hora de almoço, e o Leslie foi ainda mais prestável, pois convenceu a enfermeira escocesa do turno da noite a deixá-lo ficar no meu quarto quando eu estava demasiado cansada para dormir e a minha cabeça doía tanto que não conseguia ler.

«Sei que é contra as regras ter visitas depois da meia-noite», dizia a bondosa Irmã Cameron, «mas o Sr. Grant tem uns olhos castanhos tão bonitos que o facto de ele estar sentado sossegado no chão a segurar-lhe a mão não lhe pode fazer senão bem.» Como ela tinha razão! Estou certa de que morre mais gente nos hospitais de solidão e tédio do que de meros sintomas clínicos.

Não tinha dito ao Esmond que estava numa casa de saúde. O tipo de esposa que eu pretendia tornar-me devia ser sempre alegre e romântica e, acima de tudo, saudável. Não havia nada de romântico em fazer uma amigdalectomia. Parecia quase tão sórdido como ter adenoides; por isso, as minhas cartas sobre o futuro que partilharíamos em aventuras pelo mundo não faziam menção ao presente.

«"Mas o que é que tens andado a fazer, querida?

Para de ser evasiva", escreveu ele. Então respondi-lhe explicando o que realmente tinha acontecido. A sua resposta foi imediata e mais do que tranquilizadora — sob a forma de um longo e íntimo telegrama que me dizia que ele voaria para me ver na noite seguinte.

Agarrei no telefone e liguei à Mãe, que concordou que eu pudesse voltar imediatamente para o apartamento na Charles Street, que lhes tinha sido emprestado pelo Tom Scully, que estava na América, em vez de ficar na casa de saúde mais dois dias.

Era um apartamento grande, e percorri os corredores de um lado para o outro de modo a ensinar as minhas pernas a não se sentirem trémulas. Lavei o cabelo. Arranjei flores. Finalmente tudo estava pronto para o Esmond, que me encontraria bem e radiante em vez de deitada numa cama de casa de saúde, com o cheiro a éter a pairar nos corredores e o tinido das arrastadeiras a ecoar do despejadouro ao lado. Eu estava demasiado excitada para dormir, por isso a Mãe deu-me um comprimido para dormir,

que aceitei agradecida, pois estava determinada a não parecer velha e abatida para o Esmond.

Foi um sono escuro e profundo, ininterrupto pela sombra de um sonho. A campainha da porta da frente acordou-me. Ouvi a criada atravessar o átrio e depois dizer ao Pai: «É um telegrama para o senhor.» Ouvi-o dizer: «É da mãe do Esmond.» Saltei da cama gritando: «É para mim. Ela vem buscá-lo a Croydon?»

«Volta para a cama, criança. Vais apanhar uma constipação», disse a Mãe rapidamente, e seguiu o Pai para a sala de estar.

Subitamente fiquei assustada, e sentei-me na borda da cama dizendo a mim mesma que, mesmo que o Esmond não pudesse vir de Paris hoje, eu não devia deixar que eles vissem o quanto me importava.

O Pai entrou no quarto, fechou a porta cuidadosamente e olhou fixamente pela janela.

«Receio ter notícias muito más para ti, pequena», disse ele sem olhar para mim. «Recebemos um telegrama. O Esmond morreu.»

«Ele não pode estar morto! Eu saberia se ele estivesse morto! Ele vem cá hoje.» Mas, mesmo enquanto protestava freneticamente, eu sabia que era verdade. As lágrimas jorraram-me dos olhos. O Pai sentou-se ao meu lado na cama, batendo-me nas costas numa agonia de piedade e embaraço. Pobre e querido homem, ele não me via chorar desde que eu tinha quatro anos, e mesmo nessa altura eu tivera autocontrolo suficiente para chorar decentemente para dentro de um frasco de remédio. Agora não tinha defesa contra a maré de dor avassaladora. «Obrigada, meu Deus, oh, obrigada, meu Deus», solucei, «por me teres deixado dormir com o Esmond antes de ele morrer.»

O Pai cobriu-me com um edredão e saiu do quarto. Senti-me culpada por o ter perturbado ao chorar em público — mas talvez ele soubesse o quanto ajudava ter o seu ombro para chorar. A Mãe entrou. «Pobre criança, sinto muita pena de ti», disse ela energicamente. «Mas como pudeste ser tão tola ao ponto de dizer ao Jack que o Esmond te tinha seduzido — sob o teto do teu pai? Se estás grávida, confessa já e levar-te-ei a Paris para te livrares disso.»

Num acesso de fúria, disse muitas coisas que levou muito tempo a perdoar. Expulsei-a do quarto. Vesti umas roupas à pressa e fugi de casa, e andei e andei sem parar pelas ruas solitárias de Londres.

Durante parte do tempo devo ter estado no Hyde Park, pois lembro-me de estar deitada de bruços na relva áspera e areienta que cheirava a ovelha. Mas, exceto por isto, há um buraco cinzento e frio na minha memória daquele dia, desde as dez da manhã, quando saí a correr do apartamento, até às oito daquela noite, quando me encontrei parada à porta de uma porta aberta na Hertford Street. Porque é que a porta significava algo? Quem vivia ali? O Leslie vivia ali. Mas haveria uma discussão se a Mãe descobrisse que eu tinha estado sozinha nos aposentos de um homem. Mas já não importava. Nada mais importava.

Estava tão cansada que só conseguia subir as escadas agarrando-me ao corrimão. O Leslie estava sentado sozinho junto à lareira vazia. «O Esmond morreu», disse eu categoricamente.

«Oh, maldição! Que injustiça maldita! Agora que ele está morto, vais amá-lo sempre a ele em vez de me amares a mim.»

Comecei a tremer. Os meus dentes batiam tanto que eu não conseguia falar. Havia uma banheira no quarto dele com um esquentador por cima, na parede. Ele ligou-o até o quarto ficar cheio de vapor. Depois pegou em mim e despiu-me, como uma ama muito bondosa e competente, pôs-me na banheira e deixou correr água quente e suave sobre os meus ombros com a sua esponja enorme. Depois embrulhou-me no seu roupão de lã e pôs-me numa poltrona com uma manta sobre os joelhos. Deu-me chá com muito açúcar e dois ovos cozidos que preparou no fogão a gás. «Agora podes falar», disse ele, «fala até desabafares tudo; e se quiseres chorar, chora. Seria de longe a coisa mais sensata que poderias fazer.»

«Não quero chorar mais. Chorei no ombro do Pai e não espero que ele queira voltar a ver-me.»

«Não digas disparates, querida.»

«Nenhum deles me quer ver outra vez. E eu não os quero ver a eles. Tive a discussão mais terrível com a Mãe. Disse-lhe que ela era uma assassina quando ela disse que me levaria a Paris para fazer um aborto...»

«Claro que não deves fazer um aborto», disse ele calorosamente. «Casarás comigo imediatamente e fingiremos que é meu.»

«Mas eu não vou ter um bebé», confessei miseravelmente. «Essa é quase a parte mais cruel de tudo. Se eu tivesse sido uma adúltera eficiente, eles teriam tido de nos deixar casar há três meses, e então o Esmond não estaria morto! Oh porquê, porquê é que ele morreu? E estará ele em

segurança? A Mãe disse que ele deve ter cometido suicídio. Foi aí que eu perdi realmente a cabeça. O telegrama dizia: "Por favor, dá a notícia suavemente à Joan, antes que ela veja nos jornais, que o Esmond teve um acidente fatal". A Mãe disse que "acidente fatal" significa sempre suicídio. Mas ele não se poderia ter matado. Foi uma das coisas que concordámos que são absolutamente *not done*.»

«Claro que ele não se matou. Não sejas asna!», disse o Leslie decisivamente. «Ele foi provavelmente atropelado por um daqueles pavorosos táxis franceses....»

«Tens a certeza? Eu tenho a certeza, na verdade — não sobre o táxi; mas é tão difícil ter a certeza quando pessoas como a Mãe nos metem ideias na cabeça.»

«Vou a Paris amanhã e descobrir exatamente o que aconteceu. Não te pouparei aos detalhes porque não és o tipo de pessoa que possa ser confortada com meias verdades. O que queres fazer nos próximos dias? Vão ser um inferno absoluto para ti, e não vale a pena dizer-te agora que doerá menos com o tempo; mas doerá.»

«Não posso voltar para Seacourt. Não suportaria.»

«Onde, então?»

«A coisa menos horrível seria ir para algum lugar onde nunca tivesse estado antes, completamente sozinha, no meu carro. Mas o meu carro está em Hayling.»

«Resolvo isso facilmente. Alguém o irá buscar logo de manhã cedo. Mas não podes ir sozinha. Raios, estiveste na cama cinco semanas e devias estar na cama agora. Espera um momento enquanto vou telefonar.»

Ele voltou para anunciar que tinha convencido a Sra. Workman a deixar a Kirsteen ir comigo numa viagem de carro de quinze dias.

«A Kirsteen está a recolher algumas roupas para ti de Seacourt. O Tommy levá-la-á no teu carro amanhã e encontrar-nos-emos aqui ao meio-dia.»

«Oh, obrigada! Posso, por favor, ficar contigo até a Kirsteen chegar?»

Ele hesitou. «Daria tudo para te manter aqui, mas isso só causaria mais problemas com os teus pais. Por isso, levar-te-ei de volta à Charles Street, e podes ficar no táxi enquanto eu lhes explico firmemente, muito firmemente, a ambos, que é uma sorte não teres desmaiado na rua e sido

atropelada por um autocarro, e que eles não devem tentar ver-te. Só para garantir que és deixada em paz, passarei a noite à tua porta.»

E passou, abençoado seja. Creio que tanto o Pai como a Mãe ficaram aliviados por ele ter tirado dos ombros deles o fardo da sua filha infeliz e difícil.

## CAPÍTULO DEZ

## REGRESSO A CASA

Fiquei contente por a Kirsteen não saber conduzir um carro, pois ter de o guiar pelo trânsito tornava mais fácil manter as minhas emoções sob controlo enquanto saíamos de Londres.

«O Esmond morreu e não vale a pena falar sobre isso», disse ela firmemente. «Se tivesses tido o juízo de confiar em mim, eu ter-te-ia feito jurar não contar a ninguém que tinhas ido para a cama com ele. Realmente, Joan, como pudeste ser tão idiota ao ponto de dizer aos teus pais! Nunca aprenderás a ter juízo?»

Era um consolo amargo, mas honesto; e aceitei-o, embora estivesse surpreendida por a Kirsteen também considerar o adultério algo tão devastadoramente importante. Curiosamente, ninguém me chamou a atenção para o facto de o adultério exigir que uma das partes fosse casada; talvez pensassem que era um eufemismo para fornicadora.

A Kirsteen e eu tínhamos discutido muitas vezes como seria divertido se os nossos pais nos deixassem ir sozinhas numa viagem de carro; por isso, estava determinada a que ela aproveitasse, mesmo que eu nunca mais pudesse aproveitar nada. De alguma forma, eu manteria as aparências para que ela não sentisse que estava a partilhar um carro fúnebre no rasto de um

enterro. Estava a portar-me bastante bem até pararmos para o chá numa casinha nas margens do Tamisa, algures depois de Henley. Saí do carro, senti-me tonta e, antes de conseguir pôr a cabeça entre os joelhos, desmaiei de bruços num canteiro de flores.

A Kirsteen e a bondosa mulher proprietária do lugar decidiram que deveríamos passar a noite ali, o que fizemos, numa cama de penas no sótão.

De manhã soube que a pistola, que, se eu tivesse ouvido o Pai estaria segura no fundo do mar, tinha matado o Esmond. Vi-o, de calças de gala e camisa macia, mas sem o casaco do *smoking*, a olhar fixamente para algo caído no chão do seu quarto. Ele não estava assustado, apenas confuso, intrigado e, acima de tudo, zangado consigo próprio. «Não posso ter sido tão asno ao ponto de não ter reparado que ainda havia uma na câmara. Teria sido idiota demais», dizia ele. A coisa no chão era o seu corpo morto.

Dois dias depois, o Leslie, que tinha ido a Paris por mim, confirmou que o Esmond e três amigos tinham decidido ir a uma galeria de tiro depois do jantar. Estavam todos a rir e a conversar enquanto o Esmond procurava a sua pistola e começava a limpá-la. Ele tinha retirado o carregador de balas, mas uma estava na câmara. Atravessou-lhe o olho esquerdo e matou-o instantaneamente. Foi tão claramente um acidente que nem houve necessidade de um inquérito formal.

À exceção daquele breve vislumbre do que tinha acontecido, noite após noite passava sem sinal dele. Era difícil dormir, por isso aprendi quantidades de poesia, Rupert Brooke e Keats, para interromper o ritmo dos meus pensamentos. Sempre que eu fraquejava, a Kirsteen obrigava-me a beber meia garrafa de borgonha da marca Emu, «rico em ferro», com o meu jantar. Eu não gostava do sabor, por isso concordei prontamente que devia ser muito saudável.

O sono, e a possibilidade de encontrar o Esmond, vinham mais depressa se eu estivesse cansada, por isso conduzíamos pelo menos nove horas todos os dias, explorando estradas secundárias e trilhos pouco frequentados, já que um mau piso era uma vantagem porque exigia mais da minha atenção. Da Região dos Lagos fomos para Inverness. A norte de Perth, a estrada estava em tão mau estado que raramente conseguíamos fazer uma média superior a dez milhas por hora; e depois fomos para sul através de Fort William e Glencoe. Eu queria visitar Glencoe porque pensava que poderia captar ecos do massacre que ali ocorreu, visto que eu era descendente de Rob Roy McGregor. Era um fio muito ténue e não produziu resultado algum; mas agarrei-me a ele porque esperava que

qualquer tipo de segunda visão pudesse quebrar a barreira que me escondia o Esmond.

Tanto a Sra. Workman como a Mãe tinham insistido para que pudéssemos receber cartas delas, por isso telegrafámos os nomes das cidades onde recolheríamos o correio em *poste restante*. As cartas da Mãe eram breves e assinadas «B. Marshall», reiterando que o Pai estava a ter dificuldade em perdoar-me. No dia anterior ao de a Kirsteen — que não tinha conseguido permissão para ficar mais tempo — voltar para Hayling de comboio a partir de Reading, recebi outra carta da Mãe....

«A Daisy e a Elfie Sartorius vieram cá ontem ver o jardim. Elas vieram aqui com o Sir Alfred Turner (padrinho da Iris) antes da guerra, mas tu serias demasiado nova para te lembrares delas. Tive de as avisar para não te mencionarem à frente do teu pai, e elas convidaram-te para ficares com elas até ele estar pronto para que voltes para casa. A morada é Hurtwood, Holmbury St. Mary, entre Guildford e Dorking. Comporta-te discretamente e não as ponhas ao corrente da tua vida. Ambas são solteironas e não se poderia esperar que tivessem uma visão benevolente do que fizeste.»

Então agora eu ia ser ainda mais humilhada ao ser alvo do desprezo de solteironas! Restavam-me apenas duas libras, mas estas duraram três dias. Sete xelins por cama e pequeno-almoço num «Ciclistas Bem-Vindos». As outras refeições eram pãezinhos e tomates: pãezinhos porque sustentam mais pelo dinheiro do que qualquer outra comida, e tomates para o caso de me aparecerem borbulhas por falta de vegetais.

Uma adúltera com espinhas seria ainda mais um objeto de escárnio. Estava reduzida aos meus últimos dez xelins quando conduzi pelas ruelas íngremes em direção a Hurtwood, dez xelins que eu devia guardar para poder dar gorjeta à criada. Parei o carro quando estava no topo da colina, meia milha além dos portões da propriedade. Era uma noite muito calma e bela, mas eu não estava de humor para me deixar seduzir pela beleza. Estava sozinha: até o Esmond me tinha deixado. Eu tornar-me-ia ainda mais dura e autossuficiente do que tinha aprendido a ser nos últimos três dias. Faria para mim uma armadura feita de amargura, desilusão e ódio por todos os que pensavam que ser adúltera era sórdido e perverso.

E, forte no ódio, combateria o mundo sozinha e vencê-lo-ia no seu próprio jogo cruel. Se odiasse o suficiente, seria pelo menos capaz de salvar o meu orgulho, o orgulho que costumava ter quando tinha a decência de esconder a dor, quando ninguém me via chorar. «Orgulho!», disse eu

amargamente. «Que orgulho me resta quando me estou a expor à condescendência de solteironas idosas porque não tenho coragem de usar o último galão de gasolina no carro para encontrar um bosque solitário ou um descampado deserto onde pudesse morrer de fome numa privacidade decente!»

Apaguei o meu cigarro. Assoei o nariz e pus pó nele; depois, porque os meus olhos ainda transbordavam de autopiedade, enterrei as unhas na minha coxa até o sangue correr, para castigar o meu corpo por me trair.

Conduzi o carro, tão depressa que os pneus rangeram no saibro, através de um túnel de faias cujos troncos cinzentos e lisos eram contrafortes de uma parede de cortina de rododendros. Levou-me a um pátio largo. A oeste a casa, de pedra cor de mel adornada com clemátis e rosas; a leste uma balaustrada com um relvado mais além. A sul havia um longo tanque de nenúfares e, para lá dele, de tal modo a encosta caía a prumo, apenas o céu e o vale do Sussex revelando, muito abaixo de mim, a sua distância suave até ao horizonte das South Downs.

Ao sair do carro, um bando de pombas brancas desceu num turbilhão do telhado para se alimentar do milho que lhes estava a ser espalhado pela sua dona. E eu conhecia-a! Conhecia aquele sorriso, aqueles sábios olhos cinzentos! Há muito tempo, ela entrou no meu quarto, pegou na escova e usou-a suavemente para desembaraçar os nós que a enfermeira impaciente estivera a puxar. Depois sentou-se a conversar comigo enquanto eu bebia o meu leite quente.

Mesmo enquanto a Daisy caminhava para mim, tentei endurecer o meu coração.... Cuidado, Joan! Se te permitires amar alguém, apenas serás magoada outra vez.

Ela acolheu-me como se fosse perfeitamente natural eu estar ali, como se eu já lá tivesse estado muitas vezes antes. Mas isto, claro, era a sua cortesia instintiva para com uma convidada — mesmo para uma convidada que ela apenas convidara como um favor à Mãe. Eram quase seis horas, por isso disse que já tinha lanchado, o que não era verdade porque tinha comido o último dos pãezinhos ao meio-dia. «Então suponho que gostarias de tomar um banho antes do jantar», disse ela, e levou-me pela larga escada de carvalho até ao meu quarto. As janelas estavam abertas para a distância azul e o aroma das azáleas subia da encosta. Havia azáleas cor de fogo, cor de laranja e brancas — em jarras de cerâmica de Portugal, também no quarto; e uma taça azul de lírios-do-vale junto à minha cama.

Uma criada bondosa de cabelos grisalhos conversava enquanto desfazia a mala, depois ligou a água na casa de banho ao lado e disse-me que, quando eu estivesse pronta, já teria passado um vestido para eu usar. Havia três tipos de essência de banho Floris à escolha: verbena, jacinto e gerânio-rosa.

Era reconfortante estar deitada na água quente e perfumada — a banheira era tão comprida que eu mal conseguia tocar na extremidade com os dedos dos pés — depois de ter tido de me lavar às prestações numa bacia. Lavei o cabelo e sequei-o numa das enormes toalhas de banho que aqueciam no toalheiro aquecido. Não havia necessidade de pressas; o jantar era apenas às oito.

Elfie, a irmã mais velha de Daisy, tinha saído quando eu chegara, mas também ela estava presente quando desci. Não era alta como a Daisy, mas era morena, roliça e alegre como um pisco.... Amigável como um pisco também, enquanto me servia um copo de xerez e tagarelava de modo a não me dar oportunidade de me sentir tímida. Durante o jantar, tentei esquecer que amanhã, em vez de comer comida deliciosa em companhia, estaria a alimentar-me de pãezinhos outra vez, inteiramente sozinha. Não conseguia sequer salvar a minha consciência com a desculpa de que, ao ir-me embora, estava a escolher o suicídio por inanição, pois enquanto me vestia percebi que podia empenhar o meu relógio de pulso.

Era de ouro e devia valer uma nota de dez libras, o que me manteria até conseguir encontrar um emprego. Não me era possível ser discreta como a Mãe aconselhara. O secretismo poderia ser admissível com inimigos, ou mesmo com conhecidos; mas seria trapaça ocultar a verdade de amigos. Mas de tão novas amigas não se poderia esperar que fossem mais tolerantes comigo do que o meu próprio pai.

Depois do jantar, tomámos café noutro terraço a oeste da casa. Era também o telhado da sala de bilhar, pois Hurtwood fora construída numa antiga pedreira, de modo que de todos os seus três andares se podia caminhar diretamente para o jardim. «Quero mostrar-te o jardim-leque», disse a Daisy. «Está no seu melhor com a luz do entardecer.»

Ficava bastante longe da casa, num anfiteatro natural. As hastes do leque eram sebes de teixo, e entre elas havia bordaduras herbáceas que irradiavam pela encosta acima. Depois, uma curva suave de relva e, sobre ela, uma colunata de pedra adornada com vinhas e clemátis, rosas e glicínias. Onde uma mão seguraria o leque, havia um tanque de pedra

branca e uma fonte e, atrás dele, seis pinheiros-mansos, com oitenta ou mais pés de altura, erguiam-se como sentinelas para a distância.

A paz e a beleza daquilo faziam-me sentir uma infelicidade quase insuportável. Num momento, teria de dizer as palavras que me lançariam no exílio. «Poderia eu, oh, por favor, poderia eu manter-me em silêncio por apenas mais um dia, ou mesmo dois?», implorei a mim mesma. «Se pudesse estar aqui apenas por um pouco, recuperaria a minha coragem. Mesmo que tenha de sacrificar o que me resta de orgulho ao ficar aqui sob falsos pretextos, valeria a pena. Preciso de coragem para enfrentar o mundo ainda mais do que preciso do meu orgulho.»

«Não podes ganhar coragem comportando-te como uma trapaceira e uma cobarde», disse eu à desolada pequena Joan. «Força, conta-lhe! Acaba com o suspense — e depois vai fazer a mala.»

«Não posso ficar aqui», disse eu abruptamente à Daisy, que me contava como trouxera o cedro-azul como uma muda, há vinte anos, de Sikkim. «Não posso ficar aqui», repeti mais alto. «Foi desonesto da minha parte sequer ficar para jantar. Veja, eu sou uma adúltera.»

Daisy olhou para mim e os seus olhos eram gentis. «És, minha querida?», disse ela. «Que adorável para ti. Eu nunca tive a oportunidade.»

E assim, na Daisy e no jardim de Hurtwood, soube que tinha finalmente chegado a casa.

Daisy conhecia a dor. Tinha amado o Bunny, o seu único irmão, que fora morto em 1915, mais do que eu amava o Esmond, pois ela tinha uma capacidade de afeição muito maior. Desde a infância que não queriam outro companheiro. Juntos tinham ido caçar plantas em muitas partes do mundo e foram provavelmente os primeiros europeus a ver a papoila-azul dos Himalaias.

«Estávamos a acampar no limite da linha das árvores», disse ela. «O Bunny cavalgava à minha frente por uma passagem quando, subitamente, o ouvi gritar: "Daisy!" Então instiguei o meu pónei a galopar — ele estava quase tão cansado como eu, pobre bicho. Quando o alcancei, ele tinha desmontado e olhava maravilhado para o que eu, a princípio, pensei ser um lago azul-turquesa. Mas eram papoilas, milhões delas: nunca vi nada mais belo. Recolhemos sementes, mas não estavam suficientemente maduras para germinar; e as plantas que trouxemos morreram antes de chegarem a Kew, apesar de todos os cuidados que lhes dedicámos. Por isso chamam-se *Meconopsis Baileyi* em vez de serem *Sartorii*.»

O balonismo fora outro passatempo que tinham partilhado. «A quietude era tão maravilhosa, uma paz tão absoluta», disse ela reminiscentemente. «Às vezes era mais excitante do que pacífico, quando começávamos a derivar para o mar, por exemplo, e estávamos a meio caminho de França antes de o vento mudar de novo. Várias vezes tivemos de deitar fora mais do que os sacos de areia para evitar batermos numa colina. O cesto do piquenique ia sempre primeiro, e depois as almofadas e os nossos casacos. Lembro-me da primeira vez que levámos o meu pai connosco.

Ele pensou que íamos bater na torre de uma igreja e gritou: "Alijem tudo!" Eu tinha sido criada como filha de um soldado — tanto ele como o meu tio Reginald eram majores-generais e ganharam a V.C. — por isso obedeci automaticamente. Atirei os binóculos de campo dele para fora do cesto. Ele ficou tão zangado que se recusou a falar comigo durante o resto do dia, até ouvir que o motorista, que costumava seguir-nos no carro, os tinha encontrado pendurados numa árvore, intactos.»

Estávamos a falar do Bunny outra vez, alguns dias depois, quando ela disse: «Tens de ser mais corajosa do que eu fui, pois eu nunca mais ousei dar o meu coração por inteiro a ninguém.»

«Mas dói demasiado. Ninguém poderia esperar que arriscássemos ser tão terrivelmente magoadas duas vezes numa vida», protestei.

«Ser magoada não é assim tão importante. É, pelo menos, muito menos importante do que magoar os outros. Gostaria que convidasses alguns dos teus amigos para vir cá: o Leslie, por exemplo, que dizes ter sido tão amável contigo.»

«Oh, Daisy, por favor, não!»

«Bem, trá-lo assim que possas. Seria egoísta negar-lhe o prazer de ver como estás muito melhor — e ele também apreciaria o jardim.»

Assim, mais tarde, o Leslie veio ver-me, e o Douglas, e a Kirsteen e a Diana. Era um esforço manter as aparências perante eles, mas a prática tornou-o mais fácil. Pensei que estaria curada das vergonhosas traições da mágoa agora que estava em Hurtwood, mas ainda me via vulnerável a súbitos jorros de lágrimas, a ficar subitamente incapaz de engolir por estar sufocada por um nó duro de miséria.

Mas para a Daisy estes eram apenas sintomas que, em vez de serem repreensíveis, eram perfeitamente naturais. «Até uma perna partida leva

tempo a curar, e um coração partido leva mais tempo antes de estar operacional. Não te forces, querida criança. Dá tempo ao processo de cura. Haverá sempre uma cicatriz, mas as cicatrizes honrosas não são desfigurantes.»

Pela primeira vez na vida, não só me foi permitido como fui encorajada a obedecer aos meus instintos. Se não me sentia com fome, não vinha para a refeição; mas a comida era deixada na sala de jantar para que eu pudesse comer quando me apetecesse. Ninguém tentava obrigar-me a comer, mas todas as noites havia um termo com sopa, sanduíches embrulhadas num guardanapo, fruta, no meu quarto.

Quando não conseguia dormir, em vez de me encolher na cama, deambulava nua pelo jardim, nadava no tanque e, se ficava com frio, depressa aquecia outra vez mergulhando num banho quente às duas, ou três, ou quatro da manhã. E se não dormia até ao amanhecer, que importava — porque podia continuar a dormir até ao fim da tarde. Uma vez dormi vinte e três horas, mas a Daisy sabia que isto era um sinal de cura, por isso ninguém me acordou para ver se havia algo errado.

Estava em Hurtwood há quase um mês quando a Mãe escreveu a dizer que tudo estava perdoado e que eu podia voltar para casa. «Será melhor vires depois de amanhã, pois a esta altura já deves ter abusado da hospitalidade. Não te esqueças de agradecer a ambas as anfitriãs por serem tão excessivamente hospitaleiras.»

Mostrei a carta à Daisy. Havia momentos em que ela tomava medidas decisivas e este foi um deles. Ligou para a Mãe e disse-lhe, educadamente mas numa voz que não permitia discussão, que eu voltaria para Seacourt quando ela me considerasse pronta para o fazer... o que não seria antes de, pelo menos, mais três meses.

«Oh, querida Daisy! Posso mesmo ficar?», exclamei enquanto ela pousava o auscultador energicamente. Ela pareceu surpreendida.

«Que pergunta disparatada. Certamente já percebeste que esta é a tua casa.»

À medida que deixei gradualmente de estar ávida de sono ou temerosa de não dormir, comecei a sonhar com o Esmond. Não houve uma quebra súbita da separação, mas, como uma planta gelada que sente gradualmente a seiva a subir, dei por mim consciente de que o via, embora não conseguisse recordá-lo. Depois, folha a folha, a memória do sonho desabrochou.

Estava feliz outra vez, não radiante como estivera por um curto período, mas tranquilamente, como um pequeno arbusto verde numa noite de verão. A qualidade dos meus sonhos começou a mudar. Eram mais vívidos e, no entanto, mais árduos de alcançar. Encontrá-lo exigia um esforço de vontade, um grande esforço que me deixava exausta pela manhã. Era como se, para chegar ao país onde podíamos estar juntos, ele tivesse vindo procurar-me ao limite da sua resistência e depois me levasse por uma alta cordilheira de montanhas... montanhas que eram tão altas como o espaço, tão vastas como o tempo.

Quando estávamos lá em segurança, eu sentia-me feliz. As árvores eram amarelas, embora não fosse outono, em vez de verdes, e muitas das flores eram desconhecidas. O meu corpo era muito mais leve, contudo não era por ser obediente ao meu pensamento como num sonho. Era um corpo material, obedecendo a uma lei da gravidade menos rigorosa, capaz de correr mais depressa, de saltar mais alto, de nadar mais longe debaixo de água; mas, no seu próprio lugar, igualmente sólido como aquele em que reentrava ao acordar.

Tinha estado lá várias vezes antes de o Esmond me dizer que estávamos num novo planeta. «Chegamos adultos em vez de nascermos. Decidi ficar aqui em vez de ter outra oportunidade na Terra.» Ele riu alegremente. «É tão novo, tão limpo — sem doenças, nem sequer insetos hostis. Não reparaste como é divertido deitar na relva sem te preocupares se estás a perturbar um formigueiro, explorar uma floresta tropical sem cobras, nem aranhas, nem sanguessugas?»

«Pensei que era um sonho», admiti. «Eu nunca tenho cobras nem aranhas em sonhos, apenas em pesadelos.»

«Claro que não é um sonho, querida. É real. Se não acreditas em mim, tenta mudar uma daquelas árvores para outra coisa qualquer e verás que ela não faz caso e continua a ser uma árvore.»

«Então como é que chego aqui? Esmond, não pode ser sólido, porque o meu corpo sólido está na cama em Hurtwood.»

«Bem, eu não queria dizer-te ainda, mas tu não estás realmente aqui. És apenas uma visitante. Suponho que sejas realmente um tipo de fantasma. É um trabalho árduo trazer-te aqui — muito mais esforço do que se tivesse de te rebocar montanha acima em esquis. Trazer fantasmas da Terra para aqui não é encorajado. É considerado um desperdício de energia, e a energia é muito importante aqui quando há tanto para criar.»

«Oh, por favor, posso ficar contigo? Se me impedires de voltar para o meu corpo, ele parará como um relógio e então estarei livre daquela coisa miserável.»

Por um momento, ele pareceu arrependido, mas não mais do que um adulto despreocupado que tem de negar um agrado a uma criança que é demasiado jovem para o desfrutar. «O teu corpo ainda não está pronto para morrer. Tens de o usar para viver a tua própria vida no teu próprio lugar. O teu lugar já não é o meu lugar. Tens de viver a tua vida — a tua vida...» Acordei a ouvi-lo dizer isto.

Não voltei lá desde aquela noite, nem voltei a sonhar com o Esmond.

## PARTE TRÊS

## CAPÍTULO UM

## NOIVADO SECRETO

Fiquei em Hurtwood até ao outono e depois voltei para os meus pais, que poucos dias depois me levaram para umas férias em Londres, onde ficámos no Hotel Cecil — que costumava ficar ao lado do Savoy, com vista para o Tamisa; e foi lá que tive um dos sonhos mais importantes da minha vida.

No sonho, eu estava sentada junto a uma janela, olhando desconsoladamente para uma montanha na distância remota. Atrás de mim, uma porta abriu-se e uma mulher entrou na sala, uma mulher jovem e bela com o cabelo em duas longas tranças pretas caindo sobre os ombros. Com ela estavam dois meninos, tão exatamente iguais um ao outro que por um momento pensei ter visto a mesma criança duas vezes.

Tinham cerca de dois anos, com olhos escuros embora o cabelo fosse de um ouro brilhante, em caracóis que tocavam os largos colarinhos de renda dos seus pequenos fatos de veludo. Soube que ela me pedia para cuidar deles por ela. Ela beijou-os e eles correram para mim.... Depois acordei, sabendo que as últimas palavras que ela me dissera foram: «Vai ter com o Leslie. Diz-lhe que a mãe dele te enviou. Diz-lhe que sabes o que fazer.»

Não tinha visto nem ouvido falar do Leslie desde Julho, embora por vezes sentisse a sua falta agudamente. A Daisy tinha apontado gentilmente que, como ele queria casar comigo e eu estava determinada a não casar com ninguém, seria mais amável fazer uma rutura limpa e deixá-lo esquecer-me. Ele nunca falara muito sobre a sua família, mas eu sabia que a mãe morrera e que o pai se casara novamente há pouco tempo. Também sabia que ele tinha um irmão gémeo que estava em Oxford enquanto o Leslie estava em Cambridge, mas ele não jogava ténis e nunca nos tínhamos conhecido. Se eram os gémeos do meu sonho, porque é que os vira como crianças pequenas e com o cabelo dourado, embora o do Leslie fosse da mesma cor que o meu?

Talvez não fosse um sonho verdadeiro, apenas uma fantasia que a Joan criara de modo a dar a si própria uma desculpa para ver o Leslie outra vez. Seis videntes tinham-me dito que eu ia morrer antes dos vinte e três anos. Seria cruel deixar o Leslie amar-me durante dois anos e depois, talvez, ser quase tão infeliz como eu fora quando o Esmond morreu. Ansiava por correr para a Daisy e perguntar-lhe o que fazer. Não, isso seria injusto; era o meu sonho e a minha responsabilidade.

Várias vezes peguei no auscultador do telefone e voltei a pousá-lo apressadamente sem pedir o número do Leslie. Estaria eu realmente a pensar nos sentimentos dele, ou seria apenas demasiado cobarde para arriscar estar vulnerável outra vez?

Estava a ser cobarde, e uma cobarde vaidosa, vaidosa o suficiente para assumir que o Leslie sentiria tanto a minha falta como eu sentia a do Esmond. E mesmo que sentisse? Preferia eu não ter ido a Andermatt? Estaria eu tão ingrata pela alegria breve que preferia não a ter tido, mesmo que por um curto período?

Para não perder mais tempo em indecisão, liguei para o quarto da Mãe, disse-lhe que me acabava de lembrar que tinha prometido passar o dia com a Kirsteen e que já estava tão atrasada que não podia ir dar-lhe os bons-dias, e deixei apressadamente o hotel antes que ela pudesse retribuir a

chamada e argumentar. Paguei o táxi em Piccadilly e caminhei lentamente para a Hertford Street, pois agora estava muito nervosa.

À porta da frente, quase voltei para trás, mas a porta estava aberta, tal como estivera no dia em que o Esmond morreu. Corri pelas escadas acima e entrei no quarto do Leslie sem bater. No momento em que ele me viu, soube que fora um sonho verdadeiro.

Tentei por meios indiretos descobrir o que o preocupava, mas ele foi evasivo. «Nada está errado agora que estás aqui», protestou ele. «Admito que tive um "Melancolia das Terras Altas" (*Highland Gloom*) enquanto estive na Escócia. Tu nem respondias às minhas cartas.»

«Isto é mais do que *Highland Gloom*. Sei que é porque a tua mãe mo disse.»

«De que raio estás a falar? A Mãe morreu quando eu e o Malcolm tínhamos dois anos.»

«Eu sei que morreu. Vi-a num sonho, não aqui em baixo. E sei que tinhas caracóis dourados e usavas fatos de veludo com colarinhos de renda, como as ilustrações do *O Pequeno Lorde*. Porque é que ela morreu tão jovem?»

«Teve tifo, mas supunha-se que estava convalescente. Estávamos todos a tomar chá no quarto dela. O Malcolm e eu estávamos sentados na cama ao lado dela, quando subitamente ela teve um sobressalto e deixou cair a chávena que segurava. O coração dela cedeu.»

«Viste-a desde então?»

«Não, não vi.» Ele hesitou. «Mas acho que o Malcolm viu — pelo menos ele fala muito dela. Ele tentou entrar em contacto com ela através de escrita automática.»

«Acho que ele só o faz porque está tão infeliz e doente....»

«Então ele está doente!»

Ele assentiu.

«Remou no barco de Oxford este ano. Afundou-se, como provavelmente te lembras. A tripulação deu uma festa nessa noite e o Malcolm caiu de cima de um táxi e aterrou de cabeça. Teve uma concussão, mas em vez de ir para a cama, pôs-se a estudar para os exames finais, apesar de as dores de cabeça aumentarem. Ele parecia malditamente

doente quando subiu para a Escócia, mas em vez de o mandarem ser devidamente examinado, o A.D. — toda a gente trata o Pai pelas iniciais — receitou "ar fresco e exercício". Por isso, ele tinha de caçar quatro dias por semana, embora o coice da arma piorasse as dores de cabeça.»

«Onde é que ele está agora?»

«Numa casa de saúde. Não quer ver ninguém, nem a mim.»

«E quanto ao pai dele?»

«Oh, o A.D. voltou para a Argentina», disse ele categoricamente.

«Isso é uma coisa boa. Podemos curá-lo muito mais facilmente sem o teu pai a interferir. A primeira coisa a fazer é tirá-lo da casa de saúde. Pensa como aquela onde eu estive quase acabou comigo quando tirei as amígdalas.»

«Mas o que podes tu fazer?»

«Tentar dar ao Malcolm o que a Daisy me deu a mim. Tenho rezado quase todas as noites desde que fui para Hurtwood para que seja capaz de transmitir o que lá encontrei.»

No espaço de três dias, com a cooperação zelosa do Sr. Blundell, o advogado da família Grant que agia mais ou menos como tutor dos filhos quando o A.D. estava na Argentina, alugámos uma casa mobilada perto de Londres e instalámos a Miss Casibon para a gerir por nós. A Casy tinha cuidado dos gémeos desde que a mãe deles morrera, e ficara com a família até ao ano anterior, quando o A.D. casou novamente.

Quando vi o Malcolm pela primeira vez, ele pesava cinquenta quilos em vez dos seus setenta e dois quilos de remador, e estava demasiado fraco para sair da cama. Em poucos dias começou a reviver, como se a nossa feia casa mobilada fosse outra Hurtwood. Em seis semanas, eu sabia que tudo o que ele precisava para completar a convalescença era umas férias despreocupadas.

O Sr. Blundell, tal como a Casy, estava por esta altura inteiramente convencido de que eu sabia o que estava a fazer e, por isso, quando lhe disse que queria levar o Malcolm para o Mediterrâneo, ele forneceu os meios para alugarmos uma *villa*. A *villa* foi fácil de encontrar, pois Herbert Olivier, que tinha uma casa ao lado de Seacourt, tinha duas em La Mortola, perto de Ventimiglia, no lado italiano da fronteira, e procurava um inquilino para a maior.

Foi depois de termos decidido levar o Malcolm para o estrangeiro que percebi que tínhamos outro problema a superar. Eu não tinha dito aos meus pais o que andava a fazer, pois no início estava a seguir um palpite e tinha medo de perder o fio à meada se a Mãe tentasse convencer-me de que eu era demasiado jovem e inexperiente para assumir responsabilidades; e mais tarde, quando estava mais autoconfiante, pareceu uma complicação desnecessária.

Eles não se tinham preocupado comigo, pois pensavam que eu estava ou em Hurtwood ou a jogar golfe por Hampshire ou Stoke Poges, o que fiz três ou quatro vezes para dar cor à minha história de cobertura. Mas a história teria de ser muito melhorada para cobrir uma viagem à Itália. A Casy, por muito que eu gostasse, e goste, dela, não era a pessoa certa para as férias que eu visualizava. Mas a Mãe nunca me deixaria partir com o Leslie e o Malcolm sem uma acompanhante.

Subitamente pensei em Betty Stewart-Lockhart, que naquela altura estava casada com David Joel. Eu sabia que a Betty estava a trabalhar muito com os novos salões de exposição que ela e o David tinham acabado de abrir em Knightsbridge, para a venda do mobiliário moderno fabricado nas oficinas deles em Hayling Island; mas assim que lhe contei toda a história, ela concordou em largar tudo e vir connosco.

Ao início, a Mãe estava perfeitamente disposta a deixar-me ir com a Betty; depois começou a esquivar-se. Eu podia ir por quinze dias, talvez até por três semanas, mas teria de estar de volta a tempo do Natal. A Betty teria de prometer manter um olhar atento sobre mim e trazer-me para casa imediatamente se o pai assim o desejasse. Ele precisava de mim no laboratório.... Eu já tinha estado demasiado tempo em Hurtwood com a Daisy....

Subitamente, as amarras maternas pareceram-me tão constritoras como um torniquete. Casaria com o Leslie agora, em vez de esperar até ele ter pedido a permissão do A.D., o que ele pretendia fazer no momento em que o Malcolm estivesse completamente recuperado. Eu também não esperaria por permissão. O Pai ficaria melancólico e diria que eu era demasiado nova. A Mãe poderia ser convencida, pois gostava do Leslie; mas insistiria num «casamento como deve ser».

Era sábado de manhã, e íamos partir de Inglaterra na quinta-feira seguinte, quando disse ao Leslie que nos casaríamos antes de ir para Itália. Estava um pouco ansiosa de que ele pudesse ter medo de ofender o A.D., mas ele ficou tão encantado que me levou a correr para obter uma licença

especial, para o caso de eu mudar de ideias. Quando preenchemos todas as respostas nos formulários de candidatura, o funcionário olhou para mim severamente e disse que, como eu era menor de idade, ele não podia emitir uma licença sem o consentimento dos meus pais.

Tentámos enganá-lo dizendo que eu tinha posto, distraidamente, 1907 em vez de 1906 como o ano em que nascera, mas ele não se deixou impressionar e disse-me para trazer a minha certidão de nascimento quando regressasse com as assinaturas necessárias.

Nesta altura, eu estava determinada a não ser frustrada por burocratas ou pelos pais. Podiam impedir-me de casar, mas se o fizessem, eu fugiria com o Leslie.

Cheguei a Seacourt a tempo do chá de domingo e, quando finalmente as visitas de ocasião partiram, argumentei até à meia-noite.

«Mais tarde, querida, quando o conheceres melhor — quando tiveres conhecido a família dele — um casamento em Junho, se não tiveres mudado de ideias até lá. Não te podes casar sem um enxoval como deve ser», disse a Mãe. O Pai sentou-se silencioso à sua secretária e deitou um olhar sombrio.

Finalmente, tive de ser um pouco brutal. «Podem impedir-me de casar até ao próximo Abril, mas se o fizerem, apresentar-vos-ei um querido netinho ilegítimo — e tentarei que sejam gémeos.»

Aquele xeque-mate deu-me a vitória no jogo, no *set* e na partida. O Pai animou-se, aliviado ao pensar que eu o tinha poupado de ter de tomar uma decisão, e disse que, pelo menos, eu o tinha livrado do tormento de ter de usar uma cartola no meu casamento.

«Têm de vir ambos», disse eu generosamente. «Será na quarta-feira, por isso é melhor começarem a fazer as malas se vêm para Londres amanhã. Não há muito tempo.»

«Não posso contar a ninguém, nem sequer à Margaret Olivier? Ela devia mesmo saber, já que o Herbert já está em La Mortola e ela ficará magoada se eu não lhe contar primeiro», disse a Mãe com nostalgia.

«Não, querida, a ninguém mesmo. Pensa como seria constrangedor para o Malcolm e para a Betty se pensassem que estavam a fazer de vela na minha lua-de-mel.»

«Nem à Margery e à Iris?»

«Não, decididamente NÃO! Pensa na diversão que vais ter quando puderes dar a notícia a toda a gente. Serás a primeira Mamã a partilhar a fuga da sua filha.»

Isto animou-a. Ela já ansiava por uma gloriosa torrente de telefonemas. «Minha querida, prepara-te para uma grande surpresa! A querida Joan casou-se! Quando? Oh, há semanas. Se foi um choque para mim? Claro que não. Ela conta-me tudo. O Jack e eu estivemos lá.... Sim, claro que vamos dar uma festa para lhes dar as boas-vindas a casa....»

Relaxámos a nossa proibição de segredo o suficiente para que a Kirsteen fosse dama de honor e o Rex Janson fosse o padrinho de casamento. Ela conheceu o Rex pela primeira vez no nosso casamento e casou com ele seis meses depois. A única outra pessoa presente, além dos meus pais, foi o Sr. Blundell que, enfrentando corajosamente possíveis repercussões da Argentina, até assinou o registo.

Casámos às dez e meia da manhã de 30 de Novembro de 1927; na igreja de Down Street, porque os quartos do Leslie ficavam nessa paróquia. A igreja era fria, cinzenta e feia, não mais mágica do que a sala de espera de uma estação, e o pároco, um homenzinho horrível com uma constipação terrível, despachou o serviço para mostrar a sua desaprovação pelo que ele via obviamente como um «casamento às escondidas».

Depois de champanhe e de uma hora de alegria artificial no Hotel Cecil, apressámo-nos a voltar para almoçar com o Malcolm, que não fazia ideia de que nos íamos casar, pois eu tinha-me lembrado subitamente de que o passaporte dele estava fora do prazo e que eu tinha prometido ir com ele renová-lo. No caminho para lá, o Malcolm e eu cruzámo-nos com os meus pais em Piccadilly. Por pouco não os impedi de revelar o meu segredo, pois, nunca o tendo visto, pensaram que ele era o Leslie. Eu tinha-me esquecido de mencionar que eles eram gémeos idênticos.

## CAPÍTULO DOIS

## A RAPARIGA E OS GÉMEOS

Uma viagem de carro através de França no Inverno teria sido cansativa para o Malcolm, mesmo que houvesse espaço para os quatro, e para a bagagem, no Vauxhall aberto do Leslie; por isso enviámos o carro para a *villa* com um motorista do R.A.C. e fomos no *Blue Train*.

Durante o pequeno-almoço na carruagem-restaurante, a Betty sussurrou: «Olha, está ali um casal em lua-de-mel, os queridos.»

«Como sabes?», perguntei ansiosamente, esperando que, enquanto partilhava uma carruagem-cama com ela, ela não tivesse reparado na aliança de casamento presa com um alfinete dentro do bolso do peito do meu pijama de cetim verde.

Ela riu: «Querida, compreenderás quando estiveres casada. Consigo detetar sempre um casal em lua-de-mel a cinquenta metros.»

La Mortola era o cenário perfeito para uma lua-de-mel, mesmo com a noiva e o noivo estritamente incógnitos. Havia um olival de oliveiras centenárias atrás da Villa Olivier, um jardim italiano formal, quantidades de laranjeiras, mimosas e jasmins; e socalcos de cravos que desciam até à linha do comboio e ao mar. A sala de estar tinha seis metros de altura e estava decorada com as pinturas do Herbert, nas quais a Margaret e os seus três filhos, William, Mary e Anne, tinham servido de modelos para vários temas alegóricos.

Aquele de que me lembro mais claramente era a Mary, com vestes pretas, carregando desconsoladamente uma foice, disfarçada de Rute entre o trigo alheio. A sala tinha seis janelas francesas, que se abriam para um terraço vigiado por palmeiras cujas folhas rangiam ao vento como se um exército de espadas estivesse a ser desembainhado de bainhas enferrujadas.

O quarto da Betty era suficientemente grande para um *lit de parade* do século dezoito e do quarto do Leslie não me consigo lembrar pois, discretamente, só lá entrava para lhe desfazer as malas. O do Malcolm tinha um belo teto pintado, salpicado de pontos pretos — que mais tarde descobrimos terem sido causados pelo William Olivier ao animar uma estadia na cama com varicela disparando sobre traças e mosquitos com uma pistola de ar comprimido; e havia uma magnífica escadaria de mármore com urnas de remate que pareciam ainda melhor depois de eu as ter enchido com ramos de flor de laranjeira. Comprei uma árvore inteira a um agricultor para ter o suficiente.

O meu quarto tinha cortinas de damasco rosa-avermelhado e mobiliário Império, incluindo uma cama antiga muito autêntica que tinha duas lâmpadas da vida na cabeceira e duas esfinges de bronze nos pés, tão instáveis que caíam com estrondo à mínima provocação.

Foi enquanto o Leslie tentava colocar uma das esfinges novamente que ele disse: «Só por curiosidade, porque é que me disseste que eras uma adúltera?»

Senti-me a corar. «Oh, maldição! Esperava que não tivesses reparado. Faz-me sentir uma idiota.»

«As virgens são proverbialmente idiotas.»

«Não tão idiotas como eu! Nunca percebi que tinha uma mente tão espantosamente literal. Pensei que "ir para a cama com um homem" e "dormir com um homem" significava exatamente isso.»

«Mas deves ter lido livros...»

«Livros! Livros científicos!», exclamei amargamente. «Palavras como trompas de Falópio e espermatozoides — apenas palavras! Pensei que os espermatozoides saíam e entravam de mansinho enquanto ambas as partes estavam a dormir...»

Ele riu tanto que tive medo que o Malcolm ou a Betty o ouvissem.

O meu primeiro exercício de gestão doméstica foi facilitado pelas três criadas italianas que estavam há anos com o Herbert, por isso tudo o que a Betty e eu tínhamos de fazer eram as compras, o que nos dava uma desculpa para coscuvilhar com as mulheres do mercado e comprar quantidades de flores. Para mostrar ao Pai que pensava nele, enviava-lhe caixa de fósforos após caixa de fósforos de mosquitos, os espécimes devidamente cloroformados e acondicionados em algodão, juntamente com a notícia eletrizante de que, embora tanto quanto eu pudesse ver sem um microscópio fossem *culex pipiens*, eles estavam sem dúvida a banquetear-se com o meu sangue.

Ele ficou encantado por receber estes tributos de afeição, mas recusou-se a aceitar as minhas provas. «*C. pipiens*», escreveu-me ele, «em circunstância alguma picam seres humanos. Presume-se que façam a sua refeição de sangue a partir de aves. Recordar-te-ás sem dúvida, se conseguires dispensar tempo para pensar em tais assuntos, que embora Staley tenha passado vários dias, nu da cintura para cima, numa gaiola de *C. pipiens*, nenhum deles pôde ser persuadido a picá-lo. Isto é um facto científico, por isso, de futuro, faz as tuas observações com mais cuidado.» Se ele me tivesse ouvido, teria tido uma nova subespécie, o que os meus *C. pipiens* provaram ser, batizada com o seu nome; mas, infelizmente, esta honra foi para um entomologista italiano um ano mais tarde.

A *villa* mais pequena onde o Herbert vivia ficava entre a nossa e os famosos jardins da Villa Hanbury, que ocupavam o resto do promontório rochoso cuja margem era constantemente patrulhada por guardas de fronteira. No início, sorríamos e tentávamos ser amigáveis, mas eles eram tão pouco recetivos que passámos a ignorá-los quando os encontrávamos nos nossos passeios. Um olhar gélido irritava-os ainda mais do que as abordagens amigáveis, e tentavam assustar-nos caminhando pesadamente atrás de nós com baionetas prontas ou disparando revólveres contra gaivotas.

Era normalmente muito fácil evitá-los, especialmente à noite, pois faziam tanto barulho a ranger sobre as rochas com as suas botas pesadas; mas um deles foi suficientemente vil para nos perseguir descalço quando estávamos a apanhar sol, o que deixou o Leslie muito zangado. Talvez a sua raiva tenha sido confundida com culpa, pois deve ter sido por essa altura que decidiram que éramos contrabandistas de ouro.

Só ouvimos falar desta fantasia depois de partirmos, quando o Herbert viu o nosso dossiê, um documento impressionante no qual eu era descrita como «a rapariga com os gémeos», embelezado com um instantâneo meu e outros dois dos meus «cúmplices»; sendo ambos, de facto, instantâneos do Malcolm, que nunca usava camisas às riscas nem o Leslie às de xadrez, uma convenção que tinham iniciado enquanto estavam em Winchester.

Os soldados comuns eram quase tão maus, pequenos Mussolinis que não pensavam duas vezes antes de mandar parar um carro G.B., ordenar-nos que conduzíssemos milhas na direção errada e depois afastar-se sem se darem ao trabalho de nos agradecer. Depois de isto ter acontecido várias vezes, passámos a virar à esquerda em vez de à direita ao sair dos portões e conduzíamos quase todos os dias para França. Os alfandegários franceses depressa nos ficaram a conhecer e faziam-nos sinal para passar sem sequer olhar para dentro do carro, mas os seus homólogos italianos tornavam-se cada vez mais rudes.

Cobravam-nos taxas ridiculamente altas até num Camembert ou num pão, por isso depressa se tornou uma questão de honra contrabandear pelo menos um item de cada vez que cruzávamos a fronteira. A Betty detinha o recorde com dois pequenos melões enfiados dentro da blusa — o que lhe valeu murmúrios de «*quel beau balcon!*» dos simpáticos franceses e o habitual esgar de desprezo dos italianos; até que eu, inadvertidamente, bati o recorde com dois metros de pão — e quase nos meti a todos em sarilhos.

Vínhamos para casa tarde, tendo estado em Monte Carlo para restaurar os nossos nervos com um pouco de jogo após uma viagem desde Sospel. O Malcolm tinha querido ver se conseguia fazer uma média de oitenta quilómetros por hora a descer os trinta quilómetros de curvas em gancho. Ele conseguiu, pois os nossos anjos da guarda retiraram atenciosamente todos os carros de bois do caminho, por isso pareceu uma pena não ver se éramos igualmente afortunados na roleta — o que não fomos.

Chegámos à fronteira por volta das três da manhã e eu estava tão certa de que os italianos estariam demasiado ensonados para se preocuparem connosco que, apenas como gesto, enfiei os dois pães longos nas mangas do meu casaco de peles.

Os homens de serviço estavam alertas e desconfiados. Insistimos que não tínhamos nada a declarar, mas obrigaram-nos a sair do carro, arrancaram os assentos, remexeram na caixa de ferramentas, espreitaram o motor e, não encontrando nada, anunciaram rudemente que antes de podermos passar tínhamos de ser interrogados pelo *Commandenti*. O *Commandenti* estava na cama e, apesar dos nossos protestos, fomos levados para o quarto dele no edifício da alfândega.

Ele era excessivamente gordo, com um matagal de pelos eriçados a sair por entre os botões do seu pijama imundo. Berrou connosco num francês péssimo, obviamente furioso por as suas ordens terem sido interpretadas demasiado à letra por subalternos que tinham perturbado o seu sono. O fluxo principal da sua fúria foi dirigido a mim.

«Serás castigada, tu e os teus cúmplices», gritou ele. «Esperei pacientemente como um gato junto à toca do rato e agora vou dar o bote.»

Seríamos revistados. Seríamos presos. Se continuássemos a recusar, seríamos fuzilados: «Pam! Pam!»

Para dar mais ênfase, ele brandiu um revólver que estivera pendurado num coldre na cabeceira de latão da cama. As extremidades crostosas dos pães enterravam-se nas minhas axilas enquanto eu tentava empurrá-los ainda mais para o fundo das mangas.

Foi então que o selvagem sangue escocês da Betty entrou em ação; os seus olhos azuis flamejavam e o seu cabelo ruivo estava tão fogoso como a sua ira. Como ousava ele expor-me, uma criança inocente, ao espetáculo repugnante de si próprio na cama! Como poderia eu algum dia esperar recuperar deste choque para a minha sensibilidade! Ele, o animal bruto, a

obscenidade, o peludo assassino dos sonhos de uma rapariga, seria apedrejado até à morte pelas honestas mulheres italianas na praça do mercado de Ventimiglia. «E eu», declarou Betty, escutando as gaitas de foles dos Stewarts de Appin, «reservarei para mim o direito de atirar a primeira pedra.»

O rufia murchou. O rufia tentou cobrir o seu peito horroroso puxando o cobertor que escondia tudo exceto o contorno da sua pança repugnante. O rufia acobardou-se. Betty tirou o revólver da sua mão trémula. Por um breve segundo, pensei que ela ia meter uma bala misericordiosa no cérebro da criatura. Depois, atirou-o desdenhosamente para o canto do quarto, limpou os dedos lenta e cuidadosamente no lenço, deixou cair o lenço no chão e conduziu-nos regiamente para fora da sala.

Tropecei ao entrar no carro e deixei cair um pão. Um dos sequazes do monstro saltou agilmente para a frente, fez uma saudação, apanhou o pão, limpou-lhe o pó e, com uma vénia profunda, apresentou-o à Betty. Não tivemos mais problemas com a alfândega.

Na véspera de Natal demos uma festa e convidámos o Herbert, a Margaret e a Mary, que tinham chegado da Inglaterra no dia anterior. Pretendíamos anunciar o nosso casamento depois do jantar, mas decidi que seria mais divertido contar a cada um deles separadamente.

A Betty disse: «Abençoados sejam, meus queridos meninos! Graças a Deus que já não preciso de me sentir culpada por ser um desmancha-prazeres!»

O Malcolm disse: «Ah, então casaste com o Leslie. Que chatice: eu pretendia casar contigo. Mas não importa, desde que sejas da família.»

A Margaret correu para o jardim para me trazer um braçado de flor de laranjeira.

A Mary, que era minha amiga quase há tanto tempo como a Diana, exclamou: «Viva, agora podes ajudar-me a dar cabo da cabeça dos meus pais para me deixarem casar com o Sandy Sanders. Eles estão a ser um bocado difíceis porque ele só tem o soldo e perdeu um braço, por isso não acham que ele consiga ficar na R.A.F.»

O Herbert beijou-me a mão. «Os meus parabéns ao noivo e as minhas sinceras desculpas à noiva. Nutri pensamentos indignos a vosso respeito, querida Joan; pois logo após a vossa chegada, a minha fiel Marguerita contou-me que tinha encontrado um dos pijamas do Signor Grant na cama

da Signorita Marshall. *In loco parentis*, teria sido meu dever falar severamente com o teu sedutor — se eu soubesse qual dos gémeos ele era....» Não conseguiu dizer mais nada porque se ria demasiado.

## CAPÍTULO TRÊS

## TERRA PLANA

No final de Janeiro, o Malcolm encontrara uns aposentos de solteiro confortáveis na Half Moon Street, geridos por um antigo mordomo e a sua mulher, uma velhinha maternal que prometeu mimá-lo.

Tínhamos estado em Seacourt e tivéssemos tido uma receção de casamento tardia na sala de música, na qual, durante a maior parte do tempo, o Malcolm substituiu o noivo sem que ninguém notasse a diferença. Quando consegui escapar tempo suficiente para procurar o Leslie, encontrei-o com a Susan, a filha mais nova da Iris, a brincar às casinhas debaixo da mesa da sala de jantar. Sem ponta de embaraço, ele explicou que tinha um ataque agudo de «náusea de festas» e que ele e o Malcolm faziam muitas vezes de substitutos um do outro.

Embora fossem gémeos idênticos, fossem tratados exatamente da mesma maneira e tivessem frequentado as mesmas escolas até insistirem finalmente em ir para universidades rivais, eram em todos os outros aspetos totalmente diferentes. Se um gostava de uma pessoa, de uma peça ou de um quadro, o outro discordava de certeza. Isto não era teimosia, pois quando eu lhes pedia opinião sobre algo tão impessoal como um filme ou um livro, eles invariavelmente tinham visões opostas. No entanto, uma coisa partilhavam: a afeição por mim e a opinião que tinham da família deles.

Tornaram-se informativos sobre os meus sogros depois de o A.D. ter enviado um cabo ao Leslie a dizer que ele me devia levar para a Argentina.

«Como é o A.D.?», perguntei. «Bastante insuportável», disse o Malcolm. E o Leslie disse: «Talvez consigas dar-lhe a volta, o que é mais do que qualquer um de nós consegue.»

«Como é a tua irmã?» «Ah, a Elsie é boa pessoa», disse o Malcolm. «Só gostava que ela não usasse polainas com o *kilt* quando vai caçar. Ela é uma excelente atiradora — para uma mulher.» E o Leslie disse: «Ela é

Comandante das *Girl Guides*; por isso é melhor não lhe deixares saber que recusaste ser sequer uma *Brownie*.»

«Como é o marido da Elsie?» «O Ronald? Ah, é do tipo alegre. Consegue até pôr o A.D. num humor razoavelmente bom», disse o Malcolm. E o Leslie disse: «Vais gostar do Ronald. Ele fala quase tanto como tu.»

«E o teu irmão mais velho?» Ambos se animaram. «O Duncan é um tipo formidável. Mas não o vais ver, pois ele está a caminho de casa para casar com uma rapariga chamada Margot Birkin.»

«Como é ela?» «Não faço ideia», disse o Leslie. «Não a vimos. Ela foi para a Argentina e conheceu o resto de nós, por isso já terá tido dose suficiente da família Grant para uns tempos.»

«Ela talvez gostasse de me conhecer. Afinal, as noras deviam unir-se para se protegerem umas às outras do A.D.», sugeri. «Mas tu agora também és uma Grant», disse o Leslie, o que pareceu encerrar o assunto.

«E quanto à Babs? É uma madrasta aterradora?» «A Babs é porreira. É um pouco mais velha do que nós e mais nova do que o Duncan», disse o Leslie. «É irlandesa e católica romana — não do tipo irlandês emocional», acrescentou apressadamente. «Ela faz o que pode para manter o A.D. cordial, mas claro que não consegue fazer muito com ele.» E o Malcolm, com um suspiro profundo, disse: «Pobre Babs! Pensa no que é ter o Pai no mesmo país durante o ano inteiro!»

À medida que o dia da nossa partida se aproximava, o Malcolm tratava-me como uma enfermeira de hospital a animar um paciente a caminho do bloco operatório. Ele acompanhou-me a escolher o meu enxoval — as lojas de roupa divertiam-no e eram abominadas pelo Leslie — e encorajou-me a comprar vestidos que teriam sido mais adequados para uma mulher sofisticada de trinta anos. Implorava-me frequentemente para, em circunstância alguma, me deixar intimidar pelos Grant.

Eu oscilava precariamente num balancé emocional. Ora era uma criança a ser equipada para o seu primeiro período no colégio interno, ora era um cavaleiro a receber várias armaduras novas antes de partir para desafiar um dragão de múltiplas cabeças.

A 2 de Fevereiro, o Malcolm despediu-se de nós em Tilbury e, durante a viagem, adquiri mais autoconfiança. As pessoas a bordo gostavam de mim, por isso porque é que os Grant não haviam de gostar? As minhas

lindas roupas novas foram um sucesso. Sabia dançar o tango. Sabia jogar golfe. Sabia jogar xadrez. Sabia jogar *squash*.... Raios, eu ia fazer com que gostassem de mim!

Enquanto o *Almeda Star* subia o Rio da Prata, eu ainda tentava decidir o que vestir para a minha primeira entrada perante uma audiência crítica, mas que eu esperava que provasse ser entusiasta e apreciativa. A minha seleção final foi uma saia circular e um bolero de mangas compridas em *crepe de Chine* branco da Callot — muito chique e tão adequado para um clima quente, pois permitia que uma brisa refrescante brincasse no vislumbre discreto da minha cintura nua. Com isto, usei um chapéu de aba larga em feltro branco com flores de cetim azul-marinho aplicadas, que tinha comprado em Paris, um lenço enorme de *chiffon* azul-marinho e sandálias de salto alto.

O A.D., acompanhado pela Elsie e pelo Ronald, esperava por nós quando o navio atracou em Buenos Aires. O meu primeiro olhar mostrou-me que o Dragão-Chefe era grisalho, seco e árido. Ele retirou o *pince-nez* da ponte do seu nariz longo e fino, poliu-o cuidadosamente num lenço impecavelmente limpo e olhou para mim uma segunda vez. Ele era alto. Mas eu era suficientemente alta para o olhar bem nos olhos, olhos que eram frios e cinzentos como um dia de chuva na sua Escócia natal. «Bem, parece que trouxeste bagagem suficiente», comentou ele e afastou-se, com o Leslie nos calcanhares, em direção ao armazém da alfândega.

A Elsie, que também usava *pince-nez*, disparou algumas observações cordiais do tipo «Espero que tenhas tido uma viagem decente». O Ronald sorria como se estivesse a apreciar uma piada privada.... Só mais tarde percebi que, como nem o Leslie nem eu tínhamos pensado em enviar o meu dossiê nas nossas cartas ao A.D., o meu figurino para o Primeiro Ato, Cena Um, tinha confirmado as suspeitas deles de que o Leslie me tinha ido buscar ao coro do *Gaiety*.

Conduzimos em silêncio até ao Hotel Plaza e, após o jantar, subimos à sala de estar da suíte para nos sentarmos em cadeirinhas douradas e rígidas à volta de uma mesa central que sustentava um cesto dourado de flores, com uma etiqueta presa na asa enfatizando o facto de ser um presente para a noiva oferecido pelo Diretor do Hotel Plaza. Tanto quanto me lembro, embora deva estar enganada, ninguém disse uma única palavra exceto o Ronald, que fez o seu melhor para me ajudar, servindo de mestre de cerimónias ao meu fluxo febril de conversa.

Era meia-noite quando ele e a Elsie regressaram a Hurlingham, o subúrbio mais do que inglês onde reinavam. O A.D. abriu um armário, tirou uma garrafa de uísque e disse significativamente: «Eu e o Leslie vamos tomar um último copo antes de irmos para a cama.» Esta foi a deixa para a minha saída, e aceitei-a agradecida.

Durante duas horas, deambulei pelo meu quarto entre ondas de desânimo. Nos vales, sentia-me abjetamente arrependida por ser um falhanço tão pavoroso. Nas cristas, tremia de autopiedade e raiva. Finalmente, a porta do quarto abriu-se para revelar um Leslie radiante.

«Querida, és maravilhosa», exclamou ele, enquanto me abraçava. «Minha inteligente e bela Joan! Ninguém alguma vez causou tal impressão no A.D. Nunca o ouvi estar tão conversador. Ele estava positivamente brilhante!»

Na manhã seguinte, pensei que seria diplomático deixá-los sozinhos, por isso saí para dar uma vista de olhos a B.A. — como já tinha aprendido a chamar à cidade. Os folhetos de viagem descreviam-na como «A Paris do Sul», mas há quase trinta anos parecia o pesadelo de um pasteleiro — e de um pasteleiro que só conseguia sonhar em duas dimensões; pois embora muitos dos edifícios tivessem fachadas que pareciam moldadas em açúcar de confeiteiro, a parte de trás e as laterais deles tinham paredes monótonas de tijolo cor de lama.

Deambulei, olhando para as montras das lojas, especialmente as das flores e, depois de seguir várias ruas laterais, cheguei a uma onde homens esperavam, algo desolados, em filas à porta de casas que pareciam demasiado pequenas para serem tabernas. Na maioria das janelas havia mulheres sentadas; a fazer malha, a coser, a arranjar as unhas ou a ouvir discos de gramofone. Pareciam amigáveis, por isso sorri para várias delas, e fiquei irritada porque, em vez de retribuírem o sorriso, gritaram comigo em espanhol, que eu não conseguia entender, e chegaram ao ponto de fazer caretas e deitar a língua de fora.

Um jovem de bom aspeto aproximou-se de mim e pegou-me no braço. «Creio que se perdeu, *Señorita*», disse ele num inglês bastante bom, e começou a apressar-me pelo passeio. «Deixe-me em paz», disse eu com irritação. Pois não gostava que me apressassem, especialmente estranhos. Ele apertou o braço. «Não a vou deixar em paz. Virá para casa comigo. Tenho um apartamento muito simpático. Almoçaremos juntos...»

«O meu marido não gosta que eu almoce com homens estranhos», disse eu com primor. «E de qualquer modo ele está à espera que eu almoce com ele no Hotel Plaza.»

Ele riu-se, o que achei muito descortês. Pensaria ele que eu era demasiado feia para ter marido? «Então vou acompanhá-la de volta para ele — e dizer-lhe que não é sensato deixar a mulher ir passear sozinha.»

«Não lhe vai dizer nada disso. Nunca ouvi nada tão ridículo! E ainda não estou pronta para voltar para o hotel. Saí para fazer umas comprinhas.»

«Então eu também vou às compras e carrego os seus pacotes. Posso, pelo menos, falar com as balconistas por si em espanhol.»

Por isso, deixei-o vir comigo. Pensei que seria bom para ele aprender que as mulheres inglesas não se deixavam intimidar por estrangeiros impertinentes. Comprei discos de gramofone, meias de seda, pasta de dentes e uma gravata bastante berrante porque o meu acompanhante a admirou — para o Leslie. Dei-a ao empregado de andar na manhã seguinte, pois parecia ainda mais berrante quando a examinei com mais espírito crítico. Ele comprou-me um enorme ramo de gladíolos e insistiu em carregá-lo, bem como aos meus pacotes, para dentro do hotel. Apresentei-o ao Leslie e eles falaram um com o outro em espanhol durante um minuto ou dois. Depois ele partiu e o Leslie disse com cansaço: «Pelo amor de Deus, não deixes que o A.D. saiba que no teu primeiro dia na Argentina foste abordada no bairro da luz vermelha.»

No dia seguinte fomos com o A.D. para Rosário e, no comboio, ganhei mais pontos ao vencê-lo no xadrez. A Babs era amável, mas andava preocupada com o bebé, que estava inquieto e delicado. Havia uma ausência total dos alegres fidalgos que eu esperava encontrar. Jogávamos golfe todos os dias e eu jogava bem, porque a primeira vez que fui parar ao *rough* e me voltei para ver porque é que o meu *caddie* demorava a dar-me um *niblick,* descobri que ele o estava a usar para matar uma cobra. Depois disso, mantive-me no *fairway*.

Após cerca de uma semana nisto, o A.D. levou-nos a uma das suas estâncias, La Carlina, na província de Córdova. Milha após milha, conduzimos através de quantidades infindáveis de nada: nada exceto vedações de arame a cada mil metros, nada exceto moinhos de vento de ferro a chiar, pintados de vermelho cor de sangue seco, nada exceto os esqueletos e crânios branqueados de centenas de cabeças de gado que não

tinham conseguido sobreviver à primeira etapa da sua caminhada para as fábricas de conservas de carne em Buenos Aires.

Consolei-me com o pensamento de que, quando chegássemos à estância, encontraria um luxuoso lar espanhol, talvez uma fonte no pátio, onde gaúchos fariam serenatas aos noivos com acompanhamento de acordeões e guitarras.

La Carlina, de facto, era quase assustadoramente feia — assustadoramente porque como poderia eu esperar compreender um sogro que era imensamente rico e, no entanto, tão tacanho que não tornava a sua casa minimamente confortável? A única sala de estar ficava no meio da casa e era iluminada por uma claraboia. O vermelho cor de sangue seco dos moinhos de vento chiantes repetia-se no papel de parede, no qual havia dezenas de fotografias desbotadas, a maioria de vacas.

Mas duas das fotografias tranquilizaram-me. Uma era da mãe do Leslie, instantaneamente reconhecível como a mulher que eu vira no meu sonho; e a outra do Leslie e do Malcolm, tirada no mês anterior ao de ela morrer, com caracóis dourados e botinhas de pelica branca com botões, com colarinhos de renda nos seus fatos de veludo... as roupas com que ela mos trouxera.

Eu sabia que ela tinha sido bela, sensível e alegre. Isto foi confirmado pelas cartas que o A.D. recebeu após a sua morte, que estavam coladas num álbum de veludo roxo exposto numa prateleira sob a fotografia dela. Deve ter sido o A.D. a escolher o mobiliário horrível, provavelmente de um catálogo de venda por correspondência, pois nenhuma mulher de gosto o poderia ter feito.

Exceto por aquela sala medonha e sem janelas no meio da casa, não havia mais lado nenhum onde sentar exceto numa espécie de varanda; mas essa estava reservada para o A.D. e o seu incessante batucar numa máquina de escrever portátil.

Todas as manhãs cavalgávamos antes do pequeno-almoço. Estava demasiado calor durante o resto do dia. E a cada mil metros parávamos para abrir um portão numa vedação de arame. Os mosquitos eram tão abundantes que o pónei cinzento que eu montava estava preto com eles, e de cada vez que lhe dava uma festinha ficava uma mancha de sangue no seu pelo. Encharquei a minha camisa em citronela, mas ainda havia tantos mosquitos ávidos de sangue inglês que esta também estava nojenta e manchada no final do passeio.

Durante o resto do dia, não fazíamos nada exceto jogar xadrez ou piquete entre as refeições, e tentar dormir durante o pior do calor. Até as manadas de gado pareciam irreais: dinheiro em pé, à espera de ser convertido numa moeda diferente, em prateleiras de carcaças, toneladas de carne enlatada encerradas em latas. Até o céu era pardo como uma moeda de níquel: nada de galeões de nuvens, nada de pores do sol radiantes. Através do ar poeirento, parecia uma tampa azul-aço presa sobre a frigideira enferrujada onde fritávamos.

Até as trovoadas eram hostis: um barulho rouco de metais em vez de uma gargalhada gargantuesca; e um raio foi suficientemente sorrateiro para atingir o telhado de ferro ondulado e atirar-me da cama, enquanto deixava o A.D. a dormir calmamente no outro lado da casa.

Só lá estive cerca de quinze dias, embora me tenham parecido muito mais. O A.D. prometera pagar uma viagem de lua-de-mel aos Andes, ou então uma subida de barco pelo rio Paraná para ver as Cataratas do Iguaçu; mas, quando chegou o momento, disse que seria igualmente agradável para nós, e muito mais barato, visitarmos a Elsie.

Hurlingham era incomparavelmente melhor do que La Carlina, mas toda a gente que lá conheci era escocesa ou inglesa, e o Clube, que era o centro da existência, era uma imitação do original junto ao Tamisa. As casas eram obstinadamente pseudo-Tudor, com jardins "ingleses" — mignonette pálida e tristonhas ervilhas-de-cheiro em vez de hibiscos, buganvílias e mil outros arbustos exóticos que ali poderiam florescer. Os homens não chegavam ao ponto de pintar o corpo com glasto, mas corriam para apanhar o comboio da cidade usando colarinhos engomados (e mais seis suplentes na pasta, para irem mudando à medida que murchavam com o calor), a fim de se protegerem de serem confundidos com argentinos de camisa mole.

As mulheres falavam mal das criadas, das "actividades do clube", umas das outras; e de mim. Quanto mais a Elsie tentava defender a honra dos Grant declarando que o Leslie não me encontrara numa fila de coristas, menos acreditavam nela.

— Mas, querida, as roupas dela! O vestido que levou ao Clube ontem à noite era praticamente nudez — disse uma senhora, olhando complacentemente para o seu modesto decote em V.

— As coristas nunca praticam desporto — contrapôs a Elsie, desesperada.

— Ah, mas ela tem de praticar. Todo esse golfe e squash é necessário para uma mulher que faz questão de não usar espartilho.

Tudo isto, embora aborrecido em muitos aspetos, tinha uma vantagem. Nos bailes de sábado à noite do Clube, os cavalheiros mal conseguiam esperar para dançar foxtrot comigo ao som do gramofone. E, quando os meus pés ficavam doridos de tanto serem pisados, lembrava-me de como fora muito pior ter sido uma flor de parede, de vestido cor-de-rosa, no meu primeiro Baile da Caça. Mas nunca tive oportunidade de dançar um tango com um argentino.

Depois, o Ronald veio em nosso auxílio e conseguiu que nos convidassem para uma "Viagem de Inspeção dos Diretores" pelas linhas ferroviárias a sul de B.A.

As carruagens especiais poderiam muito bem ter sido divisões de uma moradia vitoriana em St. John's Wood — exceto pelo facto de terem verdadeiras casas de banho. Havia camas de latão, lareiras com cães de porcelana em cada ponta da cornija, cortinas de pelúcia vermelha com franjas de borlas, tapetes Axminster, suportes para bolos, escabelos de missangas... uma decoração que serviu de cenário à festa do meu vigésimo primeiro aniversário; com bolo glacé, velas e muitíssimo caviar.

À parte a ausência quase total de paisagem, o único inconveniente eram os cangambás. Quando se irritavam com a intrusão do comboio, disparavam contra ele ou então acabavam atropelados, e o fedor era tão horrível que, por diversas vezes, me levantei da cama a vomitar sobre o lavatório antes sequer de estar verdadeiramente acordada. Já estávamos a sul de Bahía Blanca quando vi árvores de verdade, choupos-da-Lombardia plantados como quebra-ventos em pomares, sobretudo de maçãs e uvas.

A maior parte dos proprietários desses pomares eram colonos italianos e fomos visitar a casa de um deles. Havia cortinas franzidas de algodão nas janelas da pequena casa em forma de caixa. Trepadeiras de glória-da-manhã cobriam o telhado de chapa ondulada e havia uvas rosadas penduradas de uma latada sobre a porta. Ofereceram-nos vinho e riram e conversaram depois de ultrapassarem a timidez inicial. Eram muito pobres. Tinham três filhos pequenos e era evidente que em breve teriam mais; e estavam ocupados a lançar raízes. Não eram alheios à terra onde viviam.

Depois de tanta planície, eu tinha sede de montanhas. Quando estávamos a menos de duas horas de um ponto onde, segundo toda a gente me dizia, eu iria ter a vista mais magnífica dos Andes que se podia

encontrar em qualquer parte da Argentina, o presidente decidiu que preferia passar a noite numa linha secundária e refazer o caminho na manhã seguinte. O meu único consolo foi que, quando a sua carruagem estava a ser manobrada para ocupar o lugar de honra na extremidade do comboio, descarrilou, e ele caiu da cama, magoando-se bastante.

No regresso a B.A., decidi que já tivera mais do que suficiente da Argentina. A nossa passagem de regresso fora marcada no paquete da Royal Mail *Alcantara* para o fim de Maio, por isso ficaríamos presos ali durante mais seis semanas, a menos que eu conseguisse financiar o meu plano alternativo. Felizmente, vários velhos ricos e tolos explicaram-me pacientemente as regras do póquer sem perguntarem se eu já tinha jogado antes. Quando tinha quatro reis, tremia-me o lábio, e quando tinha um par de dois saltitava de entusiasmo — e, quando saímos do comboio, eu tinha ganho dinheiro suficiente para irmos sozinhos para o Brasil.

## CAPÍTULO QUATRO

## SERPENTES E ENCANTADORES

No barco vindo de Inglaterra, um casal jovem e alegre, Clothilde e Martinez de Silva Prado, que regressavam da lua-de-mel em Paris, convidou-nos para ficarmos na sua fazenda de café. Os Grant acharam não apenas que éramos excêntricos, mas ligeiramente loucos, por aceitarmos um convite tão casual. Porque razão queríamos ir disparados para casa de brasileiros, sobretudo conhecidos de bordo que sem dúvida já se tinham esquecido da nossa existência?

— Não se esqueceram de nós — respondi eu, com ar triunfante, mostrando um telegrama que provava que não só éramos bem-vindos, como o nosso anfitrião e anfitriã iam encontrar-se connosco em São Paulo, que ficava a trezentas ou quatrocentas milhas do lugar onde viviam.

O Leslie estava um pouco preocupado com a possibilidade de ofendermos a família dele, por isso expliquei-lhe que não tinha atravessado dez mil milhas apenas para ver um país mais plano e muito mais feio do que as zonas mais sombrias de Cambridgeshire, nem apenas para conhecer pessoas que, por mais simpáticas que fossem, eu poderia ter conhecido igualmente bem em Inverness ou Woking. Apesar dos meus ganhos ao póquer, o dinheiro escasseava, por isso comprámos passagem num cargueiro americano que partia para Santos a 17 de Abril.

A Elsie e o Ronald foram despedir-se de nós, e as dúvidas deles quanto à nossa sanidade aumentaram quando viram o barco. Éramos os únicos passageiros — ou então as baratas já tinham devorado os ocupantes das outras duas cabinas. O navio mantinha-se unido graças ao otimismo e à ferrugem, e era evidente que os proprietários há muito tinham decidido não desperdiçar mais tinta com ele. Enquanto avançávamos pesadamente pelas águas barrentas do Rio da Prata, olhámos com certa apreensão para uma grande placa de latão reluzente no salão, a única peça metálica que alguma vez era polida. Confiava o pessoal do navio à mão de Deus Todo-Poderoso, enumerando-os pela ordem em que deveriam receber atenção divina. No topo, O CAPITÃO, e por baixo, em letras apenas ligeiramente menores, O IMEDIATO; depois seguia-se a restante hierarquia... E no fundo, em letras tão pequenas que mal se conseguiam ler a olho nu, um acrescento posterior: "E até aqueles que estão connosco apenas como hóspedes." Só podíamos esperar que, aos olhos de Deus, fôssemos tão visíveis como pardais.

O capitão chamava-se Grant e felicitava-me frequentemente por ter "um belo e antigo nome americano", o que o Leslie considerava um insulto deliberado às Terras Altas escocesas. Era um homem afável, mesmo bêbedo, estado de que raramente saía, e convidava-me muitas vezes a subir à ponte de comando e deixava-me governar o navio. Gostei disso até uma noite bastante agreste, quando ouvi um baque e me virei para ver o capitão inconsciente no convés atrás de mim.

A costa inóspita estava demasiado próxima da proa de bombordo para me deixar tranquila, por isso achei mais prudente seguir mar adentro, rumo que mantive durante mais de uma hora, até que alguém veio substituir-me

ao leme. Este episódio foi considerado enormemente divertido por todos a bordo, exceto pelo Leslie e por mim.

Mas chegámos a Santos, que naqueles tempos era uma pequena cidade esfarrapada fumegando entre mangais, e daí seguimos para São Paulo por uma linha férrea de cremalheira que subia a escarpa em curvas tão apertadas que o vagão da bagagem ficava frequentemente diretamente por baixo da locomotiva.

A Clothilde e o Martinez esperavam-nos ali e, nessa noite, levaram-nos a uma festa em nossa honra, um contraste vivo com os entretenimentos mais sombrios de Hurlingham.

Havia dez homens e dez mulheres, todos brasileiros, que falavam inglês fluentemente embora nenhum tivesse alguma vez estado em Inglaterra. As mulheres, que passavam pelo menos três meses por ano em Paris, tinham roupas lindíssimas e diamantes magníficos e eram as mulheres mais belas que eu, ou o Leslie, alguma vez tínhamos visto. Não era apenas a aparência delas, mas a exuberância, que se destacava de forma tão extraordinária. Durante séculos, os homens das "Primeiras Famílias" do Brasil tinham mantido as mulheres sob vigilância tão apertada quanto os aristocratas de Espanha.

O divórcio, no papel, era muito fácil para uma mulher obter, mas socialmente tão impossível que nenhuma delas ousara usar essa escapatória legal. Mas, um ano antes, as esposas oprimidas tinham subitamente percebido que, se vinte delas se divorciassem simultaneamente dos maridos, o que automaticamente lhes daria não apenas a liberdade mas também um terço do capital dos maridos, a sociedade não poderia ostracizá-las, porque elas próprias constituíam a Sociedade da qual tinham tido tanto medo.

A festa era em casa de um amigo solteiro do Martinez.

As mulheres foram conduzidas a um quarto extraordinário. As paredes, as cortinas e os panejamentos de uma enorme cama de dossel eram de veludo violeta-parma. As portas de um gigantesco guarda-fatos estavam abertas. Em cabides almofadados havia pelo menos cinquenta magníficas camisas de noite: renda, chiffon, o mais fino linho bordado. A mesa de toilette tinha mais frascos do que um bar bem abastecido, mas eram frascos de perfume. Uma porta conduzia a uma luxuosa casa de banho; outra, a um quarto tão monástico que poderia ter sido uma cela, não fossem os suportes cheios de botas de montar e armas.

— Qual delas é a amante dele? — murmurei à Clothilde, para ter a certeza de agradecer à minha anfitriã oficiosa.

Ela desatou a rir.

— Quem sabe qual delas será?

Fiquei um pouco embaraçada. Talvez não devesse ter reparado nas camisas de noite, nos perfumes. Mas, certamente, se o nosso anfitrião queria ser discreto, ao menos devia ter-se assegurado de que o armário ficava fechado. O jantar começou às nove horas e, à meia-noite, depois de vinte pratos, houve sorvete e café. Após um intervalo de uma hora, o jantar recomeçou: bife com um ovo por cima e mais dez pratos. Às vezes, entre pratos, um homem erguia o copo em direção a uma mulher e, se ela sorrisse, saíam juntos da sala durante alguns minutos — tão casualmente como se fossem dar uma volta pela pista de dança de uma boîte.

Mas não havia música, por isso pensei que fossem passear no jardim. Eu própria teria gostado de ir também, pois fazia muito calor dentro de casa, apesar do ar ser refrescado por uma fonte ao fundo da sala. Só no dia seguinte o Leslie descobriu a finalidade das camisas de noite... eram para as senhoras convidadas, que não podiam ser esperadas trazer as suas próprias, como se fossem crianças levando os chinelos para uma aula de dança, e eram demasiado bem educadas para serem vistas nuas, mesmo numa cama tão ricamente cortinada.

A Clothilde e o Martinez acharam a minha ingenuidade tremendamente divertida, o que talvez ainda lhes estivesse atravessado quando o Martinez parou na quinta de serpentes para ir buscar uma nova provisão de soro no dia seguinte. A última coisa que eu queria era ver cobras, ou sequer pensar nelas; mas tentei exibir-me mencionando casualmente que tinha dactilografado várias cartas do meu pai para o Diretor sobre o tema dos mosquitos. Infelizmente, o nome do meu pai despertou qualquer memória no distinto cavalheiro, que me saudou calorosamente e disse que teria enorme prazer em mostrar-me tudo. Quanto mais fervorosamente eu insistia em que não sonharia desperdiçar-lhe o tempo, mais ele insistia em que eu não o deixasse antes de ter uma ideia clara do importante trabalho ali realizado, para transmitir ao meu pai, seu ilustre colega.

— Esperarei no carro — disse o Martinez.

— Não, não! — exclamou o Diretor. — Vá embora até esta noite. Há muito para ela ver, muito sobre que conversar.

Observei miseravelmente o Martinez afastar-se de carro e, depois, segui com o Leslie o pequeno homem entusiástico para o primeiro de vários laboratórios em que viria a entrar naquele dia demasiado memorável. No primeiro havia uma secretária, uma máquina de escrever, vários dossiers abertos sobre uma longa mesa de madeira. Tudo parecia tão inofensivo que pensei — se é que pensei nisso — que as filas de pequenos armários ao longo da parede continham frascos de soro ou algo ainda mais inocente, como fichários.

Estava a olhar para alguns desenhos coloridos de serpentes, destinados a transformar-se em cartazes para que as pessoas pudessem reconhecer quais as espécies necessárias na quinta, quando ouvi um baque pesado atrás de mim. Era uma cobra, com cerca de dois metros de comprimento e tão grossa quanto o meu braço. O Diretor fez um som de censura aborrecida e pegou nela casualmente pela nuca.

— Este meu rapaz do laboratório está cada vez mais descuidado. Estou sempre a dizer-lhe para verificar se as gaiolas ficam bem fechadas...

Sorriu para a cobra.

— Este pequeno companheiro está hoje perfeitamente inofensivo porque lhe extraíram o veneno esta manhã... Veja, eu mostro-lhe.

Apertou-lhe as faces e forçou-lhe a abertura das mandíbulas. Depois pegou num pequeno prato de vidro coberto por gaze esticada, contra a qual pressionou delicadamente as presas.

— Está a ver? Nem uma gota ficou.

Falava com a placidez de uma leiteira. Amanhã talvez uma ou duas gotas, e dentro de quatro dias estará pronta para nova extração. Estendeu-me a cobra.

— Gostaria de lhe pegar?

Parecia estar a oferecer um gatinho a uma criança. Instintivamente recuei.

— Posso deixá-la cair — protestei debilmente.

Pareceu surpreendido.

— Ela não pesa muito — mas entregá-la-ei ao seu marido.

Durante um minuto inteiro, o Leslie segurou a cobra a meio do corpo, com a cabeça virada para longe dele e a cauda tentando inutilmente

enrolar-se-lhe no braço. Depois ela contorceu-se até conseguir encará-lo diretamente. O Leslie suportou o silvo durante alguns segundos e então, com um grito sufocado, atirou-a pelo ar até ao outro lado da sala.

— Não se deve ser brusco com elas — disse o Diretor severamente.

A cobra estava agora tão furiosa que ele teve de usar um pau bifurcado para a prender ao chão antes de conseguir metê-la novamente na gaiola. O Leslie estava pálido e a transpirar; penso que mais porque julgava ter feito figura de tolo do que pelo simples horror que eu sentia. O Diretor fitou-o com desaprovação.

— É evidente que não partilha o interesse da sua esposa por assuntos científicos. Talvez seja melhor deixá-la aqui comigo. Eu próprio a acompanharei de volta ao hotel esta noite. A minha secretária chamará um táxi para si.

E o Leslie, murmurando que talvez o Martinez considerasse descortês que nenhum de nós regressasse para almoçar com ele, abandonou-me cobardemente — e eu, como uma tola, fiquei. A minha formação inicial ensinara-me a partilhar os entusiasmos dos cientistas — uma vez passei quatro dias felizes a entreter, na ausência do meu pai, um professor chinês cujo único tema eram as ténias.

Mas, embora o bondoso Diretor tenha feito tudo ao seu alcance para me fazer apreciar aquele longo e terrível dia, continuo a considerá-lo uma das coisas de que tento não me lembrar. Ainda assim, parecia satisfeito comigo e, como uma criança invulgarmente generosa, insistia em mostrar-me cada vez mais dos seus tesouros. Os seus favoritos naquela altura eram as tarântulas que, como enormes caranguejos peludos, corriam de um lado para o outro em jaulas com cerca de metade do tamanho de uma mesa de bilhar. Garantiu-me que a sua mordedura era mais perigosa do que a de uma cobra porque ainda não fora descoberto qualquer antídoto para o seu veneno.

Mas isso eram apenas os hors d'oeuvre. Depois mostrou-me fileiras de braços e pernas humanos, mumificados por um processo ao qual prestei a mais desatenta das atenções, que tinham apodrecido e caído dos seus donos ainda vivos. Havia bebés inchados dentro de frascos, crianças boiando em grandes recipientes de vidro; e a pièce de résistance era um negro flutuando num tanque de formol, aguardando dissecação. Devia ter sido um homem grande antes de a cobra o morder: agora era gigantesco.

— Incham — ah, como incham! — disse o Diretor pensativamente. — As serpentes indianas e a maior parte das serpentes africanas: duas pequenas perfurações na pele é tudo o que se vê; depois o coração pára. Dor, sim, mas não esta deformação grotesca.

Consegui emitir um som inarticulado, quase sem fala de horror. Ele pareceu pensar que eu o acusava de exagero.

— Incham, digo-lhe eu! Incham até rebentarem como fruta demasiado madura.

Despiu a camisa.

— Olhe para as minhas costas. Olhe bem!

Olhei — com olhos que achei que em breve ficariam vidrados. Havia uma cicatriz que subia pelo braço até ao ombro, atravessava-lhe as costas até desaparecer por baixo das calças, uma cicatriz como uma fita de cetim púrpura com cinco centímetros de largura. Vestiu novamente a camisa e sentou-se à secretária — estávamos agora no seu gabinete, onde tínhamos almoçado numa bandeja. Já não era o colega cientista nem a criança a partilhar brinquedos, mas o severo professor a repreender um aluno imprudente.

— Mostrei-lhe esta cicatriz para lhe gravar na mente que, enquanto estiver no meu país, deve ter cuidado com as serpentes.

Agitou um dedo admonitório na minha direção.

— Como aconteceu isto comigo?, pergunta a si própria. Estaria eu na selva quando uma cobra-coral se lançou sobre mim de um ramo? Estaria eu a caminhar descalço em erva alta? Sou um tolo que pega numa serpente por pensar que é uma das inofensivas?

As perguntas eram puramente retóricas. Ele estava tão dominado pela sua narrativa quanto eu, como se ambos estivéssemos presos por uma anaconda.

— Nada dessas coisas tolas eu fazia — contudo, o que fiz foi tolo. Estava nesta sala e, ali ao canto, como agora, havia um pequeno cesto cheio de cobras-coral que eu queria examinar com calma. Abri-o. Lá estavam elas, quatro, entorpecidas após uma longa viagem. Mas havia uma, uma pequenina, agarrada à tampa quando a atirei para trás. Sou rápido, mas ela é mais rápida. Morde-me no ombro. Atiro-a de volta para o cesto. Nunca é permitido deixar serpentes venenosas soltas na sala.

Disse isto severamente, como se fosse um hábito descuidado meu que estivesse constantemente a repreender.

— Depois pego nesta seringa hipodérmica.

Retirou uma de um recipiente coberto sobre a secretária e fez gestos dramáticos com ela.

— Está cheia de soro fresco. É regra minha haver uma pronta em cada sala deste edifício. Espeto-a no braço, rapidamente, rapidamente, sem tempo a perder a limpar a pele com álcool. Depois toco o alarme...

Apontou para ele: um botão elétrico pintado de escarlate; e lembrei-me de ter visto botões iguais em todas as outras salas por onde passáramos. Só à última fra

ção de segundo se impediu de voltar a carregá-lo.

— Quando toquei, as pessoas vieram a correr — em dois minutos estavam junto de mim, mas eu já estava quase inconsciente. Fui muito infeliz durante vários dias. Não é confortável inchar e inchar até a pele parecer prestes a rebentar...

Recostou-se na cadeira e olhou para mim quase suplicante.

— Senhora, disse o suficiente para a fazer prometer que não será descuidada com serpentes?

## CAPÍTULO CINCO

## FAZENDA DE CAFÉ

Depois de uma segunda noite no excelente hotel, deixámos São Paulo ao amanhecer, pois o Martinez queria percorrer a maior distância possível antes do calor do meio-dia. Distância — a distância de sucessivas cadeias de colinas arredondadas, suaves sob a sua pelagem verde de floresta; a distância azul das altas serras; um vislumbre distante da estrada à nossa frente, um fio vermelho na cacofonia do verde — é tudo o que recordo dessa viagem. Houvera uma espécie de distância na Argentina; um vazio semelhante a um futuro cinzento contemplado sem palavras através de um pântano de desânimo. Mas aqui a distância era exuberância, desafio,

renovação do espanto; beleza indomada e sedutora como os humores do mar.

Tínhamos a estrada só para nós, exceto por uma ocasional carroça puxada por bois; e o Martinez conduzia tão depressa que, embora tivéssemos feito uma sesta numa aldeia de adobe, chegámos à Fazenda Campo Alto antes do pôr-do-sol. Séculos haviam suavizado as telhas curvas que cobriam a grande casa branca até parecerem tão naturais quanto as trombeteiras e a explosão de buganvílias que salpicavam as paredes antigas de cores exuberantes, cintilando de beija-flores. Relvados lisos como um bowling-green inglês desciam até ao lago.

— Gosta do meu lago? — perguntou o Martinez. — Fizemo-lo há três anos. Uma manhã disse para comigo: "Ainda falta qualquer coisa nesta vista. O que será, Martinez?" E então veio-me a resposta. As minhas colinas, as avenidas que o meu avô plantou, ficariam ainda mais bonitas refletidas na água. Por isso construí uma barragem, e agora há três milhas de água para a minha casa contemplar.

Que alegria era estar ali, depois de La Carlina, onde ninguém se dava ao trabalho de tornar um quarto menos feio ou de plantar uma flor.

A bonita criada negra que trouxe café ao nosso quarto na manhã seguinte deu-me um bilhete:

"Todos fomos andar a cavalo, mas achei que talvez quisesse dormir até mais tarde. O pequeno-almoço é às nove, mas diga à criada se preferir tomá-lo no quarto.
Com amor. C."

Decidi deixar o Leslie dormir enquanto ia nadar no lago.

Os criados da casa poliam os soalhos, enchiam jarras de flores, cantando suavemente enquanto trabalhavam, interrompendo-se para acenar e sorrir quando eu passava. O ar era ainda mais perfumado do que Hurtwood na época das azáleas. Um tucano, com o bico amarelo absurdamente grande para o corpo de corvo, levantou voo ruidosamente de um grupo de poinsétias no auge do seu vermelho escarlate. Um bando de periquitos verdes passou rente por cima da minha cabeça. Na margem oposta da água azul, uma carroça puxada por uma junta de bois brancos rangia ao longo de uma avenida de palmeiras gigantes.

Cheguei a um cais de madeira onde duas barcas de remos e outra, com uma vela laranja enrolada, balançavam nas amarras sobre uma ligeira

ondulação. Não havia ninguém por perto e eu estava fora da vista da casa. Seria ridículo vestir um fato de banho de lã áspera, por isso deixei-o, juntamente com a toalha e o roupão, na ponta do cais e desci a escada para a água lisa como seda aquecida pelo sol. Nadei preguiçosamente umas duzentas jardas e depois deixei-me flutuar, absorvendo o sol da manhã.

A quietude foi quebrada pelo som de um cavalo a galope, um surdo ribombar ao atravessar os relvados e depois o bater de cascos nas tábuas do cais.

— Joan, volte imediatamente! Depressa!

A voz do Martinez era tão imperiosa que fiquei sobressaltada e bastante irritada. Então estava atrasada para o pequeno-almoço, era? Porque razão haveria isso de o zangar — ou seriam os brasileiros ainda mais mal-humorados do que os escoceses logo pela manhã?

Vi-o saltar para um dos barcos e começar a remar na minha direção — e a remar muito mal, aliás, porque fazia salpicar a água com os remos. Tentei nadar mais depressa. Que irritante ser resgatada pelo Martinez, como se ele fosse uma ama e eu uma criança tola em risco de afogamento! Alcançou-me antes de eu chegar a meio caminho do cais, inclinou-se sobre a borda e içou-me sem cerimónia para dentro do barco. A pingar e ressentida, tentei parecer despreocupada, tendo de repente percebido que estava completamente nua. Ele tirou o lenço e limpou o suor da testa.

— Joan, por favor não me dê mais sustos destes. Não gosto de sustos, sobretudo antes do pequeno-almoço.

— Lamento tê-lo ofendido — respondi friamente. — Nunca me ocorreu que viesse aqui a cavalo. Se tivesse vindo a pé desde a casa para me dizer que estou atrasada para o pequeno-almoço, eu tê-lo-ia visto a tempo de vestir alguma roupa.

Então ele desatou a rir, a rir até quase cair para trás do banco do barco.

— Minha querida e doce Joan, adoro vê-la nua — e ninguém precisa de ser pontual na minha casa.

— Então porquê toda esta agitação?

— Porque nunca nos banhamos no lago: banhamo-nos na piscina.

— No lago há jacarés.

Depois do pequeno-almoço, mostrou-me a casa. O mobiliário era soberbo, grande parte dele trazido de Portugal pela família no século XVII. Numa das salas havia uma passadeira de couro sobre o chão polido. Perguntei-me se seria trabalho indígena, ou um tipo invulgar de couro de Córdoba como o que eu vira nas paredes da biblioteca dele.

— Ah, isso? — disse casualmente. — É pele de anaconda, uma particularmente magnífica. Tem trinta e seis pés de comprimento e seis de largura.

Engoli em seco.

— Suponho que tenha vindo da Amazónia?

Ele apontou pela janela.

— Matei-a no relvado — mas tarde demais para impedir que engolisse um dos meus vitelos de raça. Tinha perseguido o pobre animal desde o curral. Claro que o vitelo não teve qualquer hipótese, pois diz-se que uma grande anaconda consegue apanhar um cavalo a galope.

Suponho que devo ter parecido assustada, porque ele passou-me o braço pelos ombros e deu-me um abraço amistoso.

— Não deve ter medo do Brasil, Joan. É um bom país para quem o ama. Há perigos em toda a parte. Pense nas ondas do Golfo da Biscaia, nos táxis de Paris! Mas quando embarca num navio não espera afogar-se, nem ser atropelada ao atravessar a rua a caminho do Maxim's. Eu preocupo-me? Não. Mas também não fecho os olhos. O meu povo, mais de quinhentas pessoas, muitas descendentes dos escravos trazidos de África pelos meus antepassados, é feliz comigo. Mas não finjo que não haja homens maus entre eles, nem que todos os que vêm pedir trabalho sejam anjos. Há homens maus como há cavalos maus, por isso seria tolice da minha parte não levar um revólver quando me afasto muito da casa. No ano passado o meu sobrinho esteve aqui e recusou-se a ir armado quando o mandei pagar os salários. Um dos apanhadores de café — não nascera aqui, mas estava connosco havia quatro anos — deixou-se tentar pela visão de tantas moedas, por isso matou o meu sobrinho...

— A polícia apanhou o assassino?

— Não. Fugiu. Não há polícia aqui. De que serviria um polícia quando há milhares de milhas quadradas de floresta onde um criminoso pode esconder-se?

A fazenda era praticamente autossuficiente, pois embora a principal cultura fosse o café, quase todos os outros produtos essenciais eram cultivados e prosperavam com exuberância quase inacreditável. Trigo, arroz, milho, toda a espécie de frutos e legumes; algodão, que era tecido e tingido de cores brilhantes para as roupas dos negros; lã para os seus ponchos. O gado, lustroso como cavalos de corrida, mastigava alfafa viçosa em currais onde a palha amarela e brilhante lhes chegava aos joelhos. Criavam-nos não apenas pela carne e pelo leite, manteiga e queijo, mas também pelas peles, para laços e sandálias, selas, rédeas e chicotes.

Eram os tempos anteriores à crise do café. Milha após milha de arbustos, com as bagas brilhantes como cerejas escarlates entre folhas semelhantes às do loureiro, estavam a ser colhidas para cestos e levadas em carroças puxadas por bois para os terreiros de secagem. Havia pomares que faziam as laranjeiras que eu vira no sul de França parecer arbustos anões cultivados em vasos. Pois debaixo destas árvores podia-se cavalgar, e era preciso erguer-se nos estribos para apanhar fruta do ramo mais baixo.

O modo de vida deles parecia-me familiar, embora só quinze anos depois eu viesse a reconhecer quão de perto se assemelhava ao padrão de responsabilidade natural de um nomarca das dinastias intermédias do Egipto. Um bom proprietário rural era tão parte integrante do seu povo quanto a cabeça o é do corpo: nenhum podia sobreviver sem o outro, nenhum se ressentia de que fosse da cabeça que viessem as ordens executadas pelas mãos. O dinheiro não era nem um monstro inchado nem esfomeado escondido num livro de contas: era apenas o óleo nas rodas que mantinha suave a troca entre a vida que brotava da terra e a vida que brotava das pessoas. O crescimento era abundante em toda a parte, a Deusa Terra quase demasiado pródiga.

Um caminho na floresta desaparecia se fosse negligenciado apenas durante um mês. Um ramo de begónia que tocava o peitoril da minha janela quando cheguei atravessava o canto do quarto ao fim de quinze dias — eu pedira que o deixassem crescer sem o podar, para poder observar os beija-flores entrando e saindo das flores enquanto permanecia deitada na cama.

O Martinez trabalhava arduamente, mas ainda assim tinha uma energia inesgotável para o prazer. Os convidados, raramente anunciados exceto pelo som de uma buzina de automóvel, porque não havia telefone e toda a gente tinha coisas melhores para fazer do que escrever cartas, afluíam à casa. Nadavam na piscina dele, velejavam no barco, montavam os seus cavalos. Dançávamos muchachas, apertados peito contra peito, ao

ritmo das maracas; ou ficávamos estendidos em espreguiçadeiras no pátio ouvindo os negros cantar: quarenta, cinquenta, sessenta vozes de homens e mulheres, ricas e suaves como veludo, canções de amor, canções tristes, velhas canções ao murmúrio das guitarras.

Quase todos os dias havia um rosto novo à longa mesa do refeitório onde eram colocados mais de vinte pratos, dos quais todos nos servíamos embora um criado negro estivesse atrás de cada cadeira para mudar os pratos. A conversa era tão variada e abundante quanto a comida: novas ideias para saborear e digerir, entradas espirituosas, deliciosos soufflés de tagarelice. O sexo também ocupava o seu lugar na conversa, uma deusa entronizada, uma pastora perseguida. Para nós dois era muito reconfortante descobrir que outras pessoas também achavam que o sexo era alegre.

O Leslie, nunca no seu melhor de manhã, às vezes tinha dificuldade em apreciar piadas consideradas apropriadas para recém-casados ao pequeno-almoço. Percebia que os elogios efusivos dos homens para comigo eram apenas boa educação brasileira, mas por vezes eles inquietavam-no um pouco, o que levava os outros a troçarem dele.

— Leslie, meu amigo, devo avisá-lo de que me apaixonei pelos joelhos da Joan — disse o Martinez, fingindo estar completamente sério. — O resto dela também é bom, claro, mas sou um conhecedor de joelhos e os dela são irresistíveis. Portanto, ela nunca deve permitir-se ficar sozinha comigo.

Quando nos vestíamos para o jantar, o Leslie observou atentamente os meus joelhos.

— Eu próprio não vejo nada de estranho neles — disse pensativo — talvez um pouco ossudos, se tanto. Mas, pelo amor de Deus, Joan, tem cuidado com esse sujeito. Nunca se sabe bem com estrangeiros e, se ele tentasse alguma coisa, não faço ideia do que deveria fazer. Seria tudo tão terrivelmente embaraçoso que penso que teríamos de partir.

Eu sabia perfeitamente que o Martinez estava apenas a brincar, mas houve um dia em que alimentei brevemente dúvidas pouco dignas. Estávamos todos a cavalo e, de algum modo, ele e eu afastámo-nos dos outros. Os cavalos caminhavam placidamente e ele ia chicoteando ramos altos com o açoite para fazer as grandes borboletas abrirem as asas e eu poder ver o seu brilho azul cintilante. Algo desceu balançando das sombras. Pensei que fosse apenas um morcego. Simultaneamente, o Martinez açoitou o meu cavalo nos quartos traseiros e lançou-o numa corrida desenfreada

pela vereda da floresta. Fiquei tão sobressaltada que perdi ambos os estribos e tive de me agarrar ao arção da sela.

Ouvi o cavalo dele galopando atrás de mim, mas o meu ia mais depressa. Estava assustada e furiosa. Se aquilo era um prelúdio brasileiro para sedução numa clareira tropical, o Martinez confundira completamente o papel! Seria tão convencido a ponto de imaginar que eu gostava de brincar aos pastores e ninfas a cavalo — sobretudo quando estava prestes a cair do cavalo? Por um capricho equino, o animal a que eu me agarrava mergulhou subitamente num túnel aberto no mato, onde as folhas mortas no chão eram tão espessas e os arbustos à beira do trilho tão impenetráveis que o som da perseguição desapareceu.

O meu cavalo chegou a uma ravina íngreme e parou tão abruptamente, atirando para trás a cabeça estúpida, que a crina aparada me atingiu em cheio na cara. Mesmo uma ninfa voluntária — e eu não estava minimamente voluntária — teria ficado desagradada se, durante a fuga da desonra, o Destino lhe batesse de repente no rosto com o equivalente a uma escova de esfregar.

Escondi-me até parecer um pouco mais apresentável e o cavalo acabou por encontrar o caminho de volta à casa... depois de passar uma hora a vaguear por um pomar onde insistiu em alimentar-se de laranjas.

O Martinez mostrou-se extremamente apologético por o cavalo ter disparado comigo. Penso que nunca lhe ocorrera que alguém pudesse não controlar um animal tão bem treinado. Passara toda a tarde à minha procura para explicar o que realmente acontecera... A coisa que descera balançando da árvore era uma tarântula que, se o Martinez não tivesse pensado rapidamente e feito o meu cavalo afastar-me dali, provavelmente me teria mordido.

Tendo escapado a uma tarântula, foi azar encontrar outra enorme a fitar-me da parede quando tomava banho nessa mesma noite antes do jantar. Os olhos verdes brilhavam-lhe. O corpo peludo balançava de um lado para o outro, equilibrado sobre pernas horrivelmente peludas.

— Socorro! — gritei. — Depressa! Socorro!

O velho mordomo negro passava justamente pela porta. Entrou a correr e, embora a visão da tarântula o deixasse lívido de terror, golpeou-a com uma toalha de banho enquanto ela corria pelo chão, acertou-lhe com a bandeja que trazia e depois acabou de vez com ela cobrindo-a com o tapete

de cortiça da banheira, sobre o qual saltou repetidamente até não haver a mínima hipótese de restar sequer um espasmo.

Fiquei tão esmagada de gratidão que saltei da banheira e abracei-o. O Leslie entrou nesse exato momento. O mordomo retirou-se apressadamente e o meu marido, em vez de se mostrar agradecido por a sua noiva ter sido poupada a uma morte agonizante, repreendeu-me secamente por me deixar ver nua por um negro.

Fomo-nos deitar relativamente cedo, depois de um dos passeios noturnos pelo jardim, de que gostei menos do que antes de descobrir que a razão pela qual toda a gente calçava botas de montar antes de sair de casa depois do pôr-do-sol era por causa das cobras e não dos mosquitos. Fiz o Leslie despir a cama e procurar atrás dos armários no caso de haver mais tarântulas escondidas, e ele tornou-se bastante irritadiço... o que era injusto da parte dele, pois eu punha sempre cuidadosamente pela janela as traças, que ele detesta, e prestava serviços semelhantes em relação a morcegos e aranhas não venenosas.

Ficava cada vez mais quente e nenhum de nós conseguia dormir. Uma espécie de mosquito suficientemente pequena para atravessar a rede apareceu em enxames para se alimentar de mim — os mosquitos e as pulgas raramente picam outra pessoa se eu estiver disponível. O Leslie adormecia por momentos, mas eu tinha de o acordar porque os mosquitos empanturrados se agrupavam no teto da nossa cama de dossel e eu não era suficientemente alta para lhes chegar. Por volta das duas da manhã disse, cansado:

— Se te levasse a nadar, achas que isso te refrescaria o suficiente para parares de te coçar?

Aceitei alegremente esta proposta e saímos por uma porta lateral em direção à piscina — por um caminho de cimento branco onde até uma pequena centopeia teria sido claramente visível à brilhante luz da lua. A piscina era revestida de azulejos e rodeada por um muro alto, que projetava uma sombra tão profunda que metade da água parecia um tanque de tinta. O Leslie, que é um nadador extraordinariamente bom e mergulha com verdadeiro prazer, divertiu-se a lançar-se várias vezes da prancha mais alta. Depois sentou-se na extremidade dela, fumando um cigarro.

Eu nadava bastante feliz e começava a pensar que já estava suficientemente fresca para voltar para a cama quando, de repente, algo frio e escorregadio me atacou. Desesperadamente, lutei para o afastar, gritando

ao Leslie que me salvasse. Horas passaram no que talvez tenham sido segundos. Ouvi um som ainda mais terrível do que os meus gritos. O Leslie estava a rir! Não só estava a ser morta por uma anaconda, como morria diante dos olhos de um homem que eu julgava um marido bondoso, mas que agora se revelava um maníaco sádico.

A minha cabeça afundou-se na água. Agora estava tão cheia de água que nem conseguia gritar. Oh Deus, deixa-me afogar antes de ser engolida! Agora a serpente enorme agarrou-me pelo cabelo. Vai engolir-me de cabeça primeiro!

Mas foi o Leslie, e não a serpente, quem me puxou para fora da água. Continuava a tremer de riso, embora tentasse parecer arrependido.

— Querida, não percebi que tinhas entrado realmente em pânico, senão tinha-te tirado dali mais cedo.

Eu soluçava de fúria.

— Monstruosa caricatura de marido! Espero que a anaconda te coma vivo!

— Que anaconda?

— Corre, idiota! Corre! Vai apanhar-nos aos dois dentro de um minuto!

Ele deu-me umas palmadinhas daquela maneira horrível que os maridos têm quando pensam que as mulheres estão histéricas.

— Controla-te, Joan. A tua anaconda é apenas um cavalo de borracha.

Quando finalmente tivemos de partir para apanhar o barco de regresso a Inglaterra, o Martinez e a Clothilde insistiram em levar-nos até São Paulo, embora estivéssemos no auge da colheita do café e pudéssemos facilmente ter ido num dos carros dos outros convidados. O mínimo que podíamos fazer era oferecer-lhes uma festa de despedida, que foi excelente e nos deixou com cerca de dez xelins depois de pagarmos a conta do hotel dessa noite. Felizmente tínhamos bilhetes de regresso de comboio e os bilhetes do paquete estariam à nossa espera nas mãos do comissário de bordo quando embarcássemos, pois o A.D. tratara disso em vez de os entregar ao Leslie, para garantir que não haveria mais atrasos no regresso dele a Inglaterra para estudar para os exames da Ordem.

Vários brasileiros do hotel iam no mesmo navio, que fazia escala no Rio de Janeiro, e todos apanharam o comboio da manhã. Contudo, o Leslie

descobriu que havia outro comboio, às três horas, que nos deixaria cerca de meia hora em Santos para apanhar o *Alcantara*. Almoçámos cedo, à uma e meia. Uma hora depois comecei a olhar de forma ostensiva para o relógio. Às vinte para as três sugeri que talvez fosse altura de nos pormos a caminho.

— Ainda há tempo para mais café — disse o Leslie.

Pela última vez enchi uma chávena até ao bordo com o açúcar brasileiro castanho-claro, moído tão finamente que se dissolvia instantaneamente e produzia a aparente impossibilidade de numa única chávena caberem tanto uma chávena de café como outra de açúcar.

— Eu sabia que vocês não podiam ser verdadeiramente ingleses. Agora está provado que nasceram ambos no Brasil, porque nunca teriam conseguido apanhar o barco que vos trouxe até aqui — declarou o Martinez.

Atrever-me-ia eu a ir mandar colocar a bagagem num táxi? Não, isso poderia parecer mandão. Às cinco para as três, o Leslie levantou-se da mesa sem pressa. O Martinez e a Clothilde garantiram-nos que já era demasiado tarde para irmos para a estação, mas concordaram em passar por lá, já que ficava a caminho da garagem onde o carro deles estava a ser revisto. O taxista entrou no espírito do jogo e atravessou os cruzamentos como um foguete, com o polegar colado à buzina.

O relógio da estação marcava dez minutos depois das três. Mas o maquinista, tal como o Leslie, recusava-se a deixar-se tiranizar pelos relógios, e saltámos para o comboio em andamento mesmo antes de ele abandonar a plataforma.

— Quase me fizeste perder a minha última chávena de café verdadeiro — disse o Leslie em tom de censura.

Eu estava demasiado ofegante para responder.

## CAPÍTULO SEIS

## ACENDE A TUA PRÓPRIA VELA

Os meus pais vieram esperar-nos a Southampton, com dinheiro para gorjetas e outras pequenas despesas como cabeleireiro e contas do bar; pois

eu enviara um telegrama à minha mãe desde Vigo dizendo que estávamos completamente sem dinheiro. Depois de uma semana em Hayling e quinze dias com a Daisy, fomos para Londres procurar um lugar onde viver. As nossas mesadas trimestrais tinham acabado de chegar, por isso tínhamos cerca de cento e cinquenta libras entre os dois; mas até os apartamentos mais miseráveis exigiam um trespasse além de três meses de renda adiantada, pelo que alugámos quartos mobilados na casa de Half Moon Street onde o Malcolm vivia. O Leslie decidiu que, como teríamos de ir à Escócia para a caça ao tetraz, seria uma perda de tempo começar já a estudar para os exames.

Assim, em Julho fomos para Knocke ficar em casa de uma amiga belga.

Quando a conheci pela primeira vez, no *Almeda Star*, ela fez-me lembrar um pouco a Daisy. Uma manhã perguntou-me porque é que eu, tendo apenas vinte anos, preferia passar tanto tempo a conversar com uma mulher de sessenta e cinco. Apanhada de surpresa, respondi:

— A idade não tem importância. Posso ser centenas de anos mais velha do que a senhora.

Ela pareceu bastante surpreendida, mas não insistiu no assunto. Em vez disso, convidou-me a visitá-la porque queria que eu conhecesse o Robert, o neto dela...

Apanhámos o barco para Ostende e chegámos a Knocke a tempo do jantar. O Robert, que tinha seis anos, já estava deitado. Veio visitar-me na manhã seguinte quando eu tomava o pequeno-almoço numa bandeja: um rapazinho bonito de calções e camisola de malha. Trazia o braço esquerdo ao peito. Aceitou um pedaço de chocolate, ofereceu-se para me servir café e depois começou a vaguear pelo quarto, mexendo nos objetos da mesa de toilette e fingindo não me observar atentamente.

Depois disse abruptamente:

— Há uma coisa que quero mostrar-lhe. Está lá em baixo e, se não se importar, gostava que a visse antes de a minha avó se levantar. Ela já está no banho, por isso, se não se demorar muito...

Levou-me até uma arrecadação onde havia uma grande caixa de madeira ainda fechada. Vasculhou um armário e entregou-me um martelo e um escopro.

— Abra-a, por favor. Eu não consigo com uma só mão, e prometi não usar a outra até o osso estar completamente curado. Parti-o ao cair do pónei, o que foi muito descuidado da minha parte.

— Tens a certeza de que a tua avó não se importará? Está endereçada a ela e...

— Abra-a, por favor. Agora!

Tremia de impaciência.

— Sou eu que estou dentro da caixa.

Pensei que queria dizer que a caixa continha alguma coisa que lhe pertencia. Assim, esperando que não fosse um presente guardado como surpresa para o aniversário dele, comecei a arrancar os pregos da madeira. Finalmente consegui tirar a tampa e descobri que, em vez de um brinquedo — a caixa teria mais ou menos o tamanho adequado para uma bicicleta de criança — continha um grande quadro a óleo. Encostei-o à parede e limpei a serradura do vidro. Era o retrato de um jovem em uniforme caqui. Quem seria? Evidentemente alguém que o rapaz conhecia muito bem, porque o contemplava com intensa excitação e uma emoção profunda quase a transbordar em lágrimas. Depois virou-se e olhou-me solenemente.

— Não se vai rir de mim, pois não?

Tive vontade de o abraçar, mas percebi que o assunto era demasiado sério.

— Nunca me rio das coisas verdadeiras.

Ele assentiu.

— Então dirá à minha avó que isto não é apenas um retrato do meu tio Albert. É um retrato meu.

Fui imediatamente contar-lho. Penso que ela me convidara apenas para confirmar algo que já sabia. Com ansiedade — como se fosse um profundo alívio aceitar finalmente provas que a religião dela tornava difíceis de acreditar — contou-me muitas coisas que confirmavam a história do Robert. O filho mais velho, Albert, sempre significara muito mais para ela do que o filho mais novo, John. Separara-se do marido, que era inglês, quando ambos os filhos eram ainda muito pequenos.

O Albert passara a maior parte do tempo com ela na Bélgica e fora morto em 1915, capitão do exército belga, aos vinte e três anos. O John,

demasiado novo para a guerra, fora enviado para um colégio em Inglaterra e casara com uma inglesa. Via a mãe muito raramente, até ela ir passar alguns dias com eles quando o Robert tinha dois anos. Para os outros netos, ela continuava a ser apenas uma senhora idosa que mal conheciam. Para o Robert, era a única pessoa que realmente importava. Quando estava com ela, era alegre e saudável. Com os pais, amuava ou tornava-se violentamente desobediente até eles ficarem felizes por mandá-lo de volta para a Bélgica.

— O Robert sempre foi um menino corajoso — disse ela com orgulho. — Quando viu uma piscina pela primeira vez, e tinha então apenas três anos, correu pela prancha e mergulhou. O Albert também era um excelente mergulhador. Um dia alguém veio aqui com uma câmara de filmar. Quando a apontou ao Robert, girando a manivela com um ruído seco, o Robert gritou: "Não! Não! Mataram-me assim da última vez!" Tentei acalmá-lo, mas ficou tão histérico que tive de chamar o médico, que lhe deu um sedativo. O Albert saiu sozinho para a terra de ninguém durante a noite para impedir um posto alemão de fustigar os seus homens com uma metralhadora. Quando encontraram o corpo, tinha oito balas, mas não morreu rapidamente. Ainda conseguiu arrastar-se quase até ao nosso arame farpado antes do amanhecer...

Tinha lágrimas nos olhos, mas continuou serenamente.

— Houve tantas outras coisas, nomes carinhosos que o Albert me chamava, gostos e desgostos que eram piadas privadas entre nós, triviais em si mesmos talvez, mas no conjunto tão certos. Agora pendurarei o retrato deles. Mantive-o escondido todos estes anos porque até uma simples fotografia do Albert fazia o Robert comportar-se de forma tão... tão estranha. Mas agora já não nos parece estranho que, em 1915, o Albert só me tenha deixado por pouco tempo.

No dia onze de Agosto fui pela primeira vez a Muckerach, um pavilhão de caça e cerca de vinte e sete mil acres de charneca para caça ao tetraz perto de Grantown-on-Spey. Toda a família Grant fora convocada à presença patriarcal, preparada para suportar, até mesmo apreciar à sua maneira, a temporada de caça. A sua terra natal tornava o A.D. ainda mais autocrático e, quando o murmúrio corria — "O pai está com prisão de ventre" — os filhos adultos passavam em bicos de pés diante da porta do gabinete, levando os sapatos na mão. Quatro dias por semana eu caminhava pela urze desde o amanhecer até ao anoitecer, atolava-me em pântanos, marcava as aves abatidas e recuperava-as pacientemente como um spaniel.

Na primeira semana consegui a distinção pouco vulgar de ser derrubada por um tetraz. O Leslie, que é um excelente atirador, fez um duplo tiro diante do posto. As aves vinham velozes a favor do vento. Eu tentava recarregar a segunda arma. O tetraz, mesmo morto, vinha disparado como um dardo, e o bico acertou-me entre as sobrancelhas. O posto, como habitualmente, tinha um pé de água no fundo, por isso fiquei ensopada até aos ossos. Mas, pelo menos, dei-lhes alguma coisa de que rir.

Os dias sem caça eram dias de golfe. Depois do primeiro de Setembro esses dias tornaram-se raros, porque além dos tetrazes havia perdizes a seguir através de couves até à cintura. No golfe conseguia por vezes uma pequena vingança, incentivando o A.D. a apostar e depois jogando subitamente muito melhor e ganhando — de preferência no último green.

Depois do jantar — em que a maior parte da conversa era entre mim e eu própria, pois nenhum dos filhos falava frequentemente na presença do Pai — havia bridge. Meu Deus, como tentavam ensinar-me a jogar quando precisavam de um quarto jogador! Felizmente, a minha pergunta "Conta mais quando se recebem cartas com figuras?" convenceu-os de que tinham finalmente encontrado alguém com tão pouco jeito para cartas que estava para além de qualquer ensino.

Num dos nossos domingos livres, o Leslie e eu fomos a Rothiemurchus com a intenção de subir em direção aos Cairngorms. Era um dia lindíssimo e tínhamo-lo só para nós. Estendidos nus ao sol, comemos sanduíches junto de um riacho. Estava demasiado quente e pacífico para caminhadas sérias, por isso decidimos avançar mais uma milha ou pouco mais e depois ir jantar ao hotel de Aviemore. Nada estava mais longe do meu pensamento do que fantasmas quando, de repente, fui tomada de um terror tão absoluto que me virei e fugi em pânico pelo caminho de regresso. O Leslie correu atrás de mim, implorando-me que lhe dissesse o que se passava. Só conseguia poupar fôlego suficiente para lhe gritar que corresse mais depressa, mais depressa. Alguma coisa — absolutamente maligna, quadrúpede e contudo obscenamente humana, invisível e ainda assim suficientemente sólida para eu ouvir o ribombar dos seus cascos — tentava alcançar-me. Se me apanhasse, eu morreria, porque estava demasiado aterrorizada para saber defender-me.

Devia ter corrido cerca de meia milha quando atravessei uma barreira invisível atrás da qual fiquei em segurança. Sabia agora que estava segura, embora um segundo antes estivesse em perigo mortal; sabia-o tão

certamente como um toureiro que saltou a barreira diante de um touro em carga.

Um ano mais tarde, um dos professores do meu pai descreveu uma experiência quase exatamente semelhante que tivera enquanto procurava insetos nos Cairngorms. Era materialista, mas ficara tão profundamente perturbado que escreveu ao *The Times* — e recebeu uma carta de um leitor que também fora perseguido pela "Coisa". Alguns anos depois, quando eu vivia em Muckerach, o médico contou-me que dois caminhantes, por quem equipas de busca tinham procurado durante três dias, tinham sido encontrados mortos.

Mostrou-me o local exato no mapa. Era o lugar do meu terror. Ambos os homens tinham menos de trinta anos. Um vinha de Grantown, o outro de Aviemore. O tempo estava bom. Tinham passado uma boa noite junto da pedra-abrigo no cume mais alto, pois escreveram isso mesmo no livro que ali se guarda. Foram encontrados a menos de cem jardas um do outro, caídos de bruços como se tivessem tombado de cabeça enquanto fugiam.

— Fiz a autópsia aos dois — disse o médico gravemente. — Nunca na minha vida vi cadáveres mais saudáveis: não havia absolutamente nada de errado com nenhum dos pobres rapazes, exceto o facto de os corações terem parado. Escrevi "falência cardíaca" no relatório, mas estou convencido de que morreram de medo.

Em Setembro vieram vários outros caçadores para a temporada, por isso o Leslie e eu ficámos livres para ir para Cluny Castle, que tinha sido alugado para a estação pelo Tom Scully — irlandês de Tipperary, embora agora fosse americano. À sua maneira, ele também era um pouco tirano, mas isso não tinha a menor importância porque eu o conhecia desde a infância e não era sua nora. A Violet, a segunda mulher dele, tinha apenas mais dois anos do que eu e esperava o segundo filho; o que me proporcionava uma excelente desculpa para ficar em casa a conversar em vez de servir de recuperadora de caça.

Só havia um inconveniente naquela quinzena, de resto feliz: o nosso quarto era assombrado. Eu não me importaria tanto com isso se houvesse luz elétrica ou muitas velas, mas nunca havia mais do que uma vela — um lapso da criada, não uma economia da Violet — e eu era demasiado tímida para pedir mais. A enorme cama de dossel tinha pesadas cortinas de sarja verde que absorviam o brilho da minha única vela. Observava-a descer cada vez mais, ouvindo, pouco antes de se apagar, o bem-vindo som dos passos do Leslie a caminho da cama, trazendo uma vela do corredor.

Havia um Labrador amigável pertencente à casa. Fiz-lhe festas até ele se afeiçoar a mim e depois pedi autorização para dormir no meu quarto. Durante alguns minutos o cão roeu alegremente o osso que eu lhe trouxera às escondidas para cima, a fim de o fazer sentir-se em casa. Depois o pêlo eriçou-se-lhe. Uivou. Atirou-se contra a porta, arranhando-a tão freneticamente com as garras que, por decência, tive de abrir e deixar a pobre criatura fugir pelo corredor.

Depois disso dei um ultimato ao Leslie. Ou vinha para a cama no máximo meia hora depois de mim — o que ainda deixava cerca de sete centímetros de vela entre mim e a escuridão — ou então eu desceria nua em pêlo para o ir buscar. A ameaça assustou-o tanto que ele passou a engolir o whisky com soda à pressa e subir a correr as escadas.

Esta parece uma história sem sentido, porque não vi nem identifiquei a assombração; mas menciono-a porque foi em Cluny que finalmente decidi que era inútil continuar a esperar ultrapassar as experiências que tantas vezes me perturbavam. Só compreenderia os fantasmas, e a mim própria, se visse mais deles e não menos. As poucas pessoas que conhecia e que acreditavam em tais coisas pareciam-me demasiado nebulosas de espírito, demasiado fáceis de enganar, para serem de ajuda prática. Mesmo nessa idade eu era demasiado empirista para depositar verdadeira fé no que lia em livros. Tinha o cuidado de não ler livros sobre assuntos que me afetavam intimamente.

Onde encontraria o conhecimento de que tão vitalmente precisava? Rezei com muito fervor antes de adormecer; e, ao acordar, soube que a parte de mim mais velha e mais sábia do que o meu eu quotidiano teria de mostrar à Joan como acender a sua própria vela.

## CAPÍTULO SETE

## AQUI E ALI

Quando o A.D. e a Babs regressaram à Argentina em Outubro, o bebé deles era demasiado frágil para suportar o calor de um Verão sul-americano, por isso deixaram-no com uma ama em Seacourt. A menos que a minha mãe se tivesse oferecido para ficar com o Donald, ele teria sido deixado numa pensão, pois o A.D. fechava sempre ambas as casas quando saía de Inglaterra, independentemente de quantos filhos seus estivessem sem lar.

Isso não afetava o primeiro grupo agora que eram adultos, mas teria tornado as férias escolares muito mais felizes se pudessem receber amigos em vez de ficarem entregues a uma governanta numa qualquer pensão deprimente. A única vez, tanto quanto sei, em que ele quebrou essa regra foi no ano seguinte, quando deixou a Babs em Winkfield Manor para ter o segundo bebé.

Talvez a generosidade natural da minha mãe ao acolher o Donald lhe tenha aquecido um pouco o coração, porque disse ao senhor Blundell para pagar o trespasse de algum lugar onde pudéssemos viver. O Leslie tinha uma secretária, um cadeirão, uma mesa e muitos livros dos seus quartos em Trinity. Eu tinha os móveis do meu quarto em casa, muitas jarras de flores e alguns presentes de casamento. Preenchemos as lacunas com peças do Mercado Caledonian e lojas de velharias na King's Road e, em meados de Novembro, estávamos instalados num duplex em 33 Cheyne Place, Chelsea.

Mesmo fazendo as contas da forma mais otimista possível entre o dinheiro disponível e as despesas, era evidente que não podíamos permitir-nos uma criada interna — mesmo que houvesse espaço para ela. O pessoal mínimo considerado respeitável naqueles tempos, mesmo por casais recém-casados e sem dinheiro, era uma criada de sala e uma cozinheira-geral; e uma cozinheira-geral raramente sabia cozinhar.

— Serei eu a cozinhar — anunciei alegremente. — Não só ficará mais barato como teremos refeições muito mais interessantes.

— Sabes cozinhar? — perguntou o Leslie, ansioso.

Aquele não era o momento para admitir que nunca tinha sequer cozido um ovo, mas sim para fazer uma afirmação ousada e transformá-la em realidade o mais rapidamente possível.

— Claro — respondi despreocupadamente. — É apenas uma questão de aplicar princípios científicos. Qualquer pessoa inteligente consegue fazê-lo.

Para reforçar o aspeto científico, o Leslie comprou-me uma panela de pressão, um modelo inicial — se não mesmo o primeiro — alguma vez imposto a um público desprevenido. Era feita de ferro fundido, tão pesada que era preciso um homem forte para a levantar, mesmo vazia, e tão letal em funcionamento que, depois de por duas vezes ter pulverizado as paredes e o teto da cozinha com jatos de sopa muito mais quente do que água a ferver, demos-lhe como presente de casamento a um casal de quem

cordialmente não gostávamos. Segui então o excelente instinto que me levara a procurar conselho junto de Ferraro no Berkeley. Alguém nos levou ao admirável restaurante de Marcel Boulestin e eu pedi-lhe que me desse lições de culinária, o que ele fez — para minha eterna gratidão.

Finalmente tinha uma casa minha e rejubilava com isso. As refeições aconteciam quando tínhamos fome — não havia gongos para nos intimidar, nem telefonemas ansiosos a pedir desculpa por estarmos atrasados, ou ausentes, ao jantar, nem escrutínio parental sobre os convidados. A maioria dos nossos amigos continuava solteira. O Douglas, o Richard, o Fairfax, o Charles, o Robin, o Malcolm naturalmente, e cerca de meia dúzia de outros, achavam o lugar mais acolhedor do que os seus alojamentos de solteiro e apareciam e desapareciam conforme lhes apetecia.

Eu cozinhava para eles, cerzia-lhes as meias, mimava-lhes as ressacas, instalava-os na cama do quarto de vestir e tratava deles quando estavam doentes; e considerava que me retribuíam regiamente tratando-me como um igual... porque raramente me ocorrera que a vida talvez fosse muito mais fácil se aceitasse graciosamente o facto de ser mulher. As mulheres eram diferentes. As mulheres usavam chapéus e luvas e "vestidinhos", e eram tão perigosas e imprevisíveis como leopardos. Às vezes invejava secretamente a sua força subtil, mas nunca o admitia.

Como devia ser fácil não ter de jogar ténis, squash ou golfe a menos que se quisesse! Como devia ser fácil parecer bonita em vez de jogar xadrez sem tabuleiro! Mas eu arrumava esses pensamentos desprezíveis numa gaveta da mente, à qual só me aproximava furtivamente, como um membro dos Alcoólicos Anónimos contemplando melancolicamente uma garrafa de gin escondida.

Este padrão pacífico era interrompido de tempos a tempos pelos estudos do Leslie para os exames. Enquanto os mortais comuns estudavam servilmente durante seis meses antes do suplício de um exame da Ordem, o meu marido afastava completamente o assunto da cabeça até às últimas três semanas. Então entrava em ação. Às quatro da tarde eu acordava-o com o pequeno-almoço numa bandeja. Às cinco estava no Prince's Tennis and Racquets Club, em Knightsbridge, onde fazia exercício violento até chegar a hora de regressar a casa para o almoço às sete e meia.

Das oito até à meia-noite estudava os livros; à meia-noite jantava — um verdadeiro jantar: nada de sanduíches ou petiscos numa bandeja. Da uma às oito da manhã, quando partilhava o meu pequeno-almoço, voltava a estudar; e depois ia dormir durante o dia. Pálido como uma endívia muito

branqueada, ia fazer o exame. Mais pálido ainda regressava dizendo que não conseguira responder a uma única pergunta — exceto uma vez em que disse que não se saíra muito mal. Essa foi a única vez em que obteve uma Segunda. Em todas as outras conseguiu uma Primeira.

Mesmo após seis meses a cozinhar, eu ainda gostava bastante da atividade, mas percebia que em breve começaria a cansar-me, pelo que pareceu mais sensato ganhar dinheiro para pagar a alguém que fizesse essas tarefas. Consultei a Daisy, como habitualmente, sobre o assunto, e ela sugeriu que eu aproveitasse o meu talento para arranjar flores. Quanto mais discutíamos a ideia, melhor ela parecia. Ela cultivaria as flores de que eu precisasse e que não se conseguiam comprar em Covent Garden, e havia enormes quantidades de azáleas, rododendros, arbustos floridos e ramos que, naquela época, não se encontravam sequer nas floristas mais caras.

O Stan trabalhava então no *Daily Telegraph*, por isso a Diana tinha demasiado tempo livre. Com muito pouca persuasão, concordou em tornar-se minha sócia no projeto de arranjos florais, que decidimos manter secreto dos nossos maridos até lhes podermos apresentar um facto consumado. Encontrámos uma loja perto de Curzon Street, cuja renda era baixa por as instalações serem pequenas, mas ideais para o nosso propósito. A sala da frente tinha uma janela em arco e painéis de pinho do século XVIII, contra os quais quatro ou cinco arranjos florais se destacariam da melhor forma.

Um pequeno compartimento atrás serviria para guardar as flores. Teríamos uma pequena carrinha preta mas elegante, decorada com um arranjo floral pintado por um artista de primeira categoria e os nossos nomes em letras excelentes. Finalmente teria uma desculpa para adquirir um chita, que se sentaria ao meu lado enquanto eu conduzia, proporcionando-me prazer e publicidade ao nosso negócio. Chegámos mesmo a consultar um contabilista certificado, que concordou que, já tendo a promessa de um contrato do Hyde Park Hotel para tratar das flores das salas de receção por mil e quinhentas libras anuais, o nosso plano era perfeitamente viável.

Na noite em que, depois de lhes termos servido um jantar admirável, demos a notícia ao Leslie e ao Stan, sentíamo-nos não apenas úteis e independentes, mas também prósperas. Eles ficaram longe de satisfeitos.

— Haviam de fazer uma trapalhada. Nenhuma de vocês tem experiência de negócios — disse o Stan paternalmente.

— Não têm capital — disse o Leslie.

— Ah, temos sim — respondi. — A Daisy vai ser a terceira sócia e fornecerá o dinheiro de que precisarmos até começarmos a ganhar.

— Ninguém quer que lhe arranjem as flores.

— Disparate, Stan! — disse a Diana energicamente. — As pessoas só suportam ervilhas-de-cheiro e fetos-espargo, ou cravos numa jarra de prata, porque deixam as flores ao cuidado da criada. Nós educaremos o gosto delas...

— As pessoas não gostam de ser educadas — disse o Leslie; uma farpa maldosa que apartei observando que a esmagadora maioria das pessoas era tão estúpida que precisava precisamente de educação.

— Quando formos famosas talvez até demos aulas. As pessoas acorrerão a nós. Tornar-se-á moda.

— É ridículo dizerem que só venderão flores com as jarras. Santo Deus, um homem já parece suficientemente ridículo a carregar flores embrulhadas em papel. Pareceria um asno monumental a entornar água sobre si próprio.

Isto vindo do Stan.

— As jarras não terão água quando forem transportadas — disse a Diana. — E, de qualquer maneira, serão entregues na nossa carrinha.

— Que carrinha?

— A nossa carrinha. A que a Daisy nos vai comprar. Com um assento impermeável para o chita — acrescentei eu imprudentemente.

— Que chita? — perguntou o Leslie friamente.

— Querido, não os assustes com os pormenores — disse a Diana apressadamente. — Talvez descubramos que não há espaço para animais na loja, e eles podem morder os clientes.

— Vocês não vão ter loja nenhuma! — disseram o Stan e o Leslie em uníssono.

Fitaram-nos furiosamente. Fizeram alarido. Discutiram. Recorreram a todas as armas injustas que os homens usam contra as mulheres (nesse dia a Diana e eu fundámos uma companhia subsidiária da imemorial Liga das Mulheres contra os Homens).

— Isso não pode resultar! — gritavam. — Ou alguém com muito mais sentido de negócios já o teria feito. Nunca se levantarão suficientemente cedo para ir a Covent Garden. Não conseguirão convencer ninguém a comprar essas coisas. As jarras serão roubadas, partidas...

Lutámos muito e durante muito tempo. Lutámos subtilmente. A Diana teve até coragem suficiente para recorrer às lágrimas. Lutámos até julgarmos que finalmente tinham cedido. Mas eles ainda guardavam um ás na manga de jogador viciado. Se a Diana e eu insistíssemos em entrar no mundo dos negócios, toda a gente perceberia o nosso verdadeiro motivo — que era fazer figura de tolos dos nossos maridos demonstrando publicamente que os considerávamos incapazes de nos sustentar. Se transformássemos aquilo numa questão de princípio, eles aceitariam, porque a convenção já não lhes permitia bater-nos até à submissão. Mas compreendíamos nós realmente o ridículo a que seriam expostos? Percebíamos que teriam de se demitir do Clube?

Assim, vendi um broche para pagar a opção que tínhamos comprado sobre um arrendamento de três anos da loja. Infelizmente, a nossa zanga arrefecera demasiado tempo para retirarmos verdadeira satisfação, alguns anos mais tarde, ao apontar-lhes o enorme — e totalmente coincidente — sucesso de Constance Spry.

Enquanto tudo isto acontecia, eu não esquecera a promessa que fizera a mim própria à luz das velas em Cluny.

O Leslie dormia profundamente, o que era uma sorte para ele, pois comecei então a treinar-me para acordar várias vezes durante a noite a fim de escrever os meus sonhos. Muitos eram apenas fantasias de desejo ou padrões de ansiedade, o típico remendo de fustão e lantejoulas tão caro aos psicanalistas. Havia também sonhos verdadeiros, tão diferentes dos outros na qualidade de realidade quanto as sólidas paredes de pedra de Windsor diferem das efémeras torres de um “castelo em Espanha”.

Estes dividiam-se em duas categorias principais. A primeira, embora num plano de experiência diferente daquele em que funcionava quando estava acordada, seguia o calendário. A segunda estendia-se tanto no espaço como no tempo, sendo uma variante da faculdade que, por falta de melhor termo, mais tarde viria a chamar “memória distante”.

Descreverei em pormenor um sonho contemporâneo porque é típico de muitos outros, nos quais o “eu” alterna entre a experiência de outra pessoa com quem estive brevemente em contacto tão íntimo que a

experiência dela parecia minha, e o "eu" que era uma extensão da Joan comum.

Sou um marinheiro, com cerca de trinta anos, num grande paquete. Estou assustado porque há um incêndio no navio, mas não percebo que corro verdadeiro perigo até o fumo me obrigar a recuar por um corredor estreito e eu ter de sair por uma janela de camarote porque não consigo chegar às escadas. Corro ao longo do convés mas sou impedido de continuar por nuvens de fumo negro e espesso.

Olho para o mar, onde vários homens lutam na água iluminada pelas chamas. Ouso saltar? Não, não sei nadar. Afogar-me-ei se saltar. Talvez, se correr para a proa, consiga descer para um convés inferior. A tinta forma enormes bolhas que rebentam com pequenos estalidos agudos que consigo ouvir acima do ruído do fogo e do mar... Os meus pés doem-me por causa do calor do convés. Tenho de saltar. Tenho. É melhor afogar-me do que arder...

Trepo pelo parapeito, permaneço sobre ele um tempo agonizantemente longo e depois, quando uma rajada de calor me chamusca as costas, lanço-me para a frente, tentando manter os pés juntos enquanto caio. O mar tira-me o fôlego. Tento nadar mas sou demasiado pesado, demasiado pesado. A água está a esmagar-me as costelas. Não, é uma mão gigantesca que as aperta... Porque quer o gigante matar-me?

Largou-me! Sou leve como uma rolha. Consigo nadar! É muito fácil nadar. Nada depressa, mais depressa! Afasta-te do navio em chamas antes que ele aderne. É quase ridiculamente fácil nadar. Porque nunca percebi que nadava tão bem? Nado muito bem. Já nadei uma grande distância e, no entanto, não estou cansado. Sinto-me mais forte a cada braçada...

Uma onda eleva-me e vejo que estou muito perto de uma ilha. O sol faz cintilar a água mas consigo ver as palmeiras da ilha. A água é suave, tranquila e quente...

Depois deixo de ser o marinheiro. Sou Joan, de pé numa praia inclinada de areia branca, observando um homem que avança aos salpicos pelas águas pouco profundas. Está a torcer a água da roupa quando me vê.

— Bom dia, menina — diz educadamente. — Extraordinário aquilo que uma pessoa consegue fazer quando está aflita! Nunca fiz mais do que molhar os pés na vida e ali estava eu a nadar como um verdadeiro campeão, crawl e tudo. Embora tenha ficado contente por ver esta ilha. Pertence-lhe, menina?

Digo-lhe que estou ali apenas de passagem e que um iate virá buscar-nos antes do pôr-do-sol. Onde gostaria ele que o iate o deixasse?

— O meu navio ia para Cherbourg, mas preferia ir para Bordéus — se não lhe der incómodo e se não for problema.

Pergunto-lhe se tem fome. Tenho comida, muita comida, e vinho também, se quiser.

Diz que preferia um coco.

— Tenho uma queda especial por cocos verdes. Ganhei-lhe o gosto quando era marinheiro num cargueiro que fazia rota para as Índias Ocidentais. Agora estou num paquete — emprego muito chique...

Interrompe-se, começando a parecer ansioso, por isso mudo rapidamente a direção dos pensamentos dele, pedindo-lhe que me mostre como abrir um coco. Depois digo casualmente:

— Já reparou que está morto?

— Morto? Eu, menina? Não diga disparates!

Apanha um seixo e atira-o ao mar, onde faz um salpico extremamente realista. Depois mexe os dedos dos pés descalços na areia.

— Os mortos não conseguem mexer os dedos dos pés. Já vi cadáveres na minha vida e os pés deles estavam rijos como tábuas.

— Havia um incêndio no seu navio?

— Sim — concede relutantemente. — Mas não vamos falar disso. Vai ser uma bela história para contar à volta de uma garrafa de vinho quando chegar a casa — mas ainda não, ainda está demasiado fresco, se percebe o que quero dizer.

— Quão depressa consegue nadar?

— A menina viu-me — diz em tom de censura. — Devia ir a dez nós ou mais.

— Ninguém consegue nadar tão depressa — a menos que esteja morto.

— A menina andou demasiado tempo ao sol sem chapéu? Insolação dá ideias muito estranhas a certas pessoas. Lembro-me de um fogueiro, completamente delirante, quando eu estava nas Índias Ocidentais...

Apresso-me a interrompê-lo. Organizei o nosso ambiente presente com algum cuidado e só complicaria as coisas se acabássemos envolvidos na reconstituição de uma briga de bar na Martinica.

— Está morto — digo com firmeza — e agora vou prová-lo. Onde estava o seu navio quando começou o incêndio?

— No Canal da Mancha.

— E há ilhas de coral como esta nessas águas?

Isso abala-o por um momento.

— Deve ser uma das Scilly. Nunca lá fui, mas ouvi dizer que crescem palmeiras por lá — o que é verdade, porque consigo vê-las, dez belas palmeiras, com cocos.

— Consigo voar? Se eu voar, aceitará que se afogou?

— Se conseguir voar — sem truques, atenção; não vale ter um avião escondido atrás dessas árvores — dou o braço a torcer, juro por Deus que dou.

Tento levitar, mas tão forte é a convicção dele de que permanecerei firmemente no chão que durante um momento nada acontece. Depois faço um esforço extra e elevo-me no ar, dou algumas voltas elegantes e aterro suavemente ao lado dele.

Então ele desata a rir, explosões de prazer enorme e absoluto, não de mim mas de si próprio.

— Passei a vida toda com medo de morrer e afinal era só isto! Nunca me diverti tanto como desde que me afoguei. Que bela partida para a minha pobre tiazinha, que dizia sempre que eu haveria de arder no inferno quando morresse! Se isto é o inferno, tragam-me muito mais! Para onde vamos agora?

— Diga-me com quem gostaria mais de estar e eu tratarei da sua passagem — respondo, eficiente como uma empregada da Thomas Cook.

— Também têm de estar mortos?

— Não necessariamente. Mas seria melhor para começar. As pessoas que estão apenas a dormir — como eu — tendem a desaparecer de repente.

— Bem, havia um tipo muito simpático que foi torpedeado na guerra...

— Pense intensamente nele — digo rapidamente. Começo a sentir-me enevoada nas margens e sei que vou acordar em breve. Ouço um grito jubiloso de reconhecimento e vejo vagamente dois homens a dar palmadas nas costas um do outro... garrafas de vinho tinto sobre uma mesa, a música de um acordeão...

Acordei. O telefone tocava. Arranquei a ficha da parede e procurei o meu bloco de notas às apalpadelas. Não, aquilo era demasiado excitante para correr o risco de esquecer qualquer parte.

— Leslie, ouve!

Quando lhe contei tudo o que conseguia recordar, disse:

— Qual era o nome do navio? Esforça-te. Isso seria uma prova.

— Só consigo captar Atlantique. Suponho que ele me disse que o navio atravessara o Atlântico antes de entrar no Canal — embora não me lembre de o ter ouvido dizer isso.

— Porque pensas que o marinheiro era francês?

— O navio dele seguia para Cherbourg, embora talvez apenas fizesse escala lá a caminho de Southampton, Bremen ou qualquer outro sítio. Mas ele queria ir para Bordéus e havia vinho, não cerveja nem whisky, na última imagem que tive dele.

— Quando descrevias a conversa dele, falava como um cockney.

— O cockney não significa nada. Reparei que, quando recordo uma conversa num sonho, traduzo-a automaticamente para o equivalente inglês mais próximo. Quando estava na Escócia tive um sonho romano em que um soldado parecia falar com forte sotaque das Highlands — apenas porque ouvira o velho Robbie no dia anterior.

— Bem, espero que não fosse um navio inglês — disse o Leslie, descendo para ir buscar os jornais da manhã.

Nenhum deles trazia qualquer notícia sobre um incêndio no mar. Mas, quando saímos do cinema por volta da hora do chá, vimos os cartazes dos jornais: INCÊNDIO EM TRANSATLÂNTICO FRANCÊS DE LUXO. A manchete dizia: “Atlantique arde no Canal da Mancha: Muitos mortos.”

## CAPÍTULO OITO

## ENTRA GILLIAN

No início de Julho decidimos passar um mês na Baviera para nos fortalecermos antes de outra temporada na Escócia; e, na véspera da partida, descobri que tinha engravidado. Fiquei tão radiante que foi difícil não contar imediatamente ao Leslie, mas, receando que ele quisesse cancelar a viagem, decidi guardar a notícia eletrizante para mim até estarmos em segurança no estrangeiro.

Ao contrário de mim, o Leslie preferia chegar ao destino o mais rapidamente possível em vez de desfrutar da viagem. Obteve, como habitualmente, um itinerário do R.A.C. — o mais direto, não o mais pitoresco — e seguimos por ele através do norte de França, sacudidos pelos solavancos e atravessando aldeias sobre pavé partido. Nunca tinha estado ali antes, exceto em sonhos durante a guerra, e achei o arame farpado enferrujado, as árvores destruídas, as crateras de obuses que ainda marcavam os campos, muito mais deprimentes do que esperara. Haveria outra guerra em que o meu filho fosse morto? O meu pai e H.G. Wells tinham a certeza de que haveria uma ainda pior.

Teriam eles razão? E, se sim, seria eu idiota por estar tão feliz por ter um bebé?

Quando parámos para uma sanduíche apressada — almoçar durante a viagem era considerado uma perda de tempo — um velho saiu de uma cabana construída nas ruínas de uma quinta e insistiu em mostrar-nos uma trincheira onde soldados franceses tinham morrido de pé, em posição de combate. Um obus enterrara-os vivos, mas as suas baionetas enferrujadas ainda sobressaíam da terra. Em vez de aumentar a minha depressão, achei aquilo estranhamente consolador.

Era corajoso morrer, mas mais corajoso ainda criar novos corpos para os mortos viverem. Um pouco mais adiante passámos por um campo onde as crateras dos obuses tinham sido preenchidas e jovens vinhas começavam a brotar da terra devastada. Os homens eram fortes e corajosos e podiam destruir, mas a paciência das mulheres era mais forte. Plantavam novas vinhas e esperavam toda uma vida por outra vindima. Penso que foi a primeira vez que Joan se sentiu orgulhosa de ser mulher.

Tencionávamos seguir até Freudenstadt, na Floresta Negra, mas quando chegámos a Estrasburgo consegui convencê-lo a passar ali a noite contando-lhe sobre o bebé. Ficou tão feliz que imediatamente recuperei o ânimo e saímos à procura de um restaurante onde pudéssemos celebrar. Já

estávamos sentados à mesa quando descobrimos que ambos pensávamos que o outro tinha levantado dinheiro no banco antes da partida. No dia seguinte poderíamos descontar a nossa carta de crédito, mas naquele momento tínhamos apenas sete xelins entre os dois.

Nenhum de nós compreendia o menu alemão, por isso fomos lendo a coluna dos preços até encontrarmos um prato ao nosso alcance, esperando que incluísse legumes. Infelizmente, ambos tínhamos pedido apenas maionese. Pão — felizmente o pão era gratuito — mergulhado em maionese não constitui propriamente uma refeição habitual, mas fingimos apreciá-lo. E penso que o empregado nunca percebeu que ficámos tão surpreendidos com a nossa escolha quanto ele.

Passámos três longas semanas numa aldeia junto ao Starnberger See, o lago em que Luís II da Baviera se afogara. Sentia-me perfeitamente bem, mas desenvolvi o hábito embaraçoso de desmaiar. O Leslie recusou-se a deixar-me conduzir o carro, por isso, como passava todos os dias a velejar, nunca vi os castelos que queria visitar nem ouvi música em Munique. Quando não velejava, jogava xadrez nas *Weinstuben*, onde as mulheres não eram encorajadas a entrar. Aguentei aquilo o máximo que pude e depois decidi regressar a casa de comboio, deixando-o vir mais tarde de automóvel quando lhe apetecesse.

Levou-me até à estação de Munique e o comboio chegaria dentro de poucos minutos quando voltei a desmaiar, na plataforma. O Leslie acomodou-me num banco, disse-me para não me mexer até ele regressar e saiu a correr da estação.

Voltou, meteu-me no comboio e saltou para dentro atrás de mim.

— E o carro? — perguntei ansiosamente enquanto o comboio arrancava e eu percebia que ele vinha comigo.

— Entreguei os documentos a um homem que estava junto da banca dos jornais — disse-lhe que a minha mulher estava doente e pedi-lhe que o levasse para Inglaterra. Pareceu-me muito competente.

Toda a gente nos disse que nunca mais voltaríamos a ver o carro. Estavam completamente enganados. Apareceu em Londres três semanas depois; até um maço de cigarros continuava no porta-luvas do tablier. Recebemos uma carta muito calorosa do amável desconhecido, dizendo como se sentira lisonjeado pelo reconhecimento instantâneo que o Leslie fizera da sua honestidade. Era proprietário de um pequeno hotel no Mónaco

e, suponho eu, estava habituado a estrangeiros excêntricos que deixavam coisas para trás e esperavam que lhes fossem enviadas.

Eu já demonstrara que conseguia passar sem cozinheira e agora pretendia provar que podia cuidar do meu próprio bebé. Isto provocou tal tempestade de protestos — não apenas da minha mãe mas também das minhas contemporâneas — que tive de abandonar a ideia. Aparentemente, pensar que poderia dispensar uma ama especializada seria tão insensato como sugerir que alguém removesse o próprio apêndice.

O A.D. sentia-se tão fortemente em relação ao assunto que mandou o senhor Blundell comprar-nos uma casa, uma casa com dois quartos de criança e um quarto extra onde o Malcolm pudesse viver — exceto quando o A.D. e a Babs quisessem um quarto em Londres. Assim, em Março seguinte mudámo-nos para 22 Ilchester Place, uma das novas casas construídas nos terrenos de Ilchester House e a uma distância conveniente de passeio de carrinho dos Kensington Gardens.

Uma providência benigna faz com que toda a mulher sinta que, apesar de todas as provas em contrário, a sua primeira gravidez é única. Eu nem sequer tive sintomas interessantes e partilhava com incontáveis milhões de mulheres — embora o sentimento não estivesse na moda na época — a convicção de que ter alguém profundamente amado dentro de mim era o estado mais encantador possível. Foi a única vez na vida em que nunca, nem por um instante, me senti só.

Desde o momento em que concebi o bebé até um ou dois meses após o nascimento dela, estava demasiado absorvida no que fazia para ter vontade ou energia para sonhar. Se alguém, especialmente a minha mãe, ousava sugerir que eu estava de alguma forma inválida, tornava-me ferozmente defensiva. Era irritante ter de ter uma enfermeira de maternidade, mas para evitar que interferisse instalei-a num hotel e só a mandei chamar no último momento.

Fiquei, no entanto, desagradavelmente surpreendida ao descobrir quão doloroso era o processo do parto. Teria sido muito menos doloroso se eu não tivesse considerado necessário manter uma conversa contínua para demonstrar que não estava subjugada pela dor. Os amigos iam entrando por turnos e, quando saíam exaustos, eu tagarelava ao telefone com outras pessoas. A enfermeira tornava-se cada vez mais azeda. O querido "Fethers", o doutor Fetherstonhaugh, sentava-se na minha cama com o Leslie e conversava.

Às duas da tarde recusei uma oferta de "sono crepuscular". As horas passaram.

— Leslie, talvez seja melhor ires agora — disse Fethers.

— Não sejas um perfeito idiota — respondeu o Leslie.

Finalmente, Gillian nasceu tarde na noite de 2 de Abril de 1930. Vinte minutos depois telefonei à minha mãe para lhe dizer que tinha uma neta. Ficou horrorizada por me permitirem telefonar e teria ficado ainda mais consternada se pudesse ver Gillian a ser repetidamente informada pelo Leslie de que era um bebé extraordinariamente bonito enquanto espreitava para nós pelo decote aberto da camisa dele. Na altura achei-a absolutamente horrível, mas teria morrido antes de o admitir. Contudo, três dias depois, quando a Kirsteen olhou para ela e disse:

— Meu Deus, os recém-nascidos são mesmo feios!

fiquei tão furiosa que lhe disse para sair do quarto antes que lhe atirasse alguma coisa. E, quando ela saiu, rebentei em lágrimas e tive febre bastante alta.

Um mês mais tarde, o A.D. deu seguimento ao telegrama de felicitações com uma carta dizendo-nos que, como já tínhamos casa, um bebé e o Leslie estava agora instalado em chambers no Middle Temple, podíamos sustentar-nos sozinhos e por isso ele nos cortava a mesada. A única solução era vender a casa, mas isso levou-nos um ano, durante o qual vivemos de crédito e do meu descoberto bancário, pois a Inglaterra acabara de abandonar o padrão-ouro e a nossa rua privada estava cheia de placas de "Vende-se".

O Malcolm partilhou o cerco connosco e escreveu um livro muito erudito sobre filosofia, *A New Argument for God and Survival*, que foi publicado pela Faber no Outono seguinte. O Leslie conhecera recentemente dois homens chamados Wyeth e Neale, um "curador" e um "vidente", de quem inicialmente gostei quase tanto quanto ele, embora o Malcolm tivesse sentido uma antipatia violenta por ambos à primeira vista. Levámo-los a Seacourt para um fim-de-semana e Neale descobriu por si mesmo o fantasma da sala de música. Fora um monge que abandonara o mosteiro de Bosham no tempo do rei Canuto para se tornar eremita na ilha de Hayling. A solidão não devia ter-lhe agradado, pois ainda caminhava de um lado para o outro por um trilho agora coberto pela sala de música e pela galeria lateral do campo de ténis, murmurando:

— Sou maior do que Agostinho.

Wyeth deve tê-lo resolvido eficazmente, pois nenhum de nós voltou a ser incomodado.

Wyeth deu cinco ou seis palestras em Ilchester Place e falava uma vez por mês em várias outras casas londrinas. O Leslie nunca faltava, se pudesse evitá-lo, mas eu comecei por me aborrecer porque as palestras eram sempre iguais e depois passei a detestar ativamente ir ouvi-lo, porque ele usava uma pequena quantidade de experiência genuína para criar um dogma cada vez mais absurdo e doutrinário. Mas eu ainda não percebera o quanto Wyeth me odiava.

Gillian tinha um ano e Malcolm já casara quando finalmente encontrámos comprador para a casa. Depois de pagar as dívidas sobrou tão pouco dinheiro que fui com Gillian e Drakey — a ama dela, a quem tanto eu como ela éramos profundamente dedicadas — viver para a casa de campo em Seacourt, enquanto o Leslie vivia no clube e descia aos fins-de-semana.

Exceto por três meses, quando voltámos a ficar em quartos em Half Moon Street para ajudar Margot a cuidar de Duncan, que estava a morrer de uma infeção na garganta, permaneci em Hayling durante quase dois anos. Não era uma situação satisfatória e acabei por descobrir que podia voltar a viver em Londres pedindo dinheiro adiantado sobre a herança prevista no testamento do meu avô. O trabalho para um jovem advogado era tão escasso que se tornava cada vez mais evidente que o Leslie não podia esperar ganhar no foro nem sequer o suficiente para pagar a renda dos seus chambers.

Assim, tentei, sem grande sucesso, ganhar dinheiro. Trabalhei durante seis meses com um arquiteto, desenhando planos para converter ruas miseráveis de Chelsea em "residências de charme". Quando os planos foram aprovados, o financiador para quem trabalhávamos — participação nos lucros futuros mas sem salário — faliu subitamente.

Depois consegui juntar o suficiente para comprar um quarto da Golden Cockerel Press e aprendi alguma coisa sobre a arte de produzir edições privadas, mas muito mais sobre empacotar encomendas. Isto durou dezoito meses e, por vezes, foi divertido, embora não financeiramente compensador. Owen Rutter, um dos outros sócios, tentou encorajar-me a escrever um livro. Trabalhei febrilmente nele durante várias semanas e depois, quando ouvi a crítica franca do Leslie ao manuscrito e o reli eu

própria, tive de concordar que não mostrava o menor vestígio de talento literário, pelo que abandonei o esforço. Ele estava ainda mais convencido do que eu de que, em circunstância alguma, eu viria a tornar-me escritora.

## CAPÍTULO NOVE

## RECORDER

Pouco depois de estarmos ambos de novo em Londres, conheci Hilary Durham-Matthews num almoço e descobrimos uma afinidade tão imediata que fomos para casa juntas e conversámos até muito depois do jantar. Alguns dias mais tarde convidou o Leslie e eu para irmos de carro até King's Beeches, a casa da mãe dela perto de Sunningdale, onde queria apanhar algumas flores. Chovia quando chegámos e a mãe dela estava fora, por isso, como não havia nada melhor para fazer, mostrou-nos a casa.

O último quarto em que entrámos era muito diferente dos restantes. O mobiliário parecia vindo de uma reitoria suburbana e as paredes estavam cobertas de aguarelas muito amadoras, exceto onde davam lugar a fotografias de clérigos em molduras brilhantes de pinho envernizado. Incongruente naquele ambiente estava uma espada, numa bainha de veludo verde-esmeralda decorada com filigrana dourada, pendurada sobre a lareira.

Hilary disse, quase em tom de desculpa:

— Tudo aqui pertence ao meu padrasto. A minha mãe só casou com ele no ano passado e nem eu nem o Jack percebemos porque nos arranjou o tipo mais aborrecido de vigário.

— A espada também veio da reitoria?

— Sim — por mais improvável que pareça. Pertenceu ao capitão Hardy de Nelson, que era antepassado do vigário.

O Leslie tirou a espada da parede e, obedecendo a um impulso súbito, entregou-ma.

— Tenta descobrir se Nelson disse "kiss me" ou "Kismet". Acho muito mais provável que tenha dito *Kismet*, porque usava frequentemente a palavra.

— Faria isso se conseguisse psicometrizar, mas não consigo.

— Podes tentar — disse o Leslie.

— Oh, tenta, Joan — insistiu Hilary.

Assim, sentindo-me tão ridícula como um prestidigitador que sabe não haver coelho nenhum dentro da cartola, sentei-me no sofá, fechei os olhos e encostei o punho da espada à testa. Esvaziei a mente e esperava que ela permanecesse assim. Para minha surpresa, surgiram imagens visuais como se eu as estivesse a ver através de um terceiro olho colocado entre e ligeiramente acima das sobrancelhas. Descrevi aquilo que via:

— A espada pertenceu a um homem chamado George Augustus Murray. Era baixo, gordo, tinha cabelo ruivo encaracolado à volta de uma calva e uma testa muito alta. Morreu perto de Chichester. Fora capitão da marinha. Tinha dois spaniels castanho-claro e branco, e a mulher, uma baixota rechonchuda, usava geralmente uma touca franzida e um grande camafeu...

Pousei a espada.

— Pronto, eu bem vos disse que não conseguia. Sei que Hardy era muito alto e tinha cabelo preto. Suponho que a parte do homenzinho gordo seja algo que sonhei e de que me acabei de lembrar.

Ficaram desapontados porque, ao contrário de mim, esperavam que acontecesse algo interessante. Ouvimos um carro subir a alameda e apressámo-nos a recolocar a espada no lugar e a sair do quarto, receando que o vigário se irritasse por termos entrado no seu escritório.

Ao chá, Hilary perguntou-lhe como fora parar às suas mãos a espada de Hardy.

— Não pertenceu a Hardy, mas a outro dos capitães de Nelson — respondeu o vigário. — Era um antepassado meu, George Augustus Murray.

Como desculpa para o nosso súbito interesse numa personagem de quem nenhum de nós ouvira falar até à última hora, o Leslie fingiu estar a fazer pesquisa para um amigo que escrevia uma biografia de Nelson.

O vigário mordeu o isco juntamente com mais uma sanduíche de pepino e ficou claramente lisonjeado com a ideia de o seu antepassado ser resgatado do obscurantismo e incluído num livro. Tinha dois pequenos retratos do capitão e da senhora Murray no quarto, que correspondiam exatamente à minha descrição, incluindo a touca e o broche de camafeu. E, no dia seguinte, depois de consultar alguns papéis de família, telefonou a Hilary para dizer que o biógrafo de Nelson talvez tivesse interesse em saber

que o capitão Murray morrera em Fittleworth, Sussex. Fittleworth fica perto de Chichester. Mas não havia qualquer prova de que tivesse tido spaniels, apenas uma referência, numa carta, aos "meus cães fiéis que me acompanham em todos os meus passeios no exterior".

O único outro objeto pertencente ao capitão Murray era uma medalha de ouro, que Hilary pediu emprestada — felizmente sem o vigário notar a ausência — para que eu a pudesse "fazer" no fim-de-semana seguinte, em casa dela, perto de Windsor. Isto revelou-se muito mais produtivo do que a espada. Ainda tenho as notas que ela foi rabiscando enquanto eu falava. São algo desconexas, porque eu falava mais depressa do que ela conseguia escrever e ela não sabia estenografia. Lê-se um pouco como o comentário de um jogo de futebol, muito mais plano do que o original, pois lhe falta a emoção que havia na minha voz...

"'O nosso navio leva bandeiras brancas com cruzes escarlates. Rapazes correm transportando munições e pólvora. Os marinheiros estão agora nus da cintura para cima. Um grande estalar de velas enfunadas. O vento aumentará? O nosso navio não consegue virar e o inimigo vem descendo sobre nós com vento de feição. Disparam uma salva lateral, falham. Devo disparar? Não, esperar. Façam virar o navio e tragam os canhões de ré para a

ção! O mastro da frente deles partiu abaixo da cruzeta. Estão a cortar o mastro com machados. Acertámos-lhes a meio do navio! Um tiro arrancou a nossa vela principal. Baldes de água são despejados sobre o nosso convés. Homens suados recarregam os canhões. Grossas cordas em volta dos canhões amortecem o recuo...

"'Disparamos outra salva. Apenas cinco dos canhões deles respondem. Derivam para a popa, adornando para bombordo. Shipton foi atingido! Perdeu as duas pernas. O convés está escorregadio de sangue. Digam aos pequenos da pólvora que o lavem. Espalham areia no convés a partir de baldes vermelhos de lona. O outro navio está à deriva. Iça uma bandeira branca na proa. Gritos de alegria no nosso navio... Subo ao tombadilho, dou ordem para pairar e envio um bote aceitar a rendição...

"'O capitão deles é Don Phillipo de Rodriguez. Faz uma vénia e entrega-me a espada. Levo-o para a minha cabine e ofereço-lhe vinho. Tem um golpe de estilhaço sobre o olho direito. Pego num lenço branco de linho e ligo-lhe a testa. Debaixo da peruca, o cabelo dele é grisalho e rapado rente ao crânio...

“‘Tenho de ir ver os homens: dezassete foram mortos ou gravemente feridos. Não devo deixá-los perceber que o som da serra e o cheiro a sangue e alcatrão fervente me provocam vontade de vomitar. Inclino-me e ponho a mão no ombro de um homem moribundo. O couro cabeludo dele está pendurado e uma das pernas foi-lhe arrancada acima do joelho... Todos estão maravilhosamente animados. Conto-lhes da nossa vitória.’”

Um amigo de Hilary que estava a ouvir perguntou:

— Reparaste na cor do fumo quando os canhões disparavam?

— Branco, branco como vapor.

— Tens a certeza?

— Absoluta.

— Interessante. A pólvora daquela época produzia um fumo branco, mas já não é fabricada há mais de cem anos.

A psicometria tornou-se o nosso jogo favorito durante vários meses, mas como normalmente me dava dores de cabeça eu não estava tão entusiasmada quanto o meu público. Era um trabalho árduo, coisa que nenhum deles percebia; mas, quando conseguiam arranjar algo suscetível de conter uma história interessante, eu geralmente acedia.

Pouco depois recusei-me a fazer qualquer coisa suscetível de conter informações que o dono preferisse que eu não soubesse. A culpa era deles por me usarem como cobaia, mas fazia-me sentir como se tivesse estado a espiá-los pelo buraco da fechadura. Por exemplo, John Bowen deu-me o anel de sinete para eu “fazer”, porque julgava que talvez contivesse cenas interessantes da guerra dos Zulus, durante a qual fora usado pelo avô. Mas o que vi foi John a rastejar pela lama da terra de ninguém e a atirar-se para abrigo numa cratera de obus. Estremecia com o ruído do bombardeamento quando outro homem deslizou para a mesma cratera. Vestia uniforme alemão. John estava prestes a disparar-lhe e a rezar para que o revólver não tivesse encravado quando um very-light iluminou tudo e o alemão disse:

— John, não sejas um maldito idiota!

O alemão ofereceu ao inglês um cigarro retirado de uma cigarreira de ouro. Estava gravada com um fac-símile da letra de John — um presente de vigésimo primeiro aniversário que John lhe oferecera quando ambos estavam em Oxford. Quando a madrugada começou a nascer, rastejaram de volta para os respetivos arames farpados opostos. John ficou tão exaltado

que contou ao major o que acontecera, acrescentando que aquela era uma guerra estúpida se se podia encontrar o melhor amigo na terra de ninguém e quase matá-lo.

— Espero que perceba que poderia ser submetido a corte marcial por confraternizar com o inimigo? — disse friamente o major. — No entanto, esquecerei o que me contou, desde que prometa manter essa boca idiota fechada.

John cumprira a promessa até me entregar o anel de sinete.

Houve outras coisas que vi, muito mais embaraçosas para mim do que esta, coisas que me obrigavam a fingir e dizer que não vira nada — o que raramente acreditavam. Por isso abandonei objetos que pudessem conter inadvertidamente conhecimentos perigosos e voltei-me para o campo impessoal de experiências oferecido pelo Museu Britânico. Nestas expedições, Hilary foi uma escriba extremamente fiel e competente. Avisos exigindo "Não tocar" tinham de ser ignorados, mantendo-se um olho vigilante nos guardas, sem mencionar visitantes mais convencionais. O facto de termos obtido quaisquer resultados creio ser um tributo à nossa persistência.

Eis um deles:

A descrição do museu dizia: "Figura alada e touro alado com cabeça humana provenientes de uma entrada do palácio de Sargão, rei da Assíria, 721 a.C."

A minha era mais elaborada:

"'Isto ficava junto à entrada de um palácio no topo de uma colossal escadaria de pedra. Desde o sopé da escadaria estende-se uma avenida de touros alados agachados, com uma dupla fila de palmeiras atrás deles. Pela avenida aproxima-se uma procissão de guerreiros regressando. Entre as fileiras seguem prisioneiros chicoteados com açoites de correias terminadas em metal. Os prisioneiros que caem são pontapeados ou espicaçados. As aguilhadas têm cerca de quarenta e cinco centímetros.

"'Há carroças puxadas por bois carregadas de tesouros. Alguns prisioneiros estão amarrados às rodas das carroças. As cordas são tão curtas que eles têm de se dobrar e depois esticar os braços para cima à medida que as rodas giram. Uma mulher cai e a carroça passa-lhe sobre o peito e esmaga-o. Numa das carroças, amarrada na vertical por cordas de erva, está uma vaca de ouro com um colar de joias. Tem o tamanho de um vitelo e foi

capturada do templo dos prisioneiros. Eles olham para ela em desespero. É o deus deles e a esperança deles desapareceu porque não conseguem compreender porque não fulmina os conquistadores.

"'Estou a ver isto através dos olhos de um soldado que está de guarda ao lado desta estátua no topo da escadaria. A cena é muito brutal mas não me comove, porque para ele é banal.

"'Agora os prisioneiros lamentam-se: "Hathor, a Poderosa! Hathor, a Omnipotente! Senhora das Águas, Senhora da Terra..." dirigindo-se à vaca de ouro, agora ao pé da escadaria. O rei sai do palácio numa liteira carregada por doze homens. A liteira está coberta de ouro maravilhosamente trabalhado e tem almofadas vermelho-escuro. De cada lado encontram-se dois homens com leques.

A coroa do rei é alta e cilíndrica, de ouro, com fileiras de joias quadradas ou esmaltes. Tem cabelo preto e a barba cuidadosamente encaracolada. A túnica é vermelha e branca com um padrão bordado semelhante a colares. Usa anéis e braceletes e as pernas estão cobertas de joias. As unhas dos pés estão pintadas de vermelho e as das mãos também, muito compridas. Quando a multidão o vê, todos se inclinam. Os prisioneiros recomeçam os lamentos: "Hathor, a Poderosa! Hathor, a Magnífica! Somos como a areia sob os teus pés..."

"'Agora o rei profere sentença. As mulheres serão distribuídas entre os soldados. Se os homens não contemplarem com reverência os deuses dos conquistadores, os olhos deles serão arrancados. Se não rezarem aos deuses dos conquistadores, as línguas serão arrancadas. Se não ouvirem os louvores aos deuses dos conquistadores, hastes em brasa serão introduzidas nos seus ouvidos para os tornar surdos.'"

A sentença estava a ser executada quando fomos interrompidas por um grupo guiado, e fiquei contente por ter uma desculpa para não ver mais nada.

# PARTE QUATRO

## CAPÍTULO UM

## PREPARATIVOS PARA UMA VIAGEM

Numa noite de Julho de 1934, o Leslie regressou de um cocktail e anunciou que ia tornar-se arqueólogo em vez de advogado. Continuava bastante vago quanto aos detalhes. Um homem chamado Seton Lloyd oferecera-lhe trabalho como fotógrafo numa das escavações do Oriental Institute da Universidade de Chicago. O local, Tel Asmar, ficava a cerca de setenta milhas de Bagdade. Pagavam a viagem de ida e volta e a manutenção...

— A minha viagem, e a da Gillian também? — perguntei esperançosa.

— Não, claro que não. De qualquer maneira, não seria apropriado para uma criança, e esqueci-me de perguntar acerca das esposas. Amanhã saberei mais quando me encontrar com Hans Frankfort, o diretor.

— Não imagino que ele se importasse comigo — se está disposto a aceitar um fotógrafo arqueológico que não sabe nada de arqueologia e pouco de fotografia.

— Não há necessidade de lhes dizer isso — respondeu apressadamente. — Posso aprender facilmente. Só partimos em Setembro.

— Tenho a certeza de que poderia ajudar.

— Há mulheres na escavação, por isso talvez consiga que vás também. Poderias catalogar os achados ou até fazer parte do meu trabalho rotineiro quando eu te ensinar o jeito da coisa.

— Serei muito mais útil do que isso!

— Como?

— Posso dizer-vos onde escavar! Basta darem-me um fragmento do que quer que tenham encontrado e eu psicometrizo-o e digo-vos onde encaixa a peça seguinte... Muito melhor do que andar apenas a esgravatar vagamente na areia.

— Não! — soou angustiado. — A arqueologia é uma ciência.

«E eu sou melhor cientista do que tu», disse eu com impetuosidade. «Ninguém poderia ser mais científico do que o Papá... Todas aquelas milhares de concentrações de iões de hidrogénio que fiz, todo aquele tempo a espreitar por microscópios, todos aqueles índices de fichas.» Mas quando ele partiu de Inglaterra, após seis semanas de intensa concentração no estúdio de um fotógrafo, ainda não tinha descoberto se haveria a hipótese de eu o voltar a ver antes da Primavera.

Ele sugeriu que eu alugasse o número 107 da Beaufort Street por seis meses e fosse para Seacourt, mas respondi que, embora pudesse ser considerada bagagem não desejada na viagem, não tencionava ser colocada num armazém.

Tentei convencer-me de que ia gostar de ser uma «viúva de erva»[1], mas quando vi o comboio a deslizar para fora da estação de Victoria — ele ia para Marselha e depois de barco para Beirute — senti-me muito mais como uma mamã ansiosa a ver o seu filho partir para o colégio preparatório. Teria eu embalado camisas suficientes, cuecas suficientes, meias suficientes? Alguém cuidaria dele se ele apanhasse pneumonia outra vez? E como se arranjaria ele com uma simples constipação, quando sempre se recusara a deixar que alguém, exceto eu, o visse ou sequer levasse um tabuleiro ao quarto quando estava indisposto?

A Hilary tinha organizado um almoço de raparigas no Prunier's para me animar e, quando regressei desanimadamente ao assunto sobre o que o pobre Leslie faria quando houvesse buracos em todos os seus dois dúzias de pares de meias novas, uma delas lembrou-me que, a menos que as arqueólogas fossem muito mais arqueólogas do que mulheres, as meias do Leslie seriam sempre cerzidas.

Em meados de Outubro, ele escreveu a dizer que eu me deveria juntar a ele «no início de Janeiro», e no mesmo dia reservei um lugar no aeroplano que partiria no dia de Ano Novo. Ele detestava escrever cartas e tinha-me avisado para não esperar nenhuma, a menos que fossem informações essenciais, por isso as minhas notícias dele limitavam-se a itens como: «Traz apenas roupas finas, está um calor infernal.» Ou: «Todos

os teus vestidos de noite e mais colarinhos macios para mim.» O que indicava que os americanos no deserto, tal como os britânicos na selva, vestiam-se sempre formalmente para o jantar. Um postal de um cavalo árabe, para a Gillian, dizia: «Monto num cavalo parecido com este. Diz à Mamã que lhe darei um cavalo pelo Natal para que ela possa montar também.»

Estas eram notícias encantadoras, pois a experiência pouco fizera para destruir a minha convicção de que apenas a falta de prática e de oportunidade para ficar em termos realmente íntimos com o meu corcel me impedia de ecoar na terra os magníficos galopes de que desfrutava em domínios menos rígidos.

Brinquei com a ideia de ir até Crabbett Park e perguntar à Judith Wentworth se ela me poderia dar alguma informação privilegiada sobre como travar amizade com cavalos árabes, sobre os quais ela sabia mais do que qualquer pessoa em Inglaterra. Mas achei melhor não o fazer, pois depois de ela me levar para o campo de ténis e ganhar pelo menos quatro de cinco sets, eu estaria exausta demais até para bajular um burro de Margate Sands.

O Reginald Leslie, um amigo nosso que afirmava saber tanto sobre cavalos como sobre pilotar aeroplanos, tentou refrear o meu entusiasmo dizendo que o Leslie seria certamente enganado por um trapaceiro de cavalos beduíno, que nunca sonharia em vender um animal que não estivesse ou tão mal de fôlego que cairia mal eu montasse, ou então tão cheio de vícios que mais ninguém seria tolo o suficiente para lhe subir ao dorso. Defendi o julgamento do Leslie com algum calor e salientei que lhe tinha dito exatamente que tipo de animal deveria comprar para mim. Devia ser uma égua, pois as fêmeas são mais intuitivas do que os machos — e eu precisaria de toda a intuição que pudesse obter se quisesse falar «cavalo» de forma eficaz, especialmente em árabe. Devia ser jovem, para que a sua boa natureza natural não se tivesse tornado amarga e desconfiada. A sua cor não era importante, mas eu preferiria um damasco arenoso com crina e cauda brancas.

Perante isto, o Reginald soltou um gemido alto e, lançando os olhos ao céu, apelou aos deuses que protegem os bêbedos, os tolos e os cavaleiros, para testemunharem que ele tinha feito o seu melhor para me avisar.

«O máximo que posso fazer por ti, minha pobre criança iludida», disse ele tristemente, «é organizar a tua roupa de montada para que morras com o tipo certo de botas calçadas.»

Cada item tinha de passar pelo seu olhar crítico, e as minhas opiniões eram ignoradas como se eu fosse uma colegial a ser equipada por uma governanta severa para o seu primeiro período em Roedean. As botas, com formas de madeira de buxo muito pesadas e caras com o meu nome inscrito numa pequena placa de marfim, foram fabricadas pela Peel.

A Izod fez as minhas camisas, com colarinhos tão apertados que quase me sufocavam. A Busvine fez o meu casaco de montada e as calças *jodhpurs*. Após uma discussão erudita entre o Reginald e o cortador sobre se eu deveria ter botões de braguilha ou uma frente de «porta de celeiro», decidiram-se pela porta de celeiro; ignorando o meu comentário de que parecia ostensivo ter um estábulo sem um cavalo para lá pôr.

Eu imaginava-me bem de calções de montada, mas havia um ligeiro tom de estar a ser medida para uma mortalha, por isso tentei aprender a ser digna do meu traje exercitando-me em cavalos de aluguer no Hyde Park. Isto em nada aumentou a minha confiança, pois um dos pacientes animais assustou-se com a visão de uma carruagem e parelha enquanto atravessava a ponte sobre o Serpentine e recuou sobre as patas traseiras até se ver sentado na balaustrada, enquanto eu me agarrava à sua crina para não cair uns trinta pés dentro do lago. Outro, que parecia ainda mais enganadoramente estoico e desgastado, desatou a galopar no final de Rotten Row e levou-me para fora dos portões e até meio da Park Lane, entre autocarros a buzinar, antes de derrapar até parar completamente com as patas abertas nos cantos, como se estivesse a tentar fixar os cascos no alcatrão.

Levei a Gillian para Seacourt no Natal para que ela se sentisse estabelecida lá antes de eu ter de partir. Dei-lhe um pónei chamado Ruby, um Shetland com uma natureza tão amável como a de um cão, que trotava pelo jardim e parava junto ao depósito de raízes e à casa das frutas para lanches de maçãs e cenouras. Ela montava desde os três anos e era muito melhor nisso do que eu alguma vez fui. Só muitos anos mais tarde é que ela admitiu que sempre odiara cavalos e apenas fingira gostar deles para não me desapontar.

No *Boxing Day*[2] desenvolvemos ambas gripe, o que adiou a minha partida em quinze dias. No caminho de volta para Londres, tentei evitar olhar para trás, para a miséria de deixar a Gillian, em vez de olhar para a frente, para estar com o Leslie; mas fui apenas parcialmente bem-sucedida, pois nunca fui capaz de me ensinar a não querer todos os meus ovos num único cesto.

Fazer as malas é um bom remédio para o desânimo, especialmente quando uma quantidade muito razoável de coisas enche um número surpreendente de malas. No final de tudo, eu tinha quinze, embora quatro destas estivessem cheias de equipamento fotográfico e papel de desenho, livros, latas de tabaco e discos de gramofone; que me tinham sido enviados para levar para vários membros da expedição. Na manhã antes de partir, recebi outra das cartas de correio aéreo do Leslie.

«Não tentes contrabandear nada pela Alfândega. Declara tudo. Encontrar-te-ei com dinheiro para pagar os direitos, que serão cerca de 200 libras. Traz uma caixa de *kippers* (arenques fumados), cinquenta balões de fogo e uma grosa de preservativos (prometi alguns à R.A.F.). Muito amor. Leslie.»

Por um momento, tentei acreditar que as três últimas instruções eram uma brincadeira. Depois telefonei para a Fortnum & Mason e perguntei quanto tempo uma caixa de *kippers* aguentaria num aeroplano. Uma voz calmante respondeu que dependeria de se eu estaria a viajar para o Equador ou para o Pólo Norte; e, ao saber que eu ia apenas para Bagdade, prometeu enviá-los imediatamente. Telefonei ao meu pai e perguntei: «O que são balões de fogo e onde os consigo?»

Ele disse que, tanto quanto sabia, o último tinha sido feito por Montgolfier por volta de 1794, e disse que os aeronautas mais recentes os consideravam pouco práticos. O Balcão de Informações da Selfridge não foi muito mais informativo, mas disseram-me para tentar a Gamages, que, após alguma pesquisa, descobriu que tinham quatro dúzias daquelas coisas, que eram por vezes usadas por agrimensores para testar a deriva do vento, e que as enviariam num táxi... O que foi um alívio, pois eu tinha visualizado grandes máquinas de lona em vez de esferas leves e facilmente embaláveis de papel colorido, que foi o que acabaram por ser.

A compra do último item passei-a ao Stan via Diana e, apesar dos protestos dele, ela obrigou-o a fazê-lo. Essa era a única coisa que eu não ia declarar. Mas e se fossem descobertos? Quantas barreiras alfandegárias teria eu de passar? Ou poderia registar a bagagem até ao destino? Nunca tendo estado num aeroplano, exceto uma vez no *Moth* do Reginald, liguei para a Imperial Airways. A bagagem estava sujeita a ser aberta em trânsito ao entrar em França, Itália e Egipto. As alfândegas italianas eram particularmente gananciosas desde que Mussolini proibira os aviões britânicos de sobrevoar a Itália, tornando necessário que os passageiros da Imperial Airways fizessem essa parte da viagem de comboio... Bem, não

havia nada que eu pudesse fazer. Por isso fui para a cama e tive um sonho de angústia no qual o meu velho inimigo, o alfandegário na fronteira franco-italiana, enfurecido e em pijama, encontrava exatamente o que eu não queria que ele encontrasse diante de uma multidão de *Fascisti* a mofar.

## CAPÍTULO DOIS

## QUANTAS MILHAS ATÉ BABILÓNIA?

A Daisy levou-me ao aeroporto de Croydon e deu-me um frasco cheio de conhaque velho, «Caso te sintas enjoada. Creio que os aeroplanos são muito menos estáveis do que os balões.» Exteriormente serena, observou-me passar para além da barreira de «Apenas Passageiros» e depois afastou-se rapidamente em direção ao seu carro que a esperava.

Os funcionários pareceram sobressaltados com a minha quantidade de bagagem. Cobraram-me excesso de peso (que foi menos do que eu temia devido a pesagens bastante vagas em balanças de bebés que só iam até às vinte libras) e disseram severamente que, embora este avião não estivesse com a carga máxima e eu pudesse, portanto, levar tudo comigo até Paris, não deveria esperar ter tanta sorte em fases posteriores da viagem; e que deveria compreender perfeitamente que a maior parte seria provavelmente deixada para trás pelo caminho para seguir «quando fosse praticável».

Embora grande para os padrões de há mais de vinte anos, o aeroplano parecia feito de folha de estanho. Estremeceu tão violentamente quando os motores aceleraram que comecei a pensar que não estava apenas destinada a ter nascido, mas também a morrer perto de Croydon. Depois, como se um Pégaso estivesse a voar através de um vasto arco de papel cinzento, escapou dos limites da chuva cinzenta para um mundo de sol brilhante e céu azul alto. O comissário de bordo trouxe-me uma chávena de café que nem sequer transbordou para o pires. Graças a Deus, eu gostava de voar! Ninguém se poderia sentir mal num aeroplano. Que alívio!

Após quatro horas em Paris e almoço no Voisin com um companheiro de viagem, apanhámos o Expresso de Roma com cinco minutos de margem. A bagagem dos passageiros aéreos não podia ser colocada na carruagem de carga, nem havia um compartimento vazio nos *Wagons Lits* para a acomodar; mas, eventualmente, dois carregadores suados empilharam-na na minha cabina, deixando apenas a cama livre, à qual eu conseguia chegar à maneira de uma camurça saltando para o seu parapeito de dormir.

A alfândega italiana passou sem incidentes — talvez tenham pensado que nenhum contrabandista realmente eficiente tentaria levar tanto de uma só vez, e instalei-me para escrever a minha primeira carta à Gillian para que a pudesse enviar em Roma. Ela ainda era jovem o suficiente para preferir as suas histórias ilustradas, por isso, como não desenho melhor do que uma criança média de quatro anos, inventei dois personagens chamados Ragga e Muffin.

Ragga era facilmente identificado pelo seu fato às riscas e óculos de massa, e Muffin era um *golliwog*[3] de cabelo encaracolado. Eles deveriam partilhar todas as minhas aventuras como o herói e a heroína de um folhetim bissemanal que durou os quatro meses seguintes. No primeiro episódio, visitaram Elba, que eu afirmei, de forma bastante falsa, estar a observar da janela do comboio, e almoçaram com Napoleão, instantaneamente reconhecível pelo seu chapéu e pelo braço enfiado no colete. Depois atravessaram os Alpes com Aníbal, agarrados às caudas de dois dos seus elefantes, que tinham domado dando-lhes bananas de um saco de papel. Elefantes, especialmente quando avançam na direção oposta, são fáceis de desenhar e qualquer pessoa consegue desenhar montanhas e pinheiros.

Na segunda noite no comboio, regressei à minha cabina à meia-noite, tendo estado sentada até então na carruagem-restaurante, a ouvir o romance desfeito de um idoso fabricante de tecidos de Manchester, cuja noiva, na véspera do casamento, tinha fugido com um provador de chá ruivo. A única consolação que pude oferecer, que pareceu animá-lo desproporcionalmente, foi que, como ele tinha comprado um magnífico conjunto de quarto, daí em diante dormiria num colchão *Vi-Spring* super de luxo na cama de casal com mais conforto, embora sozinho, do que alguma vez fizera na vida.

Acordei antes do amanhecer, quase congelada, pois tinha deixado a janela escancarada e esquecido que tínhamos outra cordilheira de montanhas para atravessar, das quais a neve tinha soprado para fazer um monte sobre os meus pés. Brindisi no amanhecer desolador de inverno era ainda mais fria, e o mar tão agitado que a lancha que nos levou para o hidroavião teve de fazer várias tentativas antes de finalmente conseguir chegar perto o suficiente para nós subirmos a bordo. As montanhas da Albânia vistas através do Adriático azul escuro eram supremamente belas, mas depois o tempo começou a fechar.

Eu partilhava o lugar com um homem que tinha competido recentemente na Corrida Aérea do Troféu Schneider e, enquanto eu, na

minha feliz ignorância, pensava como era habilidoso o nosso piloto ao voar por vales de montanhas tão estreitos que parecia que íamos escovar a neve dos precipícios com as pontas das nossas asas, ouvi-o murmurar: «O estúpido do gajo nunca vai conseguir! Vamos tocar! Oh Jesus!» E fiquei imediatamente mais do que convencida de que o Monte Olimpo é muito melhor visto de uma longa distância do que horizontalmente a um alcance de poucas centenas de jardas.

Aterrámos em Pireu para reabastecer e falou-se em passar a noite em Atenas. Mas o relatório meteorológico, de forma bastante imprecisa como se veio a verificar, dizia que encontraríamos melhor tempo antes de chegarmos a Creta. A literatura fornecida para entretenimento dos passageiros informava-me de que estava agora a voar sobre as Ilhas Gregas, «provavelmente o melhor cenário em todas as nossas rotas aéreas». Mas estávamos envoltos em nuvens mais espessas do que qualquer nevoeiro de Londres e, pela primeira vez na minha vida, detestei profundamente uma trovoada. Relâmpagos, como raios na mão de Zeus, rasgavam a escuridão.

O frágil hidroavião balançava, oscilava, caía pesado como uma pedra em poços de pesadelo e cambaleava para fora deles. O aquecimento estava avariado. Alguém se tinha esquecido de colocar sacos de papel para o enjoo a bordo. As pessoas vomitavam em jornais, no chão. Um encantador cavalheiro negro idoso no assento à minha frente olhou em volta desesperado e, com um gesto de desculpa, vomitou tão asseadamente no bolso do seu sobretudo azul-escuro que lhe ofereci o resto do meu conhaque.

Quando o comissário perguntou se algum passageiro desejava almoçar, todos olharam furiosos para ele, exceto um casal de idosos. Ele era um major-general reformado de Dorset que, com a sua esposa igualmente idosa, ia visitar a neta em Cartum. Engoliram cada pedaço do almoço com aparente prazer, conversando um com o outro entre garfadas como se estivessem a comer *crumpets*[4] sob um cedro na berma do seu campo de croquet.

O meu amigo do Troféu Schneider cambaleou pelo corredor e desapareceu no compartimento dos pilotos. Quando regressou, parecia ainda mais preocupado. «Não conseguimos aterrar em Creta — a visibilidade é zero», confidenciou-me. «Não menciones isto aos outros: não vale a pena deixá-los em pânico.»

O tempo piorou: a única vantagem era que eu estava agora demasiado assustada para sentir enjoo. A intervalos, o meu companheiro ia consultar o piloto e regressava sempre com uma convicção acrescida de que estávamos nas mãos de um lunático excessivamente otimista que deveria ter voltado para a Grécia enquanto tinha oportunidade, e agora quase certamente ficaria sem combustível antes de chegarmos a Alexandria. Um dos motores tossiu, engasgou-se e morreu. O hidroavião entrou num longo planeio. De repente, fiapos de nuvens passavam pelas janelas. O motor de bombordo parou, e estávamos a saltar na água — do porto de Alexandria.

Chegámos ao hotel às 21h30 e o cabeleireiro, com quem eu tinha marcado um encontro três meses antes e de quem já me tinha esquecido completamente, tinha mantido a sua loja aberta para mim. Eu estava exausta demais para me importar se chegava a Bagdade com pó de comboio no cabelo ou não; mas não podia desapontar o amável barbeiro, e quase permiti que ele me pintasse o cabelo de vermelho, o que, sugeriu ele, seria uma bela surpresa para o meu marido.

Pedi o jantar no meu quarto e ele foi trazido enquanto eu tomava banho no quarto ao lado, que tinha uma porta com painéis de vidro. Fui chamada às 4h30 da manhã, após uma noite quase sem dormir, enquanto a tempestade abanava incessantemente as janelas de sacada e o granizo ameaçava quebrar o vidro mal ajustado. Ainda estava escuro, mas à luz do corredor reconheci o empregado árabe como o mesmo homem que tinha recolhido o meu tabuleiro de jantar na noite anterior. Disse-me que o tempo estava mau demais para voar e que eu teria de ficar no hotel até que o próximo avião partisse na sexta-feira. Estava prestes a voltar agradecidamente a dormir quando, de repente, me senti desconfiada.

---

**Notas**

*1. Viúva de erva: Tradução do termo inglês «grass widow», que se refere a uma mulher cujo marido está ausente por um período prolongado, geralmente devido ao trabalho.*

*2. Boxing Day: Feriado tradicional no Reino Unido e em países da Commonwealth, celebrado no dia 26 de Dezembro.*

*3. Golliwog: Um boneco de pano tradicional da literatura infantil da época, caracterizado pela pele negra e cabelo encaracolado.*

*4. Crumpets: Um tipo de bolo pequeno, esponjoso e circular, muito comum na culinária britânica, geralmente comido com manteiga.*

«Porquê na sexta-feira? Porque não amanhã — ou mais tarde ainda hoje, se o tempo melhorar?» Ele começou a gaguejar em francês... A Memsahib não devia voar. Seria uma tragédia se uma senhora tão encantadora como ela, a quem ele tinha observado a tomar banho, fosse morta... Ele esperaria por mim devotadamente — não faria mais do que beijar-me a mão, a menos que eu permitisse.

Sentei-me direita na cama, apertando o edredão contra o meu peito, algo magro. Então era este um daqueles estrangeiros licenciosos de quem a minha mãe tanto me avisara! «Allez-vous-en!», gritei. «Vite!»

É difícil ser autoritária naquelas circunstâncias, mas finalmente ele começou a soluçar, implorou-me para não contar ao gerente e admitiu que, embora todos os outros passageiros, exceto três, tivessem decidido esperar por melhor tempo, o avião ia partir... de facto, o autocarro partia para o aeroporto em dez minutos — podia até já ter partido... Mas apanhei-o: correndo atrás dele por metade da rua.

Gaza estava ensolarada e quente, e ao pequeno-almoço comemos tangerinas ainda com as folhas, ovos e bacon. Os outros passageiros eram dois soldados silenciosos que iam a caminho da Índia para caçar tigres com um marajá, e o piloto do Troféu Schneider, que sofria agudamente de uma ressaca. À exceção de uma tempestade de areia, que penetrou na cabina e desfez todo o bem que tinha sido feito ao meu cabelo na noite anterior, o voo foi sem incidentes e duas horas mais curto do que o previsto devido a um forte vento de cauda.

O aeroporto, a cinco milhas de Bagdade, era um pedaço plano de nada acastanhado cercado por milhas e milhas de exatamente o mesmo. O único edifício era um barracão de chapa ondulada. Mas onde estava o Leslie? Os outros três foram recebidos por amigos e partiram em nuvens de pó. Sentei-me na minha mala maior e esperei. Os funcionários, nenhum dos quais falava inglês ou sequer francês, andavam por ali a fumar cigarros. Três deles acabaram por encolher os ombros e partiram no maior de dois camiões velhos.

Os dois homens restantes ofereceram-me copos de chá de menta, que aceitei agradecidamente como uma oferta de boa vontade. É difícil

explicar, inteiramente por mímica, que o marido de uma pessoa costuma ser impontual, mas que chegará certamente em breve com dinheiro para pagar os Direitos Alfandegários. Por fim, a paciência deles começou a esgotar-se, ou talvez tivessem esposas menos pacientes do que eu estava a ser. Apontaram para os relógios, esfregaram os estômagos para mostrar que já estavam atrasados para o jantar, sacudiram a chave na porta do barracão da Alfândega para mostrar que era hora de fechar.

Comecei a abrir as malas — pelo menos ninguém me acusaria de ser contrabandista, além de ter sido abandonada em Bagdade. Eles sorriram, puseram um dedo na boca pedindo silêncio. Ficava subentendido que eu não tinha nada a declarar. Tentar calcular os impostos desperdiçaria ainda mais o tempo deles. Lenta a perceber a dica, agitei rolos de filme, latas de tabaco e discos de gramofone à frente deles. Eles franziram a testa. Poderia alguma mulher ser tão obtusa? Afastaram-me com um gesto. Trancaram as minhas malas. Rabiscaram marcas de giz por todo o lado. Depois atiraram tudo para o camião restante, içaram-me para dentro dele, sacudiram-se pelo deserto à velocidade máxima que o veículo antigo conseguia extrair dos seus cilindros ofegantes e depositaram-me à porta do Hotel Maude.

A pergunta óbvia é: «Porque é que não aluguei um carro e fui para Tel Asmar?» Mas eu não fazia ideia em que direção ficava, e o único endereço que tinha era P.O. Box 64 Bagdade, onde as cartas eram levantadas duas vezes por semana.

O porteiro do átrio falava um pouco de francês, mas não foi muito prestável. Os arqueólogos costumavam reunir-se no bar de um pequeno hotel mais abaixo na rua, em direção ao Suq. Ele pensava ter visto um dos carros da Expedição nessa tarde. Ele guardaria a minha bagagem se eu desejasse procurar o meu marido.

Fui ao primeiro bar, ao segundo, ao terceiro — infelizmente, naqueles dias eu detestava álcool e sustentava-me apenas com copos de limonada demasiado açucarada. Encontrei na minha mala um pedaço de giz cor-de-rosa que devia ter roubado distraidamente a um dos homens da Alfândega. Em cada bar, depois de dar uma gorjeta generosa ao barman, desenhei um grande «JOAN» e uma seta indicando a direção do meu progresso.

No quinto bar, o Leslie alcançou-me. Tinha-me falhado por dez minutos no aeroporto, onde chegara tarde apenas porque o vendaval, que ele pensava que atrasaria o avião pelo menos uma hora, estivera injustamente a soprar na direção oposta alguns milhares de pés mais acima.

Estava no meu encalço desde então e ficou tão feliz por me encontrar como eu por ser encontrada.

## CAPÍTULO TRÊS

## FANTASIA E FACTO

Eu tinha uma ideia preconcebida de desertos, baseada em imagens das dunas ondulantes do Sara, por isso fiquei surpreendida ao encontrarmo-nos a conduzir através de uma planura absoluta, numa superfície tão dura que o carro podia manter o curso como se fosse um barco a motor em águas paradas. Não havia sequer uma pista, apenas pequenos montes de areia a cada poucos metros, erigidos pela Expedição para servirem de marcadores de rota.

Atravessámos dois dos grandes canais de irrigação, que são tão largos que três carros conseguem ainda conduzir neles lado a lado. Existiram outrora três mil milhas destes canais e, até à conquista dos babilónios pelos assírios no século VIII a.C., formavam parte de um gigantesco plano de irrigação que transformou uma vasta área do que é agora deserto árido no maior celeiro do mundo antigo.

No feixe dos nossos faróis, a casa parecia solitária e proibitiva como um forte de Beau Geste. De repente, ouvimos um som enorme de lamento. O Leslie travou e saiu do carro. «Os escavadores andam a planear algo», disse ele, e pareceu bastante preocupado. Depois riu-se. «Está tudo bem — é apenas um eclipse total da lua. Vem ver.»

Era uma noite muito sinistra. A lua cheia e branca ardeu num vermelho escuro enquanto era comida pelo demónio negro do Submundo. O lamento tornou-se mais alto, até que finalmente Alá ouviu a prece do seu povo e matou o monstro que se atrevera a engolir a lanterna da noite.

Era agora tão tarde que o Leslie pensou que todos estariam já na cama, mas uma festa de boas-vindas ainda decorria e fiquei encantada por descobrir que os arqueólogos são muito menos «professorais» do que a minha experiência anterior com cientistas me levara a crer. Havia sete homens e quatro mulheres — cinco comigo — de nacionalidades variadas. Hans Frankfort, o Diretor, era holandês. Thorkild e Rigmor Jacobsen eram dinamarqueses. Pierre era russo e Ham e Hal americanos. Os restantes eram ingleses: Seton e a sua exótica e bela esposa Joanne, Rachel e, por último, embora no meu afeto seja certamente a primeira, Mary Chubb. *

Toros de madeira ardiam na lareira aberta da sala de estar. (Foi outra surpresa descobrir que o Iraque no pleno inverno é gelado.) Na sala de jantar adjacente havia uma luxuosa ceia fria que eu estava quase demasiado cansada para apreciar. O nosso quarto era bastante espartano, pois apenas o mobiliário básico era fornecido pela Expedição; mas tínhamos uma casa de banho para nós, pois o nosso quarto era normalmente usado apenas por visitantes. Eu esperava ter de me lavar numa bacia de estanho, o que de facto fiz durante dez dias quando eu e o Leslie estivemos na casa de escavação subsidiária em Khafaje; mas aqui não havia falta de água, embora cada gota tivesse de ser trazida por camião do canal a doze milhas de distância.

As salas comuns ocupavam um lado do pátio principal, nu exceto por um eucalipto que a Rachel alimentava com jarros da sua água do banho — banhos luxuosos eram considerados uma necessidade, mas água para flores

uma extravagância grosseira. Nos outros três lados ficavam os quartos de dormir, dispostos em pares com uma casa de banho entre cada um.

Em torno de um segundo pátio ficavam as salas de trabalho, incluindo aquela onde o Leslie fazia a sua fotografia, com a respetiva câmara escura, e o umbar, uma sala longa e estreita com uma bancada de trabalho sob as três janelas e estantes onde todas as antikas eram guardadas. Em torno de um terceiro pátio agrupavam-se a cozinha, os aposentos dos criados da casa, despensas, estábulos e gado — que incluía um rebanho de ovelhas, cinquenta no início da temporada, nenhuma no final, quando tinham cumprido o seu papel de despensa «viva» e os seus velos eram usados para embalar as antikas.

As muralhas exteriores eram patrulhadas à noite por dois guardas, armados com espingardas, fornecidos pelo Governo, e de quem se supunha terem pelo menos um homicídio cada um no seu currículo. Estávamos oficialmente sob a proteção do xeque local, um velho encantador chamado Abdul Jeboal, que vinha a cada dia de pagamento recolher uma percentagem dos salários de cada um dos cerca de duzentos homens e rapazes que trabalhavam na escavação. Com essa taxa, ele pagava quaisquer multas exigidas por nós como recompensa por «incidentes» — como um ocorrido na temporada anterior, quando um árabe descontente, ou talvez apenas com o dedo leve no gatilho, disparou cinco balas contra um dos carros da Expedição — felizmente sem atingir nenhum dos quatro ocupantes.

A escavação em si ficava a cerca de um quarto de milha da casa. Até a escavação começar, quatro anos antes de eu lá ir, a cidade de Tel Asmar era um monte grande e rudemente circular. Os sumérios construíam as suas novas cidades por cima das antigas; por isso, para garantir a datação precisa de edifícios e objetos, uma camada após outra era removida, além de serem abertos poços. Durante os séculos, o nível do deserto tinha subido, através de incontáveis toneladas de terra depositadas nele pelas tempestades de poeira. A escavação era agora um enorme fosso, com mais de trinta metros de profundidade, e eu desci lá para baixo por uma escada.

Eu queria trabalhar lá fora, mas disseram-me que, como o orgulho dos árabes não lhes permite receber ordens de mulheres, eu teria de me contentar com tarefas de interior. No entanto, a minha segunda noite em Tel Asmar produziu uma magnífica tempestade elétrica que observei à meia-noite da torre de água, a única parte dos edifícios de tijolo de lama que tinha mais de um andar. Não caiu chuva — na nossa parte do deserto

caíra pouca chuva nos últimos quatro anos, mas gigantescos relâmpagos em ziguezague incendiavam a noite de horizonte a horizonte. O Leslie, quando lhe descrevi a beleza da tempestade na manhã seguinte, disse bruscamente que só um idiota se ofereceria como para-raios no ponto mais alto de uma vasta área de milhas quadradas. Mas, felizmente para mim, os árabes tiveram uma visão diferente — ou então o eclipse total já tinha sido um aval suficiente — pois um porta-voz veio dizer ao Hans que, caso a «Mágica Memsahib» desejasse que algum deles trabalhasse para ela, ficariam muito honrados em fazê-lo.

Por isso, quando estava aborrecida de fazer desenhos à escala de potes, uma tarefa tornada ainda mais laboriosa por compassos de calibre e outros dispositivos de medição calibrados em polegadas que eu tinha de traduzir para centímetros, passava o dia na escavação. Isso significava levantar-me demasiado cedo, pois o trabalho começava ao amanhecer. Na luz cinzenta e fria, eu caminhava o quarto de milha, tentando não ver dezenas de homens a realizar a sua defecação matinal, agachados nus da cintura para baixo, mas aparentemente convencidos de que, ao puxarem as suas abbas para cobrir as cabeças, estavam em total privacidade. Talvez eles sejam a origem da lenda erradamente atribuída às avestruzes.

Tendo descido até ao ponto que me fora atribuído, passava então geralmente o resto do dia ao lado de uma sepultura, observando o seu conteúdo a ser lenta e cuidadosamente descoberto. Isto não era de todo tão fácil como teria sido se o solo fosse arenoso, como no Egipto, pois aqui era argila quase tão dura como cimento. Em várias fases, dizia aos homens para pararem enquanto eu fazia esboços rudimentares com medições exatas de onde cada objeto jazia em relação a outro. Quando o suficiente estava descoberto, o Leslie tirava fotografias antes de qualquer coisa ser movida para o umbar para exame detalhado e limpeza.

Um esqueleto tinha, em vez dos habituais potes de comida e armas, apenas uma taça de vinho na mão e trinta jarros de vinho empilhados à sua volta, tão próximos que mal havia espaço na sepultura para o próprio corpo. Havia indicações claras de que ele fora morto por um golpe na testa. Durante o almoço comecei a especular sobre o tipo de homem que ele teria sido. Teria morrido numa briga de taberna com companheiros de copos, que se sentiram arrependidos de manhã por terem sido demasiado brutos e por isso se cotizaram para lhe dar uma boa despedida? Ou seria ele um mordomo, apanhado a provar a adega do seu senhor? Alguém mudou

apressadamente de assunto e o Leslie franziu a testa: quantas vezes me teria de ser dito que estávamos aqui para descobrir factos, não fantasia?

Durante vários dias fiquei suficientemente submissa para trabalhar industriosa e cegamente como uma toupeira, e, como gesto de independência, comecei a minha coleção de dentes de quatro mil anos. Esta ocupação não era tão macabra quanto parece. Antes de sair de Londres, um amigo dentista, o Sr. G.B. Pritchard, pedira-me para observar cuidadosamente os dentes de quaisquer crânios antigos que encontrasse, para comparação da sua condição dentária com a do homem contemporâneo. O que começou como uma tarefa tornou-se um interesse muito real, que eu não conseguia que mais ninguém partilhasse.

Tornei-me uma «maçadora dos dentes» até o assunto ser proibido às refeições. Dentes de crianças, dentes de meia-idade, dentes de homens que eram tão velhos que a superfície dos molares estava gasta quase até ficar lisa — e em nenhum dos quarenta conjuntos que colecionei havia um único dente cariado, nem um abcesso maxilar, nem um dente do siso que não tivesse crescido alinhado com os restantes: embalei-os carinhosamente em pequenas caixas de cartão, com tantos dados quanto consegui encontrar sobre os anteriores proprietários. Mas nunca chegaram a Inglaterra, pois no final da temporada o Seton obrigou-me a enterrá-los, para o caso de serem encontrados pela Alfândega, que poderia pensar que tínhamos tentado fugir ao decreto governamental de que nada deveria ser retirado da escavação exceto a metade de todos os achados permitida pela nossa licença.

Noutra sepultura em que trabalhei, uma mulher ainda segurava um espelho de cobre na sua mão esquelética, e a sombra de olhos verde e o khol, o rouge e o pó, em frascos de jaspe e sardonix ao seu lado, estavam ainda tão pouco alterados que eu poderia ter pintado o meu próprio rosto com eles. Num anel de bronze, segurado por um carneiro de lápis-lazúli, estavam enfiados instrumentos de higiene: pinças para sobrancelhas, uma pequena colher para empurrar a cutícula das unhas, um espigão para as limpar e uma coisa parecida com uma colher de sal miniatura com um buraco, que identifiquei, por ter visto uma semelhante num estojo de toilette vitoriano, como sendo destinada a remover pontos negros.

Ela usava várias braceletes e braçadeiras, e um toucado intrincado de minúsculas contas sobre o qual o Seton verteu parafina derretida para que o padrão pudesse ser exatamente reconstruído. Uma a uma, libertei as contas da cera quando esta endureceu no crânio e, com uma agulha fina, enfiei-as num fio novo. Guardei o crânio durante vários dias na minha mesa de

cabeceira, o que não causou comentários, pois muitas vezes trabalhávamos nos nossos quartos em vez de no umbar. Mas nunca sonhei com ela; e os seus ossos e as suas outras possessões descartadas não me deram nada a acrescentar aos factos nus que eu já conhecia — que ela morrera jovem, tinha ossos pequenos e delicados e vivera há quase quatro mil anos.

Estava no umbar, limpando cuidadosamente a argila das linhas incisas de um selo cilíndrico, preparando-me para o rolar em plasticina para fazer um registo do seu desenho, quando subitamente me senti a «sintonizar». Ninguém exceto o Leslie estava lá, por isso disse-lhe para agarrar num lápis e comecei a ditar:

«Isto era usado no ombro esquerdo. Estava num alfinete de cobre que tinha uma dobra de quase ângulo reto; além da dobra havia uma pequena travessa para evitar que o selo caísse. Segurando o alfinete, podia-se rolar o selo para trás e para a frente como um rolo da massa. O alfinete era muito afiado e podia ser usado como uma adaga, mas habitualmente era usado para segurar o manto no ombro esquerdo. Pertenceu a alguém que tinha muito a ver com construção.» *

Ao princípio fiquei desapontada por ter quebrado a sua regra de «nada de fantasmas» com algo tão desinteressante. Mas o Leslie ficou bastante entusiasmado e, de uma das prateleiras, tirou um alfinete, que tinha sido encontrado no início da temporada, que era exatamente como o que eu descrevera. «Estes não são invulgares, mas supõe-se que sejam ornamentos de cabelo», disse ele.

«O que agora sabemos ser disparate», respondi eu.

«Sabemos?», disse o Hans, que tinha entrado pela porta do fundo enquanto eu ainda ditava, sem que nenhum de nós desse por ele.

Não valia a pena tentar dissimular. Mergulhei num relato tão abreviado de como eu tinha chegado a fazer psicometria que provavelmente soou ainda menos plausível do que deveria ter soado. Ele admitiu que quase todos os selos cilíndricos têm um orifício perfurado, mas sustentava que isso servia para que pudessem ser usados ao pescoço num cordão.

Notas

** Mary Chubb é a autora de Nefertiti Lived Here e está agora a escrever um livro sobre os seus anos em Tel Asmar como Secretária do Diretor.*

** O caderno em que o Leslie escreveu este, e outros ditados também mencionados na Parte Quatro, sobreviveu. Este tem o cabeçalho «Selo cilíndrico de ametista de Ischali. (Isch 34/45) Fevereiro de 1935.»*

«Mas seria muito mais fácil rolá-los se estivessem em algo rígido», protestei. «Olha, Hans. Vou enfiar um dos meus ganchos de cabelo neste e mostrar-te como é muito mais fácil.» Ele disse amavelmente que a minha era uma teoria bastante lógica, mas apenas uma teoria, e que as teorias eram um tanto imprudentes para pessoas cujo objetivo primordial eram os factos.

Cerca de um mês depois, eu estava a juntar fragmentos de cerâmica — o que eu apreciava, pois era como jogar puzzles tornados ainda mais difíceis pelo facto de algumas peças estarem em falta — quando o Hans entrou no *umbar* com um grupo de visitantes. Eu não estava a ouvir o que ele dizia, pois a essa altura já conhecia a maioria das perguntas óbvias que eles provavelmente fariam e as respostas de rotina, até que subitamente o ouvi dizer: «Aquele alfinete era usado para segurar um selo cilíndrico como os que já vos mostrei. O alfinete não só tornava mais fácil o uso do selo, como servia para prender o manto e, estando no seu estado original muito afiado, podia até ser usado como arma.»

Eu estava escondida do Hans por uma das alas de prateleiras, mas agora pus a cabeça de fora e pisquei-lhe o olho ostensivamente. Ele corou e elevou um pouco a voz.

«Estes alfinetes costumavam ser classificados como ornamentos de cabelo, mas à luz de conhecimentos mais recentes o seu verdadeiro propósito foi descoberto. Noutra das escavações foi encontrada uma inscrição, numa tábua de argila em cuneiforme, que descreve como um certo funcionário da corte esfaqueou outro homem até à morte com o seu selo. A arqueologia é, em grande parte, uma questão de juntar factos...»

Ele sorriu para mim e apresentou-me aos visitantes.

«Juntar factos, como eu dizia, tal como a Sra. Grant aqui está tão pacientemente a colar estes fragmentos para descobrir, cientificamente, a conformação do pote original.»

## CAPÍTULO QUATRO

## ÉGUA E PESADELO

Gazalla, a minha égua árabe, era da cor do cobre pálido com crina e cauda brancas. Ela finalmente curou-me da ilusão de que sou uma cavaleira nata. Quando cheguei, ela tinha um tendão distendido, ou pelo menos foi o que o moço de estrebaria árabe disse ao Leslie, que não a montava, pois o xeque Abdul Jeboal, que lha vendera por 15 libras, dissera que ela não aguentava o seu peso.

Ela tinha narinas delicadamente abertas como as de Gladys Cooper e poderia ter saído de uma pintura persa medieval. Prodigalizei-lhe afeto, bajulei-a com cenouras, açúcar, biscoitos doces e alfaces, que ela aceitava delicadamente, embora estivesse já a abarrotar de trigo e milho. Parecia um pouco gorda demais, mas atribuí isso à sobrealimentação. Finalmente, o moço, um homem mirrado, mais pequeno do que um jóquei inglês, não conseguiu inventar mais desculpas para me impedir de a montar. Esperei até que todos estivessem em segurança fora do caminho, pois queria praticar sem audiência, e vesti as minhas lindas roupas de montada novas.

Gazalla deve ter tido algum traço de afeto por mim no seu coração rebelde, ou então sabia que eu tinha açúcar no bolso, pois deixou-me conduzi-la até ao lado da casa e ficou dócil enquanto eu montava. Durante a primeira meia milha, ela galopou suavemente como um cavalo de baloiço. Eu resplandecia de orgulho por ambas — mãos e calcanhares baixos, coluna ereta mas relaxada. Podia estar a fazê-lo tal como vem no livro!

Depois, ela esticou o pescoço, agarrou o freio firmemente entre os dentes e disparou. Puxei as rédeas freneticamente, mas mais valia ter tentado parar um comboio expresso com uma corda de saltar. Senti uma dor de lado e a força dos meus joelhos, que sempre fora débil, começou a desvanecer-se. Enrolei as rédeas no pulso e agarrei-me à crina com uma mão e à sela com a outra. Por fim, ela começou a abrandar um pouco, mas ainda ia depressa demais para eu gostar da ideia de deslizar para um solo tão duro como ferro. Como uma tola, tentei afirmar a minha autoridade puxando uma rédea com ambas as mãos, o que, segundo li algures, fazia um cavalo em fuga girar em círculos cada vez menores até ter de parar, sabendo-se dominado.

Mas tudo o que este truque fez foi irritar Gazalla, que conhecia por instinto mais truques do que os que alguma vez entraram num manual. Ela

saltou no ar, ondulando como uma serpente marinha, e deu um esticão nas rédeas — que ainda estavam enroladas no meu pulso — tão violento que me deslocou o ombro.

O meu uivo de dor deve tê-la assustado, pois ela olhou para mim com um desdém indizível. Agarrando-me ao loro do estribo, consegui encaixar o ombro de volta no lugar, mas ainda doía demasiado para me içar de volta para a sela, embora Gazalla parecesse ter finalmente perdido o fôlego.

A casa parecia pequena como um brinquedo na distância longínqua, e comecei a caminhar penosamente em direção a ela, arrastando Gazalla atrás de mim como um trenó. O moço, que conhecia o seu segredo hediondo — que, longe de a exercitar todas as manhãs e tardes, nunca a tirara do pátio da estrebaria uma única vez após descobrir que ela era virtualmente selvagem — estava prestes a ser descoberto, pois observara-me do topo da torre de água. Para aumentar a minha humilhação, um camião cheio de árabes aos gritos, decididos a ganhar prestígio por me resgatarem, veio a sacudir-se pelo deserto. Imploraram-me para entrar no camião, mas eu não estava de humor para ser resgatada — e se não conseguia chegar a casa sobre os cascos do meu cavalo, podia pelo menos fazê-lo sobre os meus próprios pés! Gazalla também estava amuada e tentava morder-me a menos que eu a segurasse rente ao freio, que estava nojentamente viscoso de espuma. O camião, com a sua carga de árabes confusos e agora silenciosos, moía atrás de mim em primeira mudança. A *Memsahib* podia ser mágica, mas era certo que também estava louca — e tais pessoas estão sob a proteção de Alá.

O moço venal pôs-se ao fresco durante a noite e o outro disse-me que a razão da robustez de Gazalla era que, dentro de quatro meses, ela me daria um poldro. Ele pensou que eu ficaria contente por saber que o Leslie fora tão esperto ao ponto de comprar dois cavalos pelo preço de um, mas eu tinha outros planos para ela.

Assim que consegui conduzir um carro, fui sozinha, o que era estritamente proibido, até à aldeia do xeque Abdul Jeboal. Ele recebeu-me nos portões e escoltou-me até à sua casa onde, sentada ao seu lado numa pilha de tapetes preciosos e turbulentos de pulgas, ele alimentou-me com a sua própria mão. Eu sabia que esta era uma grande honra para um árabe oferecer a uma mulher, por isso tentei apreciar o olho de carneiro; os ovos cozidos cinzentos com a sujidade das mãos dele enquanto os descascava — é surpreendentemente difícil morder um pequeno ovo cozido sem beliscar os dedos hospitaleiros nos quais é oferecido; os pedaços de tangerina dos

quais ele retirava cuidadosamente as pevides com as suas unhas longas e bonitas antes de os meter na minha boca, mantida aberta para ele como a de um passarinho faminto.

A curiosa refeição teve lugar no jardim da sua casa, um pomar de tangerineiras. Aceitaria eu algumas tangerinas? Cesto após cesto de fruta, tão deliciosas quanto belas entre as suas folhas e flores de cheiro doce, foram arrancadas dos ramos e colocadas aos meus pés. Não haveria mais nada que ele pudesse implorar que eu aceitasse? Num canto do jardim havia um maciço de malvas-rosas. Seria rude demais, perguntei-me, pedir-lhe as únicas flores que eu vira desde que chegara ao Iraque?

Ele resplandeceu, encantado com as minhas maneiras requintadas. Eu era verdadeiramente de Alá, pois de que outra forma poderia eu, uma estrangeira, ter-lhe feito o delicado cumprimento de indicar que, para uma pessoa tão humilde como eu, as ervas do seu jardim pareceriam um presente rico?

Só quando ele, e a maioria dos aldeões, me escoltaram até ao carro, que estava agora tão cheio de tangerinas e malvas-rosas que pareceria em casa na Riviera Francesa durante uma Batalha das Flores, é que ele introduziu o assunto de Gazalla. Ouvira dizer que ela ia ter um poldro e, como eu — um facto quase triste demais para ser mencionado — a essa altura teria voado para o meu próprio país, poderia ele comprar a pequena égua de volta? Graciosamente aceitei a sua amável oferta, aliviada por ter tido o bom senso de esperar que ele introduzisse o assunto em vez de lha oferecer como presente, que fora o propósito da minha visita.

Ele deu-me um envelope. Coloquei-o, fechado, na minha mala como a cortesia exigia. Ele fez uma vénia. Todos fizeram vénias. Afastei-me de carro por entre uma fila de crianças a vitoriar. Quando abri o envelope, encontrei 25 libras — mais 10 do que o Leslie pagara por Gazalla.

Estava no Iraque há cerca de um mês quando acordei a meio da noite com um sonho agonizante. Ainda conseguia sentir os braços da Gillian a apertarem-me o pescoço e ouvi-la a chorar: «Não deixes que me abram a barriga, Mamã! Não deixes que me façam um buraco! Mamã, eu preciso de ti!»

Com lágrimas a correr-me pela cara, acordei o Leslie e comecei a atirar coisas para um saco de viagem. «O que é que estás a fazer?», protestou ele ensonado.

«A Gillian vai ser operada. Ela precisa de mim. Pelo amor de Deus, para de olhar de boca aberta! Veste-te e vai buscar o carro.»

Ele tentou argumentar comigo, mas logo começou a partilhar algo da minha ansiedade. Recusou-se a partir até ao amanhecer, sob o pretexto lógico, mas ao mesmo tempo enfurecedor, de que era inútil ter pressa, pois o avião bissemanal não devia partir antes do dia seguinte, que era impossível telefonar para Inglaterra e que os Correios de Bagdade não abriam antes das nove horas.

Estive a sacudir a porta dos correios durante vários minutos antes de um funcionário a abrir relutantemente, um quarto de hora mais cedo. Ao princípio ele estava mal-humorado, mas depois de eu ter enviado um longo telegrama à minha mãe, exigindo saber todos os detalhes da doença da Gillian, por mais graves que pudessem ser, ele tornou-se compreensivo e deu-me um copo de chá.

Depois de reservar um lugar no avião do dia seguinte e de ir ao banco, voltei aos correios a cada meia hora para saber se a resposta ao meu telegrama tinha chegado. Quando finalmente chegou, pouco antes da hora de fecho, o funcionário correu para a rua, onde eu estava encolhida miseravelmente no carro, agitando jubilantemente o formulário do telegrama e gritando: «Boa, *Memsahib*! É boa, BOA!»

Estava tão perto das lágrimas que mal conseguia ver para ler: «Tudo bem com Gillian querida. Não te preocupes escrevo. Mãe.» Corri a encontrar o Leslie que, exausto de tentar acalmar-me, se retirara para o bar do hotel, e contei-lhe a gloriosa notícia.

«Da próxima vez que tiveres um sonho de inquietação sobre a nossa filha, sugiro que o guardes para ti», disse ele severamente. «Graças a Deus tive o bom senso de te impedir de fazeres figura de parva perante os outros — disse-lhes que querias tirar um longo dia para compras como desculpa para partirmos tão ridiculamente cedo.»

Jantámos em silêncio, e eu comi muito mais do que ele, pois o alívio da ansiedade costuma deixar-me com uma fome voraz. Em silêncio também caminhámos até ao carro e só falámos um com o outro quando nos vimos envolvidos com uma manada de camelos enquanto esperávamos para atravessar o rio, e eles começaram a dar pontapés no carro. O barulho era extraordinário, como se fôssemos anões dentro de um bumbo. É difícil estar amuada quando inteiramente rodeada por camelos zangados, pois eles

assemelham-se tão absurdamente a alguns dos nossos conhecidos menos favoritos.

Mas manteve-se uma frieza durante vários dias, por isso fiquei agradavelmente surpreendida quando ele me beijou, um pouco embaraçado, antes de me entregar uma carta que lhe era endereçada com a letra da minha mãe. A carta não sobreviveu, mas lembro-me tão bem dela que isto é o mais próximo do texto original possível:

Querido Leslie,

Pelo telegrama da Joan (pobre criança, como deve ter estado preocupada! Só espero que tenhas sido gentil para ela!) sei que ela deve ter sentido o perigo para a Gillian. Escrevo-te para que possas usar o teu critério sobre se lhe deves contar tudo, ou se pensas ser mais prudente não lho recordar para o caso de a fazer preocupar. Sabes que tenho todo o cuidado com a Gillian — e o mesmo faz a Miss S. (Detesto a mulher, mas acho que é eficiente à sua maneira. Observo-a de perto e ela parece gentil com a criança.)

Mas os acidentes acontecem por muito cuidado que se tenha, especialmente com uma criança tão independente e inteligente como a Gillian. Tento avisá-la contra o perigo, mas confesso que nunca me ocorreu que ela pensasse em desaparafusar o suporte do papel higiénico. (No WC do Jack também, onde ela não deve ir — mas suponho que ela deixou para tarde demais e teve de usar o mais próximo, pobre criança!) Aquilo (já foram todos removidos dos outros WCs) estava fixado à parede com um parafuso, uma coisa terrível com uma rosca de três polegadas de comprimento e tão grossa como o meu dedo mindinho, com uma cabeça no topo (daquelas que levam uma chave de porcas).

Muitas vezes disse à criança para nunca pôr nada na boca, mas ela pôs, e conseguiu engoli-lo! Veio ter comigo e contou-me o que tinha feito — tão sensata — e eu dei-lhe imediatamente quantidades de bolo de ameixa rico. Isto, como a Joan deve ter-te contado, foi exatamente o que fiz quando o Westray (foi durante a guerra, por isso ele devia ter cerca de dez anos na altura) engoliu a roda da sua locomotiva de brincar.

Operaram-no (o estômago dele ficou realmente um espetáculo pavoroso depois, com cicatrizes como um pão de Páscoa cruzado) desnecessariamente, pois desde os raios-X a enfermeira no hospital nunca observara as suas dejecções e aquilo tinha encontrado o seu próprio caminho! (Disse à enfermeira que ela devia levar uma boa tareia!)

Mas eu acredito sempre em tomar todas as precauções, como sabes. O Jack e eu (a Miss S. insistiu oficiosamente em vir também) levámos a Gillian a Portsmouth e tirámos-lhe raios-X. O relatório era grave. O parafuso estava numa posição tão má, e era tão grande, que duvidavam que pudesse passar. Reservámos um quarto na casa de saúde (bastante boa, considerando que não é em Londres, e uma Matrona muito civil) e preparámos um cirurgião para estar pronto quando quiséssemos. O Dr. May diz que ele é realmente um bom homem e não valia a pena dizer ao Arthur Beddard para mandar vir um de Londres.

A culpa é do Jack de eu não ter telegrafado à Joan no momento em que aconteceu. Ele insistiu que ela não conseguiria chegar aqui antes da operação, ou a Gillian já teria passado por ela em segurança ou seria tarde demais quando a mãe chegasse. Mas o bolo de ameixa e as minhas orações foram suficientes e o parafuso passou por ela na manhã seguinte sem qualquer problema. Podes imaginar como ficámos todos agradecidos!

Espero que a Joan esteja bem. Sei como ela se preocupa. Cuida dela, e tenta mesmo fazê-la usar um chapéu. Temo sempre uma insolação.

O Jack envia amor a ambos e deseja que eu te diga que está a guardar o parafuso cuidadosamente fechado na secretária dele, pois vais querer vê-lo quando chegares a casa.

A tua afetuosa sogra, B. Marshall.

## CAPÍTULO CINCO

## A CHUVA CHEGOU

Embora seja difícil fazer uma primeira escolha entre os criados pelos quais estive grata e dedicada, penso que o Abdullah foi o mais perfeito. Conseguia falar um pouco de inglês e, com enorme boa vontade de ambos os lados e muita intuição, conseguíamos conversar livremente. Era altamente inteligente, belo de se ver e tinha grande dignidade. Às refeições, ficava ao lado da minha cadeira, pois embora não fosse necessário ele aparecer na sala de jantar, preferia servir-me ele próprio. Até lavava e engomava as minhas roupas, tão bem quanto qualquer camareira o poderia ter feito.

Talvez a primeira vez que me reconheceu como uma aliada, não só de si próprio mas do seu povo, foi quando um visitante veio almoçar três dias depois de eu chegar. Ele era, lamento dizê-lo, um oficial britânico sénior.

Era também um homem gordo, de rosto vermelho e olhos pálidos como os de um peixe. Começou a falar dos árabes como «*Wogs*»[1], usando cada frase depreciativa e desdenhosa que a sua língua, sem dúvida revestida de bílis, conseguia proferir. Fixei-o com os meus olhos, que são sempre tão escuros e por vezes tão penetrantes como os de qualquer árabe. Falei alto e claro para que o Abdullah ouvisse com certeza cada palavra.

«Discordo inteiramente, Coronel. Acho que Deus cometeu apenas um verdadeiro erro de gosto — quando fez os homens cor-de-rosa.»

A dieta dos escavadores (os criados da casa tinham basicamente a mesma comida que nós) era, pelos padrões europeus, assustadoramente inadequada. A maioria subsistia inteiramente de pão árabe elástico, cozido em pães achatados e sem fermento sobre pedras quentes; embora alguns dos ligeiramente menos atingidos pela pobreza variassem a sua dieta com um ovo ocasional ou uma cebola. A maioria fumava pelo menos cinquenta cigarros nativos por dia, que, tanto quanto me lembro, custavam três pences o cento.

**Notas**

1. *Wogs: Termo pejorativo e racista utilizado historicamente por britânicos para se referirem a pessoas do Médio Oriente, Norte de África ou Sul da Ásia.*

Eu queria organizar uma cozinha comunitária para eles, para que pelo menos pudessem começar e terminar o seu longo dia de trabalho com algo quente e nutritivo no estômago; mas tal foi proibido e, como eu era apenas uma convidada, não podia ir contra a política da Expedição. Ao lado dos aposentos dos criados havia uma pequena despensa onde se guardava equipamento mínimo de primeiros socorros para eles. A Mary, por longa experiência no Egipto e no Iraque, sabia que, num país onde mais de metade das crianças eram cegas, ou quase, devido a oftalmia — porque as suas mães consideravam ser a Vontade de Alá que as moscas se amontoassem nos seus olhos purulentos —, éramos tão impotentes para fazer qualquer diferença duradoura como seríamos se tivéssemos tentado deter o rio Eufrates com um feixe de palha.

Todas as noites ela distribuía óleo de rícino, que eles sugavam avidamente, e dava-lhes glicerina quando as mãos estavam tão secas que a carne se abrira em fendas e os impedia de segurar uma picareta. Mas eu, a «vassoura nova», era um tanto ambiciosa. A maioria dos homens que vinha

para tratamento tinha frúnculos monstruosos. Pensei que estes eram causados por má nutrição. Felizmente, não descobri senão muito depois de qualquer perigo de infeção ter passado que noventa por cento dos «Fervuncho de Bagdade» são de origem sifilítica.

Pelo menos eu podia fazer algo quanto a estes, pois embora nunca tenha sido capaz de me curar de desmaiar à vista de sangue, tenho um estômago razoavelmente forte para pus. O único instrumento cirúrgico que consegui encontrar — fazia parte do estojo contra picadelas de cobra — era uma lanceta; e com ela procedi à abertura dos frúnculos. Os meus pacientes, que devem ter ficado gratos pois vinham em números crescentes todas as noites, sofriam dores agonizantes, pois eu frequentemente libertava uma torrente espessa e verde que teria transbordado uma chávena de pequeno-almoço. Mas nenhum deles sequer estremeceu ou emitiu um som, embora três deles tenham caído redondos num desmaio profundo, o que causou grande diversão entre os seus companheiros de sofrimento.

A última vez que os tratei foi na noite anterior à grande tempestade de poeira. Eu tinha experienciado várias tempestades menores, e uma má, quando passei dez dias com o Ham, o Hal e o Leslie em Khafaje. Aquela escavação ficava a apenas cerca de uma milha da casa, mas o Ham e o Hal, que começaram a conduzir de volta para abrigo no momento em que ela começou, andaram às voltas durante uma hora antes de finalmente encontrarem o caminho de casa. Naquela mesma tarde, o Seton e três dos outros vinham a caminho de Bagdade para Tel Asmar e, embora no momento em que viram a nuvem de poeira no horizonte tenham conduzido depressa em direção a uma aldeia, não conseguiram chegar a tempo e tiveram de se encolher no carro durante três horas, respirando através de lenços embebidos em ginger-beer (cerveja de gengibre), da qual por acaso havia uma caixa de duas dúzias na bagageira, para evitarem ser sufocados.

Era cedo numa tarde no final de Fevereiro e eu estava a trabalhar no umbar com um sol brilhante a entrar pelas janelas, quando a grande tempestade de poeira começou. Em menos de cinco minutos estava escuro demais para ver o que eu estava a desenhar, por isso liguei as luzes, uma lâmpada de cem watts em cada extremidade da sala. Em mais cinco minutos as lâmpadas eram apenas um brilho pálido na escuridão, como o nimbus do topo de um candeeiro de rua antigo nos nevoeiros mais negros de Londres.

O Leslie veio buscar-me e fomos às apalpadelas de volta para o nosso quarto para garantir que os criados tinham fechado as janelas. Já tudo

estava coberto por uma película de poeira, e os nossos pés deixavam pegadas nítidas na camada que cobria os ladrilhos do chão. Cada janela da casa tinha caixilhos de aço bem ajustados que normalmente mantinham o ar interior relativamente limpo. Quando chegámos à sala de estar, o ruído do vento era tão alto que tínhamos de gritar uns com os outros.

Quatro horas depois jantámos, uma refeição desoladora e areosa de latas abertas na sala de jantar, pois qualquer coisa que não estivesse num recipiente selado teria sido intragável no momento em que fosse transportada pelo pátio da cozinha. As mulheres tinham o cabelo atado em lenços e pareciam caricaturas de fêmeas no meio das limpezas de primavera; e o rosto de todos estava baço e cor de ocre com as camadas de poeira que faziam alpendres nas sobrancelhas e tornavam os rostos em máscaras grotescas como as de palhaços. Pendurámos lençóis húmidos nas janelas, enfiámos tapetes enrolados debaixo das portas, mas ainda assim a poeira filtrava-se. À meia-noite os nossos olhos estavam vermelhos e doridos. Os temperamentos começavam a desgastar-se — exceto o da Joanne, que estava sempre no seu melhor na adversidade. Ninguém se sentia inclinado a ir para a cama, pois respirar já era um trabalho suficientemente árduo para tornar o sono impossível.

A Rachel mediu a temperatura e viu que estava acima de 101°F (38,3°C). Estava a perguntar-se se teria gripe ou algo mais drástico quando eu sugeri que, tal como a temperatura de um homem perfeitamente saudável sobe frequentemente para os 101°F ao fim de cinco sets de ténis real, era possível que o arquejar que estávamos a fazer estivesse a produzir um efeito semelhante. Por isso todos medimos as temperaturas — pelo menos era algo para fazer — e descobrimos que a minha teoria estava certa. Ninguém estava abaixo dos 100°F (37,8°C) e a maioria de nós estava acima dos 102°F (38,9°C), o que animou consideravelmente a Rachel.

«As tempestades de poeira nunca duram mais de seis horas, ou sete... Ou oito... ou nove», dizíamos uns aos outros enquanto a noite rastejava lentamente. Apenas o relógio, e o Abdullah trazendo chá, que ele conseguira fazer num Primus (todos os outros criados tendo há muito desistido), nos diziam que a aurora tinha oficialmente chegado. À medida que o dia, que ainda estava tão negro como a meia-noite mais escura, avançava, o vento aumentava em vez de abrandar.

O Seton, com uma abba de lã grossa sobre a cabeça, lutou para atravessar o pátio até uma janela do lado de onde soprava o vento e relatou

que uma duna com quase vinte pés de altura se formara além da muralha exterior.

Todos ficaram ainda mais deprimidos, pois uma tempestade tão severa como esta significava que milhares de toneladas de poeira teriam sido depositadas no fosso da escavação, desfazendo meses de escavação laboriosa. O trabalho da temporada teria de encerrar. Assim que as antikas fossem divididas entre a metade permitida à Universidade de Chicago e a outra reivindicada pelo Museu de Bagdade, dispersaríamos até ao próximo ano.

Eram notícias deprimentes, pois, exceto pelas últimas vinte e quatro horas, eu tinha estado a divertir-me imenso e sabia que, assim que terminasse, gostaria de recordar a tempestade de poeira. Não era monótona, como preocupações financeiras ou doenças, mas dramática; por isso enquadrava-se no lema: «As adversidades de hoje são as histórias engraçadas de amanhã», um slogan privado que muitas vezes achei reconfortante.

Eu sentia-me estranha. A minha temperatura estava agora acima dos 103°F (39,4°C). Mas o Leslie gritou-me ao ouvido que, como tínhamos prometido à Gillian chegar a casa a tempo do meu aniversário, podíamos passar as três ou quatro semanas extra no Egipto — por isso eu estava animada, mesmo quando o Hans decidiu que seria melhor recuarmos para a despensa, por não ter janelas. No início da temporada, ela estivera empilhada com caixas de conservas da Army & Navy Stores e da Fortnum & Mason, mas agora estava quase vazia.

O ar lá dentro, embora ainda tão espesso que só conseguíamos respirar através de panos húmidos que tinham de ser frequentemente torcidos em baldes de água, estava um pouco mais limpo. Podíamos pelo menos ver-nos uns aos outros, embora a visão não fosse muito atraente. Nenhum dos homens conseguira fazer a barba e as mulheres pareciam ainda mais delapidadas.

Eu estivera demasiado ocupada a ter pena do meu próprio desconforto para me preocupar com os escavadores. Mas à medida que os meus sentimentos de claustrofobia aumentavam, fiquei horrorizada com o pensamento deles deitados nos seus buracos de dormir, nada melhor do que sepulturas rasas, com apenas uma tira de esteira de palha para os proteger. Disseram-me, repetidamente, que os árabes estão habituados a tempestades

de poeira e que, como raça, nunca teriam sobrevivido se não fossem muito capazes de cuidar de si próprios em tempestades como esta, que era notável apenas por ter chegado tão cedo no ano.

«Oh, por que não chove!», disse eu miseravelmente. Ninguém respondeu. Porquê esperar pela chuva — especialmente porque praticamente não houvera nenhuma em quatro anos? Levantei-me cambaleante. «Vou fazer chover», declarei dramaticamente, e saí da despensa.

Felizmente, a porta da sala de estar ficava do lado protegido do pátio e por isso abri-a sem dificuldade. Mas assim que saí do abrigo da parede, o vento apanhou-me e enviou-me de cara para o chão. Por um momento pensei que ia ficar ali jazida, impotente, até ser sufocada até à morte. Depois a dor da poeira a escoriar a minha testa desprotegida (eu tinha uma toalha atada sobre o nariz e a boca) impeliu-me à ação, e rastejei de mãos e joelhos até chegar ao refúgio do meu quarto.

Não era muito refúgio, pois a poeira, que é mais fina do que pó de talco, fizera montes sobre tudo; mas pelo menos eu conseguia estar de pé sem ser derrubada pelo vento. Desdobrei um tapete e coloquei-o sobre a cama, na qual se acumulara quase um pé de poeira, e deitei-me. Depois comecei a rezar por chuva. Rezei até o suor correr em regatos pelo meu rosto. Exausta como estava, comecei a sentir-me exultante. Senti a virtude a entrar em mim. As minhas preces iam ser atendidas! Comecei a falar com a chuva como se fosse uma divindade separada. De repente ouvi a minha própria voz, que estivera inaudível devido ao rugido do vento. O vento estava a abrandar! Arranquei as roupas e fiquei nua, gritando para a chuva vir ter comigo. De repente, percebi que o único som que ouvia era o batimento do meu próprio coração. Não havia outro som.

Depois, no silêncio, ouvi um som musical insistente, uma melodia tocada numa só nota, como uma batida de tambor e, no entanto, metálica. Eram as primeiras gotas pesadas de chuva caindo no telhado de chapa ondulada. As notas separadas fundiram-se numa sinfonia de chuva, surgiram no canto triunfal de uma torrente. E dei por mim nua no pátio com água límpida e limpa a correr pelo meu corpo, respirando grandes haustos de ar fresco e húmido para os pulmões.

Depois lembrei-me dos outros: e também de vestir algumas roupas antes de os ir procurar. Choveu durante doze horas num círculo de quatro milhas em redor da casa. Não caiu chuva em mais lado nenhum no distrito e, durante a noite, mais de cem pessoas morreram sufocadas nas ruas de

Bagdade. Durante três dias ficámos isolados. A casa, e o antigo monte onde viviam os escavadores, eram ilhas no meio de um lago. O fosso da escavação estava cheio de água, o que causou muito mais danos do que a tempestade de poeira.

«Da próxima vez que fizeres chover, é melhor especificares quanto queres», disse o Leslie, mas disse-o com carinho. Por algumas horas os outros ficaram gratos e até um pouco maravilhados. Depois tornou-se apenas uma coincidência estranha; e resmungaram porque a água tinha danificado o seu brinquedo.

## CAPÍTULO SEIS

## A RAINHA E A COBRA

O tempo real varia de acordo com a intensidade da experiência de cada um e não pode ser medido por calendários e relógios. ...Ainda acho surpreendente que estive no Iraque menos de sete semanas e que a minha única e exclusiva visita ao Egipto foi por vinte e cinco dias. As datas no meu passaporte obsoleto são bastante claras: cheguei a Alexandria a caminho de Bagdade a 17 de Janeiro de 1935, regressei por via aérea a 5 de Março e zarpei de Alexandria para Itália a 30 do mesmo mês. Menciono estes detalhes triviais apenas porque frequentemente me disseram, e li em jornais estrangeiros, que sou uma arqueóloga profissional e que passei anos a escavar no Egipto.

Uma senhora amável, que veio da Holanda para me entrevistar, foi ainda mais imaginativa... Eu nascera num túmulo. Ela transformou o meu papá num epigrafista de renome mundial que estava tão absorvido numa inscrição que estava a decifrar que não prestou atenção aos gritos piedosos da minha mamã até ela me ter dado à luz.

Quando o recorte, juntamente com uma tradução, me foi enviado por um conhecido holandês, respondi, tentando ser engraçada — pois nunca me ocorreu que ela acreditasse numa palavra daquilo — no sentido de que estava um pouco magoada por a entrevistadora ter omitido a melhor parte

da história, que era que o querido Papá, inteiramente imperturbável, desenrolara uma múmia, me envolvera nas ligaduras e me pusera ao lado da minha estoica mamã no sarcófago vazio. Várias versões desta história perseguiram-me durante anos.

Após uma noite no Cairo, o Leslie e eu fomos de comboio para Tel-el-Amarna, onde o John e a Hilda Pendlebury nos convidaram para ficar três dias, embora os restantes membros da expedição da Egypt Exploration Society já tivessem ido para casa. Da estação mais próxima fomos de carro, barco e burro, chegando à casa de escavação ao pôr do sol. Estava construída em parte das ruínas do palácio para onde Nefertiti se retirara quando já não suportava ver a segurança do Egipto ser minada pela política idealista, mas irremediavelmente impraticável, do seu marido, Akhenaton.

Havia uma sala de estar, um umbar, agora quase vazio pois as antikas já tinham sido enviadas, e vários quartos pequenos que saíam do que outrora fora um salão de audiências mas era agora um pátio. As paredes originais, com três ou mais pés de espessura, ainda tinham cerca de seis pés de altura e, onde era necessário para a altura da cabeça, uma parede moderna fina fora adicionada para suportar o telhado de colmo de palmeira.

O quarto onde eu e o Leslie dormimos dizia-se ter sido o quarto de Nefertiti. Embora fosse certamente um dos aposentos privados da rainha, penso que não fora ela, mas uma das suas mulheres que, trinta e três séculos antes, dormira no estrado elevado que agora suportava a minha cama de campanha instável.

Ao jantar, o John falou tão vividamente de Amarna como ela fora sob a benéfica adoração de Aton que fui para a cama esperançosa de sonhos esplêndidos. Ouvi alegremente o ladrar distante de chacais, até que um correria e um sussurro começaram no colmo sobre a minha cabeça. Liguei uma lanterna e na sua luz fraca — pois a pilha estava quase gasta — vi um lagarto inchado e obscenamente rosado a espreitar para mim. O Leslie salientou que havia uma rede esticada debaixo do colmo que impediria qualquer coisa grande de cair em cima de mim, mas parecia muito insegura e eu permaneci convencida de que os sussurros eram causados por cobras, embora ele me assegurasse que eram apenas ratos.

Embora os americanos tendam a complicar as suas vidas e a restringir a sua mobilidade sendo demasiado minuciosos com a higiene, os ingleses conseguem ser igualmente cansativos quando pensam que é meritório

suportar desconfortos desnecessários. O Nilo corria junto à casa e havia muitos criados para carregar água, mas não havia banho, nem sequer um chuveiro.

Um banco de quatro pernas sobre um balde, com uma espátula e uma caixa de areia, fornecia o único saneamento. O banco tinha uma perna em falta, tornando-o um poleiro muito precário. Eu ia mencionar isto à Hilda quando o Leslie me avisou para não o fazer — o John tendo-lhe dito que a perna se partira no início da temporada e todos tinham estado demasiado ocupados para a mandar consertar.

Mas estes eram assuntos muito triviais comparados com a beleza extraordinária do lugar. No primeiro dia em que estive lá, o Leslie foi com o John e a Hilda subindo o vale que leva do centro do grande anfiteatro de falésias para ver o túmulo, vazio quando foi descoberto, de Akhenaton. Os Pendlebury iam acampar lá, mas o Leslie voltaria na mesma noite, por isso, como isso significaria caminhar cerca de catorze milhas, decidi passar o dia sozinha. Pensei que sozinha poderia ser capaz de descobrir por que razão, no momento em que vira o grande arco das falésias do barco enquanto descíamos o rio, elas pareciam tão familiares.

Mas porquê as falésias em vez de uma das ruínas? Vagueei, deixando que a quietude da cena me embebesse. Uma criança guiava um búfalo de água, seguida por um par de cabritos pretos e brancos, sob as palmeiras que cresciam numa faixa verde viva de cultivo junto ao Nilo. Porque é que ela também parecia familiar? Depois percebi que era apenas porque, com os seus grandes olhos cinzentos, o seu pescoço quase não naturalmente longo e esbelto, ela poderia ter sido Nefertiti em criança.

Por que é que o contorno das falésias contra o céu me assombrava? Foram precisos dois anos até eu ser capaz de saber a resposta; quando estava a trabalhar em Winged Pharaoh. Por acaso, a Joan viu as falésias do mesmo ponto de vista que a Sekeeta quando foi pelo rio para o Anfiteatro do Grão para liderar os seus carros na defesa do Egipto.

No dia seguinte, o Leslie levou-me a ver os túmulos dos Nobres, que estão cortados nas falésias a cerca de seis milhas da casa. Tendo-me sido dito que não teria necessidade de roupas de montada no Egipto, tinha enviado estas de volta por mar com o resto da nossa bagagem pesada. Montar um burro egípcio, que tem apenas uma manta por sela e nenhuns estribos, quando se veste uma saia curta e calções-combinação, é um

exercício que deve ser experienciado antes que os seus desconfortos possam ser totalmente compreendidos.

O meu burro era um garanhão com ideias acima da sua condição; sempre que via uma camela, galopava em direção a ela com gritos roucos e fazia o seu melhor para a montar. Contudo, acabámos por chegar aos túmulos. As pinturas murais eram interessantes e por vezes muito belas, mas, estranhamente, não achei nenhuma delas emocionalmente estimulante. Após ver cerca de uma dúzia, e subir de umas para as outras durante várias horas, o meu interesse começou a esmorecer. Havia ainda outro túmulo que o Leslie queria ver — cerca de três milhas mais adiante; por isso cavalguei atrás dele ao longo da base das falésias e decidi então ficar com os burros, que tínhamos amarrado na sombra esparsa de um *wadi*.

Estava muito calor e eu tinha uma forte dor de cabeça, que pensei ser provavelmente um toque de insolação, contra a qual fora tantas vezes avisada pela Mãe. Uma combinação de suor, areia e as palhaçadas do burro tinha-me provocado bolhas — e não apenas nas mãos. Estava tão envolta em autocomiseração que nunca me ocorreu que o Leslie pudesse estar em perigo. Se pensava nele, era com ressentimento por ele estar deliberadamente a entreter-se quando deveria ter percebido que eu ansiava por ir para casa. Estava com sede. Estava cansada. Estava a tentar encontrar energia para ir lembrar ao Leslie que ele era um marido com uma esposa negligenciada, além de ser um egiptólogo amador, quando o vi a descer a falésia apressadamente.

«Desculpa ter demorado tanto», disse ele abruptamente, e depois tateou à procura de um cigarro que acendeu com as mãos trémulas. Estava tão pálido que me senti instantaneamente culpada pela falta de preocupação conjugal.

«Querido! O que aconteceu?»

«Nada. Pelo menos... Não, nada.»

Eu sabia que ele estava a tentar esconder-me algo, por isso estava determinada a descobrir o que era. Finalmente, consegui arrancar-lhe a história. A entrada do túmulo era tão baixa que ele teve de entrar a rastejar. Esteve quase para não entrar de todo porque tinha deixado cair a lanterna e partido a lâmpada. Riscou um fósforo e viu que o túmulo não valia a pena ser visto. Estava inacabado, sem sequer os entalhes preliminares, e tinha apenas doze pés de profundidade e cerca de metade da largura. Estava a

virar-se para sair quando viu, negra contra a luz abrasadora da entrada, a capela aberta de uma naja. A cobra estava pendurada de cabeça para baixo a partir de uma saliência sobre a padieira e devia estar a dormir quando ele rastejou por baixo dela.

Agora estava acordada e zangada. Mesmo que ele tivesse um pau, haveria apenas uma hipótese remota de a matar antes de ela atacar, pois a luz no túmulo era ténue. Pressionado contra a parede do fundo, ele ficou perfeitamente imóvel durante mais de uma hora. Depois espirrou. A naja deslizou para o chão com um baque, sibilou para ele — e rastejou para a luz do sol.

Levantei-me cambaleante.

«Lamento imenso», disse eu, «mas vou vomitar.» E vomitei, de puro horror.

Para me tirar as cobras da cabeça — pois quando finalmente voltámos para casa os sussurros no colmo do quarto eram mais sinistros do que nunca —, ele deu-me um pedaço de pedra para psicometrizar. «É praticamente tudo o que consegui encontrar no *umbar*», disse ele, «mas foi polido nalguma altura e pode ter feito parte de uma estátua. É provavelmente apenas uma peça de teste de um operário, e nesse caso não haverá nada nela. Mas, de qualquer forma, tenta lá.»

Peguei nela na mão. «Está quente, com certeza.»

«Bem, então vou buscar o meu caderno.»

Enquanto pressionava a pedra contra a minha testa, ele disse: «Se vires a Nefertiti, certifica-te de notar se ela tinha uma catarata. É um ponto de discórdia entre os egiptólogos. Alguns pensam que o olho cego do busto dela no Museu de Berlim é apenas uma falha na pintura...»

«Isto faz parte do toucado de uma estátua sentada. Os pés estão juntos. A mão direita segura o braço de uma cadeira. A mão esquerda segura o lótus e algo mais atrás dele: pode ser o mangual ou o cajado.

Há uma cena de um estúdio de escultor, mas esta estátua é grande demais para alguma vez ter estado nele. A sala tem cerca de vinte pés de altura, iluminada por janelas em redor do topo. O rei está sentado num banco lateral. Dois portadores de leques estão a abaná-lo o tempo todo. A imagem está muito confusa, pois estou a receber os pensamentos na mente do escultor e ele está a recordar um molde de teste que fizera para esta estátua. Não estou a ver a cena, mas sim a memória dele sobre ela. Ele está

a tentar reconciliar a sua tradição artística com o retrato e com a polidez: até que ponto deve ele representar a malformação do rei? Se o convencionalizar, o rei ficará zangado com o pensamento de que precisa de ser convencionalizado.

O escultor está sob Alvará Real, partilhado com outros dois, dando-lhe a ele e a esses outros o direito de retratar o rei e a rainha. Isto tornou-o rico, porque quaisquer pessoas que queiram a sua semelhança nos seus túmulos devem vir ter com ele. Ser o Escultor do Rei é literalmente ser o homem a quem é permitido esculpir o rei ou a rainha.

A rainha entra no estúdio, a sua visita é informal. Veste um vestido plissado, aberto à frente, de musselina verde suave bordada a ouro. No pescoço tem um colar radiante, feito como os raios do sol; cada conta da fila inferior tem a forma de uma mão, tudo é de ouro. O toucado é feito de linho, sobre uma armação de ouro; uma orla de ouro também molda o rosto. O linho está engomado. Ela transporta um leque de penas de avestruz, de cor azul e verde. Usa sandálias e os seus dedos grandes dos pés são muito curvados para dentro — não deformados, mas os dela não são os pés direitos que se costuma ver em sandálias. Ela tem um olho cego, coberto por uma película. A sua pele é muito clara, como a de uma inglesa bronzeada pelo sol.

O rei caminha pelo estúdio e olha para peças de escultura inacabadas. Está ligeiramente irritado. Não tem ancas muito grandes. Não era um sensualista. Ela está a dizer-lhe para fazer algum exercício, porque ele parece doente. Ela quer incentivá-lo a ser um rei, mas ele está demasiado ocupado a ser um sacerdote. Ele não se importa de ser esculpido num carro, mas não quer ter de andar nele também. O escultor desejaria ter melhor material para trabalhar do que Akhenaton. Nefertiti desejaria ter um filho.»

Sentei-me, perturbada como costumava ficar quando terminava de ditar. «Oh, pobre, pobre mulher! Casada com aquele homem ridículo que não a ouvia mesmo quando as guarnições estavam a passar fome e os sacerdotes de Amon esperavam para cair sobre ele e estragar tudo o que ela o ensinara a construir!»

«Não há nada sobre isso aqui», disse o Leslie de forma algo severa, olhando atentamente para o que tinha escrito.

«Mas eu tenho razão. Sei que tenho razão! Por um minuto, mesmo no fim antes de parar de falar, soube exatamente o que ela estava a sentir... e isso deixou-me tão miserável que regressei apressadamente ao meu corpo.»

«Bem, sai dele outra vez», disse o Leslie de forma muito sensata. Tentei, mas nada aconteceu. E foi preciso passarem mais de dez anos até que soubesse, pelo menos para minha própria satisfação, que tinha visto claramente o coração de uma mulher que deveria ter sido o Rei, e não a Rainha, do Egipto.

Podem ter sido os morangos no comboio a caminho de Luxor que tornaram a minha quinzena ali mais um teste de resistência do que umas férias despreocupadas. Mesmo que os morangos — que, como me disseram repetidamente, só um idiota teria comido — não fossem os culpados, algo me deu uma forma virulenta de disenteria; por isso, episódios ansiosos de visitas turísticas alternavam com dias em que me contorcia miseravelmente no meu quarto.

Na primeira manhã, o Leslie passou pela Chicago House, a sede do Instituto Oriental no Médio Oriente, com mensagens para eles do Hans; e apresentaram-lhe o Hussein, um guia que trabalhava para eles, um árabe com um interesse muito real pela egiptologia. O Hussein prometeu cuidar de nós e fê-lo admiravelmente. Eu estava com ele um dia no templo de Medinet Habu quando vi dois autocarros cheios de turistas a vir em nossa direção. Estava prestes a dizer que seria melhor irmos para outro lugar para os evitar, quando ele disse: «Espere, *Memsahib*. Eles não estarão aqui mais do que cinco minutos. Eles não desejam ver, apenas gabar-se de que viram.»

De um ponto de observação no telhado, vi-os sair do autocarro, olhar por um par de minutos para as muralhas exteriores, marcar os seus guias para garantir que tinham estado ali e voltar a subir para os autocarros. Hussein apontou para o meu relógio e riu-se.

«Devem ter estado com pressa hoje, pois estiveram aqui apenas quatro minutos... sessenta segundos a mais para o Vale dos Reis.»

A honestidade obrigou-me a contar-lhe como, quando estava em Tel Asmar, dois americanos se ofereceram para me levar à Babilónia. Eu sabia que apenas veria um buraco no chão, que a viagem no camião deles seria quente, desconfortável e, devido à companhia, aborrecida; mas estava prestes a aceitar o convite quando o Hans me perguntou por que queria ir lá. «Gostaria de poder dizer que estive na Babilónia...» Mesmo enquanto o dizia, a razão soou pueril. Hans sorriu e deu-me uma palmadinha no ombro. «Se acha que a fará sentir melhor dizer que esteve na Babilónia, por que não o diz? Para quê dar-se ao trabalho de ir lá?» Ele curou-me, de uma vez por todas, do desejo de afirmar que estive em qualquer lugar. Já passei este

seu excelente conselho a um bom número de pessoas, mas raramente foi apreciado.

Lamentarei sempre que, quando estive no Egipto, não tivesse memória consciente de ter vivido lá antes, pois teria sido capaz de usar o meu tempo muito limitado para ver edifícios que pertenciam aos períodos sobre os quais viria mais tarde a escrever, especialmente os do último reinado da décima primeira e do primeiro reinado da décima segunda dinastias. * Mas não estava imune a uma resposta emocional e, em vez de ficar maravilhada com a preservação fantástica dos edifícios, sentia frequentemente ondas de melancolia, muito mais intensas do que se, após uma breve ausência, tivesse voltado a Seacourt e a tivesse encontrado sem telhado, com vândalos a andar de patins no campo de ténis.

Numa ocasião tive uma reação mais aguda. Num pequeno santuário que reconhecera como um dos raros lugares genuinamente sagrados, encontrei um grupo de turistas alemães sentados no altar a comer sanduíches. Senti uma raiva tão intensa pelo seu sacrilégio que, se tivesse um chicote, tê-lo-ia usado. Tal como foi, o Leslie apenas conseguiu arrastar-me dali antes de eu lhes perguntar se também fariam um piquenique numa catedral.

«Pelo amor de Deus, mentaliza-te que também és uma turista!», disse ele irritado. Pensei que ele me estava a tentar insultar e fiquei furiosa até perceber quão ridícula estava a ser.

A maior parte do tempo eu não tinha energia de reserva para fazer mais do que olhar para a superfície das coisas. Mas quando estávamos em Deir el-Bahari, o templo construído pela rainha-guerreira Hatshepsut em três grandes terraços nas falésias que escondiam o Vale dos Reis, «sintonizei» sem perceber que o estava a fazer. Estava encostada ao altar, apoiando o meu peso nas palmas das mãos, quando senti uma dor agonizante na nuca. Fiquei assustada, pois pensei que fosse uma dor física, um novo sintoma da enfermidade enfurecedora que me atormentava. O Leslie, que percebeu o que eu estava realmente a fazer, começou a rabiscar no seu caderno:

«Há uma dor tão terrível nisto, mas não consigo descobrir de quê: uma dor agonizante na nuca. Este é o lugar onde as pessoas sofriam dores além da resistência. Os torturados eram mantidos numa posição agachada, com as cabeças abaixo e entre os joelhos, por meio de uma barra que era colocada sob os joelhos e sobre a nuca. É uma magia negra para escravizar as almas das pessoas.»

Com um grande esforço, obriguei-me a largar o altar, afastei-me dele e sentei-me abruptamente na areia, sentindo-me enjoada e exausta. A dor desapareceu rapidamente, mas eu estava ainda suficientemente desligada do meu corpo para notar que, em vez de deserto e de alguns pedaços de cultivo mais perto do rio, estava a olhar para quatro grandes avenidas que ligavam Deir el-Bahari aos templos de Karnak. Descrevi-as em detalhe ao Leslie, que ficou interessado, mas avisou-me para não as mencionar quando fosse nessa tarde tomar chá à Chicago House.

Era uma festa muito formal, o chá servido de um bule de prata maciça por uma daquelas, para mim, aterradoras senhoras americanas com o cabelo branco rigidamente ondulado sob uma rede. Estava suficientemente tímida para trazer à baila o único assunto que estava determinada a evitar. «É tão emocionante o que se passa com as avenidas», disse eu com entusiasmo. «Suponho que foram plantadas pela Hatshepsut após o seu regresso de Punt — quando trouxe todas aquelas plantas e animais que estão esculpidos no seu outro templo em Karnak.»

Todos pararam de falar. Evitei cuidadosamente cruzar o olhar com o do Leslie. Pelo menos não tinha dito como tinha visto as malditas árvores! Então uma voz fria disse: «Que estranho que tenha ouvido falar das avenidas. Só as descobrimos esta temporada e ainda não estamos prontos para publicar. Já que está tão interessada, suponho que também saiba que as raízes das árvores estão extraordinariamente bem preservadas.» Entornei a minha chávena de chá no colo. Pareceu a forma mais rápida de mudar de assunto.

Eu queria ver o templo de Philae em Assuão desde que li a história de Pierre Loti sobre ele quando era criança, por isso decidimos ir para lá por duas noites antes de regressar ao Cairo. Fomos num daqueles pequenos aeroplanos instáveis usados então pela *Misr Airwork*. Eu detesto voar, embora me sinta sempre muito segura e feliz quando estou no ar. Foi um voo que tento não recordar. Antes de descolar, mas não antes de o Leslie ter dito ao piloto que éramos arqueólogos que esperavam que a sua rota nos levasse sobre o templo de Edfu, notei que o jovem que nos ia pilotar parecia extremamente doente.

Enquanto latas de gasolina eram despejadas no avião — éramos os únicos passageiros, embora supostamente devesse levar quatro —, ele admitiu que estava a começar outro ataque de malária. Tentei convencê-lo de que seria muito mais sensato ir direto para a cama em Luxor — estando, devo admitir, muito mais preocupada com a nossa segurança do que com a

saúde dele. Mas ele estava determinado a regressar a Assuão onde poderia ser cuidado durante o ataque pela sua esposa. O seu rosto estivera a brilhar de suor, mas agora começava a tremer.

«Não se preocupem», disse ele com brio através dos dentes a chocalhar, «levar-vos-ei lá de alguma forma. Conseguia aterrar esta lata velha a dormir e não vou desmaiar já... Só demora uma hora.» Ele arrastou-se para o pequeno aeroplano instável e fechou-se na cabina do piloto. O avião cambaleou pela pista e finalmente levantou voo. Talvez a altitude acrescida tenha deixado o piloto delirante, pois penso que ninguém em seu perfeito juízo nos teria mostrado Edfu como nós o vimos.

Vimo-lo de pernas para o ar e de lado, e falhámo-lo apenas por polegadas. Mergulhámos em pátios e saímos deles em voo picado sem que as asas caíssem. Roçámos a um pé dos pilones — pelo menos o Leslie disse-me que o fizemos. Ele estava a tirar fotografias. Eu estava a rezar com os olhos fechados. Quando finalmente aterrámos em Assuão, o piloto conseguiu apenas sair do avião, cambaleou alguns passos e desmaiou por completo.

## CAPÍTULO SETE

## CAPÍTULO DE ACIDENTES

Philae foi dececionante, pois estava quase totalmente submersa pelas águas da Barragem de Assuão, por isso, após duas noites ali, voámos para o Cairo e fomos para o Hotel Shepheard's. Tínhamos sido sérios durante tempo demais. Agora íamos ser alegres, dançar, ver espetáculos de cabaré e divertir-nos imenso. Mas quando tirei a roupa para tomar banho antes do jantar, descobri que o meu corpo me estava a pregar outra das suas partidas

azedas. O meu pescoço e ombros estavam cobertos de bolhas sinistras que pareciam poder ser o início de alguma doença de pele oriental.

O meu pai ensinara-me a desaprovar pessoas que eram tão egoístas a ponto de infligir os seus germes nos outros (ele esperava que um convidado permanecesse no quarto se tivesse uma constipação), por isso consultei relutantemente o médico do hotel para o caso de ser contagiosa. Ele foi compreensivo mas ficou perplexo, e pediu-me para ficar no quarto até que um especialista de pele me visse.

Terminei desanimadamente de desempacotar, pendurei o vestido Digby Morton que já tinha sido engomado para eu usar nesta noite de celebração, e petisquei o jantar enviado num tabuleiro. O especialista veio às dez horas dessa noite, um velho alemão amável com óculos de lentes grossas, que se parecia tanto com os professores mais simpáticos do Papá que confiei nele imediatamente. Observou o meu pescoço com o maior interesse. «Notável — e tão raro», continuava ele a murmurar encantado. Visões de meses num leprosário corriam pela minha imaginação enquanto esperava pelo veredicto.

«Esteve em Dendera?», perguntou ele.

**Notas**

* *Eyes of Horus* e *Lord of the Horizon*.

Disse que tinha estado, impaciente para que ele fosse direto ao assunto em vez de tentar deixar-me à vontade tagarelando sobre antiguidades.

«Em Dendera, há quantos dias?»

O meu coração afundou-se ainda mais. Haveria uma epidemia tão espetacular a grassar em Dendera que já era conversa comum no Cairo?

«Há quatro dias», admiti relutantemente.

«Eu bem sabia!», resplandeceu ele, o que me deixou ainda mais cautelosa, pois já vira aquele brilho nos olhos de um cientista ao identificar algum micróbio particularmente letal. «A minha pobre senhora, foi picada por uma pequena aranha — uma aranha tão rara que só se encontra em Dendera. Fiz dos aracnídeos o meu passatempo.»

«Porque é que não senti a picada?»

«Esse é um dos sintomas — uma pequena marca, tão pequena que não é notada, e depois, três ou quatro dias mais tarde, as bolhas! Que sorte ter vindo ter comigo, pois de outra forma estas pequenas picadas poderiam ter sido diagnosticadas como as pústulas da varíola. Daqui a um dia ou dois parecerão bastante horríveis, verá; mas numa semana estarão esquecidas. Nada com que se preocupar, cara senhora, absolutamente nada, asseguro-lhe.» Paguei os seus honorários e agradeci-lhe. À porta, o médico do hotel sussurrou-lhe algo ao ouvido e ele voltou-se para me dar as suas instruções de despedida.

«Não é nada, como eu disse, mas se pessoas ignorantes vissem o seu pescoço...»

«Compreendo perfeitamente», disse eu friamente. «Eu própria mal suporto olhar para ele, por isso pode assegurar ao gerente do hotel que não infligirei tão horrível visão aos seus hóspedes.»

Mal sabiam os outros habitantes o que eu passei para os poupar à ansiedade. Todo o dia e todos os dias usei o meu único fato de saia e casaco, com uma camisa de manga comprida e gravata. Olhavam para mim com bastante desconfiança, perguntando-se sem dúvida se eu era lésbica ou apenas louca... pois ninguém são usaria um colarinho apertado quando estavam mais de 100°F (38°C) à sombra. Jantávamos todas as noites no *grill-room* quase deserto e ouvíamos o som distante da música de dança vindo do restaurante.

O Leslie esperava que eu reagisse fortemente ao interior da Grande Pirâmide, mas embora ele tivesse subornado o guia para nos deixar sozinhos lá dentro por mais de uma hora, senti apenas admiração pela habilidade técnica, pelo intelecto brilhante dos homens que a construíram: para mim, não era de todo mágica. A Esfinge era apenas uma esfinge. Mas fui mais feliz em Sacará do que em qualquer outro lugar no Egipto.

Não lamentei nada deixar o Cairo, e zarpámos de Alexandria num navio americano apinhado de turistas a fazer um cruzeiro pelo Mediterrâneo. Tentaram animar o Leslie com apitos e chapéus de papel e, à medida que ele se retirava mais para a sua concha, faziam comentários sarcásticos sobre britânicos enfatuados. Passei a maior parte do tempo na minha cabina, até que ao largo da Sicília, apropriadamente entre Cila e Caribdis, encontrámos mar realmente agitado. A minha pior natureza floresceu como um loureiro quando, sentindo-nos cada vez mais robustos, passámos a caminhar a passo largo por uma audiência, supina e de olhar vidrado, nas cadeiras de convés.

Fomos os únicos passageiros a aparecer ao jantar, mas logo o mar ficou tão mais agitado que caí pesadamente sobre o meu cotovelo e decidi retirar-me para a cama. O Leslie, dizendo que voltaria em cinco minutos, foi buscar um sifão de água gaseificada. Adormeci e acordei sem o Leslie — e eram três horas da manhã. Enfiei-me nalgumas roupas, dizendo a mim mesma que ele provavelmente encontrara alguns personagens igualmente resistentes e estaria a jogar póquer. Ficando seriamente pisada no processo, procurei em todas as salas públicas e depois abri caminho pelos conveses, ficando encharcada até aos ossos e cada vez mais assustada. Ele devia ter sido levado por uma onda... eu era viúva há horas. Mesmo que fizesse o Capitão voltar o navio, nunca encontraríamos o meu pobre e querido marido.

Gemendo como a Ofélia, e ainda mais molhada, vi que havia uma luz acesa no bar. O barman ajudar-me-ia. Ele era inglês e o único amigo que tínhamos feito desde que subíramos a bordo. A sala estava vazia, exceto por copos partidos a rolar para trás e para a frente pelo chão oscilante. Ouvi uma voz, depois outra voz que eu conhecia muito melhor. O Leslie e o barman estavam sentados no chão atrás do bar, escorando-se com os pés contra caixas de Coca-Cola. Estavam ambos perfeitamente sóbrios e tinham estado pacificamente a discutir filosofia.

Um marido que não está nem afogado nem bêbedo, e por isso não tem sombra de desculpa para causar tormentos de ansiedade à sua esposa, é tolo se a saúda com a frase brusca: «Céus, estás com um aspeto engraçado!» Havia um espelho comprido na parede e nele vi uma fêmea fantástica, com o cabelo pendurado como algas sobre o rosto, o vestido que pretendia usar em Nápoles colado como uma mortalha húmida ao seu corpo a tremer — um vestido bonito, e agora arruinado pela água do mar. Perdi os últimos restos do meu autocontrole e dei-lhe uma bofetada. O barman piscou o olho e retirou-se taticamente.

O Leslie, branco de raiva exceto onde as marcas dos meus dedos começavam a avermelhar, disse gélidamente: «Numa tentativa tardia de te ensinar boas maneiras, não falarei contigo durante uma semana.»

E não falou. Em silêncio vimos Pompeia, exceto quando eu fazia comentários animados e respondia a eles própria, nunca uma forma satisfatória de conversa. Fomos a Pisa, onde no *Campo Santo* vi uma pintura mural que era tão horrorosa que, se estivéssemos em termos de nos falarmos, eu teria tentado descobrir por que razão me afetava. Mas não nos falávamos, por isso apenas quando, em 1939, estava a escrever *Life as*

*Carola*, a reconheci como aquela (ou outra quase exatamente semelhante) que me assustara quando criança no século dezasseis.

Estávamos a trocar informações básicas, mas ainda sem conversar abertamente, quando o navio chegou a Génova. Vi o Leslie a falar com um italiano que acabara de subir a bordo. Pensei que era um angariador a tentar vender-lhe algo, mas o Leslie disse-me que ele era um distinto antiquário que, ao ouvir que o Leslie era arqueólogo, se oferecera para o levar a ver algumas danças pompeianas, uma sobrevivência de um antigo culto religioso, que eram um segredo zelosamente guardado e nunca, claro, reveladas a turistas.

«Bem, ele parece um angariador», respondi. «Podes facilmente provar que estou errada; pois se for uma trafulhice ele não me deixará ir também.»

«Vou perguntar-lhe. Os bilhetes são caros, 2 libras cada, mas seria uma pena perder uma oportunidade tão única.»

O homem pareceu um pouco surpreendido quando ouviu que o Leslie desejava que eu me juntasse ao grupo, mas precisou de muito pouca persuasão. «Disse-lhe que não eras tão tacanha como algumas mulheres inglesas», disse o Leslie, agora muito mais genial do que fora durante dias. «Suponho que alguns dos trajes dos dançarinos sejam um pouco escassos — mas será Arte, com certeza.»

Eram cerca de onze da noite quando o antiquário nos veio buscar num carro muito delapidado. Conduzimos durante várias milhas, mas sempre em círculos. Eu tenho um sentido de orientação bem desenvolvido e muito cedo notei que era a mesma estátua que eu via repetidamente enquanto cruzávamos e recruzávamos uma rua íngreme e estreita que subia das docas. O Leslie, que ia sentado ao lado do condutor, estava demasiado ocupado a fazer comentários inteligentes no seu italiano limitado para notar por onde íamos. Mesmo que eu o tivesse avisado, ele provavelmente dir-me-ia que o homem tinha todo o direito de tentar evitar que fôssemos capazes de guiar os não iniciados à cena dos mistérios.

Três bandidos mal barbeados receberam-nos à porta de uma casa esquálida e empurraram-nos escada acima. Fomos lançados por uma porta; mas não havia anfiteatro, nem palco. Era um quarto apenas suficientemente grande para conter duas cadeiras e uma cama. Uma matrona vistosa, num roupão cor-de-rosa debruado com marabu sujo, trouxe um programa e perguntou, em francês, qual o item que preferíamos ver primeiro. O

programa era um maço de fotografias muito manuseadas, sem dúvida os protótipos daquelas vendidas em Port Said.

O Leslie corou intensamente e disse que houvera algum erro. «Esta senhora é minha esposa», insistiu. «Viemos ver dançarinos.»

«As minhas raparigas e rapazes podem fazer tudo o que desejarem ver: raparigas e raparigas; rapazes e rapazes; dois rapazes, uma rapariga...», gritou ela indignada, mais estridente do que uma feirante a defender a madurez dos seus tomates.

«Não queremos ver nada», disse o Leslie desesperado.

«No meu país as *femmes du monde* não inspecionam as palhaçadas das *femmes du demi-monde*», acrescentei eu, num francês de governanta e com uma pomposidade devastadora.

Enquanto tentávamos sair do quarto, a matrona soltou um guincho e os três bandidos postaram-se estoicamente no umbral. O maior e com pior aspeto rosnou num inglês passável: «Dez libras se virem — e isso inclui uma garrafa de Asti. Vinte libras se nos insultarem não vendo.» Depois bateu com a porta nas nossas caras.

«Terás de ir até ao fim com isto agora», disse o Leslie desesperado. «Raios, não te vai matar, e podes manter os olhos fechados. Não devias ter vindo.»

«Não fico!»

«Pelo amor de Deus, cala-te! Se fazes uma cena eles provavelmente dão-nos uma facada para o caso de irmos à polícia.»

A fúria deu-me poder, e fez-me sentir com pelo menos o dobro do meu tamanho normal e infinitamente mais forte. Escancarei a porta, derrubando a matrona que estava a ouvir pelo buraco da fechadura. Talvez os bandidos pensassem que eu tinha um revólver, pois recuaram pelo corredor estreito tão depressa que um deles caiu escada abaixo de cabeça. Ele estava a gemer enquanto saltávamos sobre o seu corpo prostrado, e espero sinceramente que, pelo menos, tenha partido uma perna. Para o caso de nos estarem a observar de uma janela, caminhámos moderadamente devagar até chegarmos à esquina da rua. Depois corremos, até vermos a estátua, e eu soube que estávamos a menos de cem jardas das docas.

Ficámos amigos um do outro outra vez. Quando da janela do nosso *wagon-lit* a caminho de Paris vimos a Villa Olivier, onde tínhamos passado

a lua-de-mel, decidimos ter outra, tal como poderíamos ter tido no Cairo. Mas o Destino guardara outro Trunfo contra nós. Chegámos na quinta-feira antes da Páscoa e chegámos ao Banco mesmo quando este fechava. Não abriria novamente senão após o fim de semana, e não tínhamos Cheques de Viagem, apenas uma Carta de Crédito. Cada um de nós imaginava que o outro ainda tinha algum dinheiro, mas entre os dois tínhamos apenas o equivalente a dez xelins.

«Que coisa absolutamente execrável», disse o Leslie, sentado na cama do pequeno hotel onde pretendíamos apenas dormir. «Nem sequer podemos comprar os nossos bilhetes para casa até os malditos bancos abrirem. Estamos isolados!»

«Não, não estamos», disse eu com presunção. «Fiquei sem dinheiro tantas vezes que escondi quatro notas de cinco libras no fundo falso do meu estojo de joias antes de sair de Inglaterra.»

«Eu encontrei essas enquanto estávamos no Cairo», disse o Leslie desoladamente.

Não passámos fome nem sequer apetite, pois o Patrão do pequeno hotel ficou encantado por sermos tão pouco criteriosos ao ponto de desejarmos ficar em regime de pensão completa. Um cozinheiro realmente mau é raro em França, mas o empregado ali sentir-se-ia em casa no mais deplorável restaurante de Inglaterra. Talvez eu esteja a ser injusta, e fosse o moço de limpeza que cozinhava, pois certamente mais ninguém comia na lúgubre sala de jantar, que não tinha licença para bebidas alcoólicas.

Paris, mesmo entre as guerras, oferecia poucos divertimentos por dez xelins. Olhávamos com saudade para as montras das lojas, percorríamos o Louvre e o Musée de Cluny; raramente nos afastando muito porque tínhamos de nos manter a uma distância que permitisse caminhar até à nossa próxima refeição horrível. No Domingo de Páscoa, carregando um pacote de sanduíches, apanhámos o Metro para o Bois e fizemos um piquenique debaixo de uma árvore que gotejava chuva.

Acrescentei à nossa miséria apanhando uma constipação terrível. Mesmo quando os bancos abriram as portas, e a nossa prisão, tive de ficar na cama durante três dias, comendo boiões de caviar que o Leslie me trazia como prémio de consolação.

Na primeira página do *Daily Mail* de Paris vi uma manchete: «Cientista Famoso resgata Madre Superiora de Convento em Chamas.» Era o Papá!

Agarrei o telefone e, por milagre, consegui uma linha limpa para Hayling. O convento ardera às três horas da manhã e o Papá ajudara a carregar a Reverenda Madre para segurança. Um homem morrera queimado. As crianças, todas com menos de sete anos, foram separadas por sexos e instaladas na sala de música e na sala de bilhar em Seacourt. A Mãe, segundo o Papá me contou, estivera no seu melhor, pondo todas as freiras na cama e dando-lhes sedativos fortes apesar dos seus protestos, e fornecendo pequeno-almoço para mais de cem, sem contar com os bombeiros.

Os comerciantes locais foram acordados antes do amanhecer para trazer ovos e bacon extra. «Não há nada com que te preocupares. A tua querida mãe está a divertir-se imenso. Enviarei a Gillian com a Miss S. para Croydon. A tua mãe está demasiado ocupada — Deus sabe quanto tempo ficarão todos aqui — e não vale a pena nenhum de nós apanhar a tua constipação.»

Já soubera pela Diana que as bonecas que eu encomendara, feitas a partir dos desenhos de Ragga e Muffin, tinham chegado à Beaufort Street (onde a Diana e o Stan tinham estado a viver enquanto estivemos fora) e seriam levadas para Croydon para que a Gillian pensasse que tinham voado realmente para casa comigo. Quando o aeroplano inclinou antes de aterrar, vi-a a acenar freneticamente do telhado do edifício da Alfândega. Estava tão loucamente feliz por estar de volta com ela que tive medo de rebentar em lágrimas.

Mas depois de nos abraçarmos, fui capaz de dizer, numa voz perfeitamente comum: «Oh, que aborrecimento, aquelas crianças malcomportadas perderam-se outra vez! Ragga! Muffin! Onde estão?» Ela encontrou-os sentados atrás de uma pilha de malas.

«Oh Mamã, eles são reais!»

Abençoado seja o seu coração, ela nunca me disse senão anos mais tarde que ficara secretamente dececionada ao descobrir que o Ragga e o Muffin não eram pessoas, como tinham sido nas minhas histórias, mas apenas bonecos.

## PARTE CINCO

## CAPÍTULO UM

## HIGHLANDS (TERRAS ALTAS)

Em Setembro, o Leslie voltou para o Iraque para a sua segunda temporada em Tel Asmar, e a Gillian e eu mudámo-nos para uma casinha de pátio (*mews*) por seis meses enquanto a Beaufort Street era alugada a um ator de cinema americano.

Foi um inverno longo e frio e, depois de a Gillian se ter ido deitar, as noites eram solitárias, pois o meu orçamento era demasiado apertado para permitir muita hospitalidade. Eu já tinha percebido as limitações da psicometria e, por isso, decidi tentar desenvolver a faculdade, que fora muito mais vívida quando eu era criança, de recordar personalidades anteriores.

Concentrava-me numa cena, como aquela com a rapariga francesa que é mencionada na Parte Um (Episódio 5), e depois tentava estendê-la além do âmbito que recordara anteriormente. Por exemplo, eu sabia que ela montava um cavalo preto em direção a um arco no fim de uma alameda de tílias. O que havia para lá do arco? Se uma imagem nítida me vinha à mente, concentrava-me nela, notando detalhes — quanto mais triviais, melhor.

É um pátio de estrebaria. Quantas portas? O que é aquela coisa no canto — uma bomba? Não, é um guindaste para içar sacos para o sótão. À esquerda do pátio, a segunda cocheira tem uma dobradiça pendurada, solta. Há um tufo de ervas daninhas ao lado do maior dos bebedouros de pedra. De que tipo são — dentes-de-leão? Não, unhas-de-cavalo (*coltsfoot*). Tentava então alterar o que estava a ver. Se fosse subjetivo, eu poderia mudar o número das portas, consertar a dobradiça, transformar a mancha amarela de unhas-de-cavalo num roseiral ou removê-la por completo. Poderia então descartar a sequência como imaginação. Mas se fosse objetivo, eu não conseguia alterá-lo por um esforço de vontade; pois não era mais suscetível de mudança do que qualquer pátio de estrebaria tridimensional o teria sido.

Se o conteúdo emocional da cena fosse pequeno, eu conseguia ver tudo como uma observadora desapaixonada, mas à medida que as emoções da outra personalidade ficavam mais intimamente envolvidas, a impressão visual tornava-se relativamente subordinada e os outros sentidos — sentir, ouvir e, curiosamente, cheirar — tornavam-se dominantes. Eu poderia ver a rapariga várias vezes no pátio da estrebaria, mas cada ocasião parecer-me-ia diferente de acordo com o estado de espírito em que ela a via.

Se ela estivesse preocupada com a falta de dinheiro numa manhã específica, a dobradiça partida, as ervas daninhas, seriam as principais

coisas que ela, e portanto eu, notaríamos. Se ela estivesse eufórica, o arrulhar dos pombos no telhado, o cheiro da palha, do cavalo e do couro, o seu próprio sentimento de bem-estar físico ao montar a sela, ocupariam a sua atenção.

Este é apenas um esboço muito breve do que foi, de facto, um processo árduo que prossegui porque a minha mente, treinada pelo Papá para esperar provas científicas, exigia evidências que a fizessem aceitar mais facilmente a minha intuição.

Os resultados foram encorajadores, mas inconclusivos. Mantendo-me entre o sono e a vigília, suficientemente dissociada para focar nove décimos da minha atenção naquilo que estava a contactar num nível mais subtil, mas mantendo o décimo restante alerta para rabiscar notas detalhadas a cada poucos minutos — o que era mais difícil do que ditar um comentário corrido —, tive experiências para além do alcance normal.

Mas seria a rapariga francesa uma memória de mim própria numa existência anterior, ou poderia eu, em criança, ter-me «sintonizado» com ela através da psicometria sem perceber o que estava a fazer? Havia quatro peças de mobiliário francês em Seacourt, que eu valorizava por me terem sido deixadas pela Jennie. Lembrava-me de seguir o contorno das folhas de marchetaria com o dedo porque apreciava a suavidade da madeira polida. Tinham sido oferecidas à Jennie pela ex-Imperatriz Eugénia e tinham vindo das Tulherias. Mas pertenciam ao século dezoito, não ao dezanove, por isso poderiam ter estado no *château* das persianas verdes.

Esta teoria tornou-se insustentável porque, embora tivesse recordado bastante sobre um grego e um índio americano, não houvera sequer um fragmento de cerâmica grega, nem nada remotamente ligado a índios americanos, na casa.

Quando fiz doze anos, sucessivas repulsas tinham-me ensinado que afirmar ter memórias de vidas anteriores era a forma mais rápida de perder amigos e de não conseguir influenciar as pessoas. Por isso, agora tinha de manter o que estava a tentar fazer em segredo, mesmo da Daisy e do Leslie, a menos que — e parecia uma possibilidade muito remota — eu conseguisse treinar-me para recordar à vontade não apenas alguns incidentes dramáticos, mas uma vida completa.

Não tendo mais nada que fazer, trabalhei demais e tive dores de cabeça agudas. Raramente as sofrera antes, e estas eram particularmente cansativas pois eu sabia que não tinham origem física, embora parecesse

que o topo do meu crânio estivesse profundamente pisado e a tornar-se tão fino como a fontanela de um bebé. No entanto, a dor cedia à aspirina, se tomada em quantidade; mas perdi mais de seis quilos de peso e, em vez de dormir bem, tinha sorte se conseguisse duas a três horas por noite.

O Leslie devia regressar no início de Março, mas ficou fora mais seis semanas para ir numa expedição de caça com o Seton. Eu estivera a contar os dias para o seu regresso, mas consolei-me com o pensamento de que ele nos encontraria confortavelmente reinstaladas na Beaufort Street e, devido às minhas economias pouco agradáveis, razoavelmente solventes. Nisto tinha sido otimista demais, como soube quando encontrei o homem do Harrods que estivera a verificar o inventário.

«Receio que vá ter um choque, tal como eu tive, minha senhora», disse ele, «quando vir o estado em que o seu inquilino deixou a casa. No entanto, o representante dele concordou com 600 libras de compensação; pouco, temo eu, quando vir os danos no seu mobiliário antigo.»

Mas o ator de cinema fugiu de volta para Hollywood sem pagar um cêntimo. Tive até de arranjar 280 libras para as suas chamadas telefónicas transatlânticas antes que o Diretor dos Telefones me restabelecesse a ligação.

Eram notícias sombrias para o regresso do Leslie, especialmente porque ele acabara de saber que a escavação ia fechar, pelo que estava sem emprego. A única coisa a fazer era redecorar a casa, alugá-la novamente e ir para Muckerach onde, durante dez meses do ano, poderíamos viver sem pagar renda. A Gillian gostaria de viver no campo, mas a Escócia era longe de Hurtwood, e eu estava preocupada com a saúde da Daisy, embora ela insistisse que a operação a que se submetera durante o inverno fora apenas para a remoção de um quisto não maligno.

Eu esperava que o Leslie ficasse aborrecido sem os seus amigos, clubes e ténis, mas a Nina Seafield e o seu marido, Derek Studley-Herbert, estavam em Castle Grant e vimo-los muito. Quando voltaram para a outra casa dela, Cullen House, fomos lá ficar frequentemente. Tive a sorte de encontrar uma amiga próxima na nossa vizinha mais próxima, Gwen Graham, uma viúva que em muitos aspetos me lembrava a Daisy. Ela tinha construído uma casa moderna encantadora na orla da charneca acima de Muckerach, que dominava uma vista magnífica dos Cairngorms. Ela estava agora a fazer um jardim, o que me encorajou a fazer o mesmo. Tenho sempre um impulso de criar raízes, tanto reais como figurativas, mesmo quando a experiência avisa que dói sempre arrancá-las de novo.

O Leslie, que nunca mostrara qualquer interesse por jardinagem antes, ajudou-me entusiasticamente. Cobrimos de relva os horríveis canteiros de flores que pareciam ter sido feitos com um corta-massa. Com pedras de algumas das pocilgas, fizemos muros de pedra posta para socalcar a encosta para duas longas bordaduras herbáceas.

A Nina, que já tinha dito ao Gabinete da Propriedade Seafield para mandar redecorar a casa, deu-me quantidades de plantas, incluindo cerca de cinquenta tufos de papoilas azuis que, por mais difíceis que fossem de cultivar no sul, mesmo em Hurtwood, cresciam luxuriantes entre o ruibarbo em Castle Grant. Plantei a bordadura estreita que rodeia a casa com ervilhas-de-cheiro que cobriam as paredes de pedra sombrias até aos beirais. Construímos uma represa, com dez pés de altura e trinta pés de comprimento, atravessando um riacho no bosque de bétulas, criando um lago sombrio que alimentava uma série de cascatas decorativas entre margens musgosas que, no outono, seriam plantadas com bolbos e prímulas.

No dia seguinte ao da conclusão da represa, para a qual tivemos de pedir ajuda profissional pois ela persistia em ter fugas, eu estava ali sentada sentindo-me extraordinariamente contente quando ouvi um pequeno som e olhei para cima para ver um par de corços com um filhote parados ao meu lado. Nunca vira corços no nosso lado do Spey, mas eles adotaram-nos e ficaram perto da casa durante o resto do verão. A Gillian queria uma cabra de estimação, por isso encontrei um cabrito com três dias para ela, que ela criou a biberão e chamou de Rosemary. Era tão fácil de treinar para estar em casa como um cão, dormia numa manta cor-de-rosa ao lado da cama da sua dona — e teria dormido em cima dela se a Gin, a sua *bull-terrier*, não tivesse rosnado do seu lugar debaixo do edredão.

A Rosemary era uma cabra selvagem das Terras Altas, preta exceto por uma mancha fulva em cada lado do rosto, e a seu tempo cresceram-lhe cornos com os quais me dava cabeçadas se eu lhe dissesse que estava a crescer demais para se sentar confortavelmente no meu colo. Dava cabeçadas muito mais fortes nos visitantes, e por vezes fazia os visitantes recuarem à pressa pela alameda, mas ela estava tão claramente sob a proteção de Pan que eu nunca consegui ficar realmente zangada com ela, mesmo quando ela mordiscava todos os meus melhores delfínios.

A Gillian e eu íamos fazer «passeios de exploração» nos quais por vezes seguíamos um riacho até à sua nascente, um riacho que poderia ser o Amazonas repleto de jacarés, ou correr pelas terras de caça de uma tribo

hostil de índios americanos; o que tornava necessário avançarmos com cautela de mãos e joelhos. Se fôssemos pioneiros, o terreno baixo da charneca tornava-se uma pradaria sem trilhos com o amável pónei de caça como a nossa carroça coberta.

Atravessar ravinas dos Himalaias, por meio de um pinheiro caído sobre o rio Dulnain, tornou-se menos popular depois de termos caído ambas lá dentro. Ela tornou-se uma ávida *gillie* (ajudante de pesca) e, quando eu estava a pescar, costumava agachar-se ao meu lado na margem, alerta para tirar uma truta do anzol e matá-la para mim. Raramente pescava mais do que o suficiente para o seu jantar, mas as trutas tão pequenas que deveriam ter sido devolvidas à água eram a sua iguaria favorita e conhecidas como as «sardinhas especiais da Mamã».

Ela tinha muitos companheiros da sua idade, pois além dos dois filhos do Frazer, o jardineiro, havia as crianças dos caseiros para quem eu transformei a cozinha de trás numa sala de jogos onde podiam cozinhar e comer as trutas que pescavam em vez de as descartarem como costumavam fazer. Os pais deles tendiam a acreditar que peixe que não viesse de uma lata não era próprio para comer e deveria ser classificado como alimária.

Este embargo estendia-se a coelhos, lebres e até a compota caseira. Por isso eu fornecia fruta, da qual havia muito mais do que poderíamos comer, e o açúcar necessário. Havia catorze cozinheiros amadores, dos quais o mais velho tinha doze anos, e fizeram mais de cem libras de conservas. A espingarda do Leslie fornecia material para um grande número de estufados e empadões: a Rosemary e a Gin tratavam das falhas.

Quando souberam que o A.D. tinha alugado a casa a inquilinos para a época de caça, pensaram que estávamos a ser expulsos e ofereceram-se para organizar uma greve de batedores. «Os estrangeiros irão logo embora de volta para Inglaterra se tiverem de perseguir as suas próprias aves pela charneca», disse um deles esperançosamente. E outro sugeriu que, mesmo que os pais os obrigassem a ir para o monte, não seria difícil irritar os invasores afastando as aves dos postos de tiro (*butts*). Por isso, apressei-me a assegurar-lhes que teríamos de ir para o sul mesmo que o lugar ficasse vazio, e que estaríamos todos de volta antes do fim de Setembro.

## CAPÍTULO DOIS

## O ESCARAVELHO

O Leslie foi caçar para Cullen durante três semanas enquanto eu levei a Gillian e a Gin para Hayling, e depois fomos todos para Hurtwood. Na noite em que lá chegámos, a Daisy, assim que fiquei sozinha com ela, contou-me que tinha tido uma segunda operação quinze dias depois de eu ter ido para a Escócia. Não me tinha contado na altura porque sabia que eu correria para sul para estar com ela e considerava que eu devia ficar com a Gillian e o Leslie. Só me estava a contar agora porque eu em breve ouviria certamente falar disso através da Elfie...

«Em caso algum lhe deves deixar saber que era cancro», disse ela com firmeza. «A palavra aterroriza-a e ela já se preocupa comigo muito mais do que o necessário. Se ela te perguntar o que achas que eu tinha, deves tranquilizá-la e, se necessário, dizer uma mentira descarada. Esta é uma das ocasiões em que mentir é ético.»

«Claro que sim. Farei qualquer coisa...»

«Então não te preocupes comigo. A coisa mais cansativa nesta doença execrável é que assusta tanto os amigos. Sente-se que os pobres coitados fervilham com as perguntas que não se atrevem a fazer porque não querem ouvir as respostas. É um grande conforto poder ser honesta contigo.»

«O que é que te fizeram exatamente?»

«Já que insistes em detalhes, o cirurgião tirou-me o seio direito.» Ela sorriu. «Nunca tive muito peito, por isso um pouco de enchimento impede-me de parecer torta. Ele está confiante de que fez um trabalho minucioso desta vez, por isso não haverá reincidência. Agora vamos ver o Jardim dos Leques, e não voltaremos a mencionar a minha operação maçadora.»

Embora ela já não pudesse caminhar depressa e para longe, o seu passo mais lento não era laborioso como o de uma inválida, mas como se ela não tivesse necessidade de pressa agora que o seu jardim tinha atingido a maturidade. Em vez de plantarmos, podarmos e mondarmos juntas como

costumávamos fazer, sentávamo-nos a conversar ao sol junto ao lago dos lírios, ou no abrigo de um dos pavilhões que, com os seus pilares de pedra e telhados de telha mourisca cobertos de musgo, os seus jarros de cerâmica e azulejos, faziam partes de Hurtwood parecerem mais portuguesas do que inglesas. Pois havia um jardim português que a Daisy também acalentava, o Palácio de Monserrate em Cintra, que pertencera à família da sua mãe.

Nunca a ouvi queixar-se, mas eu sabia que por vezes ela achava a inatividade quase insuportável. Poderia subitamente lembrar-se de ter semeado alguma nova prímula híbrida no jardim do pântano ao fundo do mais íngreme dos trilhos. «Devem estar em flor agora, Joan. Temos de decidir se devem ser deixadas para se disseminarem ou se devem ser transplantadas para mais perto dos bordos japoneses.» Ela levantava-se decidida da cadeira e depois sentava-se novamente, dizendo com pesar: «Talvez esteja perto demais do almoço para ir tão longe. Fico ofegante se me apresso na subida e isso preocupa a Elfie.»

Nos dias de chuva, em vez de trabalhar sob a precipitação, com as mãos fortes na terra rica e húmida, enquanto a água escorria da aba do seu chapéu de jardinagem, ela estava confinata ao interior. A Elfie não considerava conversa, ou livros, ou mesmo catálogos de plantas entretenimento suficiente e por isso insistia em jogos de cartas e puzzles.

Tínhamos terminado penosamente um puzzle de quinhentas peças em dois dias quando o Leslie sugeriu que eu fizesse alguma psicometria.

«Sim, faz, querida», disse a Elfie encorajadoramente. «Alguns dos móveis portugueses antigos poderiam ser interessantes.»

«Tens alguma coisa egípcia?», perguntou o Leslie.

«Acho que não», começou a Daisy. Mas a Elfie interrompeu.

«Há algumas coisas egípcias no sótão. Encontrei-as na semana passada quando andava a ver baús velhos para uma venda de caridade. Havia duas gualdrapas de sela e alguns tapetes roídos pelas traças, e um molho de escaravelhos que pertenceram ao Bunny.»

«Não me lembro do Bunny ter nenhuns escaravelhos», disse a Daisy duvidosamente.

«Pois, mas tinha. Estão numa pequena caixa de cartão com uma etiqueta escrita pelo Papá. "Dados ao Bunny no Egipto pelo meu *shikari* (caçador) 1892".»

«Mas o que é que nós estávamos a fazer no Egipto em 92? Tens a certeza de que não estás a confundir com a altura em que subimos o Nilo numa *dahabeya* e tu insististe em ir ver Karnak à luz do luar e tiveste uma crise de nervos?»

A Elfie deu uma risadinha. «Como me lembro bem disso! Pensei que o fantasma de algum velho sacerdote malvado me tinha agarrado. Tentei correr mas não conseguia mover-me. Valha-me Deus, como eu gritei!»

«Foi um fantasma?», incitei-a eu, para proveito do Leslie, pois conhecia a história.

«Foram os atacadores do meu espartilho! Tinham-se desapertado e devem ter ficado a arrastar atrás de mim até se emaranharem em qualquer coisa. Lutei freneticamente e o espartilho ficava cada vez mais apertado até quase me cortar ao meio. Mas isso foi anos depois de o Bunny ter recebido os escaravelhos. Em 92 passámos um mês no Egipto no caminho para casa vindos da Índia porque o Papá decidiu subitamente que desejava caçar codornizes. Milhares das pobres criaturinhas ele matou. Tive tanta pena delas, e senti-me tão culpada quando as comi; mas eram tão deliciosas.»

«Estranho eu não me lembrar disso», disse a Daisy.

«Porque estavas com papeira num hotel no Cairo. Suponho que era o Shepheard's, se o Shepheard's já existia então. O Bunny e eu fomos com o Papá para o caso de a apanharmos.»

«Ah, lembro-me da papeira. Mas pensava que a papeira tinha sido em Simla.»

«Varicela foi em Simla. Que pânico houve também, pois pensaram ao princípio que era varíola.»

«Porque é que o *shikari* deu os escaravelhos ao Bunny? Ele não devia estar muito interessado em *antikas* quando tinha seis anos.»

«Ele adorava os seus escaravelhos — não te lembras? Foi realmente porque ele adorava o *shikari*, claro. Ele era um querido velhote e implorou ao Papá para o deixar vir para Inglaterra connosco porque queria ficar com "o pequeno Faraó". Chamava sempre ao Bunny "o pequeno Faraó" e submetia-se a ele em tudo.»

A Elfie correu lá acima para buscar os escaravelhos e eu perguntei-me se a Daisy estaria à espera que eu obtivesse cenas da infância do Bunny através deles, ou se a angustiaria se eu o fizesse. Eu nunca tinha percebido

bem o quanto ela sentia a falta dele até ao Dia do Armistício anterior... Estava sozinha com ela na casinha delas com vista para o Chelsea Embankment quando os morteiros soaram para os Dois Minutos de Silêncio. Ela olhou fixamente pela janela e vi lágrimas a correr-lhe pela face enquanto sussurrava: «Oh, Bunny, quanto tempo mais terei de estar sem ti?» Foi a única vez que a vi chorar.

Havia cinco escaravelhos, e o Leslie colocou-os em fila numa mesa de jogo ao meu lado. Dois eram brancos, um verde, um castanho escuro e o quinto era azul turquesa.

«Qual queres fazer primeiro?», perguntou-me ele enquanto afiava um lápis.

«O azul por último», disse eu instintivamente. «Não me importo com os outros.»

Os dois escaravelhos brancos eram autênticos mas sem interesse. Eram provavelmente novos quando foram incluídos nas ligaduras da múmia.

O verde tinha sido carregado como um amuleto por um sacerdote eficiente no reinado de Tutmés I, para evitar que um rapazinho tivesse pesadelos, ou melhor, para evitar que recordasse os seus sonhos com clareza excessiva; o que apareceria como pesadelos à mente de uma criança.

«Funcionou também», disse eu ao colocá-lo de volta na mesa. «Infelizmente foi especificamente feito para que a virtude durasse apenas seis anos, para não interferir com o desenvolvimento da memória onírica do rapaz quando ele tivesse idade para o fazer. Pena, senão poderia ter dado jeito para a Gillian se ela começar a ficar assustada como eu costumava ficar.»

«Quão menos monótono seria ir à igreja se os clérigos acreditassem em magia», disse a Elfie com sentimento.

O escaravelho castanho mostrava que «templos onde os sacerdotes não passam de homens sem virtude, usando vestes sacerdotais», também existiam no reinado de Ramsés II. Tinha sido comprado por «cinco cabras em leite» e supostamente servia de proteção contra uma praga de moscas. As moscas eram um pouco maiores do que abelhas e tinham duas bandas brancas no tórax... «moscas que, embora não piquem nem mordam, são tão numerosas que cobrem um homem a dormir como um manto negro e o

sufocam até à morte. E se ele abre a boca para falar ou comer, elas rastejam para dentro da boca dele e engasgam-no.»

«Tenta tirar mais alguma coisa desse», disse o Leslie. «Podes estar a ver uma das sete pragas do Egipto. É provável que Ramsés II fosse o Faraó do Êxodo.»

Encostei novamente o escaravelho castanho à testa, mas tudo o que consegui obter foi um sentimento de fúria por ter sido tão crédula ao ponto de me ter desfeito de cinco das minhas melhores cabras por um escaravelho que era apenas um escaravelho, de menos utilidade do que um escaravelho-escavador contra uma praga enviada por um mago estrangeiro.

«Lamento», disse eu, «não consigo obter mais nada. O homem só o guardou por dois dias e depois atirou-o para o estrume, com nojo.»

«Queres fazer o último? Não continues por muito tempo para não ficares com dor de cabeça», disse a Daisy. Assegurei-lhe que ainda tinha muita energia, por isso ela colocou-me na mão o escaravelho azul turquesa.

No momento em que tocou a minha testa, soube que estava quente e vivo. «Este é muito mais antigo do que qualquer um dos outros. Foi retirado da múmia de uma sacerdotisa... Leslie, lembras-te do túmulo subterrâneo onde fomos em Sacará, aquele com três pedras de fecho na passagem de entrada para a câmara interna em forma de Arca de Noé? Não era um túmulo. Era um lugar para onde os "lembradores", sacerdotes de Anúbis, eram levados para a sua iniciação. O lugar que estou a ver não é aquele onde fomos, mas é muito parecido.»

Interrompi por um momento pois estava a tremer de frio, embora a sala estivesse quente, por isso a Elfie cobriu-me com uma manta.

«Este não veio de uma múmia. Pensei que ela fosse uma múmia porque está vestida como se estivesse pronta para o sepultamento, pois isso simboliza que o seu espírito está tão livre para viajar em busca de sabedoria como se o seu corpo terrestre já o tivesse libertado...»

Durante mais de uma hora descrevi o que estava a ver; como uma rapariga chamada Sekeeta fora levada do templo de Atet para se submeter à prova da iniciação, durante a qual deveria deixar o seu corpo por quatro dias e quatro noites, regressando ao fim do quarto dia para ditar a um escriba o que tinha experienciado.

Depois, o grau de identificação aprofundou-se. «Embora esteja viva, devo ser como os mortos; já não pode o meu corpo ser para mim um

refúgio amigo para o qual posso fugir quando os poderes das trevas são demasiado fortes; nem posso regressar ao meu corpo para o proteger quando os malignos o quiserem transformar numa prisão de dor. Como serei eu como uma luz de farol entre o povo quando o meu coração bate como se quisesse saltar da gaiola das minhas costelas? Voltarei a ver o sol? Irá o meu corpo voltar a obedecer à minha vontade suave e agradavelmente?

Serei como Hekhet, que falhou mas não morreu, e se senta no pátio com olhos cegos e lábios húmidos e descaídos, presa num corpo que apenas as moscas suportam tocar? Breve, breve, colocarão a máscara sobre o meu rosto. As minhas pálpebras não devem estremecer. Se o meu corpo não estiver submetido à minha vontade, como poderá algum dos que me veem acreditar na minha fala, mesmo que seja o espelho dos deuses? Consigo sentir o barco a inclinar-se. Deixou a água. Estão a baixá-lo pelo poço. Está muito frio na passagem.

Consigo sentir a escuridão através das minhas pálpebras fechadas. Sinto a máscara no meu rosto. Em breve ouvirei as pedras de fecho cair. Agora — todos se foram. Uma a uma, elas caem. É como se eu estivesse a viver dentro de um grande gongo. As pedras ao cair despedaçam a quietude, mas em breve ela regressará. Devo aquietar o bater do meu coração: soa nos meus ouvidos tão alto que não consigo ouvir a voz da minha sabedoria.

Aquieta-te, meu corpo, aquieta-te e não sejas indigno; pois eu faria de ti um instrumento digno de receber aquilo que me será dito. Devo lembrar-me claramente, claramente...»

Muito longe, uma voz chamava o meu nome. Não, não o meu nome, o nome de outra pessoa.

«Joan — volta, Joan!»

Uma voz calma, mas insistente. Relutantemente, abri os olhos. O Leslie estava inclinado sobre mim, esfregando vigorosamente a minha mão, da qual tinha retirado o escaravelho. «Volta agora. Já estiveste fora tempo suficiente.»

A memória começou a deslizar para longe de mim como água brilhante a fluir para dentro de um túnel.

«Falei de forma suficientemente clara para me ouvires? Escreveste tudo? Era muito importante o que eu estava a fazer — importante para mim. Mas não me consigo lembrar.»

«Não precisas de tentar lembrar-te. Tenho tudo escrito, embora parte do tempo estivesses a falar muito depressa.»

O escaravelho azul estava em cima da mesa. «Há mais, há tanto mais nele», disse eu, ainda não totalmente desperta. «Por favor, posso fazer mais um pouco depois do jantar?»

«Fizeste o suficiente por hoje», disse o Leslie firmemente. Olhou para o relógio. «Nunca estiveste fora tanto tempo como hoje.»

Hoje era o dia 13 de Setembro de 1936.

## CAPÍTULO TRÊS

## SEKEETA

A meio do primeiro prato, fiquei contente por o Leslie me ter trazido de volta quando o fez, pois tinha uma dor de cabeça tão aguda que foi difícil terminar a refeição. Para o caso de ter uma ainda mais severa quando voltasse a pegar no escaravelho, decidi adiar as sessões futuras para depois do jantar, para que assim que terminasse pudesse ir para a cama.

O dia seguinte foi muito feliz, brincando com a Gillian no jardim, conversando com a Daisy, arranjando flores, até depois do chá, quando comecei a sentir-me apreensiva. Ontem à noite o grau de identificação tivera uma nova intensidade. O que me aconteceria se a outra rapariga falhasse nas suas provações? Se ela morresse, ou enlouquecesse de terror, poderia o partilhar da sua experiência afetar-me? Felizmente, nenhum dos outros percebeu que eu estava nervosa quando me deitei no sofá para começar o trabalho.

«O que queres que eu procure?», perguntei, para adiar o momento em que deveria relaxar o meu corpo e reunir as minhas energias num ponto focal de concentração.

«Descobre o que aconteceu à pobre rapariga depois de ter sido deixada sozinha naquele túmulo horrível», disse a Elfie.

«Tenta obter o nome do Faraó reinante», disse o Leslie.

«Procura algo mais fácil esta noite», sugeriu a Daisy. «Tenta visitar um jardim egípcio e vê se consegues identificar algumas das plantas.»

Não fui capaz de responder a nenhuma das perguntas deles, pois naquela noite, tal como em muitas noites subsequentes, tive de aceitar o que vinha.

Às vezes via uma cena que incluía a rapariga Sekeeta como se a estivesse a observar. Outras vezes via através dos olhos dela, partilhando a sua experiência como se estivesse a acontecer comigo no presente imediato.

«Tenho três anos. A nossa casa tem um jardim com um lago azul e pequenos peixes escarlates, que eu alimento com milho-painço.» A criança continuou a palrar sobre os seus animais de estimação, os seus brinquedos: uma criança que poderia muito bem ter pertencido a qualquer outro século.

«A única coisa de interesse real que notei é que os egípcios eram pessoas muito altas», disse eu quando terminei. «A ama da criança, por exemplo, devia ter bem mais de um metro e oitenta. Que estranho nenhum dos arqueólogos ter notado isto quando examinavam múmias — ou achas que o embalsamamento poderia ter encolhido os ossos?»

«Não creio», disse o Leslie. «Mas há uma tribo em África que pode descender dos Antigos Egípcios. São muito altos e ainda têm gado com chifres que se assemelha muito ao gado das pinturas dos túmulos.»

Ele ficou bastante entusiasmado com isso até que, na noite seguinte, a rapariga tinha catorze anos e percebi que a altura média de um egípcio adulto do sexo masculino era de apenas cerca de um metro e setenta e dois.

«Mas disseste ontem à noite que eles eram extraordinariamente altos», protestou o Leslie.

«Eu sei que disse. Mas estava a ver adultos através dos olhos de uma criança pequena. "Quando a minha ama está zangada ela é tão alta como um pilar", é como ela se descrevia a si própria.»

Frequentemente via-me no quarto da Sekeeta no templo; ela não era sociável por natureza e era o único lugar onde podia ter a certeza de privacidade. «A cama é de madeira, as laterais feitas à semelhança de

Anúbis, sendo as suas patas de chacal os pés da cama. Há apenas uma janela, no alto da parede, e por baixo dela há uma pequena prateleira com um jarro de barro que eu encho de flores para poder olhar para elas quando deixo o meu corpo, em vez de olhar para uma parede branca como é habitual. Hoje o jarro está cheio de *convolvulus* (campainhas) com riscas azuis e brancas.

Ao lado da cama está uma placa de cera na qual registo, com um junco afiado, o que faço quando estou fora do meu corpo. Faço-o imediatamente após regressar a ele. Antes de dormir, aliso a cera com um pequeno rolo, não só para a deixar pronta para escrever de manhã, mas para me lembrar de alisar os pensamentos dos acontecimentos do dia da minha mente, para que esta esteja pronta para receber a memória.»

Geralmente via-a a usar uma túnica branca e «sandálias simples de couro não decorado», mas por vezes ela pensava em roupas muito mais elaboradas — descrevi-as em detalhe — que costumava usar antes de vir para o templo. Estas roupas forneceram uma pista de que ela não nascera numa família de camponeses.

«Tenta mesmo descobrir o nome do Faraó», instou o Leslie. «Seria muito mais interessante se soubéssemos em que dinastia ela viveu.»

Pensei que seria capaz de responder à pergunta dele quando me vi parada no meio de uma multidão à beira da estrada por onde passaria uma procissão real a caminho da celebração de um festival. Esperei ali muito tempo e estava preocupada porque tinha saído do templo sem permissão. Conseguia ver bandeirolas a agitar-se ao vento, bandeirolas verdes e escarlates em postes dourados a cada cem côvados, e as grinaldas de papoilas escarlates que as ligavam entre si.

Conseguia cheirar as flores que as mulheres usavam como coroas e colares, e o suor dos corpos que se acotovelavam contra mim na multidão. Mais acima, na estrada, as pessoas começaram a entoar cânticos. «O Faraó aproxima-se. A nossa vida é renovada à vista do nosso Pai. O povo de Kam* são os filhos do Faraó e regozijamo-nos com o nosso Pai à vista dos deuses.»

O cântico estava a aproximar-se de mim quando ouvi o Leslie dizer: «Qual é o nome do Faraó? Obtém o nome dele, Joan!»

** Kam é o nome antigo para o Egipto, pronunciado como Calm.*

A voz dele trouxe-me de volta tão depressa que consegui lembrar-me exatamente do que tinha estado a ver. «Poderia tê-lo obtido se não tivesses interrompido», disse eu irritada. «A Sekeeta devia ter uma mente muito literal, porque quando pensa no Faraó, em vez de o visualizar como um deus-homem remoto segurando o Cajado e o Mangual, ele apenas lhe lembra o seu próprio pai — um homem de cerca de trinta anos brincando com os seus filhos num jardim, ou navegando num pequeno barco no Nilo.»

«É pena ela não ter sido alguém de maior importância social», comentou o Leslie, «pois assim poderia ter visto o Faraó em audiência ou ter sido levada pela família para oferecer tributo no palácio. Isso teria certamente causado impressão suficiente para que ela estivesse ciente do nome dele.»

«Pergunto-me o que a fez entrar para o templo», disse a Daisy pensativamente. «Fico com a impressão de que ela era uma pessoa tão ativa e amorosa, como se não fosse realmente dedicada à vida claustral.»

«Ela entrou para o templo para agradar à mãe. A Sekeeta tinha muitos sonhos verdadeiros e a mãe ensinou-a a ficar contente com eles, mesmo com aqueles que eram assustadores. Ensinou-me uma oração: "Mestre, pela tua sabedoria deixa-me crescer como uma grande árvore, para que os tristes possam descansar na minha sombra e prosseguir a sua jornada refeitos, e os cansados recuperem as suas forças no abrigo dos meus ramos".»

«Devias ter-me avisado que ias sair», disse o Leslie em tom de censura. «Foste tão subitamente que percebi, mesmo a tempo de escrever a oração, que estavas a ditar e não apenas a teorizar.»

Ele leu a oração para mim. Comoveu-me quase até às lágrimas. Olhei para a Daisy, e havia um amor tão longo por mim nos seus olhos que me senti segura e acalentada, tal como a pequena Sekeeta tinha sido no amor da sua mãe.

Na noite seguinte, comecei a descrever como a Sekeeta, com cerca de dez anos, viu um homem ser gravemente ferido durante uma caçada ao leão. Depois o telefone tocou e trouxe-me de volta abruptamente.

«Mais sobre a caçada ao leão», disse o Leslie alguns minutos depois. «Parecia que ia ser emocionante.»

Eu também pensava assim, mas em vez de voltar ao lugar onde o fio se tinha quebrado, obtive uma sequência longa e bastante monótona de

quando a Sekeeta foi pela primeira vez para o templo e estava a brincar com vários outros alunos, de nenhum dos quais ela gostava muito. Era um jogo simples: um disco de prata era atirado para uma piscina e todos mergulhavam para ver quem o alcançava primeiro nadando debaixo de água.

«Pergunto-me se ela alguma vez se apaixonou», disse a Elfie com nostalgia. «Deve ter acontecido por vezes, quando homens jovens e mulheres jovens viviam no mesmo templo, mesmo sendo muito sérios.»

Em resposta, o escaravelho deu-me dois poemas que tinham sido escritos para a Sekeeta. Estes o Dio enviou-lhe, belamente escritos a cores num pequeno rolo de papiro:

*Sou um escultor que perdeu as mãos, E um pomar onde não corre água; Sou um barco à vela num dia parado E um pássaro que não pode mover as asas; Sou um lótus num lago seco, E um arco cuja corda está partida; Sou um santuário sem um deus, E um céu noturno sem estrelas: Pois tive de te deixar para uma longa jornada E não me deste o teu coração para levar comigo.*

E mais tarde enviou-lhe:

*A semente é plantada E o grão brota do sulco. O pescador lança a sua rede E ela fervilha de peixes. Os vindimadores prensam as uvas E os jarros de vinho são enchidos. O pau de arremesso voa pelo ar E o pássaro cai para o caçador. O sol do meio-dia está quente, Mas as sombras crescem longas no fresco da noite. Eu dei-te o meu coração, Mas dar-me-ás tu o teu?*

«Ele era mesmo um escultor?», perguntou a Elfie.

«Sim, era. Ela conheceu-o quando ele estava a esculpir um friso num dos edifícios do templo. Eu não disse isso?»

«Não. Leste os poemas e depois ficaste em silêncio tanto tempo que pensei que tinhas adormecido», disse o Leslie.

«O Dio era estrangeiro e tinha cabelo ruivo. A Sekeeta tentou fazê-lo acreditar nos deuses, mas não creio que tenha tido sucesso.»

«Certamente uma aluna do templo dificilmente se apaixonaria por um ateu», comentou o Leslie.

«Talvez ela estivesse secretamente satisfeita por encontrar alguém que a amasse como mulher, em vez de ficar maravilhado com o seu poder como

sacerdotisa: ser sacerdote é muitas vezes muito solitário. Mas ela fez o seu melhor para o converter às suas ideias. Quando estive "fora" há pouco, estava a partilhar uma longa conversa com eles. Suponho que me deixei envolver tanto que me esqueci de fazer o meu corpo falar. Espera um momento e vou tentar obtê-la novamente.»

Mas naquela noite apenas registei uma pequena parte do que diziam um ao outro:

«Sekeeta, por que queres tu sempre ponderar sobre estranhas imensidões? Deixa todos esses pensamentos até precisares do seu calor quando sentires o vento frio a soprar do teu túmulo. Porquê estragar a alegria de um sicómoro ao meio-dia, quando desenha a poeira com sombras? Que importa quem o fez ou por que está ali? Regozija-te com a luz do sol, e não penses nela como um dos teus deuses ponderosos; pensa no rio como água límpida onde nos podemos banhar, e não como um símbolo de vida interminável.

Enquanto és jovem, regozija-te e não penses no passado. Sê grata pela beleza e não a compares sempre a uma visão, que tu achas que a coloca na sombra. Deleita-te com a música, e não ouças ecos das estrelas. Quando fores velha poderás ter de entreter a tua solidão com memórias, mas agora não precisas delas, pois o presente é glorioso diante dos teus olhos. Um dia levar-te-ei desta terra antiga onde as pessoas são graves com demasiada sabedoria, e levar-te-ei para Minoas, onde os corações cantam com a juventude.»

«Ele alguma vez a levou para Minoas?», perguntou a Elfie. «Espero bem que sim. Minoas é Creta agora, não é? E Creta é um lugar tão simpático, especialmente na Primavera quando as tulipas estão cá fora... tirando as pulgas, mas talvez não houvesse tantas pulgas nos velhos tempos.»

«Não creio que ela alguma vez tenha ido para lá com o Dio. Acho que saberia se tivesse ido. E no entanto tenho uma vaga impressão de que ela foi a Minoas...»

Faltavam apenas três dias para termos de voltar para a Escócia. O tempo estava abafado, com trovões a ameaçar ao longe, e eu estava deprimida porque em breve teria de deixar a Daisy. Estava determinada a obter muito mais sobre a Sekeeta para ela, mas, por mais que tentasse sair do meu corpo, nada acontecia.

Teria chorado de frustração, pois o escaravelho parecia tão vazio como um seixo da praia.

«Talvez tenhas feito demais e precises de um descanso», disse a Daisy consoladoramente. Mas tentei na noite seguinte e continuei a não obter nada, nem sequer um fragmento trivial que mostrasse, pelo menos, que o escaravelho ainda estava quente.

Certamente haveria algo na minha última noite? Durante uma hora ou mais, tentei forçar-me a recordar, mas tudo o que consegui foi aumentar a dor de cabeça surda, que não se devia a magia, mas apenas ao tempo. Finalmente, tive de admitir o fracasso.

«Acabou; quase desejava nunca ter começado, pois agora nunca saberemos o que lhe aconteceu. É pior do que ler algumas páginas de um manuscrito fascinante e depois descobrir que o resto foi queimado por uma criada idiota... Sinto-me desesperadamente ineficiente para ser algo mais grandioso, como um músico que acorda uma manhã e descobre que ficou surdo.»

«Deves guardar o escaravelho como uma recordação de noites felizes», disse a Daisy gentilmente. «Talvez um dia ele tenha mais para te contar.»

## CAPÍTULO QUATRO

## MEMÓRIA DISTANTE

Levámos connosco para Muckerach um cachorro de seis semanas, um *golden retriever* a quem o Leslie chamou Rishan — o termo árabe para coragem. No dia seguinte, a Gillian e eu subimos a colina para o mostrar à

Gwen, e levei o escaravelho comigo. Sabia que ela estaria interessada nele, pois tinha lido todos os meus cadernos de notas de psicometria.

«Tens a certeza de que está vazio agora?», disse ela com viva simpatia. «Parece improvável que perca subitamente a memória depois de tantos milhares de anos.»

«Acontece quase sempre, embora eu não entenda porquê, que depois de eu ter psicometrizado um objeto a impressão nele desaparece, ou melhor, a sequência que eu já registei. A melhor analogia que consigo encontrar é um disco de gramofone feito de uma cera tão macia que a melodia só pode ser tocada uma vez.»[1]

«Porque não tentas a técnica com que estavas a fazer experiências no inverno passado, enquanto o Leslie estava no estrangeiro? Começaste a falar-me disso logo após nos conhecermos, e depois interrompeste e pediste-me para não mencionar o assunto ao Leslie.»

«Receio que não funcionasse», disse eu sombriamente. «Tentei tudo o que me lembrei durante as últimas três noites em Hurtwood e não aconteceu absolutamente nada.»

A Gillian estava a dar cambalhotas com o cachorro e eu observava para garantir que não rolavam para a bordadura de gencianas, onde as *sino-ornata* floresciam tão exuberantemente que faziam um tapete azul com quase cinquenta jardas de comprimento.

«O Rishan é tão gordo e fofinho que parece mais um pequeno leãozinho do que um cachorro», disse a Gwen.

Ouvi-me a dizer-lhe que a Sekeeta tinha um leãozinho quando tinha a idade da Gillian. «Chamava-se Natee. Costumava deitar-se aos pés dela quando ela dava audiência — depois de se tornar Faraó.»

«Não me disseste que ela se tornou Faraó.»

Fiquei a olhar para ela. «Gwen, eu não o sabia! Mas agora sei. Devo ter escorregado para fora de mim e voltado tão facilmente que nem notei, como uma tartaruga a pôr a cabeça fora da carapaça.»

«Tens o escaravelho no bolso...»

«Mas não lhe estava a tocar. De qualquer forma, que importa se o fiz com ou sem o escaravelho como catalisador? Mas vou segurá-lo enquanto trabalho porque a Daisy deu-mo na manhã em que fui para a minha iniciação.»

«A Daisy deu-to?»

«Acabei de perceber que ela era a mãe da Sekeeta. Subconscientemente, devemos ter-nos reconhecido no momento em que fui para Hurtwood. Foi o amor entre nós que me permitiu recordar as coisas que vale a pena recordar; em vez de perder tempo, como costumava fazer e nunca mais me darei ao trabalho de fazer, à procura de "provas" através da psicometria. Mas porque é que não consegui obter nada nos últimos três dias em Hurtwood?» Ela começou a dizer algo, mas eu interrompi: «Não fales por um minuto. Estou a tentar pensar para trás para ver se algo foi diferente dos outros dias lá...»

«Bem, se vais ter uma longa reflexão, é melhor trazeres a Gillian para dentro, pois vai chover a cântaros.»

«Chuva! Essa é a pista que eu procurava! Não choveu até eu me ter ido deitar na nossa última noite. A tempestade rebentou por volta das três da manhã. Estivera a formar-se durante dias e a atmosfera estava tão opressiva que me sentia como se tivesse um saco de areia na cabeça. Tenho de voltar imediatamente e fazer uma chamada de longa distância para a Daisy.»

«Vou tirar o carro e levar-vos a casa, senão ficam ambas encharcadas antes de lá chegarem.»

«Fica para jantar e eu trabalharei depois. Não contes ainda ao Leslie sobre os novos desenvolvimentos. Por alguma razão que só ele conhece, ele considera a psicometria respeitável e científica; mas pode não ver com bons olhos se perceber que acho cada vez mais provável que esteja casado com uma ex-Faraó.»

«Compreende-se o lado dele», disse a Gwen secamente. «Especialmente se decidires que precisas de um leão além de uma cabra. Se o fizeres, avisa-me para que possa encomendar uma peça de carne extra antes de o trazes para o chá.»

O Leslie ficou muito satisfeito por ver a Gwen e, até terminarmos o café, não lhe disse que ia ditar. Ele estava um pouco duvidoso. «Disseste que não havia mais nada no escaravelho. No entanto, se queres mesmo tentar outra vez...»

Eu pretendia ver a Sekeeta a dar audiência com um leão aos seus pés, mas em vez disso mergulhei numa descrição dela a ouvir o comentário de uma «rapariga-vidente» sobre um rito sacrificial repugnante que estava a

ser realizado, a quase duas mil milhas de distância do Nilo, na Corte de Zernak, Rei dos Zumas.

O Leslie costumava ler-me o que eu ditara antes de fazer qualquer comentário porque, se o fizesse imediatamente após eu «desintonizar», eu conseguia geralmente recordar uma frase que dissera depressa demais para ele anotar. Em vez de fazer isto, ele franziu a testa e abanou a cabeça para mim, o que a Gwen não notou pois estava a acender um cigarro.

«Descreve à Gwen o que queres dizer com uma rapariga-vidente», disse ele abruptamente; e percebi que estava simultaneamente irritado e embaraçado. Por isso, obedientemente, expliquei que as raparigas-videntes eram treinadas para deixar os seus corpos e observar o que estava a acontecer em algum ponto separado delas pelo espaço, mas não pelo tempo, e apenas no nível físico.

«Serviam o propósito de um recetor de rádio[2] mas conseguiam captar uma imagem visual em vez de apenas ondas sonoras», disse eu de forma informal, e acrescentei, para preencher uma pausa constrangedora: «Tínhamos de manter um olho nos Zumas para o caso de estarem a planear outra invasão das Duas Terras.»

«Os Sumérios invadiram o Egipto?», disse o Leslie. «Tens a certeza de que não os estás a confundir com uma das duas invasões dos Hicsos?»

«Tenho a certeza», disse eu prontamente. «Invadiram-nos duas vezes e, em ambas as ocasiões, foram redondamente derrotados. A Sekeeta liderou os seus carros contra eles e matou ela própria o Zernak.»

«Muito robusto da parte dela», disse o Leslie friamente. Então conduzi a conversa para canais impessoais.

Depois de a Gwen ter ido para casa, ele disse: «Vou agora ler-te o que registaste com tanta riqueza de detalhes.» Leu, e eu protestei que dificilmente poderia ser culpada pelos hábitos horríveis de estrangeiros que, em todo o caso, viveram há bastante tempo.

«Mas certamente podes censurar o que estás a dizer», disse ele ofendido.

«Oh, Leslie, não sejas tão totó! Já te disse dezenas de vezes que me consome quase toda a energia voltar ao passado, e por isso só me sobra o suficiente para me obrigar a falar. Além disso, a culpa é tua e não minha se a Gwen ficou perturbada. Ela pensou que íamos ter uma discussão porque estavas a ser ridiculamente tacanho.»

«Não fui tacanho. Fiquei embaraçado — por ela.»

«Então porque não me paraste? Tudo o que tinhas de fazer era deixar cair um livro ou fazer barulho com os utensílios da lareira. Sabes perfeitamente como um ruído súbito quebra o fio.»

«Não queria quebrar o fio. Tens estado tão melancólica desde que pensaste que o escaravelho tinha "arrefecido" que eu não teria interrompido nem que a sala estivesse cheia de párocos à beira de uma apoplexia. No futuro, se mais alguém estiver presente, interromper-te-ei sempre que achar necessário, e deves prometer não ditar a mais ninguém exceto a mim.»

«Está bem», disse eu com relutância. «Desde que me prometas algo também.»

«O que é?»

«Obrigar-me a trabalhar todas as noites. Obriga-me se for preciso. Vou escrever à Daisy esta noite e dizer-lhe que ela receberá outro pedaço sobre a Sekeeta tão frequentemente quanto eu consiga, até ter a história toda para ela.»

«Porquê a pressa? E porquê especialmente para a Daisy?»

«Isso é privado por agora. Prometes?»

«Certamente, se assim o queres. Acho acompanhar a tua sanidade muito mais divertido do que o gamão.»

Na noite seguinte, acompanhei a Sekeeta numa viagem fluvial de Abidos ao Delta, uma experiência tão agradável que sofri de uma nostalgia aguda quando me vi de volta a um outono escocês chuvoso.

«Como eram as Pirâmides quando ainda tinham as pedras de revestimento intactas?», inquiriu o Leslie.

«Não havia pirâmides, nem sequer uma mastaba. Lembrei-me de procurar por elas pois sabia que estarias interessado.»

«Tinham de lá estar. São da Quarta Dinastia e a civilização que descreves é demasiado elaborada para ter sido anterior.»

«A Sekeeta viveu a maior parte do tempo no que agora se chama Sacará. O país, como bem sabes porque lá fomos há dezoito meses, é plano. Ela era extremamente observadora, por isso posso assegurar-te que, se as duas Grandes Pirâmides, ou a Esfinge já agora, fossem uma característica da paisagem, ela sem dúvida as teria notado.»

Ele tinha comprado *A History of Egypt* de Flinders Petrie, em três volumes, mas pensou que a Sekeeta devia ter pertencido a um período posterior à Décima Segunda Dinastia — pois isto foi antes de eu registar a história de Meniss e, portanto, ele não se tinha dado ao trabalho de olhar cuidadosamente para o Volume Um quando tentava identificar os únicos cartuchos que eu por acaso notara: o primeiro nos jarros de vinho do pai dela, o segundo nos seus potes de unguentos e pentes, e o terceiro numa estela que ela mandara erigir após a vitória contra a invasão Zuma. Agora identificámo-los a todos, e assim soubemos finalmente que ela vivera durante o terceiro e quarto reinados da Primeira Dinastia.

Havia até uma ilustração do braço mumificado da mãe dela, ainda com a pulseira que a Sekeeta lhe dera como presente de aniversário. «Era uma linda pulseira de margaridas douradas unidas com contas de ametista e turquesa; e o Nu-setees, o ourives, disse que era o trabalho mais fino que alguma vez fizera.»

Conseguimos obter muito mais durante os dois meses seguintes, apesar das visitas. O último grupo tinha partido e estávamos a jantar calmamente juntos quando a copeira entrou para anunciar que a urze na orla do bosque de bétulas estava a arder. Quando vimos a direção em que o fogo se espalhava, gritei: «Rápido! Chama todos para o baterem. Oh, o meu pobre jardim de água!»

Corri para o telefone e liguei para a Sra. Grant-dos-Correios, que me assegurou que, embora a Brigada de Bombeiros de Grantown não se mexesse a menos que a casa estivesse ameaçada, ela mobilizaria os aldeões de Dulnain Bridge para ajudar a Sra. Grant-Muckerach. Em vinte minutos, chegou uma multidão de ajudantes, com idades entre os sete e os setenta anos; mas ao princípio fizeram apenas esforços desultórios pois viram que o fogo se extinguiria ao chegar ao riacho. «Mas é exatamente isso que não pode acontecer!», expliquei eu transtornada. «É o meu jardim especial.

Os arbustos serão todos destruídos. Quatro mil bolbos serão assados até ficarem cinzas.» Então eles entraram em ação. Bateram na urze fumegante com ramos, abafaram manchas de faíscas rastejantes com sacos húmidos, cortaram árvores que já estavam em chamas. Era quase meia-noite antes de o jardim estar seguro e o último combatente do fogo ter ido para casa, refeito com a minha gratidão e o whisky do Leslie.

**Notas**

1. *Nota do original: Se os gravadores de fita tivessem sido inventados, eu poderia ter descrito o que tentava dizer com muito mais precisão, comparando o processo à «limpeza» da fita magnetizada.*

2. *Nota do original: Radar é uma metáfora melhor, mas ainda não tinha sido inventado.*

«Céus, nunca me tinha apercebido de que estava tão desgrenhada!», exclamei, sentindo-me até satisfeita com esta prova de que me tinha mantido na linha da frente da batalha. O meu casaco de golfe em pele estava rasgado e as minhas calças estavam chamuscadas. Tinha um arranhão profundo na testa que, tal como o meu rosto, estava manchado de cinza; e ambas as mãos tinham várias bolhas bastante impressionantes.

«Pareces precisar de um whisky-soda — se é que a tua milícia privada nos deixou algum», disse o Leslie.

«Não, obrigada, querido. Preferia um banho longo e muito quente.»

«Mas não podes tomar banho ainda. Não fizeste o teu ditado.»

«Como posso ditar? Não sejas ridículo. Estou exausta e imunda, ferida e carbonizada até aos ossos.»

«Fizeste-me prometer que te obrigaria.»

«Está bem, vou tentar», disse eu contrariada. «Mas apenas por meia hora, nem um momento mais. Vai buscar o escaravelho e o Rishan — ele está fechado no meu quarto.»

Eu trabalhava sempre com o Rishan enroscado ao meu lado. Ele nunca me incomodava, exceto quando eu estava a perder o pé, altura em que ficava imediatamente agitado e me trazia de volta ganindo e lambendo-me o rosto. Atirei-me para o sofá e disse, irritada: «Há aqui algo sobre cheiros: "A morte suave do outono em bosques profundos", uma forma muito sentimental de descrever o fumo da madeira, mas talvez a Sekeeta nunca tenha tido de apagar um fogo.»

«Não comeces a discutir contigo própria. Sai de ti e segue com o trabalho.»

Obedeci e ditei a toda a velocidade durante exatamente vinte e dois minutos. Voltei com um sobressalto. «Bem, é tudo o que vou fazer por hoje. Havia muito sobre cheiros, cheiros agradáveis na maioria, mas não te

dês ao trabalho de ler de volta, estou demasiado cansada para estar interessada.»

Adormeci quase assim que me meti na cama. O Leslie ficou acordado o tempo suficiente para transcrever a sua taquigrafia para o caderno, que deixou aberto na minha mesa de cabeceira...

Aqui está o perfume vermelho-escuro da rosa,
O sossego sonolento dos campos de favas ao crepúsculo,
A morte suave do outono em bosques profundos,
E o cheiro limpo da terra lavrada após a chuva.

O fumo amigo da lenha de uma fogueira de cozinha,
O cheiro satisfatório do pão a cozer,
O verde esquecido da terra da erva recém-cortada,
A doçura ébria de lua das flores que desabrocham à noite.

O calor do trevo murmurante de abelhas,
A paz sonolenta das alamedas de tílias,
A carícia langorosa da tuberosa,
A austeridade gélida das flores alpinas.

O calor amarelo das prímulas ao meio-dia,
O aroma da água a correr sobre as pedras,
A tristeza solitária do nevoeiro do rio,
O cheiro branco e liso do linho e da neve.

A sabedoria poeirenta dos rolos de papiro,
E a especiaria quente da madeira de cedro e da mirra,
O cheiro quente e impaciente do nardo,
E os sonhos meio recordados da prata manchada.

A energia clara e cortante da casca de limão,
O êxtase de amante das laranjeiras,
O cheiro melancólico das noites de inverno,
E o eco azul das jacintos sobre a Primavera.

O desafio salgado da espuma impelida pelo vento,

Aquela mensagem do mar que impele a vaguear,
As memórias suaves das flores secas ao sol,
O abandono imóvel dos campos ao meio-dia.

O roxo de asas de mariposa das uvas recém-colhidas,
O riso fácil de um jarro de cerveja,
A excitação de um cavalo suado pelo galope,
E o esplendor orgulhoso das jubas dos leões.

A agudeza ácida de uma espada de cobre,
E o cheiro bravo das tochas ao vento,
A pompa almiscarada das vestes cerimoniais,
E a solenidade do betume.

Acordei o Leslie para ler em voz alta.

«Está tudo em umpty[1], Leslie! Tee-tum, tee-tum, tee-tum, tee-tum, tee-tum.»

«Se fosses menos analfabeta», murmurou ele, encolhendo-se mais sob a roupa de cama, «reconhecerias o "umpty" como um iambo de cinco pés.»

«Continuarei a chamar-lhe "umpty". E acho muito inteligente escrever quintos-pés-não-sei-quê sem nunca ter ouvido falar deles. Prova a minha teoria sobre não haver real necessidade de educação.»

«Oh, cala-te! São apenas nove horas. Vai tagarelar com a Gillian. Ela gosta.»

«Tee-tum, tee-tum, tee-tum, tee-tum», entoei eu enquanto resgatava o Rishan de debaixo do edredão. «Pergunto-me se ditarei mais umpty.»

«Os últimos seis ou sete trechos foram todos na mesma métrica. Pensei que tivesses reparado.»

«Pois, não reparei. Vou ler e deixo-te em paz.»

Poderia não me ter sentido tão alegre se tivesse reconhecido que este registo fazia parte da Iniciação, e que eu tinha de reexperienciar as sete grandes provações. A sétima, que fiz primeiro, na qual a Sekeeta teve de vencer a naja, aumentou o meu medo comum de cobras a um tal ponto que pensava em víboras sempre que caminhava na charneca; e tive vários pesadelos de que acordava a gritar, tão convencida de que havia uma cobra

na cama que, para me acalmar, o Leslie tinha de tirar toda a roupa da cama e sacudi-la pela janela. O facto de o tempo por essa altura estar frio o suficiente para congelar a água no copo junto à minha cama não tornava o meu pânico mais cativante para o meu companheiro de cama.

Fiz a batalha com Ishtak e as outras cinco provações na mesma noite, numa ansiedade desesperada de as despachar. Esperava ter uma dor de cabeça, mas não estava preparada para cãibras, tremores e suores gélidos, que duraram vinte e quatro horas e foram seguidos por outro dia e noite de dores nas articulações e uma febre de 103°F (39,4°C). Felizmente, tinha percebido que era apenas uma doença «fantasma», por isso consegui impedir o Leslie de mandar vir o médico. Foram quarenta e oito horas muito desagradáveis, mas na manhã do terceiro dia provei que o meu diagnóstico estava correto ao acordar inteiramente recuperada.

Aprendi que a reação física não é a única desvantagem que acompanha a prática da memória distante. O prazer pode ser atenuado pelo contraste com alegrias mais brilhantes do passado, e as dores e ansiedades presentes aumentam ao reexperienciar as anteriores com uma qualidade emocional semelhante. Por exemplo, eu não estaria nem de perto tão ansiosa com a hipótese de recuperação do Rishan enquanto cuidava dele durante uma esgana severa, se não me tivesse lembrado do pesar da Sekeeta pela morte do seu leão. Den, a filha da Sekeeta, tinha oito anos e uma disposição aventureira que a levava a desobedecer aos seus assistentes e a ir sozinha além dos limites dos jardins do palácio. A sua mãe, que fora igualmente ressentida da disciplina com a mesma idade, fizera a criança prometer levar o Natee com ela quando sentisse o impulso de ir numa aventura privada.

Ela levou o Natee para o «lugar arenoso e quente entre os juncos» e ali encontrou uma naja. Pensou que, por ser a cobra real, como a que a sua mãe por vezes usava como toucado, ela seria amigável com a filha do Faraó. Estava a caminhar em direção a ela, pretendendo acariciar a capela aberta, quando o Natee saltou sobre a cobra e a matou. Mas ela já o tinha picado. A Den correu a buscar a mãe. A Sekeeta mandou chamar o Zeb, agora Capitão dos Capitães, que tinha sido um «rapaz dos leões» quando o Natee era um filhote, e mandou vir uma liteira forte com oito carregadores para levar o leão de volta ao palácio.

«Quando a Den e eu chegámos ao Natee, ele ainda estava vivo. Ao som da minha voz, tentou pôr-se de pé com esforço, mas não conseguiu e caiu de lado. Soube que nada podia fazer para o salvar. Pousei a cabeça

dele no meu colo e acariciei-lhe as orelhas e sussurrei-lhes que o amava profundamente. Quando o Zeb chegou, ele também soube que nada podia ser feito, e ajoelhou-se ao meu lado. Então, no fim, o meu Natee lambeu-me a mão, e a sua cabeça pesada caiu para descansar sobre os meus joelhos e soube que o seu espírito bravo tinha regressado a Ptah. Pelo bem da Den, tentei conter as minhas lágrimas até ver lágrimas a correr pelo rosto do Zeb: Capitão e Rainha, ambos a chorar pelo seu leão.»

«Porque estás ainda triste se o Rishan está muito melhor, Mamã?», inquiriu a Gillian, vários dias depois de eu ter registado a morte do Natee. Disse-lhe que tinha uma pequena melancolia que seria instantaneamente curada se fôssemos dar um passeio juntas. Não lhe podia dizer que várias vezes me tinha apanhado a ouvir o baque de patas enormes, o queixume profundo e áspero de um leão impaciente para que a minha porta lhe fosse aberta. Foi preciso quase uma quinzena até o coração da Joan deixar de sofrer pelo leão da Sekeeta.

## CAPÍTULO CINCO

## CORO E DISCORDÂNCIA

Eu tinha estado a trabalhar demais e, pelo Natal, soube-o pelo esforço crescente que era necessário para me identificar com a Sekeeta. Por isso, aceitámos com prazer o convite da Nina para ir com a Gillian durante uma quinzena para Cullen, onde havia uma festa de convidados grande e divertida. Foi um alívio não ter de pensar num passado anterior aos anos vinte e, assim, as minhas baterias esgotadas tiveram oportunidade de recarregar antes de voltarmos para Muckerach.

O tempo presenteou-me gentilmente com condições de trabalho ideais; pois, além da Gwen, que era sempre uma mais-valia, não tínhamos visitantes, porque o limpa-neves não conseguia manter a nossa estrada aberta. A Rosemary decidiu que estava frio demais no celeiro, ou talvez fosse demasiado snobe para o partilhar com as ovelhas que tinham sido recolhidas para o parto, por isso levámos as suas mantas cor-de-rosa para a sala das armas. A Gin e o Rishan brincavam aos golfinhos através dos montes de neve. A alameda tornou-se uma pista de trenó para as crianças. Ensinámos a Gillian a patinar no lago dos lírios e a esquiar. Era em esquis que trazíamos para casa o nosso correio e as provisões.

O Leslie tinha estado a fazer duas cópias do meu ditado, uma para guardar e outra para enviar à Daisy; mas decidiu agora que seria melhor

termos uma secretária para o dactilografar. Olhando para trás, não consigo perceber porque não sugeri fazer isso eu mesma, pois dactilografar era uma das tarefas que eu costumava fazer para o Papá; mas estou grata pela providência que enviou a Vera Sutherland para a minha vida. Antes de os narcisos e as campainhas florescerem, ela tinha dactilografado tudo o que eu tinha ditado. O trabalho de uma noite limitava-se habitualmente a um lugar e tempo específicos, mas por vezes uma única sessão continha passagens de diálogo em que a Sekeeta poderia estar a falar com personagens ainda não identificadas, que pertenciam a diferentes períodos da sua autobiografia.

Organizar estes na sua sequência correta era como reconstruir um jarro a partir de fragmentos, como eu fizera frequentemente no Iraque, com a exceção de que, em vez de as peças em falta estarem irremediavelmente perdidas, eu conseguia geralmente encontrá-las, embora pudessem permanecer esquivas durante dias ou mesmo semanas.

Sabíamos agora que a Sekeeta tinha morrido aos cinquenta e três anos, por isso decidimos dividir as páginas em cinquenta e três pastas, cada uma representando um ano da sua vida. Estávamos a fazer isto, e o chão da sala de estar estava coberto com páginas dactilografadas, quando o Dr. Marr pôs a cabeça à porta e perguntou se podia trazer alguém para um copo de xerez.

«É um bom velhote e quer fazer uns esboços. Como está hospedado no Grant Arms sem carro, pensei trazê-lo comigo nas minhas rondas para lhe dar a oportunidade de ver algo da paisagem.»

«Claro, trazê-lo para dentro», disse eu, desejando que ele não tivesse trazido alguém para nos ver quando a sala estava tão desarrumada. Soube que já tinha visto o homem que estava ao lado do carro do médico a falar com a Gillian. Demorei alguns segundos a perceber que o tinha visto no púlpito de maestro no Queen's Hall.

Era Sir Henry Wood.

Em dez minutos ele estava sentado no chão a ler The Place of Music, que por acaso era o que estava mais perto dele. Para o distrair, ofereci mais xerez, que ele aceitou mas continuou a ler. Ficou entusiasmado, o que embaraçou o Leslie. Felizmente, antes que ele pudesse fazer qualquer pergunta comprometedora, a Sra. Marr telefonou a dizer que o médico era urgentemente necessário no Hospital local.

Quase todos os dias durante o resto da sua visita a Grantown, Sir Henry veio a Muckerach. Usando uma capa de Inverness, sentava-se num

banco de campanha no jardim e fazia aguarelas das montanhas. Não eram esboços muito bons, mas ele estava tão orgulhoso deles como era humilde sobre o seu génio musical. Ele dava por garantido que as pessoas com aptidão especial para a música tinham de alguma forma adquirido a sua facilidade antes de nascerem, e citava muitos casos que tinham surgido na sua própria experiência, juntamente com outros bem conhecidos como a criança Handel e Yehudi Menuhin. Habitualmente ficava para jantar e ouvia-me ditar.

Por vezes o Leslie ligava o rádio quando eu terminava, para que eu pudesse relaxar por alguns minutos sem ter de falar. Numa noite sintonizou um programa de Haydn tocado num cravo. Disse ao Henry que tinha acabado de ouvir música egípcia, que era bastante semelhante. «Conseguia ouvir essa e o Haydn ao mesmo tempo?», perguntou ele. «Seria muito interessante se me pudesse dar uma ideia de quão próximas os temas estão relacionados.»

Saí de mim novamente com muita facilidade, e o cravo deixou de ser ouvido. Quando voltei, ambos pareciam mais do que habitualmente interessados. «Consegues lembrar-te de onde estiveste e que instrumento estavas a tocar?»

Eu ainda conseguia sentir as cordas a ondular sob os meus dedos. «Era um alaúde, o que é estranho porque eu não sabia que os egípcios tinham alaúdes, nem que a Sekeeta sabia tocar qualquer tipo de instrumento musical.»

«Mas não estavas no Egipto», disse o Leslie. «Estavas na Itália. Não fales. Espera até eu ler isto de volta para ti... "Nasci perto de Perugia em Maio de 1510. O meu nome era Carola di Ludovici. Morri aos vinte e sete anos. Eu era uma artista itinerante..."»

Em menos de mil palavras e quinze minutos de tempo de relógio, tinha recordado os factos principais do que, após meses de registo detalhado, se tornou Life as Carola. Esta foi a confirmação final de que eu precisava para me convencer de que tinha desenvolvido a faculdade da memória distante a um grau que me permitia falar sobre o assunto. Assim que o Henry se foi embora, comecei com o Leslie...

«Já sei o que tens estado a fazer há algum tempo», disse ele sombriamente. «Espero que o Henry seja discreto o suficiente para guardar segredo.»

«Porque deveria ele fazê-lo?»

«Porque gosta de ti e, portanto, presumivelmente, preferiria que não te tornasses um objeto de ridículo. Santo Deus, queres que toda a gente pense que andas por aí de chiffon lilás e contas de múmia? É o que acontecerá se isto se souber.»

Notas

*Umpty: Expressão onomatopaica usada pela autora para descrever o ritmo métrico (iambo).*

«"A mulher do Leslie Grant acha que foi Faraó." Que coisa para se ouvir num clube!»

«Se achas que estar casado com uma ex-realeza é um pouco avassalador», disse eu acidamente, «podes dizer-lhes que a tua mulher costumava ser uma artista itinerante. E posso assegurar-te que parte disso foi bem sórdido. Não há nada de grandioso em tocar alaúde num bordel em Fiume.»

«Se tinhas de te ensinar a recordar uma encarnação anterior, por que não podias ter escolhido uma menos dramática?», disse ele irritado. «Milhares de pessoas falsas afirmam ter sido reis ou rainhas — a menos que escolham ser sacerdotes ou gladiadores. Poderias, ao menos, ter sido suficientemente original para te lembrares de ter sido cozinheira.»

«Por que haveria de me dar ao trabalho de me lembrar de ser cozinheira quando foi muito mais fácil ter lições com o Boulestin? Disse-te quando estava em Cluny, e tu estavas a ser tão pouco compreensivo sobre o nosso quarto assombrado, que eu queria aprender o tipo de coisas que me ajudariam a compreender-me a mim própria. É por isso que a vida da Sekeeta é mais relevante para mim do que qualquer uma das outras. Relevância, acabei de perceber, é um fator decisivo, o mecanismo de sintonização. Lembrei-me de ser a Carola, a tocadora de alaúde, porque a música que eu estava a ouvir era mais relevante para ela do que para a Sekeeta, que não era particularmente musical.»

Ele encolheu os ombros de uma forma que sempre me irritava, pois pretendia transmitir que era inútil argumentar com alguém que era demasiado empírico para aceitar um argumento fundamentado. «Bem, não digas que não te avisei. Não me importo que fales disso a amigos íntimos como a Daisy, que sabem que és notavelmente sensata; mas ficarei extremamente agastado se fores suficientemente indiscreta para deixar que outras pessoas pensem que estou casado com uma doida que afirma ser Faraó.»

«Eu não afirmo ser Faraó!»

«Para quê picuinhices? Tu lembras-te de ser a Sekeeta, e eu acredito em ti porque já tive provas a mais para fingir que é coincidência; mas as pessoas que não tiveram a oportunidade de te conhecer e de te ver trabalhar vão pensar que és pancada.»

«Como estás a ser deliberadamente obtuso, vou tentar ser tão pedante como um advogado — embora não esperasse ter de andar com rodriguinhos de palavras. A Joan e a Sekeeta não são a mesma pessoa, nem eu acredito em reencarnação da forma como os Teosofistas, o Wyeth e o Neale, e outros cultos e "ismos" entendem a palavra. A Joan e a Sekeeta e a Carola e o Índio Americano e o corredor grego e a rapariga francesa — e provavelmente centenas de outros que ainda não recordei — cada um tem uma alma, uma personalidade, se preferires a palavra.

A soma total de todas estas almas é o espírito que partilham entre si. A alma torna-se geralmente parte do espírito depois de o corpo morrer. Às vezes, uma parte da alma não consegue integrar-se e o resultado é um fantasma. Quando estou a fazer memória distante, tudo o que faço é tornar-me consciente no espírito, que inclui a Sekeeta e a Carola e todos os outros.»

Ele ainda não parecia convencido, por isso acrescentei com certa irritação: «Se tentar falar cientificamente não faz sentido para ti, vou tentar linguagem de bebé. A Joan e a Sekeeta são duas contas no mesmo colar e a memória que partilham está contida no fio.»

Depois fui para a cama, batendo com a porta atrás de mim.

## CAPÍTULO SEIS

## FARAÓ ALADO

No início de Junho fomos a Londres para um casamento no qual a Gillian seria dama de honor e o Leslie padrinho. Enquanto ele estava na despedida de solteiro do noivo, jantei com o Guy McCaw, com quem por acaso me cruzei no Prince's Tennis Club. Não via o Guy há algum tempo. «O que é que andas a fazer enterrada na Escócia?», perguntou ele. «Nem sequer podes caçar tetrazes no inverno. Ou ficaste viciada na pesca do salmão?»

Ligeiramente irritada por ele pensar que ninguém podia desfrutar da Escócia a menos que estivesse a matar alguma coisa, esqueci-me de que tinha prometido ao Leslie ser discreta.

«Pesco uma truta ocasional quando não estou demasiado ocupada, mas passo a maior parte do tempo a lembrar-me de quem costumava ser quando vivi no Egipto durante a Primeira Dinastia.»

«Santo Deus, Joan! Ficaste maluca?» Ele escrutinou-me e pareceu aliviado por eu me rir dele. «Pregaste-me um susto. Não percebi que estavas a brincar.»

«Não estou a brincar. Ditei cerca de sessenta mil palavras daquilo que, mesmo que penses que inventei, é uma história interessante.»

«Bem, deixa-me ler. Pelo menos fá-lo-ei se estiver dactilografado, mas não vou andar a decifrar páginas da tua caligrafia. Digo sempre a verdade às pessoas, por mais desagradável que seja; por isso, se for um disparate, serei brutalmente sincero.»

Até então, eu não tinha intenção de mostrar ao Guy, ou a qualquer outra pessoa, a cópia que trouxera para dar à Daisy; mas a sua suposição cândida de que seria um disparate, um derramamento imaginativo do qual eu poderia ser curada por um duche frio de crítica, fez-me enviar-lhe o dactiloscrito na manhã seguinte. Juntei uma breve nota pedindo-lhe que mo enviasse para Hurtwood, onde eu estaria com a Gillian durante quatro dias antes de regressar à Escócia.

Embora se recusasse a admiti-lo, a Daisy estava obviamente mais fraca e agora tinha de ter uma enfermeira a viver em casa. Estava tão preocupada com ela que me esqueci do dactiloscrito até à manhã em que nos íamos embora. Em vez de uma encomenda do Guy, havia apenas uma carta... «Para minha grande surpresa, escreveste algo muito melhor do que

aparentemente reconheces. Considero que deve ser publicado e, por isso, entreguei-o ao Arthur Barker.»

«Que sensato da parte dele», disse a Daisy. «Embora um pouco autoritário não te consultar primeiro.»

«Mas isto vai certamente causar problemas. O que torna tudo ainda mais complicado é que o Arthur é nosso amigo. Ele e a mulher já estiveram em Seacourt e o Leslie joga ténis com ele no Prince's. O Leslie não se importa que tu, a Elfie, claro, e a Gwen saibam como eu escrevo; mas com quase toda a gente o assunto é tabu — até com pessoas como a Diana e a Kirsteen. Se o Arthur publicar, a forma como escrevi o livro vai acabar por se saber e, então, o Leslie ficará furioso.»

«Querida, não antevês problemas. O que escreveste ajudou-me imenso. Pode ajudar outras pessoas se tiverem a oportunidade de o ler.»

«Devo dizer ao Leslie que foi para um editor?»

Ela pensou por um momento e depois disse: «Talvez seja melhor não mencionares nada até ouvires a opinião do Arthur.»

Fiquei aliviada, pois significava que não teria de lhe contar se fosse rejeitado.

Uma semana depois recebi um telegrama. «Essencial que completes o manuscrito em seis semanas para podermos publicar em Outubro. A badana dirá: o livro mais emocionante e importante que alguma vez publicámos. Parabéns, Arthur.»

A família Grant, incluindo a Elsie e o Ronald, viria para Muckerach para Agosto e Setembro, por isso, com a Vera e os dois cães, migrámos para Hurtwood. Embora a Elfie ainda se agarrasse à esperança de que a Daisy estivesse a sofrer apenas um revés temporário, os restantes sabíamos que seria o seu último verão. O cancro tinha-se espalhado para a coluna e para os pulmões, mas ela falava do livro como se fosse o primeiro de muitos que leria enquanto eu os escrevia. Eu sabia que a única forma de a ajudar era fingir que o livro ainda era importante para mim.

Foi ela quem pensou no título *Winged Pharaoh* (*Faraó Alado*), e quando lhe mostrei a dedicatória para ela, disse: «Abençoada sejas, querida; mas põe apenas as minhas iniciais.» Dos muitos padrões de pano de encadernação que o Arthur apresentou, ela escolheu o mais próximo do azul faiança do escaravelho. O Leslie encontrou uma cópia de uma das poucas estelas sobreviventes da Primeira Dinastia e, nela, Ralph Levers,

que tinha trabalhado durante vários anos na escavação em Tel-el-Amarna, baseou o seu desenho para a sobrecapa.

Havia ainda lacunas no contexto que tinham de ser preenchidas antes de o datiloscrito poder ir para a tipografia, e estávamos a nove semanas do dia da publicação. Por esta altura, eu conseguia quase sempre sintonizar a cena que queria, mas às vezes o que eu pensava que seria apenas um parágrafo levava a um episódio, que só podia ser incluído se fizéssemos mais cortes para manter o livro na extensão estabelecida pelo Arthur.

A Vera fez prodígios de dactilografia, pois a limpeza meticulosa que eu adquirira enquanto trabalhava para o Papá estava tão profundamente enraizada que cada página que tivesse sequer uma vírgula alterada tinha de ser redatilografada, e um parágrafo eliminado ou uma frase adicional implicava refazer o episódio inteiro. Compadecia-me profundamente da Vera, que era infalivelmente alegre; pois eu uma vez ficara acordada a noite toda para redatilografar um artigo no qual, em cada página, tinha escrito mal por uma letra o nome da mesma espécie de mosquito. No entanto, eu ainda considerava impensável, como o Papá, deixar um texto ir para a tipografia com correções a tinta.

Como a maioria dos autores inexperientes, quando o lápis azul do editor descia e num momento removia o que me tinha custado imenso trabalho a escrever, sentia-me como se ele estivesse a cortar os pés do meu bebé para o fazer caber no carrinho. Geralmente eu estava demasiado consciente do meu estatuto de amadora para argumentar, mas protestei suavemente quando a penúltima parte das nove originais foi extirpada na totalidade. «Tem de ir tudo — até a morte do leão da Sekeeta?»

«Sim», disse o Arthur bruscamente. «Cento e vinte mil palavras são mais do que suficiente, e já tens mortes a mais no livro.»

Lotes de provas de galé chegavam a cada três dias e, uma vez por semana, eu levava-os para Londres para fazer as correções finais com a ajuda inestimável de Eric Partridge. Tínhamos feito quase dois terços delas quando o Arthur me levou a almoçar com Charlie Evans da Heinemann, que tinha lido o datiloscrito. Ele foi extremamente gentil e depois perguntou ao Arthur quantas cópias tencionava publicar.

«Mil», disse o Arthur, «a dez xelins e seis pences. Sei que é um preço alto, mas é um livro longo e ela foi picuinhas com a produção.»

«Segue o meu conselho e imprime quinhentas», disse o Charlie Evans. «Gosto muito do livro e teria prazer em tê-lo no meu catálogo, mas nunca o venderás.»

«Acho que sim», disse o Arthur.

«Disparate, meu caro rapaz. Tenho muito mais experiência no comércio editorial do que qualquer pessoa na tua firma. Um primeiro romance, maioritariamente em iambos, sobre um Faraó desconhecido num período da história virtualmente desconhecido, não tem qualquer hipótese de fazer dinheiro. O máximo que podes esperar é um pequeno *succès d'estime*.»

«Só para provar que não concordo contigo, vou imprimir duas mil», disse o Arthur desafiadoramente — o que me fez sentir ainda mais em dívida para com ele. Ele dera-me 25 libras de adiantamento de direitos e agora ia perder centenas. O mínimo que eu podia fazer era comprar as cópias não vendidas eu própria e escondê-las no celeiro em Muckerach até se tornarem material útil para ninhos de ratos. Se eu as encomendasse em livrarias por todo o país, poderia até ocultar o facto de ele ter feito figura de parvo, e eu também, ao apostar num fracasso.

Como o Arthur não ia voltar para o escritório, pediu-me para o deixar em sua casa em Chessington, que ficava no meu caminho para Hurtwood. Fomos buscar o Leslie ao Prince's, onde ele estivera a jogar ténis, e depois fomos à Beaufort Street, onde eu tinha combinado apanhar a Vera. A casa estava poeirenta e sem ar, pois estivera vazia desde que os inquilinos partiram há dois meses. O Leslie andava por ali, notando marcas na pintura e como o bureau Queen Anne parecia muito pior do que indicava a entrada sumária «mancha de tinta na secretária» no inventário, quando de repente senti uma nítida intimação de que havia algo para ditar.

«Não!», protestou o Arthur. «O livro está terminado. Vais receber o último lote de galés na próxima semana. Não podes pedir-me para pôr mais nada.»

Mas eu não estava com disposição para ser uma pequena autora obediente. «Cala-te e não argumentes», disse eu decididamente, puxando o lençol da poeira do sofá.

A Vera resplandeceu, pois ficava sempre encantada quando eu me recusava a ser intimidada. O Arthur e o Leslie olharam um para o outro, olharam para mim, e concordaram silenciosamente que não era o momento

certo para discutir. O Rishan, que como de costume estava comigo, abanou a cauda e tomou a sua posição ao meu lado.

Até a taquigrafia da Vera foi posta à prova, pois, em rajadas rápidas, ditei, em cerca de uma hora, a totalidade de «Os Quarenta e Dois Assessores». «Material esplêndido», disse o Arthur entusiasticamente. «Tem de entrar. Vera, quanto tempo levará a transcrever isso à mão para que eu possa lê-lo à Morrison & Gibb pelo telefone?»

Ela relanceou o relógio. «Posso tê-lo pronto para si às cinco, mais o tempo que a Joan levar a decidir onde quer os parágrafos e a pontuação.»

Liguei para Hurtwood a dizer que não voltaríamos senão depois do jantar, e o Arthur fez uma chamada de longa distância preliminar para avisar os impressores para terem um especialista em taquigrafia a postos para quando ele ligasse novamente. Assim que conseguiu ligação para Edimburgo pela segunda vez, começou a ditar: «Para ser inserido no final do Episódio 7, Parte VIII, de *Winged Pharaoh*. Tomou nota? Diga-me se eu for demasiado depressa. Parágrafo. No mesmo rolo será registada a Pesagem, P maiúsculo, do Coração, C maiúsculo, pelos Quarenta e Dois Assessores, Q maiúsculo, A maiúsculo, dos Mortos, M maiúsculo, ponto final...»

Ele continuou por muito tempo. «Vai ser um item impressionante na nossa conta de telefone», disse o Leslie com sentimento. Depois sorriu para mim. «Mas vale bem a pena.»

## CAPÍTULO SETE

## PÔR DO SOL

Quando voltámos a Hurtwood, a enfermeira recebeu-me no átrio.

«A minha paciente está a dormir», disse ela, «e a Miss Sartorius mais velha já se foi deitar. Mas fiquei acordada porque lhe queria dar as notícias.»

«Que notícias? O que aconteceu?»

«O cirurgião trouxe cá hoje um consultor. Decidiram mudá-la para uma casa de saúde em Londres para outra série de raios-X profundos, como último recurso.»

«Pode fazer algum bem?»

«Não compete a uma enfermeira criticar os médicos, mas eu vejo-a todos os dias e sei quão depressa o cancro se está a espalhar. Ela é feliz aqui, no seu próprio quarto com as suas coisas à volta. Acho que é cruel mudá-la.»

«Então ela não deve ser mudada. Irei a Harley Street logo de manhã cedo e confrontarei os médicos idiotas.»

A enfermeira suspirou. «Se estivesse aqui hoje, talvez pudesse ter feito alguma coisa, mas receio que nada impeça que ela seja mudada agora. A irmã dela convenceu-se de que o tratamento será bem-sucedido. Estava pateticamente otimista esta noite.»

«É a Daisy que importa, não a Elfie!», disse eu com impetuosidade.

Mas a Daisy não concordou comigo. Quando tentei convencê-la a não permitir que a mudassem, disse ela: «Eu preferiria, naturalmente, ficar aqui, mas se me recusasse a fazer este tratamento, que eu sei tão bem como tu e a enfermeira que é perfeitamente inútil, seria extremamente egoísta. Desde o momento em que o Bunny partiu para França, vivi numa agonia de antecipação: a antecipação era quase pior do que ler o telegrama do Ministério da Guerra. O mínimo que posso fazer pela Elfie é encurtar, mantendo vivo o seu otimismo infantil, o período durante o qual ela tem de enfrentar o facto de que eu estou a morrer.»

Ela sorriu e deu-me um dos seus raros beijos. «Que conforto é para mim, minha querida criança, saber que não me invejas a liberdade. Nem sequer tenho de me preocupar com a Elfie, pois tu cuidarás dela até que se resigne à minha ausência.»

Seria para me lembrar que eu devia ser suficientemente amorosa para não tentar agarrar-me à sua presença física, ou porque a ajudava realmente ser recordada de outra travessia do rio, que a fez pedir-me para ler em voz alta para ela a morte da mãe da Sekeeta?

«Quando a minha mãe morreu, rezei aos deuses para que eu não ensombrasse o seu meio-dia com a minha tristeza. Ela deixou a Terra suave e calmamente como um barco à vela flutua rio abaixo no vento fresco do pôr do sol. Foi como se tivesse vivido numa casa com as persianas fechadas, e tivesse aberto uma porta para um jardim onde os sonhos floresciam em toda a sua glória, pois tinha caminhado para a Luz e vira o meu pai à espera dela.

O seu corpo juntou-se ao do meu pai no túmulo deles em Abidwa. Ao seu lado, como ela desejara, foi colocado um baú de madeira pintada, que há muito tempo o Neyah fizera para ela. Nele guardara os presentes que tínhamos dado a ela e ao nosso pai quando éramos crianças: pequenas lascas de marfim em que eu escrevera o nome dela quando ainda achava difícil escrever; pedaços de calcário partido em que o Neyah praticara escultura; e duas peças de jogo de marfim de um conjunto que ele começara a fazer para ela e nunca terminara.

No seu sarcófago, usava ainda a pulseira que eu lhe dera quando tinha nove anos. E com ela foram postas muitas outras coisas de que gostava: uma pequena estatueta de Shamba, a leoa do meu pai; e algumas cerâmicas pintadas que trouxéramos de Minoas quando ficámos com o Kiodas.

Quando o túmulo da grande Atet foi aberto, as flores que eu ali pusera quando era uma menina pequena, como sombras castanhas suaves, mantinham ainda a forma das suas pétalas. Antes de a minha mãe se juntar ao seu marido, a sala foi enchida de grinaldas frescas como para um casamento. E os seus corpos dormiram um ao lado do outro, tal como os seus espíritos se regozijaram juntos.»

Li-lhe isto muitas vezes durante os quarenta dias em que esteve na casa de saúde, num quarto com vista para a Vincent's Square. Era um quarto com muitas flores para a lembrar dos seus jardins. Quando não conseguia encontrar o que queria para ela nas lojas ou em Covent Garden, conduzia até Hurtwood muito cedo de manhã. Eu não sou uma curandeira, mas a oração fazia uma virtude fluir através das minhas mãos que parecia manter a dor afastada até melhor do que a heroína o conseguia fazer. Estava com ela todo o dia e só voltava à Beaufort Street para dormir — um sono profundo e sem sonhos no qual mergulhava para repor as energias de que precisava para ela.

Estava lá sozinha a maior parte do tempo, pois considerava mau para a Gillian ver-me quando eu estava infeliz; por isso enviei-a para Seacourt com a Vera. O Leslie, por ordens do A.D., estava em Muckerach, mas veio duas vezes ver-me durante um fim de semana.

«Quando chega o livro? Quero vê-lo», disse a Daisy. A enfermeira e os médicos pensavam que ela viveria mais uma semana, talvez até mais um mês, mas durante a tarde do dia sete de Outubro eu soube que ela tinha apenas mais uma noite e um dia para suportar. Pedi ao Leslie para adiar o seu regresso à Escócia, mas ele disse que isso irritaria o A.D., que queria assistência com a sua declaração de impostos.

Telefonei ao Arthur e implorei-lhe que conseguisse uma cópia de avanço do livro, o que ele fez mandando tirar o primeiro da máquina de encadernação e enviando-o no comboio nocturno. Às quatro da manhã eu estava em Covent Garden, onde encontrei braçadas de rosas Talisman. Havia rosas à direita e à esquerda e ao pé da cama quando a Daisy abriu os olhos, para sorrir para mim e dizer: «Nunca antes houve tal fanfarra de rosas.»

Ela dormiu durante o dia, enquanto eu segurava a sua mão e rezava até que o suor escorresse da minha testa para que qualquer virtude que eu pudesse ter ganho através de tudo o que alguma vez amara durasse até ela não ter mais necessidade disso... Já vestidas de rigoroso luto, a Elfie e os outros parentes esperavam na sala ao lado; pois eu estava determinada a que ninguém fosse autorizado a aproximar-se da Daisy que tentasse retê-la com o peso da sua tristeza.

Ao pôr do sol ela acordou e perguntou-me se o livro estava pronto para ela ver. Estivera no chão ao meu lado desde que o Arthur, que tinha ido esperar o comboio, o trouxera à casa de saúde. Entreguei-lho nas mãos, e ela disse-me para a amparar e pôr-lhe os óculos. Com voz clara, leu em voz alta o que eu escrevera sob as suas iniciais: «Para a Daisy, da sua filha Joan, e da Sekeeta para a sua mãe, com amor que é mais duradouro do que as estrelas.»

Depois disse ela: «Obrigada, minha querida. Era tudo por que eu estava à espera.»

Ela dormiu por um pouco. Depois vi um homem de pé ao lado da cama. Por um momento não o reconheci, pois vestia caqui e eu nunca vira o Bunny. A Daisy levantou-se para o saudar, uma Daisy jovem. De mãos dadas, ficaram a sorrir para mim; e eu conheci-o, pois tinham-se tornado como costumavam ser. E vi-os caminhar juntos para o jardim que ele fizera para ela antes de eu nascer para eles como Sekeeta.

Depois fiquei sozinha ao lado de uma cama na qual o seu corpo ainda respirava laboriosamente. Sabia que ela nunca regressaria a ele: por isso deixei a enfermeira para contar a pulsação que se desvanecia entre os que choravam. O seu coração continuou a bater por mais três horas e parou à meia-noite. Eu já tinha caminhado de volta para a minha casa vazia ao longo do Embankment. O Tamisa parecia muito frio, largo e escuro: pois eu tinha de aprender a viver sem a Daisy deste lado do Rio.

**FIM**